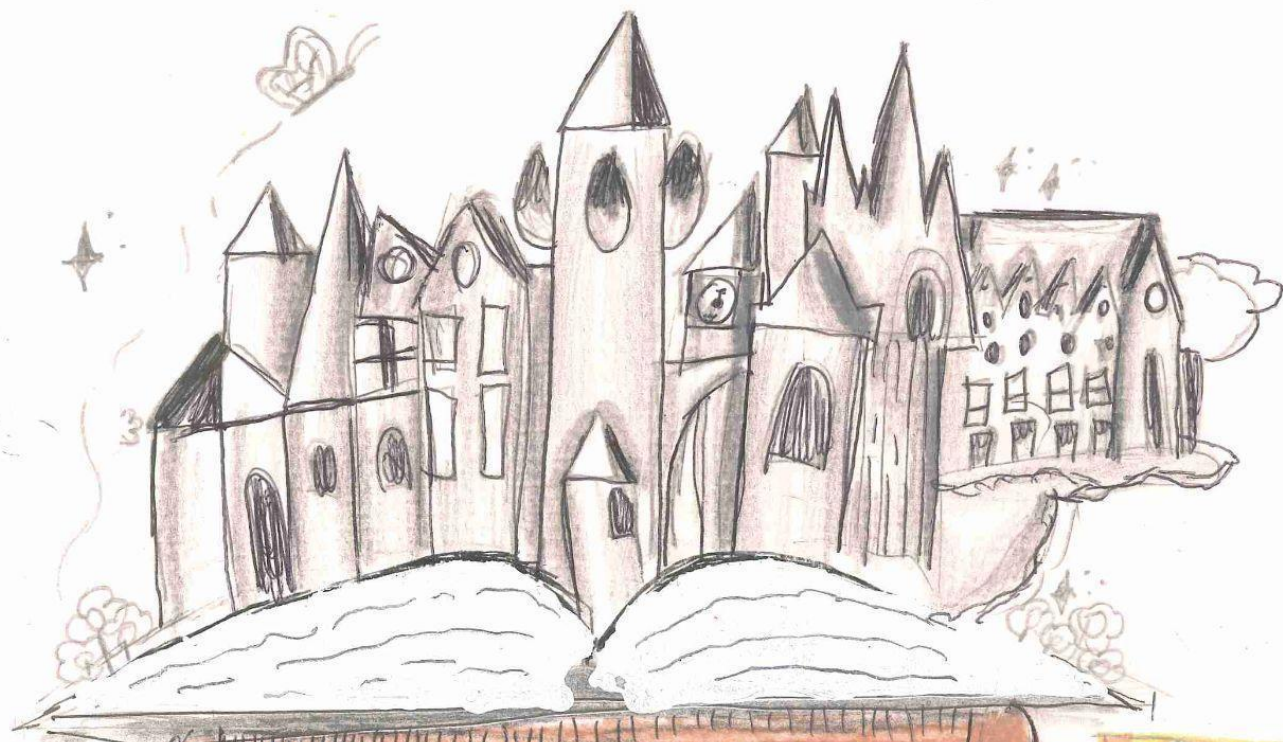




CONTOS

CRÔNICAS

POESIAS

S
E
T
R
E
M

S
E
T
R
E
M

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Sociedade Educacional Três de Maio - SETREM

C763

Contos, crônicas e poesias: SETREM [19º concurso] [recurso eletrônico] . / Organização Ana Claudia Leite ; revisão Sara Breitenbach Diniz – Três de Maio, RS : SETREM, 2025.

ISBN 978-85-99020-07-4

Acesso: <http://www.setrem.com.br>

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura sul-rio-grandense. 3. Contos sul-rio-grandense. 4. Crônicas sul-rio-grandense. 5. Poesia sul-rio-grandense. I. LEITE, Ana Claudia. II. DINIS, Sara Breitenbach.

CDU 821.134.3(816.5)

Bibliotecária responsável: Rosimere Teresinha Marx – CRB 10/1425

PREFÁCIO



É com imensa alegria e orgulho que apresentamos a vocês o Livro de Contos, Crônicas e Poesias de 2024 — uma coletânea que celebra a expressividade e a criatividade dos talentosos estudantes da SETREM.

Este projeto, que já faz parte da tradição literária da nossa escola, nasce do entusiasmo pela escrita e do desejo de explorar as múltiplas possibilidades da linguagem literária. A cada página, o leitor é convidado a mergulhar em universos imaginários, cenas do cotidiano e reflexões sensíveis sobre o mundo e sobre si mesmo.

Ao longo deste ano, nossos jovens autores dedicaram-se intensamente à criação de textos que revelam não apenas domínio da linguagem, mas também sensibilidade, senso crítico e autenticidade. Inspirados pelo compromisso com a formação integral promovida pela SETREM, eles se debruçaram sobre temas diversos, traduzindo em palavras suas inquietações, sonhos e visões de mundo.

Em cada conto, crônica e poesia, é possível identificar a marca pessoal de quem escreve: são vozes únicas que se manifestam com originalidade e profundidade. Os contos nos levam a paisagens ficcionais repletas de surpresas; as crônicas nos convidam a olhar com outros olhos para a vida cotidiana; e as poesias nos conduzem por trilhas emocionais que provocam, encantam e fazem pensar.

Agradecemos com carinho a todos os que tornaram este livro possível: aos estudantes, por sua entrega e criatividade; aos professores, por sua escuta, orientação e incentivo constantes; e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste projeto.

Que esta coletânea seja não apenas um registro literário do ano de 2024, mas também um testemunho da potência educativa da escrita e do talento que floresce em nossa comunidade escolar.

Boa leitura — e que as palavras aqui reunidas inspirem novas ideias, emoções e caminhos.

Ana Cláudia Leite – Coordenadora Geral SETREM



PREFÁCIO	3
O FUTEBOL DE JUNINHO	18
A HISTÓRIA DE NEYMAR	19
LUCCA E O FANTASMA	20
NEYMAR	21
A PRIMAVERA E A URSA ROSA	22
A VIDA DE J: “SEU PASSADO NUM JOGO”	23
COISAS QUE VOCÊ DEVE PENSAR	24
O NEYMAR	25
A CAPIVARA E O DRAGÃO	26
O CARA FERRADO	27
O VERÃO NA FLORESTA	28
O CACHORRO E O GATO	29
O LOBO QUE COMEU TODOS OS ANIMAIS DA FLORESTA	30
A FADINHA BILIONÁRIA	31
OS TRÊS PÁSSAROS	32
O MENINO QUE FALA COM OS ANIMAIS	33
BROWNIE E NESCAU	34
LAURA E BLACK	35
O SAPO E A MOSCA	36
O CLEITINHO E SUAS AVENTURAS COM SEU GATO FELPUDO	37
UM NOVO AMIGO	38
A VIDA DE JUBSCREUSA	39
A MENINA QUE FALAVA SOZINHA ATÉ QUE...	40
OS GATINHOS ATRÁS DA MAMÃE	41
A “SORTE” DA LUCHANDA	42

O MENINO QUE FALAVA COM O VENTO	43
A PESCARIA MALUCA	44
AS AVENTURAS DO GRILO PESCADOR	45
JOÃO E BÁRBARA	46
UM ACAMPAMENTO MAL-ASSOMBRADO	47
CHICO	48
TUDO ESTOU PELA METADE	53
AS HISTÓRIAS DA INFÂNCIA	54
DIA DE FESTA	55
A FLOR	56
A SURPRESA	57
COM FLORES	58
OS ANIMAIS	60
ASSOMBRAÇÃO	61
O LABIRINTO	62
A PRIMA E A ESCADA	63
A TRILHA	64
VÔLEI	65
UM BELO CAMPO	66
O RATO E O GATO	67
O CANTO DA PETÚNIA	68
COMO É BOM SER CRIANÇA	69
A SAGA DO <i>BEACH TENNIS</i>	70
ESSA FAMÍLIA É MUITO LINDA	71
A BELLA E A FERA	72
AS ESTAÇÕES DO ANO	73
UMA RIMA DIFERENTE DA BICHARADA DA GENTE	74
A ÁRVORE MÁGICA	75
O MEU QUINTAL	76

AQUELE URSÃO	77
PÃO	78
JARDIM	79
CAMINHADA	80
VIDA	81
DIA DE CÃO	82
PRIMAVERA	83
O ESPAÇO	84
A VIDA COM ANIMAIS	85
AMAZÔNIA	86
ENCANTOS E CONTOS QUE NUNCA ACABAM	91
A TRANSFORMAÇÃO DE CARLOS	92
AS AVENTURAS DE DANIEL	93
	94
FÉRIAS EM FAMÍLIA	96
-	98
O MENINO VICIADO EM NETFLIX	99
A VIDA POUCO CONTADA PELO TRAUMA	100
ENTRE A VIDA E AS ESTRELAS	102
VACINA ESSENCIAL	103
SEGREDO DA MEIA NOITE	111
DESCONHECIDO	113
PROCISSÃO DE ALMAS	114
COMEÇO DE UMA NOVA VIDA	115
UMA SEMENTE E DE REPENTE SURTIU O MUNDO TERRA	118
ORION E A TEMPESTADE DE LUNA	120
O JAVALI	122
SUPER MOMBO	123
MEME SEA	124

A AVENTURA ASSOMBRADA DE CHICO	125
O SORVETEIRO MANÍACO	127
A GUARDIÃ DA FLORESTA	129
A ESCOLA ESPECIAL	130
A BATALHA MEDIEVAL	132
A ARANHA HOMEM	134
A CASA MAL-ASSOMBRADA	135
A GUERRA DE MIL ANOS	136
HIPOTÉTICO MUNDO DO CARPETE	137
A INVASÃO	140
O HORIZONTE	141
AS AVENTURAS DO SOLDADO PEDRO	143
A PEDRA	147
MINHA VIDA NO AGRO	148
A BATALHA MEIO TORTA E RETA	150
CAPÍTULO 1	151
CAPITÃO POMBO	152
O NÚMERO DESCONHECIDO	153
O OUTRO LADO	155
O CÉREBRO E A CHAVE DO DESTINO	157
O ÚLTIMO LIVRO	159
UM DIA PODE SER TARDE, JENNY E CHRISTOPHER	161
CONTOS DA FÓRMULA 1	163
O LAMENTO DOS HERÓIS	164
O ACAMPAMENTO EM SUNNY VALLEY	167
A MAGIA DO LIVRO	170
VIKINGS: A INVASÃO DA CABANA	172
CULPADA SEM PROVA	174
O FIM DE UM LADRÃO	175

SOBREVIVA	177
MATHEUS E SUA FAMÍLIA NO PARQUE AQUÁTICO	180
O MISTÉRIO	181
FLAMENGO	182
O SONHO DE LUÍS	183
A CONSTRUÇÃO QUE GARANTIA O FUTURO	184
A FLORESTA MAL ASSOMBRADA	186
MC A NOITE UMA FOME INSACIÁVEL	188
VIAGEM EM FÉRIAS	190
A LENDA DO PEQUENO CURUMIM	191
O ENIGMA DO CENTRO DA PRAÇA	193
O PALHAÇO	195
A MÁQUINA DE REESCREVER DESTINOS	196
LEWANDOWSKI: O GUERREIRO POLONES	198
DIA DO GAÚCHO	200
UMA CASA CHEIA DE MISTÉRIOS	202
A VIZINHA DO 701	203
CONTO DO TODINHO	205
A CASA AO LADO	207
EM BUSCA DE UM NOVO AMOR	208
A ÚLTIMA ÁRVORE DO BAIRRO	210
A SONHADA VIAGEM PARA PARIS	212
A FUGA	216
A HERANÇA NENHUM POUCO AGRADÁVEL	217
UM HOMEM SUSPEITO	219
A TROCA	220
A FLORESTA AMALDIÇOADA	221
ERA UMA VEZ	222
ELE ME MERECE ?	223

PÔR DO SOL	226
SAUDADE	233
LUA	234
EM UM INSTANTE	235
O MELHOR DIA DA MINHA VIDA	236
PETS	237
VIDA ESCOLAR	238
MATEMÁTICA	239
VIDA	240
VIVER É UMA ARTE	241
A VIDA	242
ESPERANÇA	243
COLAR DE PÉROLA DELA	244
LUZ E MELODIA DO AMANHÃ	245
MEU PRIMEIRO AMOR	246
NO SILÊNCIO DA MANHÃ	248
MEU MELHOR AMIGO	249
ACORDES DO COTIDIANO	250
AS FLORES SEMPRE MURCHAM	251
NEYMAR JUNIOR	252
A ESCOLA	253
VENTANIA MARÍTIMA	254
LEMBRANÇA	255
GOAT	257
LEMBRANÇAS	258
NUNCA É SÓ UM JOGO	259
VOLTANDO A INFÂNCIA	261
MEMÓRIAS DE INFÂNCIA	262
DIAS CINZENTOS E DIAS DE SOL	263

MEU SONHO	264
MENTE PERTURBADA	265
SOLIDÃO	266
A DANÇA DO MAR E DA LUA	267
NAS ÁGUAS DO MAR	268
VIAGEM	269
EM UM PISCAR	270
UMA VIAGEM EM FAMÍLIA	271
EM BUSCA DO IRON THRONE	272
PENSANDO SOBRE PRESSÃO	273
FOGO DA VIDA	274
O MENINO SONHADOR	276
O PASSAR	277
O VOAR DO TEMPO	278
A BOLA DE FUTEBOL	279
O FIM DA DEMOCRACIA BRASILEIRA	280
O MEDO DE PERDER O QUE NÃO TENHO	282
SENTIMENTOS	283
NOS OLHOS DO MEU AVÔ	285
TEMPO	286
A NATUREZA	287
O AMOR QUE CHEGOU ANTES	293
DURADOURA AMIZADE	295
NUNCA É UM ADEUS	296
O RELÓGIO DO TEMPO	299
DO QUE SOMOS FEITOS	300
O ÚLTIMO DIA DE AULA	303
CONTO DE ESCOLA	305
NOITE DE FOGO E RISADAS	306

O PESCADOR E A CONCHA DOURADA	315
Mr. BRIGHTSIDE	316
AFTER PARTY	318
ORLA DO ESQUECIMENTO	320
CAMINHOS CRUZADOS	322
ATÉ NA GUERRA NASCE FLOR	324
NÃO É SOBRE VASOS DE TERRA	328
LIVROS	332
DOIS MUNDOS	334
PARA ONDE VÃO AS HISTÓRIAS?	336
SÓ ME RESTA	337
BRASA APAGADA	339
ESSA FACE	341
SAUDADE	342
A REBELIÃO	344
O TESOIRO DA CRIANÇA INTERIOR	345
PARA ONDE VÃO AS HISTÓRIAS?	347
O TOLO PENSADOR	348
LIVROS	349
CORAÇÃO VERMELHO	351
A FERA E A BELA	353
DOIS MUNDOS	354
NO SILÊNCIO DAS ESTRELAS	356
FAMÍLIA	359
A BELEZA DAS FLORES	360
CHUVA CAI LÁ FORA	361
SINFONIA DA VIDA	363
RELÓGIO	364
DIA	366

SOLIDÃO	367
REFLEXOS DE VAIDADE	368
AMIZADE	369
O AMOR QUE DEIXAMOS	370
VIDA NA ESCOLA	371
NAS SIMPLES ALEGRIAS DO DIA	372
CAMINHOS DE LUZ	373
AMOR É COISINHA COMPLICADA	374
NOITE DE CÃO	375
CICATRIZES DO MUNDO	376
FELICIDADE REPENTINA	377
APORREADO	378
BRASIL HISTÓRICO	380
ESPAÇO E UNIVERSO	381
CICLOS DA VIDA	383
HORIZONTES DE LUZ E MAR	384
MALDITO CUPIDO	385
CANTO DA TERRA	386
A SOLIDÃO	387
AMAR	388
VOCÊ CHEGOU DE REPENTE	389
SER? FALAR?	390
MEDO	391
DOEU, MAS O INVERNO NÃO CUROU	392
O BELO CONFORTO DAS MEMÓRIAS	393
CAMINHOS DE AFETO	394
O PASSARINHO NA GAIOLA	395
RODANDO DESTINOS: O CANTO DOS MOTORES	396
SONETO À AMIZADE	397

HOSPITAIS	398
POLÍTICOS FALAM, FUMAÇA POLUI O AR	399
FASES DA LUA	400
/	401
O PAGO E O PAMPA	402
INFÂNCIA	403
NO FIM DO INVERNO	404
VENTO	405
O ACORDEON	406
ESPORTES	407
EM UM ANO MARCADO PELA DOR	409



O SAPINHO

Era uma vez, em uma grande floresta, um sapinho. Ele era o protetor da floresta, a missão dele era proteger a floresta de todos os humanos, porque há muito tempo, quando os animais ainda não tinham um protetor, os humanos tinham invadido a floresta e incendiado as árvores. A partir desse dia, os animais decidiram que a floresta precisava de um protetor.

Um dia, quando o sapinho estava protegendo a floresta, ele adormeceu, e quando ele acordou, viu uma menina. Quando ele viu a menina, ficou apavorado, pois pensou que ela tinha destruído a floresta, mas quando ele viu a floresta estava ainda mais linda.

Ele descobriu que nem todas as pessoas eram más, ele viu que a menina não tinha feito nada de mal para a floresta, pelo contrário, ela estava regando as plantas, alimentando os animais. No final das contas eles viraram grandes amigos e a menina começou a ajudar a proteger a floresta das pessoas más.

A VIDA DE ELIZA

Eu tinha 2 anos quando minha mãe disse que eu iria ganhar uma irmã.

Quando ela nasceu, minha mãe disse que ela era especial. Depois, quando a vi, Eliza estava toda torta e desajeitada e eu achei estranho.

Depois de algum tempo, eu descobri porque ela era assim. Ela tinha deficiência! Ela era muito tonta, eu odiava ela! Na escola eu sempre fingia que ela não era minha irmã, pois meus colegas riam dela, não só meus colegas, a escola inteira ria.

Até que um dia chegou uma aluna nova na turma de Eliza, ela se chamava Júlia. Júlia ficou a manhã inteira perto de Eliza e não riu dela. Achei estranho, muito estranho! Depois de uma semana Júlia foi lá em casa, e eu perguntei para ela se ela era mesmo amiga de Eliza e ela respondeu:

- Sim, mas por que você me perguntou isso?

Eu respondi:

- Ela tem deficiência! A escola inteira ri dela!

Júlia respondeu:

- Mas eu não me importo se ela tem deficiência ou não. Irmã é muito legal!

Depois que ela disse isso, eu nunca mais a maltratei, não deixei mais eles darem risada dela...

O COELHO QUE QUERIA SER PRETO E BRANCO

Um coelho queria ser preto e branco e ele se pintou; quando deu a chuva, apagou a tinta; desta vez pintou-se de caneta permanente preta, mas um dia ele foi no lago e a caneta se apagou.

A partir daí, ele foi em busca do que ele queria ser: preto e branco, foi perguntar para a vaca:

- Como você é preta e branca?

E a vaca respondeu:

- Coelhinho, eu não sei.

O coelho saiu triste.

Finalmente ele conseguiu, ele não ficou preto e branco, ele descobriu que Deus o criou assim, pois ele é do jeito que precisa ser.

O FUTEBOL DE JUNINHO

Certo dia, Juninho foi a um campeonato de futebol e os jogadores eram Juninho, Ederson, Oswaldo e seu amigão Cleiton. E começou o jogo e o time adversário começou.

Juninho já foi pegar a bola, correu, correu, correu e estava na área, iria chutar, mas era tarde demais.

Passou para Oswaldo, chutou e deu golaço! Deu gol 1 a 0 para o time de Juninho e lá começou de novo.

Ederson pegou a bola, passou para trás, para Oswaldo, o melhor do time, Juninho estava na área, e Oswaldo cruzou para Juninho e deu gol de cabeça!

Dois a zero terminou e era o intervalo de 20 minutos, e começou o segundo tempo; o time de Juninho começa e o outro time pega a bola, deixaram o goleiro tonto! E deu gol, dois a um, Juninho passa a Oswaldo, chuta de meio de campo, e dá gol, três a um e fim de jogo.

A HISTÓRIA DE NEYMAR

Era uma vez um garotinho que era viciado em jogar futebol. Todos os dias ele ia lá no campo para jogar bola com os amigos dele.

Um certo dia, apareceram uns menininhos. Daí Neymar desafiou-os; eles aceitaram, mas Neymar ganhou do mesmo jeito.

De repente, Neymar foi para o Santos. Estreou no Santos, assim ele foi para o Barcelona, formou o melhor trio do mundo Neymar; Suares e Messi.

Neymar foi para o PSG. Neymar indo, Messi também; depois disso Neymar foi para a Arábia Saudita. E até hoje ele continua se destacando pelo mundo todo devido ao seu talento.

CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: LUA DE MARTE

AUTOR(A): CLARA ROSANELLI DOS SANTOS

LUCCA E O FANTASMA

Era uma vez um menino chamado Lucca, ele vivia em uma casa no campo, com um grande porão. Lucca não sabia o que tinha lá, pois nunca havia entrado.

Lucca estava brincando até que viu um fantasma, ele é uma pessoa com alma de criança, então ele entrou em casa e correu para o porão.

A mãe de Lucca gritou:

- Saia daí, menino!

Lucca saiu e foi dormir; no meio da noite, ele saiu do quarto e foi ver o fantasma, ele levou algumas coisas para o fantasma comer. O fantasma agradeceu e virou o melhor amigo de Lucca, eles jogavam basquete, cantavam e muito mais.

Foi então que o fantasma sumiu, porque Lucca já tinha amigo. Um dia, Lucca também vai sumir e rever o fantasma.

NEYMAR

Era uma vez um menino chamado Neymar, ele era muito pobre, mas jogava futebol muito bem, ele era palmeirense. Até que um dia o Santos chamou o Ney para jogar na base; é claro que ele aceitou, chegou se destacando.

Em seguida, o treinador chamou o menino com só 17 anos para fazer sua estreia no clube profissional com um peso gigante nas costas, o número 11; mas não sentiu pressão e marcou logo dois gols na estreia. Em um jogo contra o Flamengo, marcou um gol que fez ele ganhar o “Puskás”, melhor gol do ano.

Foi então chamado para um dos maiores times do mundo: FC Barcelona, lá foi seu auge, com o maior trio do mundo MSN: Messi, Suárez e Neymar, até que o PSG o contratou, lá foi o time que estragou sua carreira, sofrendo muitas lesões e agora está atuando no Al Hilal, da Árabia Saudita.

Esse é o menino que encantou todos com seu esforço e com certeza vai deixar histórias para contar.

A PRIMAVERA E A URSA ROSA

Era uma vez uma ursa rosa que se chamava Flora; ela era uma ursa que tinha acabado de acordar, e era primavera; ela foi tomar café da manhã e logo foi escovar os dentes.

Depois foi dar um passeio e encontrou sua amiga Julieta, elas conversaram e continuaram a caminhada. Logo depois foram almoçar e às 13 horas foram nadar, às 15 horas foram comer bolachas de trigo e chá de Camomila.

De repente, elas escutaram um ruído de dentro da casa, elas entraram para ver o que era: um rato; elas xingaram o rato porque não se pode ficar roendo a casa dos outros.

Então, o ratinho ficou com medo de ser engolido por Flora e Julieta, e logo reconstruiu tudo o que tinha roído; ele e as ursos viraram amigos.

Por fim, eles continuaram comendo bolachas e tomando chá de camomila.

A VIDA DE J: “SEU PASSADO NUM JOGO”

O jogador que eu sei chama-se J, ele inicia numa guerra e vai primeiro coletar árvore, quando um dinossauro “raptor” aparece e J vai para a água e ele vê um tubarão. J foge para outra ilha e faz uma espada e consegue matar o raptor.

Feliz, ele fez uma picareta e foi pegar umas fibras e fez uma roupa e foi caçar. Lá, ele encontrou um dodô e matou ele e outros deles; até que ele descobre que pode domesticar animais; assim, domesticou um dodô.

Correndo, J foi ver o seu dodô e só encontrou ossos e outros ossos; ele acabou domesticando outro animal, que também morreu.

J foi derrotado para casa, uma casa que ele fez de madeira com uma lareira e acabou tacando fogo na sua casa e quase morreu; mas continuou vivo e não desistiu.

Então J fez uma arma e começou a desmatar uma floresta, pegando todas as pedras; fez uma armadura de ferro e, com pouco ferro que sobrou, fez uma catana, uma das dez espadas mais fortes. Assim, ele descobre como ficar com os animais e descobre que o botão deixa eles em paz e, após, ele cria um arco e flecha com uma flecha que paralisa e depois faz com que isso crie um escudo. Desde então, J consegue criar uma doze de cabo longo e isso acontece até o episódio 43.

CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: KINHOPOLL85 :]

AUTOR(A): GABRIEL CARDOSO POLL

COISAS QUE VOCÊ DEVE PENSAR

Se você estuda, você é um estudante, por quê? Você é matriculado na escola ou porque lá todos olham para você e pensam que você é um estudante só por estar lá; você é o filho ou filha da sua mãe, porque ela teve você ou porque ela ama você. Se você pensou em se gabar, não perca seu tempo, gaste seu tempo em conquistas, as coisas que você quer, como dinheiro, fama e sorte e ajude os outros; pode até pensar em não ter amigos, mas sem alguém as pessoas enlouquecem.

Se você quer vingança não faça isso, Deus julgará todas as pessoas, você pode pensar que, quando morre, a pessoa só vai ver tudo escuro, escuridão, mas eu vejo como o nada. Você pode dizer que o nada é como a escuridão, mas são coisas totalmente diferentes, você consegue pensar em escuridão mas no nada é impossível imaginar, o nada é igual a inventar uma cor e quando a pessoa morre ela fica com o corpo na terra, onde os vermes, bichos, virão decompor. E se a pessoa sentir as dores, quando alguém fala, porque Deus fez isso com ela, fale pra ela que Deus planejou tudo.

O NEYMAR

Era uma vez um menino chamado Neymar, ele era um jovem cheio de habilidade. Ele chegou a fazer teste na base do Real Madrid, mas escolheu jogar pelo Santos, onde era número 11.

Ele foi eleito o melhor jogador do Brasil nos anos de 2012 e 2013. Ele marcou dois gols na sua estreia, logo a torcida já o amava. Até ganhou um “Puskás” no Brasil pelo Santos.

Lembra que ele fez o teste na base do Real Madrid? Então, ele escolheu voltar para a Espanha, mas não pelo Real Madrid e, sim, pelo seu rival, o Barcelona.

Lá ele fez parte do trio MSN, formado por Messi, Suarez e Neymar, o melhor trio do mundo. Ele estreou com um golaço de falta. Eles foram para a final da Champions League, perderam de 4 a 0 no primeiro jogo, mas aí começou a mágica: o Barcelona virou de 6 a 5 e ele foi campeão da Champions de virada histórica no PSG.

Ele foi contratado pelo próprio PSG; lá ele foi muito bem, mas a torcida o odiava, então logo saiu.

Ele foi vendido para a Arábia Saudita, lá ele estreou sem gol. Ele até bateu um pênalti, mas errou. Após, ele se lesionou e ficou um ano sem jogar.

Hoje em dia, ele só é relacionado ao jogo porque não está 100%.

A CAPIVARA E O DRAGÃO

Era uma vez uma capivara que gostava muito de pular do penhasco para o lago na frente de sua casa. Um dia, ela fez isso novamente, mas de uma forma mais alegre e confiante de que acertaria o lago.

De repente, um dragão surgiu e pegou a capivara, levando-a a um castelo abandonado. Ela ficou com muito medo, mas chegou sua mãe com o poder supremo de mãe, lutando contra o dragão e vencendo-o.

Por fim, a mãe da capivara ficou muito decepcionada com sua filha, pois ela não conseguia vencer um dragão que nem cospe fogo, mas tem três caudas. Assim, a mãe da capivara a perdoou, dando uma segunda chance e as duas viveram felizes para sempre.

O CARA FERRADO

Era uma vez um cara com uma sorte extremamente boa, seu nome era Luís. Sua sorte fazia tudo por ele, ele era o mais sortudo e rico da cidade, sempre ganhava na Mega-Sena, nunca precisou pedir Playstation pro Yiudi.

Quando algo ia acertá-lo, nada acontecia por causa de sua sorte.

Certo dia, ele acordou com muito, mas muito azar, exemplo: derrubou café, caiu da escada, tomou bolada, perdeu 2 mil reais, etc. Luís, todo machucado, foi orar com Deus e, do nada, estava no céu com Deus e a morte, eles fizeram um acordo.

Se a roleta caísse em “Livre”, ele estaria livre do azar, mas se caísse em “Preso”, ele ficaria preso no azar para sempre. Luís tinha cinco chances, ele ainda estava na maldição, não teve sucesso, aí ele teve que fugir da morte.

Luís, todo cortado por causa da foice, acabou encurralado pela morte.

Mas, de tão atrapalhado, sentou sem querer num tubo de ar e, bem na hora da foice acertá-lo, voou com o ar e cortou o pé, as nuvens ficaram um pouco vermelhas, ele conseguiu fugir da morte, mas de uma coisa que não conseguiu fugir foi do azar; pelo menos ainda está vivo.



CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: O VERÃO

AUTOR(A): LEONARDO HAUPT NAPIVOSKI

O VERÃO NA FLORESTA

Era uma vez, no verão, os animais da floresta; certo dia, o rio estava seco e todos os animais da floresta ficaram sem água para tomar.

No outro dia, a água voltou, porque mais para cima do rio tinha uma vertente de água e o macaco disse:

- A água voltou.

E todos os animais da floresta tinham escutado e foram tomar água no rio, os animais foram subindo o rio e viram que não tinha acabado a água, só foram os castores que fizeram uma barragem e eles viveram felizes para sempre.

O CACHORRO E O GATO

Certo dia, havia um cachorro que gostava de todos os animais, ele se chamava Marcos; mas, como todos os cachorros, ele ficava raivoso quando os gatos apareciam. A partir daí está normal, mas uma coisa que ninguém sabia era que não é que ele não gostava de gatos, ele tinha medo, e que ele ficava raivoso porque ele tinha medo e, para ficar melhor, ele se fazia de bravo.

Foi então que eles se encontraram, o cão todas as vezes se fazia de bravo e o gato com medo; mas um dia ele estava sozinho pois a irmã pequena dele foi atropelada e faleceu, e sabem quem foi ajudar? Ele, isso mesmo, o gato; ele falou tantas coisas para ajudar, que o cão nem percebeu quem era.

Achou que era um amigo e, quando foi olhar para o gato, era mesmo ele. Depois do susto, ele percebeu que não deve ter medo e nem ficar bravo, e, sim, primeiro dar uma chance ao outro.

O LOBO QUE COMEU TODOS OS ANIMAIS DA FLORESTA

Um dia um lobo estava com fome, então decidiu comer todos os bichos da floresta; ele viu um pato, olhou para ele, pulou sobre o pato e comeu ele.

Depois ele viu uma raposa e foi correndo, comeu a raposa e andou um pouco mais; até que viu um leão na floresta, ele ficou encarando, o leão então derrotou o lobo, mas o lobo não desistiu e acabou vencendo o leão.

Em seguida, o lobo comeu mais animais: uma cobra, um urso e os outros animais que ele tinha comido antes; então vieram nove leões que o derrotaram.

Assim, o lobo nunca mais comeu nenhum animal e todos os animais viveram felizes para sempre.

A FADINHA BILIONÁRIA

Era uma vez uma fadinha, ela se chamava Melissa e morava com seu pai e sua mãe. Seu pai era o rei Lucas e sua mãe rainha Maitê, eles eram donos do reino das fadas.

Um dia, Melissa saiu para brincar com suas amigas fadas: Milena, Dorinha, Maria e Raquelly. Elas foram almoçar, e depois foram na piscina, divertiram-se muito e ficaram até de noite.

No reino, eles tinham uma brincadeira obrigatória chamada caça varinhas. A caça sempre começava à meia noite. O caça varinhas é estadual, então quanto mais varinhas você caçasse, mais dinheiro você ganhava e as juízas eram Isabelly e Roberta.

À meia-noite, Melissa, Milena, Dorinha, Maria e Raquelly se encontraram na Árvore Mágica e começou o caça varinhas. No dia seguinte, fizeram as contas das varinhas e o resultado foi.... Maitê caçou 8.888 varinhas e 100.000 mil dólares, Lucas caçou 8.000.000.000 bilhões e 400.000.000 bilhões de dólares, Melissa caçou 3.000.000.000 bilhões e 200.000.000 bilhões. Esses foram só o 1º, 2º e 3º lugar.

Milena caçou 6.000.000 milhões e 6.000.000.000 bilhões de dólares, Dorinha caçou 2.000 mil e 100.000 mil dólares, Maria 3.000 mil e 200.000 mil dólares e Raquelly 4.000 mil e 300.000 mil dólares. E no fim ficaram bilionários.

OS TRÊS PÁSSAROS

Era uma vez três pássaros: o João, a Maria e o Pablo. Maria era curiosa, João era forte e Pablo era inteligente. Certo dia, os três foram explorar uma floresta, mas de repente um tigre apareceu e disse:

- Eu estou com muita fome!

Aí os três fugiram. Pablo teve uma ideia. Ele pediu a João que lutasse com o tigre como distração enquanto ele fazia uma armadilha.

Dito e feito, Maria ficou de isca e, um tempo depois, o tigre estava de ponta cabeça.

Voltaram correndo para casa para contar à mãe Fabiane e ao Pai Paulo.

E viveram felizes para sempre ou até a próxima aventura do dia seguinte.

O MENINO QUE FALA COM OS ANIMAIS

Um dia, Pedro e Arthur, duas pessoas que não se conheciam, começaram a jogar “Blox Fruit”. Eles começaram a evoluir no jogo; em duas semanas eles foram para o segundo mar e, ao chegar ao nível 1000, eles conseguiram muito dinheiro no jogo. Cada um tinha uma fruta, Arthur estava com a fruta magma e Pedro estava com a fruta buda. Cada um estava cheio de itens raros, como espadas, frutas e acessórios.

Quando chegaram no terceiro mar, finalmente se encontraram.

Depois de uma semana, eles viraram melhores amigos. Um tempo depois, Pedro desafiou Arthur para uma luta e ele aceitou. No começo Arthur ficou perdendo porque Pedro estava gigante e estava na vantagem, mas tudo mudou quando Arthur ativou sua forma mais forte e usou os ataques.

Pedro não conseguia alcançá-lo, pois ele estava muito alto. Quando Arthur desceu, ele deu seu último ataque e ganhou. Quando ganhou sua recompensa, Pedro pediu ajuda para ficar mais forte e nunca mais perder nas batalhas que eles fizessem, ou que ele fizesse com outra pessoa no “Blox Fruit”.

BROWNIE E NESCAU

Brownie e Nescau eram dois gatinhos muito amigos. Brownie era uma fêmea e Nescau um macho. Eles eram apenas filhotes de 2 meses e nem eram irmãos. Eles eram tão novos e já ficavam se lambendo. Certo dia, quando estavam caçando no parque, um sequestrador apareceu de fininho e jogou uma rede em cima dos dois.

Por sorte, os pais deles estavam por perto e, quando ouviram os gritos dos filhos, foram correndo para salvá-los. Eles morderam e arranharam as pernas dele. Então, o sequestrador disse:

- Ai, está bem! Podem ir!
- Então cada um foi para sua casa.

Depois de três meses, eles já eram adultos. Eles se amavam. Um dia, Brownie estava sentindo muita dor. Então logo alertou seus donos que ela estava com algum tipo de ataque doloroso.

Eles logo a levaram ao veterinário, que concluiu que ela estava prenha.

Que alívio! Poderia ser algo bem pior. Mais duas semanas se passaram e logo os filhotes nasceram. Eram dois lindos gatinhos siameses. E eles cresceram, tiveram muitas conquistas e viveram felizes para sempre.

LAURA E BLACK

Laura tinha um cachorro chamado Black, pois a cor dele era escura como o céu da noite. Black adorava Laura e Laura adorava Black, ele era muito fofo. A mãe de Laura era veterinária, então ela gostava de Black, mas seu pai não gostava muito; Laura todo o dia ficava se perguntando:

- Como alguém pode não gostar dessa coisa fofa?

Um dia, quando Laura acordou, viu que Black não estava no seu quarto.

Quando ela foi pedir para seu pai, ele não estava em casa!

Mas que coincidência, os dois não estavam em casa.

Laura foi de casa em casa pedindo se alguém viu alguma coisa, mas ninguém viu. Mas quando ela foi na vizinha Nadir, ela falou que às 3 horas da manhã os cachorros dela latiram e ela achou fosse um bandido.

Laura foi para casa e, quando chegou, seu pai estava lá tomando chimarrão com sua mãe, então Laura disse:

- Pai! Onde você estava?

Ele explicou que era alérgico a pelo de cachorro, então decidiu doá-lo.

Mas, por sorte minha sua mãe falou que você estava procurando Black, Laura perguntou:

- Mas e onde ele está?
- No seu quarto! – Respondeu o pai de Laura.

O SAPO E A MOSCA

O sapo morava num rio com seus parentes sapos. E comiam muitas moscas por dia. Um dia uma mosca passou pelo rio. E quase foi mordida pelo sapo e a mosca ficou muito brava com isso.

Então ela resolveu fazer vingança. Pegou uma mosca de brinquedo para ele achar que era verdade e foi pedir para as amigas moscas para ajudarem a prender o sapo numa corda segurando o pé com a cabeça para baixo.

Então as moscas começaram o plano e conseguiram realizar o plano, mas quando iriam terminar seu plano, o sapo disse “nunca mais vou fazer isso” e as moscas concordaram e assim viraram amigos.

O CLEITINHO E SUAS AVENTURAS COM SEU GATO FELPUDO

Era uma vez dois amigos, um menino chamado Cleiton e um gato chamado Felpudo. Cleiton ia sair para acampar, mas percebeu que o gato ficou triste e ele levou o gato junto.

Então eles estavam chegando na floresta, Cleiton montou a barraca e construiu uma vara de pesca e foi pescar; Felpudo já tinha pegado 7 peixes com a boca, então Cleiton montou uma fogueira e acendeu para assar os peixes.

Depois foram brincar e dormir. No dia seguinte eles seguiram na floresta e depois de um tempo Felpudo achou um lago, Cleiton teve uma ideia.

Ele ia fazer uma jangada para ele e seu gato; eles foram testar, aproveitaram e pegaram alguns peixes, assaram e comeram.

UM NOVO AMIGO

Era uma vez, um jacaré que se chamava Lacoste e ele adorava brincar no seu grande pântano. Mas ele só tinha um amigo que era um passarinho chamado Frederico. E todos dias eles brincavam juntos.

Mas tinha um problema, ninguém do pântano gostava deles por acharem muito estranhos. Até que um dia eles acharam uma pedra muito preciosa e, por causa disso, agora todos queriam ser amigos deles para roubar a pedra, mas Lacoste e Frederico sabiam disso.

Então eles fizeram um interrogatório para ver quem seria o amigo deles.

Até que eles escolheram um bicho preguiça bem lento que se chamava Cláudio, mas sua mãe não o deixava sair para brincar.

Até que um dia ele decidiu sair de casa, mas daí ficou sem alimento e sem água até que seus amigos perceberam e convidaram para construir uma casa na árvore para eles brincarem e morarem.

A VIDA DE JUBSCREUSA

Era uma vez uma menina chamada Jubscreusa, ela tinha uma amiga chamada Cássia e sua mãe se chamava Jureusa. Jubscreusa amava subir em árvores, sua amiga Cássia também.

Era uma segunda-feira, dia 10 de março, era aniversário da Jubscreusa e ela ficou a semana inteira esperando chegar o sábado. Passou segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira.

Quando chegou o sábado, Jubscreusa acordou 7h da manhã e foi correndo até a árvore; ela ficou lá até 12h, quando sua mãe a chamou. Ela saiu correndo até a mesa porque todo sábado ela faz cachorro-quente, a comida favorita de Jubscreusa.

Ela comeu 5, depois ela foi descansar. Acordou às 2h, convidou sua amiga Cássia para brincar e dormir na casa dela, ela chegou lá às 3h e elas foram brincar na árvore. Um ano depois, Jubscreusa foi brincar na sua árvore e tentou subir no lugar mais alto; ela se pendurou e o galho quebrou com ela junto, mas, por sorte, sobreviveu.

Jubscreusa foi lavar a louça e a esponja caiu na cabeça da vizinha.

A MENINA QUE FALAVA SOZINHA ATÉ QUE...

Em um dia ensolarado, uma menina chamada Ollie, que tinha 14 anos, estava em casa com seu gato chamado Meia Noite. Ele tinha 1 ano e Ollie estava brincando com Meia Noite porque não tinha ninguém para brincar, até que ela resolveu criar uma amiga imaginária, então Ollie deu-lhe o nome de Ana. Passou um tempo e Ana e Ollie viraram melhores amigas até que Ollie foi crescendo e começou a esquecer Ana; Ollie encontrou um amigo que não era imaginário, mas o que Ollie não sabia era que Ana ainda existia.

Ana queria que Ollie fosse só sua amiga, então Ana prendeu o amigo de Ollie. Ollie descobriu o que Ana fez, então decidiu ir atrás de seu amigo, pegou a localização e lá se foi.

Ollie teve que passar por uma floresta e entrou em uma caverna! Ollie ainda não estava acreditando que Ana fez isso e, quando ela já estava bem fundo na caverna, encontrou uma passagem secreta e ela, Ollie, entrou e deparou-se com Ana e, peraí, eu não falei o nome do amigo da Ollie, o nome dele era Anthony. Continuando, Ollie se deparou com Ana e, ao lado, Anthony.

Ollie perguntou à Ana por que fez aquilo e ela respondeu:

- Eu queria que você me desse atenção, você nunca mais falou comigo depois que Anthony virou seu amigo.

Ollie falou:

- Não precisava fazer isso.

Ana respondeu:

- Precisava sim, se eu não fizesse isso, você estaria lá falando com Anthony.

Então elas se encararam por alguns minutos e Ollie ficou relembrando como Ana era legal e refletiu como ela estava tão diferente. Ollie piscou e Ana sumiu, então Ollie soltou Anthony e contaram o que aconteceu aos seus pais, mas eles não acreditaram e essa história ficou na cabeça deles.

OS GATINHOS ATRÁS DA MAMÃE

Era uma vez 3 gatinhos: o primeiro gatinho se chamava Bibi, o segundo se chamava Aurora, o terceiro se chamava Sisa. Todos os gatinhos tinham 3 aninhos.

Sua mãe infelizmente morreu após o parto, bom, era isso o que os médicos pensavam, pois ela estava enterrada viva na floresta, até que um dia ela conseguiu sair arranhando a terra. Quando ela saiu da terra, uma flor vermelha disse:

- Bom dia, dona gata! Seus filhotes estão por aqui.

Sem opção, a gata seguiu o caminho da flor vermelha.

A gata finalmente chegou à cidade; cansada, escondeu-se no lixão de uma casa porque ela nem tinha ideia que seus filhotes passariam por ali; os 3 gatinhos voltaram para o lixão, pois não tinham onde dormir; a mãe viúva então encontrou seus filhotes.

Três anos depois, os gatinhos já têm 6 anos e a gata ainda vive. Certo dia, o pai dos gatos voltou para casa e tentou roubar os gatinhos; a gata não permitiu e o pai voltou para sua casa sem seus filhos e ele viveram felizes para sempre.

A “SORTE” DA LUCHANDA

Era uma vez uma menina, o nome dela era Luchanda. Na casa dela tem um quintal... ÉÉÉ... TINHA um quintal. O seu irmão Chulando estava jogando bola com seu amigo Juleiro; seu irmão chutou muito forte e esmagou todas as flores.

Luchanda queria muito brincar com sua amiga Belana, mas quando ela foi brincar, sua mãe pediu para ela ir lavar a louça. Então, sem reclamar, ela foi, mas não tinha esponja e nem detergente; então ela foi comprar e quando foi lavar a louça não tinha água; logo voltou e ela foi lavar.

Bom, depois que ela lavou a louça, estava com fome; então ela foi fazer algo para comer e decidiu fazer um banana split.

Quando ela foi fazer, não tinha banana, então ela foi comprar; mas também não tinha cereja, então ela foi comprar; mas não tinha chantilly; mas não tinha sorvete, então ela foi comprar; mas não tinha calda de chocolate, então ela foi comprar. E quando ela finalmente foi comer, sua mãe chamou-a para ir tomar sorvete.

O MENINO QUE FALAVA COM O VENTO

Um dia um menino de 6 anos foi brincar fora de casa. A família dele morava bem longe da cidade e lá nunca tinha carro passando; então ele se achava sortudo porque se ele quisesse ele podia brincar na rua, mas a mãe dele não deixava porque ela tinha medo que um carro viesse de repente.

Então, todos os dias ele ia brincar no outro lado. Até que um dia ele começou a pensar em tentar falar com o vento. A primeira vez, ele não conseguiu, mas na segunda ele conseguiu!

Eles viraram amigos e todo dia eles conversam. Eles às vezes brigavam, mas depois sempre se entendiam! Até às vezes eles falavam sobre apresentar o amigo para a família!!!

Um dia, enquanto eles estavam conversando, o menino pensou que a mãe iria brigar com ele só porque ele é amigo do vento! Mas ele tentou.

Quando ele foi chamar a mãe deu um desespero, mas foi igual. Quando a mãe chegou, ela ficou meio confusa, mas depois entendeu. Ela ficou muito feliz porque achou ele cheio de criatividade e o menino também ficou muito feliz porque a mãe gostou.

A PESCARIA MALUCA

Certa manhã, os amigos Renato, Cláudio e Alexandre resolveram se encontrar na pracinha para combinar de irem pescar no Rio Uruguai. Todos chegaram às 10 horas e logo foram fazer uma lista com as coisas que cada um tinha que levar.

Os amigos foram para casa, arrumaram tudo e, no dia seguinte, estavam todos prontos na beira do rio. Renato logo falou:

- Vamos organizar nossas coisas no barco e ver se o motor está funcionando bem!

O motor do barco não funcionou, mas Alexandre era mecânico e pegou sua caixa de ferramentas e consertou o motor; ele falou:

- Agora podemos partir para a nossa pescaria!

Foram rio adentro e começaram a pescar. De repente, começou uma ventania louca e o barco começou a balançar sem parar. Quando o vento parou, eles conseguiram pescar um surubi de 40 quilos e uma bota muito estranha.

Depois disso, começou a chover; eles resolveram voltar para casa porque a pescaria estava bem intrigante, bem maluca.

AS AVENTURAS DO GRILO PESCADOR

Certa noite um grilo foi pescar no Rio Buricá; quando chegou lá, ele pegou sua vara de pescar e jogou anzol no Rio e pescou um peixe. De repente quando ele puxou a linha, viu que no anzol ele tinha fisdado uma baleia jubarte, foi quando ele resolveu limpar e fritar o peixão.

Neste momento, o grilo tomou um susto, pois ao seu lado passeava uma linda cobra que ia saindo do rio; foi quando um vento muito forte veio e acabou derrubando o grilo no rio; ele começou a se afogar e gritou:

- Socorro, ajudem, estou me afogando!

E a cobra foi ajudar, imediatamente com o seu rabo a cobra tira o grilo do rio salvando a vida do grande pescador, que agradeceu, dizendo:

- Muito obrigado, Dona Cobra, por salvar a minha vida.

E a cobra respondeu:

- De nada, Senhor Grilo.

Foi quando o grilo, como forma de agradecimento, convidou a cobra para jantar:

- Dona Cobra, a senhora gostaria de jantar comigo nesta noite?

E ela respondeu:

- Eu adoraria!

Os dois conversaram a noite toda e descobriram que o peixão estava maravilhoso e que poderiam ser amigos e marcar de pescar juntos novamente.

JOÃO E BÁRBARA

Era uma vez um menino chamado João Caetano que tinha 23 anos, ele tinha uma amiga chamada Bárbara e ela tinha 24 anos. Quando ela completou 18 anos, o pai dela deu um carro para ela, era uma BMW X4.

João e sua amiga foram a uma festa que era de um colega de faculdade deles; a festa começava às nove horas da noite e terminava às quatro horas da manhã.

Eles ficaram até às duas horas da madrugada e foram embora. João levou-a para casa e, quando eles estavam voltando, bateram em um poste e o pai da Bárbara chegou bem rápido lá.

Quando ele chegou, viu o carro quebrado:

- Está tudo bem com vocês?
- Sim!

Então, o pai da Bárbara deu uma Porsche Boxster para ela.

UM ACAMPAMENTO MAL-ASSOMBRADO

Em um belo dia, Anna, uma garotinha de 10 anos, estava brincando com seu cachorro Cacao. Então sua mãe Sara falou:

- Filha, olha o que eu achei!

Então Anna foi correndo para ver o que era.

Quando ela chegou lá, sua mãe disse:

- É um acampamento de férias com vários desafios e parece ser bem divertido!

Então a sua mãe disse:

- Você quer ir?

E ela respondeu:

- Sim, eu quero, parece ser bem legal.

Chegando lá, tudo escuro e sua mãe verificou se realmente era lá e infelizmente era. Ana ficou morrendo de medo até que alguém chegou. Ela não sabia quem era, mas na verdade era apenas o vento; ela olhou melhor aquele lugar e tinha duas pessoas.

Ela falou com elas e lá havia um livro, eles disseram que quem encostasse ganharia poderes e Ana, sem pensar duas vezes, tocou-o e não ouviu a consequência: quem ela mais amava morreria e aconteceu.

Sua mãe morreu; mas Ana, com seus poderes, fez ela voltar à vida e todo mundo viveu feliz dali em diante.

CHICO

Chico é meu cão de estimação. A raça dele é pug, que é uma raça originária da China. Ele é muito fofo! Em 2011, meus pais compraram e buscaram o Chico em Santa Maria (RS).

Hoje, Chico tem 13 anos de idade e, quando meus pais foram buscá-lo, ele tinha 3 meses de vida. Chico tinha uma grande amiga, que se chamava Bimba, também era minha cadela de estimação, que no dia 1º de agosto de 2023 foi morar com Jesus, mas sempre vai morar no meu coração.

Chico ama dormir, passa a maior parte do dia dormindo e, perdeu uma parte da sua visão e de sua audição também, mas é e sempre foi um cão muito, muito, muito feliz.

É muito bom ter animais de estimação, porém temos que ter responsabilidade com eles, alimentá-los, cuidá-los e retribuir o carinho que eles nos dão. Com o meu cachorro Chico não é diferente, ele é um cão muito bem cuidado, feliz, que transmite alegria, amor, carinho e lealdade. Chico leva uma vida de cachorro, de cachorro feliz.



O MUNDO ANIMAL

Os animais são lindos
Fofos e coloridos
Uns são queridinhos
Já outros esquentadinhos

As minhocas não têm ossos
Os peixes têm escamas
Os pássaros têm penas
E você, que bicho ama?

Esquilo, mariposa, jacaré
Qual você leva para casa?
Eu levo... um picolé...
Bicho é para deixar na floresta.

NA FAZENDA

Num campo distante
Uma abelha zunindo
Os passarinhos cantando
E as flores sorrindo

Os coelhos pulando
E os peixes nadando
Os cavalos correndo
E o vento batendo

Os porcos se jogam na lama
e as ovelhas na grama
o galo cacarejando
e a galinha ciscando

Na fazenda é demais
com animais sensacionais
sempre soltando alegria
é eles que fazem meu dia.

AS MARAVILHAS DE CADA ESTAÇÃO

(Uma coletânea de versos do 1º ano)

O verão é tempo de alegria
Eu adoro ir na sorveteria;
Época de férias de correr de brincar
E com a família vou viajar.

No outono caem as folhas
O calor está indo embora,
E eu brinco de montão,
Chutando as folhas do chão.

O inverno vem chegando
E os dias esfriando,
O casaco vou colocando
E com frio não vou ficando.

Lá vem a primavera
Com cores e flores a nos dar;
Se eu pudesse pegava todas as flores
Para o mundo enfeitar.

**Poemas Participantes - Categoria Infantil –
1º ao 5º ano**

PSEUDÔNIMO:PULECITE

AUTOR(A): OTÁVIO EMÍLIO STORMOWSKI FERNANDES

TUDO ESTOU PELA METADE

Eu meio cheio...
Deu vontade de um passeio
Mas estou meio feio e
Meu avô está meio velho
E foi ao correio
Mas não foi ao rodeio.
Eu estava trabalhando de padeiro
E virei passageiro
Mas o motorista era meio feio.

AS HISTÓRIAS DA INFÂNCIA

As histórias da infância,
como não lembrar,
ainda mais que foram mágicas
com um sabor mágico dos céus,
e o coelhinho, o Papai Noel e a fada do dente

adoçaram este sonho.
Foi tão bom meu tempo de criança,
mas o tempo não espera,

bom e os brinquedos e os duendes e as fadas
foram morar no fundo do armário escuro...
E os meus amigos de infância?
Onde eles estão?

Ah é, eles estão numa caixa do armário escuro...

Perdoem, meus amigos!
Voltem a brincar comigo!
Voltem a me fazer feliz!

É, o armário escuro não vai me devolver vocês...
Devo ter ficado velha, não reparem no meu tom.
Queria ao menos não ter saudades

e ter me arrependido de colocar vocês no armário escuro!

DIA DE FESTA

Desde logo cedo estou acordado
Tudo muito quieto, ninguém ao meu lado
Tem algo de errado, várias coisas me vêm na cabeça
Será uma festa surpresa?

Pensando numa festa
Muito legal seria
Se houvesse muitos amigos
Que me fizessem companhia

Amigos para correr e brincar
e das travessuras escapar,
Pipas ao vento soltar
Todos juntos brincando.

A FLOR

O meio da flor
Tem um cheiro bom
E a cor vermelha
De um lindo tom.

Esse jardim está florido
De flores de todo tipo
E todas bem coloridas...
São tulipas, girassóis, margaridas.

Girassóis amarelos
Margaridas branquinhas
E eu feliz
Por tocar todinhas.

A SURPRESA

Quando o Sol levantou
As flores começaram a cantar.
Uma caixa chegou.
E dentro tinha um animal que adorava brincar.

O animal era uma cadela
Que logo se acostumou com seu novo lar.
Ela era amarela
Pronta para aprontar.

Ela adorava passear
E sua bolinha procurar.
Amava na praia viajar,
Pois é lá que podia nadar.

Seu nome era Mila.
Truques ela aprendeu.
E em todas as suas vidas
Ela irá lembrar de quem te acolheu.

CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: PASSARINHO ADVOGADO

AUTOR(A): MALU BORGES HEIMERDINGER

COM FLORES

Em um lindo campo florido
Vou andando bem contente
Cheia de alegria e me divertindo
Como as cores bem vibrantes

Ao me direcionar ao meio
Vou vendo como é lindo
Vejo uma flor num passeio
Em uma linda carruagem sorrindo

Vai escurecendo e preciso ir embora
Vou me despedindo
Chego ao início, pois já estava na hora
Vou seguindo o meu caminho para o meu ninho

Quando chego vejo a mesma flor que estava sorrindo
Em um bilhete falando que adoraram minha visita
Sempre bem linda
E a flor foi sumindo da minha vista

Vou voando e passeando pela cidade
Até chegar no campo florido
As flores me olham com felicidade
Ficam me elogiando e eu me divertindo

Ao amanhecer vou voltando para casa
Deitei no meu ninho e dormi
Quando acordei abri minha asa
Sai voando e parti

No horizonte vou cantando
Vou viajando pelo céu
Vivendo e limpando
Os problemas do meu réu.

CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: SERJÃO BERRANTEIRO MATADOR DE PORCO

AUTOR(A): PIETRO SKLAR FRITZEN

OS ANIMAIS

Os animais são muito legais
Existem muitos diferentes
São aves, répteis e muito mais
Assim, há muitas espécies existentes

Os animais se abrigam em florestas
Matas fechadas, lagos e até embaixo das terras
Lá podemos fazer piquenique e até uma festa

Já os animais aquáticos são muito rápidos
Tirando as tartarugas que são muito lerdas

Mas eles são muito fantásticos.

ASSOMBRAÇÃO

Eu vi uma assombração,
Não sei o que era aquilo,
Mas tinha algo na mão,
Era um frasco de vidro.

O que tinha dentro,
Eu não sei,
Com um baita medo,
Apenas me afastei.

Tentei me acalmar,
Mas aquilo jogou o frasco em mim,
Que fez o frasco quebrar,
Causando o meu fim!

O LABIRINTO

No alto da colina
Os passarinhos cantam sem vontade.
Em um dia chuvoso e nublado,
conversamos sem honestidade.

A conversa demonstrava o que sinto.
Onde estava Thomas
que sumiu
depois que fechamos o labirinto?

A escuridão da noite
preenchia nossos corações.
Como assim, Thomas teria sumido
sem deixar explicações?

Mas será que ele realmente
teria sumido?
Teremos que bolar um plano
para esse mistério ser resolvido.

Esquece, cansamos de procurar,
finalmente aceitamos que ele não vai mais voltar.
Pelo menos foi o que eles disseram
mas eu nunca vou parar...

A PRIMA E A ESCADA

Empurraram-me da escada
e eu olhei para cima
vejo a malvada
a malvada da minha prima

Eu penso em maldade
e xingo ela
falo que deu vontade
de botá-la na panela

Minha mãe chegou
logo embrabeceu
comigo brigou
e depois me repreendeu

Meu pai me protegeu
minha mãe ficou calma
meu irmão me defendeu
no fim, a paz prevaleceu.

A TRILHA

Fui fazer uma trilha
Numa vasta escuridão
Fui com minha família
E mais uma multidão

Eu estava com uma lanterna
Para poder enxergar
Com uma dor na perna
Tive que continuar

A trilha era longa
E estava anoitecendo
Havia uma montanha
E nós estávamos descendo

Estávamos no final
E também muito cansados
Vimos um sinal

E quando percebemos, tínhamos chegado.

CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: SKY

AUTOR(A): AMANDA ESTER KLEINERT

VOLEI

O vôlei é um esporte muito legal
Em um campeonato a gente se concentra
Faço o último ponto e vou para o nacional
No campeonato faço *ace*

Quando eu canso, eu bebo água
Para hidratar a garganta
Eu adoro jogar
Então quando ganhamos, vamos felizes para a janta

Temos líbero, ponteiro, oposto e levantador
Todos fortes e bem focados
Pelo vôlei temos amor
E dele jamais vamos desistir.

UM BELO CAMPO

Um campo belo com várias flores,
Onde morava dona Leonor,
Uma bela senhora
Que protegia o campo como seu lar.

Onde morava uma bela rosa,
Que era muito espinhosa.
A flor favorita de dona Leonor,
Que cuidava como se fosse seu amor.

A rosa se chama Rafael,
A tulipa Miguel,
O girassol se chama Biel,
A margarida Isabel.

A senhora come mel,
Enquanto desenha no papel.
Ela é fabulosa,
Como uma bela rosa.

O RATO E O GATO

O gato estava correndo atrás do rato
no mato o gato pula
na mata o rato escapa pra baixo da capa.
O gato não vê o rato na capa,
o rato tenta escapar para o seu lar
o gato escuta os seus passinhos pequeninhos.
O rato fez uma ato para despistar o gato,
o rato seduziu o gato para um rio com muitos peixes
um bom lanchinho para um gatinho.
Quando o gato chegou, o rato chamou sua tropa
para derrubá-lo no rio frio
mas ficaram com dó
o gato e o rato viraram amigos.

O CANTO DA PETÚNIA

Em um dia tênue da primavera
Num campo verde cheio de lavandas
E uma única petúnia que cantava serenamente
E os outros a admiravam

Com um vestido azul e um cabelo de brilho
sentou-se em uma árvore e começou a cantar
e também a dançar lindamente
só que ela era muito desengonçada

E ela se chama Júlia
e era fascinante como uma folha encantadora
que lentamente voa pelo céu de algodão
até que chegou na mesma árvore que Júlia

Esta árvore era encantada
pois Júlia e várias outras fadas moravam lá
mas apenas fadas com brilho no cabelo podem morar lá
por mais que eu ache isso uma besteira.

COMO É BOM SER CRIANÇA

Como é bom ser criança
brincar com os amigos,
viver feliz com alegria
fazendo muita folia!

Andar de bicicleta e patinar
jogar bola e dançar,

Rir de montão com alegria no coração!

Como é bom ser criança
estudar e aprender
usando a imaginação
para se divertir de montão!

Ser criança é aprender a cada dia,
vivendo em harmonia
isso foi uma grande ironia

Aprender a conviver,
respeitar e não brigar,
o mundo colorido enxergar
os pais e as professoras amar.

Ser criança é assim, crescendo e criando amizades sem fim!

CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: BEACH TENNIS

AUTOR(A): Lorenzo Manfron Bianchessi

A SAGA DO *BEACH TENNIS*

Quando vou jogar *Beach Tennis*

treino com o Dênis,

quando tem torneio

eu treino com meu parceiro.

Quando vou jogar tento fazer um “crama” para ganhar

eu fico em primeiro lugar

faço uma festa para comemorar.

Quando o jogo está rápido

eu escorrego na areia

e a bola cai fora

e eu grito: eba!!!

ESSA FAMÍLIA É MUITO LINDA

Essa família é muito linda
Tenho muito apreço a ela
Nós nos divertimos, rimos e dialogamos
E eu agradeço a união dela.

Nós assistimos vários filmes e o preferido é “Quatro vidas de um cachorro”
Eu choro todas as vezes que assisto
Amo quando está chovendo e pegamos uma coberta e vamos dormir
Quando eu estou triste, eles me consolam.

Odeio quando não estamos perto
Pois eu sinto muito sua falta
Quando eu e minha irmã tiramos boas notas
ficamos muito felizes.

Adoramos quando está quente e vamos jogar vôlei na piscina
Mas depois que saímos está tudo molhado, então temos que fazer uma faxina
Tomamos banho na banheira e pizza vamos jantar
Enquanto jantamos eu quero muito brincar.

A BELLA E A FERA

Havia uma menina de beleza surreal
Morava na minha cidade
De tão linda, a chamavam de Bella
O seu destino era amar a Fera.

Homem grande e musculoso
Era esse tal de Fera
Porém, nada combinava com a delicada Bella
Ingênua e medrosa era ela.

Era um amor proibido
Seus pais não autorizavam
Mas eles se negavam a acreditar
Então eles combinaram viajar.

Uma viagem escondida
ninguém a incomodar
Foram a Veneza, uma valsa dançar
E comidas deliciosas degustar

Estavam se divertindo muito
Quando viram que iriam ter que voltar
A tristeza começou nos corações incendiar
Choravam sem parar.

Quando voltaram tiveram que se separar
E o sonho de casar, jamais foi lembrado
E a aliança em tons de dourado
Foi esquecida e deixada de lado.

AS ESTAÇÕES DO ANO

Outono é tão fresquinho,
Folhas caem, pouquinho a pouquinho,
O vento passa devagar,
Em seu abraço, deixa sonhar.

Quando chega o inverno, frio e gelado,
O céu cinzento, num dia nublado,
Sinto-me pequeno, um pouco cabisbaixo,
Mas no coração, há sempre um espaço.

A primavera é a estação da paz,
Em um dia, conheci um rapaz,
Com um olhar que brilha como flor,
E a beleza do mundo em seu amor.

E então, o verão chega radiante,
Sol escaldante, alegria constante,
Na praia, risadas, sorrisos a brilhar,
O calor da vida nos faz festejar.

As estações são tão lindas,
Em cada uma a vida nos brinda.
Mudanças que trazem alegria e dor,
Um ciclo infinito, um poema de amor.

UMA RIMA DIFERENTE DA BICHARADA DA GENTE

Um dia conheci um lobo
Fiquei com pena
pois chamavam ele de bobo
eu o ensinei a ser inteligente
e hoje é mais esperto do que muita gente.

Eu tenho um peixinho
ele é pequenininho
nada devagarinho
ele é tão bonitinho
pena que vai ficar fritinho.

Era uma vez um gato que gostava de mato
Correu atrás do rato
Caiu na lagoa do pato
Ainda bem que não usava sapato.

Minha cachorra é muito linda
Ela se chama Melzinha
Também é branquinha e cheia de manchinha
Ela é muito danada faz xixi na calçada
Mas é muito amada.

Essa é a nossa poesia da bicharada.

A ÁRVORE MÁGICA

A árvore mágica é tão legal

Essa planta até anda

E gosta de anta

A árvore faz mágica

Na árvore a gente sobe

E ela come pastel

E perto dela usamos chapéu

E ela mora no arvoredos

A árvore faz mágica

Mas às vezes ela é malvada

Ela faz mágica e odeia a Mafalda

Porque tem inveja da gata dela

O arvoredos é perto do casarém

E lá faz pastel

E olha as pessoas de chapéu

E gosta de papel e de mel.

O MEU QUINTAL

Hoje eu me perdi nos meus pensamentos
e imaginei um belo quintal
ele tinha rosas e leves ventos
e nele havia um lago sensacional.

Esse lago brilhava como um diamante
e o sol era radiante.
No lago, crianças brincavam,
enquanto os pássaros cantavam.

Esse quintal era lindo,
porém tive que acordar
chateada eu levantei
e comecei a chorar.

Então eu percebi
que esse lugar era a felicidade
e que eu poderia voltar
era só imaginar que eu retornaria para esse lugar.

AQUELE URSÃO

Em um porão havia um ursão
no meio da escuridão
sentado no chão,
estava só o poeirão.

Envelhecido em suas mãos, um coração
algo havia escrito e era de papelão
nele estava escrito: eu te amo, ursão.

Fiquei meio sem graça,
pois aquele ursão ganhei de meu avô,
que agora é uma estrelinha no céu
e brilha iluminando meu coração.

Peguei o ursão e tirei do porão
Limpei aquele pó e o peguei nas mãos
senti o coração pulsar com emoção
Que incrível sensação eu e meu ursão.

PÃO

O pão quentinho saindo do forno
Com requeijão e presunto
Depois de comer um já quer outro
Pois é muito bom esse alimento

O pão é muito bom
É a melhor refeição
Ele é quentinho
E muito fofinho

O pão é amassado com a mão
E é assado no fogão
Ele é muito bom
Com chimia de melão

Todo café da manhã
É feito com pão
Para toda família
Com muita união.

CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: THÁVI

AUTOR(A): THÁVINY EDUARDA JUNGES

JARDIM

Um jardim cheio de jasmins, benjamins, alecrins...

Borboletas voando...

Parecendo arlequins!

Rosas, girassóis, cravos sendo iluminados pelo sol

E eu a observar feito escravo

Da beleza da natureza.

CAMINHADA

Eu sempre gosto de caminhar
Pela estrada passear
E junto disso os animais observar
Depois para casa eu vou voltar

Essa é uma forma de se alegrar
Cada simples passo
Já pode o mundo mudar

Alguém sempre os outros vai animar
Esta opinião eu vou compartilhar
Seja ao caminhar ou falar
Todos podem se ajudar.

VIDA

A vida é uma coisa difícil de lidar

Tem vezes que é boa,

Tem vezes que é ruim

Mas a parte boa,

É ser criança!

Ser criança para brincar

Ser criança para estudar

E ter um teto para morar.

Mas quando chega a vida adulta

A partir daí tudo piora,

Você precisa arrumar um trabalho,

Arrumar uma casa,

Construir uma vida nova!

CATEGORIA INFANTIL - 1º AO 5º ANO

PSEUDÔNIMO: ISADORABOLAS

AUTOR(A): ISABÉLI DALLA CHIEZA ZIMMER

DIA DE CÃO

Eu estava caminhando pelas ruas.

Eu me assustei!

Pois um cão eu encontrei.

Fiquei no mundo da lua.

O cão saiu correndo.

E eu corri para o outro lado.

E o coração estava tremendo!

Mas logo eu percebi que ele era um cão amado.

Logo eu fiz carinho.

E ele o rabinho abanou

Ele era um amorzinho!

E o meu medo sobrevoou.

PRIMAVERA

Ah! Primavera,
a estação da flora,
aliás, uma pessoa muito importante nasceu na primavera,
O nome dela é Vera.
Ela é importante,
porque é minha avó,
eu tenho dó dela,
quando ela nasceu,
a mãe dela faleceu,
o pai dela sempre estava trabalhando,
ela era muito sozinha, sempre lidando.
Vários anos depois, eu nasci,
minha mãe só dava valor a si,
por isso nem viu que eu cresci.
Minha avó me criou sozinha,
mesmo já sendo velhinha,
ela até me apelidou de Priscila.
Quando a história dela acabou,
meu mundo desabou,
não tinha mais razão para viver,
era só esperar por um milagre,
como ela reviver.
Alguns anos depois
nossa triste história se popularizou,
e apelidaram de Primavera,
Priscila+Vera.

O ESPAÇO

As estrelas são tão belas
Piscam e brilham sem parar
Todos os anos aparece uma nova estrela a brilhar
Eu e você não enxergamos tantas
Mas tem várias que estão lá.

O espaço é tão imprevisível
É por isso que tem tanta loucura por lá
É asteroide prestes a cair
É o Sol que pode explodir
Tanta coisa estranha que dá vontade de sorrir.

O Sol não é um planeta
Não é um fenômeno
Nem um asteroide
É uma estrela
Não há nada de planeta
Mas é muito quente.

Ah! E sem uma roupa de astronauta
Não ande por lá
Pois a atmosfera, pode te sufocar.

A VIDA COM ANIMAIS

Por onde eu passo me encanto
Com os detalhes dos animais
Os seus olhinhos e patinhas

É bonito demais.

Quando eu vejo algum deles
Eu cuido e não deixo pra trás.
Eles são importantes

E também nos ajudam demais.

Se nos sentimos solitários
é bom ter um animal por perto
Eles sentem quando estamos tristes,

E nos dão carinho e afeto.

Sendo selvagem ou doméstico,
Eu sempre vou cuidar.
Cada um com seu jeitinho
Eu sempre vou amar.

Nós devemos nos unir
Para combater a extinção,
Isso é uma coisa ruim

E nós só temos coisas boas no coração.

AMAZÔNIA

A Amazônia está sendo queimada
esta floresta está desmatada
colabore com o meio ambiente
assim a floresta fica contente.

Os pássaros estão sem casas
assim perdendo as asas
os animaizinhos perdendo seus ninhos
e assim se separando do seus filhotinhos.

A natureza vamos preservar
e o meio ambiente cuidar
o ser humano precisa ajudar
para nesse mundo continuar.



ECOS DE UM SONHO

O menino moreno, de pés descalços e camisa suada, corria pelas ruas de terra como quem corre atrás de algo muito maior. Chamavam-no de Enzo, mas ali no campinho de chão batido com traves de chinelo ele se transformava. Era como se, por um instante, deixasse de ser o garoto da vizinhança e se tornasse o herói das narrações que ouvia pelo rádio velho de seu pai.

A bola era velha, quase sem cor, cheia de remendos, mas tinha uma história com ele. Enzo a dominava com carinho, quase com respeito. Para qualquer um era só um pedaço de couro gasto. Para ele, era um troféu, um sonho que cabia no pé. Cada gol era comemorado com um sorriso largo, um grito como se tivesse uma multidão aplaudindo. Ele levantava os braços, olhava para o céu, e, por alguns segundos, acreditava mesmo ser alguém importante.

Assim passavam as tardes. Com o sol se pondo devagar e a molecada rindo ao redor, Enzo chutava, caía, levantava e sonhava. E, mesmo quando a bola parava, ele continuava vivendo ali, naquele campo, onde o tempo parecia esquecer de andar. Porque naquelas traves de chinelos e na poeira que subia a cada drible, o menino era mais do que um jogador. Era o dono de eras inteiras de um sonho que só ele entendia.

SIMPLESMENTE, REDES SOCIAIS

Certa vez, vi a vlogueira paulista Liz Macedo ser cancelada em todas as suas redes sociais simplesmente por fazer uma rinoplastia. Um absurdo, não é? A garota relatava ter problemas com sua autoestima e a massacraram após terem apoiado a influenciadora a realizar a cirurgia.

Esse é só um pequeno exemplo de como as pessoas nas mídias sociais possuem força quando querem. Sempre querem ser donas da razão e não aceitam absolutamente nenhuma crítica, nem que essa, por sua vez, seja construtiva. Os famosos “*haters*” estão por todos os vídeos das redes sociais, criticando, constrangendo ou até mesmo xingando os criadores das postagens. Isso tudo por simplesmente não gostarem da pessoa ou de seu conteúdo.

Nos últimos tempos, a internet vem se tornando um ambiente extremamente tóxico por conta disso. Pessoas cancelando outras, de grande maioria inocentes, por motivos estúpidos. Jovens garotas massacrando outras por sua aparência, jeito de falar, de se vestir ou até mesmo por sua maneira de gravar vídeos. Parece que somente eu percebo o absurdo que tudo isso é.

Em vez de cuidarem e criticarem a vida dos criadores de conteúdo, deveriam tomar conta de sua própria. Não custa nada cuidar do próprio nariz, certo? A vida pessoal dos *haters* deve ser extremamente ruim, monótona e livre de responsabilidades, pois acho impossível que alguém com uma vida boa e ocupada goste ou tenha tempo para ser tão insuportável nas redes sociais.

ESQUECER

Difícil esquecê-lo, né? Olhar as fotos dele e perceber que ele nem liga mais pra você, nem se importa com o que você pensa ou com seus sentimentos. Que para você ele é tudo e para ele você é só mais uma; dói, né, dói saber que ele não a ama na mesma intensidade que você é apaixonada por ele, que um sorriso dele consegue mexer com você de um jeito inexplicável.

Mas ergue a cabeça, a vida anda pra frente não pra trás, não chore por alguém que não merece nem seu suor. Siga em frente, essa pessoa não vale a pena, “o mundo dá volta e ele sempre volta”, o mundo gira em torno de nós e a gente nem percebe. Olha pra frente, você tem um futuro pra conquistar, não fique presa num passado que não vai ajudar.

ENCANTOS E CONTOS QUE NUNCA ACABAM

Quando reflito sobre as tardes da minha infância, uma imagem brilha diante de mim com a clareza de uma visão: a imagem da minha avó, sentada na poltrona de veludo vermelho, com um livro nas mãos e um sorriso que parecia pegar todas as estrelas do céu. Era um ritual, algo quase sagrado, místico. "Vozinha, conta uma história", eu pedia e ela começava, com o brilho nos olhos, a tecer um conto que parecia dar vida aos próprios sonhos.

Vivíamos numa casa simples, mas para mim era o castelo mais mágico entre os castelos do mundo. A sala, cujas paredes de livros antigos estavam cobertas pelas estantes, constituiu meu santuário. O odor do chá de camomila, que a avó preparava, e o crepitar da lareira ofereciam a atmosfera mágica em que o mundo exterior logo desaparecia.

Ela tinha o dom de tornar a realidade algo extraordinário. Cada história que contava parecia ser uma janela para novos mundos. Ela narrava aventuras de heróis corajosos, princesas que dominavam a magia e animais que falavam com mais sabedoria que todo ser humano. Eu vivia cada uma das histórias como se eu mesmo participasse delas, vivia cada momento delas com uma intensidade que só a infância pode proporcionar.

As histórias eram contadas ora com um tom de mistério, ora com um riso. Não importava como começava, sempre terminava numa festa, celebrando o bem sobre o mal, o amor sobre a indiferença. Eram mais do que histórias, eram lições disfarçadas de fábulas, que me educaram para o mundo e para as pessoas.

Havia algo particularmente especial em contar essas histórias. O ritmo das palavras, a entonação da voz, os gestos que acompanham as falas — tudo isso constituía um universo.

A TRANSFORMAÇÃO DE CARLOS

Em um dia normal, Carlos, que estava aproveitando sua Netflix, percebeu que ela já estava acabando e ele não teria dinheiro para pagar mais um mês já que estava desempregado. Então foi procurar um emprego, depois de 3 tentativas falhas, notou que não conseguiria um bom trabalho por não ter um bom currículo.

Carlos só tinha trabalhado em um único emprego, mas foi demitido por ter brigado com seu colega de equipe. Por ser um homem forte, decidiu virar servente de pedreiro. Passou alguns meses, ele só assistia Netflix e trabalhava.

Mas começou a pensar que isso não fazia bem para a sua vida, passava boa parte do seu tempo sentado, comendo besteira; mesmo trabalhando muito, continuava engordando. Seu chefe Jonas avisou que ele teria que mudar de vida, ser mais saudável, sair de casa e socializar mais para ter uma vida melhor. Após essa conversa, Carlos tentou mudar de vida, começou a trabalhar mais, ir à academia e estudar para ter um bom trabalho. Depois de 1 ano, ele já estava totalmente diferente, musculoso e com pouca gordura, estudando muito para ter um bom trabalho, fazendo cursos e tendo aulas.

Cada ano Carlos estava melhor e, 5 anos após virar servente de pedreiro, mudou de profissão, começou a ganhar mais dinheiro, já tinha vários amigos. Ele percebeu que, depois da dica de Jonas e seus esforços, sua vida mudou, ficou muito melhor, quanto mais se esforçava, melhor sua vida ficava. E isso é a coisa mais importante para se fazer; assim, Carlos transformou sua vida.

AS AVENTURAS DE DANIEL

Era uma vez Daniel, um garoto de 14 anos, morava no centro de São Paulo, tinha cabelos castanhos, usava óculos e ficava o dia inteiro assistindo séries, mal saía do quarto, apenas para comer.

Certo dia, sua família percebeu que ele já estava muito grande para não ajudar em casa, então cancelaram sua assinatura da TV. Daniel percebeu que sobrava muito tempo livre após fazer suas tarefas. Resolveu então ir ao parque perto de sua casa, ver se alguma coisa o interessava. Chegou lá, e viu um garoto, de altura média, cabelos ruivos, com belo sorriso no rosto, que estava soltando pipa; os dois começaram a brincar e Daniel descobriu que o nome dele era Bruno; Daniel gostava muito de soltar pipa, pois quando tinha 5 anos, brincava sempre com seu tio, mas perdeu essa paixão por conta do vício que adquiriu pelas séries. Daniel e Bruno brincavam todo dia, passavam a tarde inteira soltando pipa, jogando bola e andando de bicicleta. A família de Daniel percebeu que ele estava muito mais feliz, mais focado nos estudos e já nem assistia mais tantas séries, afinal, percebeu o quanto aquilo fazia mal, e passou a viver uma vida melhor com muitas alegrias.

FÉRIAS EM FAMÍLIA

Tudo começou em um almoço de domingo em família que era para ser um simples almoço mas acabou virando o melhor ou o pior dia de nossas vidas. Durante o almoço, recordando o passado, lembramos que já havia algum tempo que não fazíamos uma viagem em família.

Enquanto meus primos estavam sentados no sofá jogando, minhas primas estavam brincando e eu, a mais velha da família, lá sozinha escutando o que meus tios, tias e avós falavam sobre para onde iríamos viajar; cada um queria viajar para um lugar: uns para a praia, outros para Natal e outros para Gramado.

Depois de muito discutir para onde iríamos, o lugar tinha sido resolvido, todos juntos na mesa para dar a notícia de que nas férias iríamos viajar para a praia. Chegando em casa, minha mãe me perguntou se eu tinha gostado do lugar escolhido para irmos nas férias, pois quando eu era pequena eu adorava ir à praia, sempre foi meu lugar favorito .

Eu falei que sim, eu tinha gostado do lugar escolhido e eu ainda gostava de ir à praia, igual aos velhos tempos quando eu era pequena; fui ao meu quarto e lá fiquei refletindo por muito porque eu tinha que viajar em família. Eu sou a mais velha, não tenho ninguém para conversar durante as férias, meus primos eram todos pequenos e eu a mais velha da família.

Está ficando tarde e minha mãe entrou no quarto para falar que eu era para ir dormir, pois no dia seguinte teria que acordar cedo para ir à escola.

Durante a semana inteira fiquei pensando sobre aquilo, não prestei atenção nas aulas nem fiz a lição de casa. Em uma semana virei a menina que não fazia nada; na sexta-feira, dia 13 de julho, arrumei as malas, pois no outro dia acordaríamos cedo para entrar na estrada.

Minha família toda estava ansiosa e eu só pensava no dia da volta para casa. Chegamos no hotel, era bonito e bem confortável, tinha piscina e recreação para as crianças, meus tios, meus pais e meus avós todos olhando as crianças na piscina.

Eu não gostava de piscina, então fiquei no quarto, assistindo televisão enquanto meus primos, tios e tias se divertiam na piscina. Já estava anoitecendo e todos já tinham tomado seus banhos para descermos até o lugar onde iríamos jantar; a comida era boa, até melhor do que a do lugar onde íamos almoçar todos os sábados com minha família, eu já estava até

enjoada da comida daquele restaurante. Enquanto comíamos, todos discutimos que horas iríamos acordar para ir à praia .

No outro dia acordamos bem cedo, arrumamos as coisas e fomos à praia; lá até que foi divertido, brinquei com meus primos e tomei alguns banhos de mar e isso todos nós fizemos todos os dias em que estávamos lá. Chegou o dia de irmos embora e, durante o caminho, eu pensei que não foi tão ruim passar esses dias em família, pois a família é quase o nosso lar e às vezes é disso que a gente precisa para ter dias melhores: uma família que nos ama e que nos dá carinho.

-

Todos os dias, quando Messi voltava da escola, ele entrava em casa e jogava; só saía de casa para ir para a escola; como ele não fazia nada só comia e jogava, Messi passou as férias em casa e não se importava com a família dele.

Como Messi ficou as férias inteiras jogando, ele ficou gordo e, como também era bem baixinho, parecia uma bolota gordinha. Um dia ele percebeu que estava gordo demais e resolveu emagrecer, então ele começou a ir à academia. Depois de perceber que estava fora de forma, Messi decidiu mudar seus hábitos. Ele começou a frequentar a academia todos os dias, concentrando-se em exercícios de cardio e musculação. Além disso, desenvolveu uma dieta mais saudável, trocando *junk food* por refeições equilibradas. Com o esforço contínuo, ele começou a notar mudanças positivas em seu corpo e em sua saúde.

Com o tempo, Messi voltou ao futebol, não apenas como uma diversão, mas como parte crucial de seu regime de treinamento. Ele redescobriu sua paixão pelo esporte e descobriu como o futebol ajudava a manter sua forma física e a aliviar o estresse. A prática regular do esporte contribuiu significativamente para sua recuperação e desempenho físico.

Durante esse processo, Messi também aprendeu a importância do equilíbrio entre trabalho e lazer. Ele passou a valorizar mais o tempo com sua família e amigos, entendendo que cuidar de si mesmo é fundamental para uma vida feliz e equilibrada. Essa mudança não só melhorou sua saúde, mas também fortaleceu suas relações pessoais.

O MENINO VICIADO EM NETFLIX

Um menino chamado Pedro gostava muito de olhar Netflix todos os dias por 24 horas. Ele via várias séries, filmes, comia muita porcaria e sentia-se feliz nesse mundo virtual em que vivia.

Em um certo dia, ele estava vivendo o seu dia normalmente, começando um novo seriado. Ele olhou esse seriado novo a tarde inteira, comendo salgadinho, hambúrgueres, tomando refrigerantes, entre outros. Até que ele escutou alguns ruídos do lado de fora de seu quarto, então ele percebeu que era a sua mãe que havia falado:

- Filho! Vem aqui rápido, preciso da sua ajuda.

Pedro ficou furioso com isso, já que ele queria ver sua série e sua mãe havia interrompido. Porém, ele não ousou falar algo de mal para a mãe, ela só pediu para ele retirar o lixo. Então Pedro fez isso com raiva, mas logo voltou ao seu quarto e acabou percebendo que ele não deveria ter ficado bravo por tão pouca coisa, já que um dia a mãe dele morrerá e ele não deveria tratá-la assim. Com isso, ele decide parar de ver Netflix por um tempo e repensar suas ações.

Ele dormiu e acordou no dia seguinte, assustado e suado. Ele se levantou e logo escutou sua mãe, porém não havia ninguém lá. Ele abriu a janela e ficou aterrorizado com o que viu, já que havia passado muitos anos de sua vida e ele nem sequer havia percebido. Com essa situação acontecendo, ele percebeu que cometeu um grande erro. Então ele acaba tirando a sua vida para acabar com isso.

A vida pouco contada pelo trauma

Primeiro, gostaria de começar contando sobre mim, meu nome é Bianca Macedo, uma mulher hoje livre, porém antes sofrendo da grande escravidão no Brasil. E irei contar os meus ultimos sofridos dias de escravidão até a minha vida aqui, de bem na zona sul do Rio de Janeiro.

Desde sempre sofremos pela dor nas costas por, desde criança, carregar alto peso das enxadas e pelas baixíssimas casas feitas por nosso mestre para ocupar o máximo de negros, sem preocupações com cadáveres ou algo que ficasse rastejando no chão batido. Era a mais nova da fazenda e tive um filho, curioso e querendo saber de tudo do que os portugueses falavam quando passavam perto, com aquelas caras fechadas.

- Este crioulinho não era para estar no poleiro como os outros ou tu cuidas que se fosse um animal doméstico?
- Tu não podes retirar daqui não, seu descendente de macaco?! Aqui é apenas para os que possuem o sangue azul! (Sangue azul era como identificavam os europeus por causa de suas peles claras em que se viam as veias azuis).

Caída no chão com meu filho aos braços, olho para cima e o nosso dono, o único que não havia caído, pisoteia com aquele salto de ponta de prata e desmaio.

Acordo provavelmente no outro dia numa espécie de carroça, sendo levada em um grande saco cobrindo todo meu corpo, junto ao meu filho em minhas coxas. Não se via nada, apenas o claro que identificava o dia. Eu estava deitada e escutava uma voz de um outro homem feliz pela troca que fez; assim, rolo segurando ao meu filho, caímos da carroça, e, pelo aperto tão forte e da altura da queda, meu filho chora depois de batermos no chão. O alto barulho do choro e eu me rebatendo aos lados chama atenção de uma família por perto, eles abrem o saco e dão um grande abraço; fico confusa por nunca ter visto pessoas de outra raça serem tão simpáticas; eles nos acomodam em um dos dois jegues que tinham e contam que, após escutarem o bebê, logo correram achando que tinha sido abandonado; eles sempre sonharam em ter um filho, mas nunca conseguiram.

Assim, eles me adotaram junto ao meu filho e hoje vivo junto aqui em Salvador, consegui estudo e meu filho também. Batalharam por mim, pois era a única negra não escravizada ou morando em vilas separadas do cartão postal, mesmo após a Lei Áurea. Sinto

receio de minhas amigas na antiga fazenda ainda estarem vivas; comecei tudo do zero e hoje sou uma escritora de contos de minha vida sendo escrava.

ENTRE A VIDA E AS ESTRELAS

Às vezes pensamos que sonhos são coisas bestas e que nunca vão fazer diferença na vida de alguém, mas para Elliot nada disso era verdade. Ele era uma criança encantadora, vivia sempre feliz, adorava brincar, e seu maior sonho era conhecer as estrelas bem de pertinho. Seus pais tinham muito orgulho da criança que ele era. No entanto, aos seus seis anos de idade, foi diagnosticado com leucemia grave; ao receberem esta notícia devastadora, eles decidiram não contar nada a ele. Certa manhã, enquanto se preparava para escola, Elliot se deparou com algumas manchas estranhas em seu braço, que não se lembrava de ter visto antes; mesmo intrigado com aquilo, decidiu ignorar. Na escola, enquanto apresentava seu trabalho sobre as estrelas, seu nariz começou a sangrar repentinamente; desesperado, ele avistou seus pais. Quando foram buscá-lo, perceberam que os primeiros sinais estavam começando a aparecer. Diante da situação, os pais resolveram levá-lo ao médico que estava fazendo o acompanhamento para iniciar o tratamento. Em seguida contaram a Elliot que estava com um grave problema de saúde, sua reação não foi muito boa, como o esperado mas não havia outra opção. No início do tratamento, Elliot teve dificuldades em se adaptar, mas com o tempo isso foi melhorando. Durante o processo, ele conheceu várias pessoas e fez muitos amigos, o que facilitou sua adaptação. Após algumas semanas, os pais de Elliot receberam uma maravilhosa notícia, ele havia conseguido um transplante de medula óssea.

Poucos momentos antes do transplante, o médico alertou-os sobre alguns riscos envolvidos, mas eles não se deixaram abater, e pediram que o procedimento fosse iniciado o mais rápido possível. Após a cirurgia, Elliot se recuperou bem inicialmente, porém, ao longo das semanas, sintomas muito preocupantes começaram a aparecer, como febre alta, vômito e calafrios, evidenciando que o corpo de Elliot havia rejeitado o transplante.

Os médicos se esforçaram ao máximo possível para reverter a situação, mas não obtiveram sucesso. E em seus últimos momentos de vida, Elliot olhou para sua mãe, com um brilho de esperança nos olhos, perguntou se finalmente iria realizar o sonho de conhecer as estrelas bem de pertinho; sua mãe, em lágrimas, acenou com a cabeça, afirmando que sim.

VACINA ESSENCIAL

Um homem chamado João vivia com sua família no interior da sua cidade e na época o vírus da COVID-19 estava em alta.

Um dia, enquanto João estava almoçando, em sua televisão a apresentadora falava:

- A partir de amanhã serão aplicadas vacinas para COVID-19 em todo Brasil! Vá fazer e previna-se!

O homem que não ligava para isso, pegou o controle, desligou a televisão e continuou a comer. Alguns meses se passaram, todos estavam tomando a vacina, menos João que continuou sem dar bola. Até que um dia ele começou a se sentir mal, vomitar, ter febre, dor de barriga; ele foi fazer o teste e percebeu que estava com Covid-19. Já era tarde, os sintomas estavam muito fortes; João teve que ser internado, ficou no hospital por dois meses, passou muito sufoco, porém conseguiu ganhar alta. Ele tomou um choque muito grande, depois que saiu do hospital, falou para todas as pessoas para que fizessem a vacina.

A partir disso, podemos perceber que fazer a vacina da COVID-19 é muito importante, porque ela nos previne de pegar a doença, parar em um hospital ou até mesmo morrer. Se não fizermos a vacina, podemos ser como João ou até pior.



A BATALHA DOS DRAGÕES

Nos confins de um mundo onde a magia e a realidade se entrelaçam, erguia-se o vasto e imponente Vale das Chamas, um território antigo, esculpido por lendas e protegido por magias esquecidas. Ali, onde o horizonte se desvia em um desfile de cores incandescentes, os dragões se preparavam para um confronto que ecoaria através dos séculos: a Batalha dos Dragões.

A atmosfera estava carregada de tensão e expectativa. O céu, tingido com nuances de vermelho e dourado, parecia refletir o fogo que ardia nos corações dos combatentes. Na linha de frente, dois grupos de dragões formavam seus exércitos. Do lado oriental, os Dragões do Crepúsculo, conhecidos por suas escamas de um azul profundo e suas habilidades em manipular o gelo e as trevas. Do lado ocidental, os Dragões do Sol, cujas escamas douradas brilhavam como o próprio sol e cujas chamas eram quentes o suficiente para transformar a pedra em vidro.

O motivo da disputa era tão antigo quanto a própria magia. As Lendas dos Dragões falavam de um artefato mágico, o Coração de Fogo, um cristal que concedia poder incomensurável e controle absoluto sobre os elementos. Após séculos de paz, o artefato havia sido encontrado por um grupo de aventureiros, e sua localização era agora o centro de uma luta feroz.

Quando o sinal da batalha foi dado, o som retumbante de asas se levantando ao céu fez o vale estremecer. Raios de fogo e gelo começaram a se cruzar, criando um espetáculo de luz e calor que iluminava a escuridão da noite. As chamas dos Dragões do Sol iluminavam os campos como uma aurora boreal de destruição, enquanto os Dragões do Crepúsculo lançavam rajadas de gelo que criavam tempestades de neve e gelo, congelando qualquer coisa que se movesse.

No calor do combate, um jovem dragão da facção do Sol, chamado Ignis, destacou-se pela sua bravura. Com suas garras afiadas e uma determinação implacável, ele avançava contra os inimigos com uma fúria ardente. Em contraste, Elysia, uma dragonesa do Crepúsculo, demonstrava uma maestria com sua magia de gelo, usando-a para proteger seus aliados e criar armadilhas traiçoeiras.

A batalha parecia interminável, com cada lado desferindo ataques devastadores e estratégias complexas para tentar desestabilizar o adversário. As correntes de fogo e gelo

entrelaçaram-se no ar, criando um caos de cores e sons, enquanto o Vale das Chamas se transformava em um campo de guerra desolado e magnífico.

Quando parecia que a batalha poderia se arrastar para sempre, um sinal inesperado surgiu. O Coração de Fogo, que até então permanecia fora de alcance, começou a brilhar intensamente, como se chamasse todos os dragões para um último confronto decisivo. Ignis e Elysia, apesar de suas diferenças e da feroz rivalidade, perceberam a necessidade de uma trégua temporária. Com um entendimento silencioso, eles decidiram unir suas forças para enfrentar o verdadeiro inimigo: uma força primordial que havia sido despertada pela disputa.

Juntos, os dragões dos dois lados lutaram contra essa ameaça comum, combinando fogo e gelo em um espetáculo de poder que selou o destino do Coração de Fogo. No fim, a ameaça foi repelida, e o artefato foi guardado em um local secreto, longe das garras dos ambiciosos.

A Batalha dos Dragões passou para a história como um conto de coragem, rivalidade e, acima de tudo, a capacidade de unir forças quando o verdadeiro inimigo se revela. O Vale das Chamas recuperou sua paz, mas o eco das asas e o brilho das chamas permanecem como um lembrete da grandiosidade e da intensidade da batalha que uma vez moldou seu destino.

O UNIVERSO ENCANTADO

Em um belo dia, Dorothy e sua família resolveram se mudar para uma casa muito grande e cheia de mistérios. Ela era uma garota bem curiosa, alegre, esquecida e muito simpática.

A “mansão” para onde Dorothy e seus pais iriam se mudar era na mesma rua em que a garota morava, as crianças da rua sempre achavam que essa casa tinha vários segredos desde muitos anos. Seus antigos moradores sumiram do nada, não deixando nenhum rastro, isso despertava cada vez mais a curiosidade das crianças e principalmente de Dorothy.

Antes deles se mudarem, pediram para a polícia averiguar o local, para ver se não tinha nenhum rastro ou animais perigosos, já que a casa não tinha moradores há um bom tempo. A moradia tinha um lindo jardim, bem grande com bastante árvores. A família de Dorothy mandou reformar a casa por completo, só que acabaram esquecendo de pedir para reformar o porão; depois de um tempo os pais de Dorothy perceberam que haviam esquecido de reformar o próprio; mas acabaram deixando a reforma do porão de lado, pois ninguém iria usar aquele local.

Quando a casa ficou pronta, ela era uma das mais lindas da rua. Dorothy se apaixonou pelo seu lar, principalmente o seu quarto.

Depois de um mês morando lá, a menina começou a ter curiosidade sobre o porão da casa. Então, um belo dia resolveu tomar coragem e ir ver o que aquele lugar obscuro escondia. Lá não tinha nada de mais, somente algumas prateleiras vazias cobertas de pó e uma estante com livros; essa estante parecia um pouco suspeita ao olhar de Dorothy, mas a garota deixou passar.

Em uma quarta-feira Dorothy estava conversando com uma amiga, até que tocou no assunto do porão:

- Amiga acabei de lembrar de algo, esses dias tomei coragem e descii até o porão.
- Sério? Mas o que tinha lá?
- Nada de mais, somente prateleiras empoeiradas e uma estante com livros.
- Mas o que tinha nos livros?
- Não olhei, acabei esquecendo, mas prometo que hoje ainda olho o que tem nos livros.
- Tudo bem, então amanhã nos encontraremos, agora preciso ir, tchau, beijos.

- tchau, beijos.

Dorothy foi correndo para casa, logo quando chegou desceu as escadas em direção ao porão. Ela imediatamente começou a pegar os livros empoeirados para ler. Até que, então, quando ela vai tirar um livro em específico de uma das prateleiras da estante, abre-se uma porta secreta atrás do móvel; Dorothy ficou um pouco assustada, será mesmo verdade que a casa esconde muitos segredos? A curiosidade falava na cabeça dela para ela entrar; depois de lutar muito com a curiosidade, ela decidiu entrar na sala.

Para a surpresa de Dorothy, o local estava vazio, além de ser um portal muito peculiar. Dorothy resolveu entrar e chegou a um universo onde os reinos das histórias clássicas se interligavam. Só que depois dos livros, quer dizer que, como o reino estava após o fim das histórias, os personagens convivem normalmente... Ela também descobriu que uns dos antigos moradores da casa eram os irmãos Grimm. Então fazia todo o sentido. Ela pensava: será mesmo que eles acharam o portal e baseiam-se para criar as histórias, ou então eles que criaram o portal?

Dorothy fez vários amigos como: Ariel, Aurora, o leão covarde, Chapeuzinho vermelho, Gato risonho, Coelho branco, Alice... E ainda por cima conheceu uma outra menina com o mesmo nome que o seu, Dorothy do maravilhoso mágico de Oz. Agora Dorothy tinha inúmeros amigos e, por enquanto, só ela e os antigos moradores da casa sabiam do segredo.

VAZIO INFINITO

Uma vez em que o feitiço do amor é quebrado, as que costumavam ser almas gêmeas não são mais, o amor entrelaçado é corrompido, as pessoas não são mais feitas uma à outra.

Mas toda vez que eu via o seu sorriso, eu discordava. Era tão puro, tão inocente, que a arrogância não me importava. Eu me perdia no quão lindo.

E se for para me culpar, o amor me deixou louca. Uma vez fui uma Hera Venenosa, mas agora sou sua Margarida, tão doce quanto, tão sincera como uma. Cada “Eu te amo” era um bálsamo calmante, como se estivesse acorrentada às palavras.

São como dizem, a paixão é cega, os defeitos se tornam mínimos. Eu me recordo cegamente de suas mãos que encontram a minha cintura, a paisagem do oriente, como cicatriz de idade pairando ao rosto após a queda.

Por você, eu falharia em desgraça apenas para tocar ao seu sutil rosto, com suas feições angelicais sobre a ponta dos dedos. Implorava de joelhos para você ficar.

- A gente foi um erro - ele começa.

O anel de compromisso pelos dois anos de um relacionamento persistente, apaixonado, é jogado sobre a mesa, como um lembrete de como Peeta não me ama-me. Não como costumava fazer.

Um suspiro estrangulado escapa da minha garganta. Meus joelhos fraquejam, prontos para implorar.

Ele não pode. Mellark não pode me deixar.

- Peeta, por favor - suplico. Sinto um nó acorrentar minha garganta. - Eu te amo.

Seus olhos azuis finalmente encontram os meus. Como a primeira vez em que eu o vi. Ele continua lindo. Deslumbrante. Perfeito.

Sinto que nunca o amei tanto quanto nos momentos de crise.

- Droga, Katniss - ele resmunga, sem conter sua frustração pelas minhas palavras.

- Você ainda quer?

Não consigo concordar sem hesitar. Meu coração está batendo e tenho certeza que Peeta consegue ouvi-lo. Acho que vou explodir em diversos e imensos pedaços.

- Sim, por favor.

- Seja sincera. - Ele pede com atenção.

O olhar que ofereço é uma pista do meu cansaço por Peeta. Não por anos de desprezo. Não por sua falta de insistência em nosso relacionamento.

Meu “sim” é inaudível, negado por minha pequena consciência que ainda me resta.

- Sim. - Repito mais alto, mais confiante. - Sim. Eu quero. Eu estou sendo sincera.

Meu corpo treme ao sentir aquelas mãos familiares abraçarem meu corpo, destacando minhas curvas como somente meu namorado consegue.

Eu provoco as brigas, percebo. Peeta nunca me machucaria.

Estou repleta de culpa por meus erros. Que não pertencem a Peeta.

- Desculpa, - sussurro, acariciando a parte elevada de seus cabelos louros. Sou capaz de repetir. - Desculpa.

Peeta devolve as palavras mais calmantes para mim, esfregando as palmas enfaixadas - pelo machucado que eu causei - ao empurrá-lo diante de cacos de vidro - em minha cintura. É lar. Como receber um abraço da mãe após a caça sangrenta de meu distrito.

Por um momento, não sinto falta do antigo Peeta. O que dedicava a vida inteira para mim. Seria injusto.

- Katniss, relaxe - ele me acalma, deslizando as mãos para minhas costas, apoiando-as em minha coluna.

Desejo pedir “desculpa” novamente. Estou ansiosa por isso. Pelo meu perdão, ao invés de palavras dóceis que diminuem minha culpa.

Pelos próximos minutos, estou presa no abraço. Não hesito em apoiar meu queixo em sua clavícula, ainda abraçando-o com todo o meu amor.

Everdeen, - ele chama, pressionando o polegar abaixo do meu queixo. Estremeço a um simples toque do garoto que amo. - Você fica linda chorando.

Minhas bochechas tingem-se com um rubor rosa. Por um segundo, talvez, a única coisa que tenho fé, seja em nós dois.

- Não me deixe. - sussurro. Imagino que ele esteja ciente do meu tom extremamente vulnerável.

- Eu não deixarei.

Ele repete o mesmo ao subir no altar...

SEGREDO DA MEIA-NOITE

Era uma vez uma cidade, que não era igual às outras. Alguns diziam que ela era assombrada, já outros achavam que as histórias por trás dela eram algo fictício. Todos que passavam por lá diziam que ouviam pedidos de socorro, gritos de desespero, ruídos estranhos e muito mais. Como as pessoas temiam o que havia lá dentro, trancaram-na e nunca mais foi aberta.

Havia uma menina que tinha o sonho de entrar nessa cidade, descobrir a história por trás dela e tornar-se mundialmente famosa, o nome dessa garota é Hanna; ela, quando criança, tinha muito medo dessa cidade, pois acreditava que lá dentro havia fantasmas; mas ela superou esse medo e agora conseguiu uma autorização para poder entrar dentro dessa cidade com sua equipe de escavação para explorarem mais a fundo este lugar. Ela ficou muito feliz, pois agora ela conseguirá realizar seu maior sonho. Então logo foi correndo contar para sua mãe:

- Mãe, mãe! Eu consegui, eu consegui!
- Conseguiu o que minha filha?
- A autorização para entrar na cidade!
- Nossa, minha filha, que bom que você conseguiu, estou muito feliz por você!

Após contar essa maravilhosa notícia, sua mãe foi correndo dizer aos seus colegas de trabalho que eles finalmente conseguiram:

- Emma, Olivia! Nós conseguimos, finalmente conseguimos.
- Não acredito, Hanna! Depois de tanto trabalho e dedicação, finalmente conquistamos.
- Sério? Não acredito que depois de tanto tempo finalmente deu certo!
- Oi, gente, do que vocês estão falando?
- Oi, galera!
- Nós estávamos falando... Que finalmente conseguimos a autorização para entrar na cidade!
- MENTIRA! Depois de tanto esforço, finalmente.
- Então nosso esforço valeu a pena.
- Tchau, pessoal, já vou indo, mas se arrumem que amanhã partiremos para a

cidade e não esqueçam de chamar os nossos ajudantes para irem junto!

Quando ela chegou em casa, foi logo arrumar as suas malas; como já estava muito tarde, logo foi deitar para dormir; mas ela fez tudo, menos dormir; de tão ansiosa que estava ficou arrumando o cabelo, mexendo no celular, fazendo alguns lanchinhos para levar junto nessa aventura e muito mais. Na manhã seguinte, ela se despediu de sua mãe e embarcou no carro para irem em direção a mais uma de suas expedições.

Quando chegaram lá mostraram a autorização e entraram, todos ficaram chocados com a quantidade de monumentos e antiguidades que aquela cidade possuía; então como ficaram tão surpresos, resolveram armar suas barracas e já ir explorar. Todos haviam saído, menos Hanna, pois antes de explorar esta cidade ela queria saber a história que havia por trás dela. Então ela fez dias e dias de pesquisa enquanto seus colegas de equipe achavam objetos, ossos antigos e até mesmo monumentos muito valiosos, até que um dia ela teve um resultado:

- Pessoal, pessoal, venham aqui, tenho uma ótima e uma péssima notícia.

Quando todos chegaram, ela começou a falar:

- Bom, vocês viram que nesses últimos dias eu não saí para explorar com vocês, eu não ia, pois estava fazendo uma pesquisa, tentando descobrir a história desta cidade. E eu descobri que essa cidade há muito, muito, muito tempo era uma das cidades mais ricas do mundo; nela havia muito ouro, pedras preciosas e vários diamantes. E a péssima notícia é que eu descobri o motivo pelo qual ela está abandonada, quando essa cidade estava no seu maior tempo de riqueza, simplesmente inundou, aí vocês perguntam como? E esse fato ainda é misterioso, pois não havia rios, nem lagos, lagoas, nem sequer mar por perto.

Todos ficaram surpresos com esta descoberta, mas agora estavam mais ansiosos para explorar as profundezas desta cidade. Ainda naquela noite Olivia acordou com muita vontade de ir ao banheiro, então foi lá fora; até que percebeu algo muito estranho, ouviu uma voz muito estranha, sempre repetindo a mesma coisa:

- Saiam, saiam intrusos, vocês não merecem o que está aqui!
- Quem é você, melhor, o que você é?

Olivia, achando que estava alucinando, voltou a dormir. Então, no dia seguinte, todos se reuniram para ir atrás dessas pedras preciosas; mas quando chegaram, perceberam que havia algo muito estranho naquela mina, ela parecia estar nova, como se ainda estivesse sendo utilizada. Quando chegaram mais perto, ouviram um barulho muito estranho, como se fossem ondas do mar: não deu tempo de correr porque a água os levou.

DESCONHECIDO

Em maio de 2009, andava pelas ruas estreitas e vazias, uma mulher elegante, com um penteado maravilhoso e um casaco que chegava aos seus pés de tão grande. Mas uma mulher tão elegante andando nessas horas da noite, estava pedindo para ser assaltada? Foi assim que pensaram os fofoqueiros do bairro. Até que a mulher parou abruptamente, pois a rua era sem saída, aquilo era uma armadilha? - Pensava um garotinho.

Rapidamente, um homem com um capuz chega perto da mulher. A aparência do homem nada agradava, mas estranhamente a mulher abraça o homem com força, dando até um beijo na bochecha dele; os vizinhos novamente pensavam: “Essa linda mulher com um cara desses?” Uma das vizinhas achou tão estranho, que decidiu perguntar a ela; quando chegou logo foi a afastando do homem

- “Você está bem, querida?” - A vizinha pergunta, com um tom de preocupação nítido em sua voz; a moça fica parada e não fala nada por alguns segundos.
- “Sim, por que a senhora está me perguntando isso?” - A mulher pergunta, fazendo um sinal de dúvida.
- “Pergunto, pois nunca vi você andando por essa rua, e ainda mais abraçando esse homem.” - A vizinha fala finalmente, descobrindo o mistério daquela noite fria.
- “Ele é um amigo próximo a mim, e se eu estou o abraçando ou não, isso não é da sua conta.” - A mulher diz voltando para o homem e logo depois os dois vão embora num carro branco e velho.

Depois de 2 dias, encontraram o corpo da mulher esparramado na estrada com sinais de violência, procuraram por dias o assassino mas nunca o acharam, os policiais só sabiam de uma coisa: o assassino da mulher elegante tinha um carro branco e velho.

PROCISSÃO DE ALMAS

Nunca acreditei em lendas de Quaresma, até aquela noite.

Era uma noite fria e úmida de abril, e eu estava voltando a pé do meu trabalho, como de costume.

As árvores balançavam com o vento, e uma brisa fria passou pelo meu corpo, causando um leve arrepio.

A rua estava vazia, como sempre, talvez pelo fato de que eu estava andando em um bairro do interior, ou porque era época de Quaresma. A luz fraca da lua refletia nas pedras da estrada, úmidas, por conta da neblina.

Eu estava passando em frente ao cemitério, e uma brisa gélida atravessou meu corpo. Olhei para o cemitério e enxerguei várias pessoas reunidas ao redor de um jazigo, cantando algumas músicas como se fosse um velório.

A curiosidade tomou conta de mim. Aproximei-me lentamente, a fim de tentar descobrir de quem era o velório, mas a sepultura estava fechada.

Tentei sair do cemitério discretamente, mas sem querer acabei pisando em um tijolo solto, fazendo uma das pessoas olhar para mim com um olhar cadavérico, como se pudesse ver cada pecado que eu já havia cometido.

Todos os músculos do meu corpo se contraíram, e preparei-me para correr o mais rápido possível, porém não conseguia me mover.

Vi a pessoa se aproximar de mim cada vez mais, mais e mais, até estar diante de mim.

Com muito esforço, virei-me para trás e vi meu corpo caído no chão, sem vida. A “pessoa” pegou no meu queixo, fazendo-me virar para ela, e disse:

- Corra, volte para casa antes da meia-noite, ou irá virar uma de nós.

Após isso, só me lembro de olhar para o meu relógio e ver o horário: 23h 59 min.

CATEGORIA INF

PSEUDÔNIMO: MEU DEUS NÃO ESTÁ MORTO

AUTOR(A): JULIA SIGNORI BOENO

COMEÇO DE UMA NOVA VIDA

Lá estava eu, prestes a encerrar o ciclo da minha vida inteira. Encontrava-me em um terraço de um prédio qualquer; quando faltavam apenas alguns segundos para sumir desse mundo terrível, sinto uma mão em volta de minha cintura me puxando para baixo, uma mão firme e máscula, o homem aparentava estar tenso.

- Você é louca? - O homem fala, incrédulo.
- Perdão se você se ofende por eu querer morrer!
- Eu não sou de me interessar pela vida das pessoas, mas não deixaria isso acontecer, então só sai daqui para não causar problemas e parar de querer se matar.

O homem iria descer as escadas, mas recuou.

Quando percebi, já estava sendo arrastada por ele.

Bom, esse foi o começo da minha nova vida.

Meu nome é Jade, tenho 17 anos e o único ser em quem eu poderia confiar, morreu. Meu cachorro faleceu há uns oito meses, também com 17 anos. Nós crescemos juntos e ele era a única amizade que eu tinha até então.

Será que esse é um bom recomeço para minha vida?

- O que você está fazendo? - Digo, tentando me soltar daquele homem.
- Eu quero garantir que você não se mate! - Ele fala e vira para mim.
- Onde você vai me levar?
- Não sei ainda.

Será que posso confiar nesse homem?

Ele me passa tanta confiança, mas não sei por que.

- Leve-me para sua casa. - Respiro fundo.
- O que? - O garoto levanta o cenho surpreendido com o meu pedido.
- Eu não posso te levar para minha casa.
- Por que não?

O homem para, pensa, pensa por bom tempo e responde:

- Tudo bem. - Ele suspira pesado.
- Ebaa! - Falo com um sorriso no rosto.

Nós estávamos indo para a casa do homem até que eu..

- Aii! - Choramingo.
- O que aconteceu? - Fala preocupado, passando a mão no meu cabelo, como uma forma de consolo.
- Meu pé está doendo muito!

O rapaz, muito atencioso, ajuda-me a levantar e faz um sinal para eu subir em suas costas com ombros largos.

Chegando na casa dele, o ambiente era perfumado e organizado, de uma certa forma, diferente do comum. Não havia muitos móveis, apenas o essencial, pois morava sozinho.

Ele me aconchegou em seu sofá, sentando-se ao meu lado, segurou meu pé, e começou a fazer uma massagem com movimentos leves.

Estava olhando para aquele homem com muita atenção, pois algo nele me atraiu, algo fora do normal, uma coisa nunca presenciada.

Aqueles olhos cativantes e seu sorriso com covinhas, seu cabelo liso e platinado, um brinco em apenas uma das orelhas. Seu físico e o lado emocional brilhavam diante aos meus olhos, eu realmente gostei dele. Apesar de ser uma pessoa muito atraente, não sabia se tinha namorada.

- Como é seu nome? - Perguntei.
- Diogo, e o seu?
- Jade.
- Jade, você namora? - O maior pede.
- Não, creio que você também.
- Pois é, acertou em cheio, terminei recentemente um namoro, o único que já tive. - Quando aquelas palavras saíram de sua boca, fiquei completamente, extremamente em choque, nunca imaginaria isso vindo dele, um ser tão charmoso ter namorado apenas uma vez, surpreendeu.
- Você tem quantos anos?
- Tenho 19 anos, e você?
- Fiz 17 esse ano.

Nós estávamos fazendo contato visual, o que me deixou ainda mais nervosa dessa atitude, seus olhos verdes me deixavam intimidada. Até eu cortar essa conexão ao sentir minhas bochechas corarem.

Já era tarde, e eu queria voltar para casa. Diogo se ofereceu para me levar até minha residência.

Madrugada fria, com dois corações frios, talvez com a presença de um e outro esquentasse essa alma. Totalmente indispostos e cansados, chegaram à casa destinada. Jade

convidou o indivíduo para entrar, e assim foi feito.

Eles dormiram juntos, e logo de manhã, ela acordou e foi se higienizar. Após, foi escrever em seu diário, o sentimento por aquele homem espalhado por todo o seu corpo.

Fui tomar café e Diogo apareceu ao meu lado, ele estava rindo da situação, pois estava com pão na boca e a xícara na mão, minha roupa e minha touca eram de cetim, o que me deixou ainda mais fofa naquela ocasião.

Ele saiu correndo por causa de uma reunião de trabalho e depois disso, não o vi. Nossos corpos sentiam falta um do outro, isso eu tinha certeza, a seguir, nunca mais fui a mesma.

Passaram dois, três, quatro meses, e não via o homem.

Mas uma noite chegou, e eu estava sentada em um banco de uma pracinha, próxima de casa. E lá, na escuridão, estava ele.

- DIOGO! - Exclamei.

Ele veio correndo em minha direção, e abraçou-me, mas que conexão!

Ele era feito para mim, e eu feita para ele, Deus nos uniu, em um momento difícil de nossas vidas. A separação de um curto período me fez perceber que eu precisava dele.

Nossos lábios quentes se uniram, fazendo minhas mãos percorrerem pelo seu pescoço, puxei sua corrente, trazendo-o para mais perto, minha boca selando a sua fez perceber o quão bom é viver, ainda mais ao lado de quem eu amo. Todo aquele desejo de querer desaparecer, sumiu.

Depois de muito carinho, falei:

- Vamos viver dois, três, sete!
- O que é isso?
- Dois corpos, três palavras e sete letras, EU TE AMO!

UMA SEMENTE E DE REPENTE SURTIU O MUNDO TERRA

Tantas perguntas sem respostas de como a Terra surgiu. Há muitas teorias, e a principal é a de uma semente que surgiu no passado.

Já se perguntou como é a história? A resposta para essa pergunta é grande e bonita.

Um tempo atrás, antes de a Terra existir, havia um enorme conjunto de civilizações na galáxia chamado Xelalon.

Eles não eram agressivos para ninguém, mas havia um rei que não gostava do resto das civilizações, pois sua única filha, Áurea, tinha o deixado por causa de um príncipe chamado Cristovam, de outra civilização. Os dois fugiram para um mundo nunca habitado.

Lá os dois se casam, e o planeta, que antes era cinza e triste, agora estava com vida, e um povo feliz e alegre morava lá. E adoravam o Rei Cristovam e a Rainha Áurea. Todos eram felizes, menos o Rei Martim, o pai de Áurea, que agora estava triste e com muita raiva do príncipe que roubou o amor de sua filha.

O Rei Martim possuía um plano. O plano tinha o objetivo de pegar sua filha de volta e conquistar o planeta onde ela governava. O plano é iniciado na data **93 de marenechenel de 77789**.

Porém, a guerra acabou no outro dia por causa de uma enorme nevasca.

Para a guerra acontecer de novo demorou um ano.

No dia **93 de marenechenel de 77790** recomeça a guerra, porém essa acabou mais rápido do que a primeira por causa de uma forte tempestade.

O Rei Cristovam e a Rainha Áurea estavam prontos para a guerra, porém esta nunca acontecia.

No dia **112 de marenechenel de 80800**, aparecem para o Rei Cristovam e para a Rainha Áurea os espíritos mais poderosos de toda a grande civilização Xelalon. Eles contam que existe um anel que poderia tirar todo o poder deles. O poder seria da pessoa que o usasse, e que o anel estava localizado no centro da Floresta Mesclada, em torno do galho mais alto da árvore mais velha da floresta. Não podia cair em mãos erradas! Além dos reis, havia outra pessoa ouvindo essa conversa. Era Sebastian. Ele era de grande confiança dos reis, ou

será que não? Sebastian, na verdade, trabalhava para o Rei M

E foi correndo contar para o Rei Martim o que tinha ouvido.

Rei Martim, muito feliz com o que ouviu, já planejava como pegar o anel na Floresta Mesclada. Porém, ele não era o único que estava se preparando. O Rei Cristovam e a Rainha Áurea também estavam se aprontando para ir à Floresta. Rei Martim saiu dia 114 de marenechenel de 80800 para a Floresta Mesclada. Rei Cristovam e Rainha Áurea saíram dia 115 de marenechenel de 80800 para a Floresta Mesclada. Rei Martim chega até a árvore antes de sua filha, sobe na árvore e chega até o anel, saindo sem deixar rastros. Quando Áurea e Cristovam chegam, umas borboletas que se transformavam em fadas e que habitavam a árvore contam que um homem chamado Martim tinha passado por ali e que agora possuía o anel.

Áurea e Cristovam vão correndo para ver como estava seu Reino, mas infelizmente já era tarde demais! Rei Martim estava com o anel e todo o poder era dele. Ele tinha escravizado toda a civilização que sua filha governava. Ele pega Áurea e tenta levá-la para casa, mas ela insiste em ficar. Mas antes de qualquer coisa acontecer só se ouve uma explosão e depois o nada. O povo Xelalon foi destruído! Porém, no escuro só se viam dois pedacinhos brilhantes, eram as almas do eterno Rei Cristovam e da eterna Rainha Áurea. O amor deles era tão grande, que os espíritos com o que sobrava do poder deles, fizeram um tipo de semente unindo as duas almas e com ela iniciaria a existência da Terra.

Então, o que formou nosso lar chamado Terra foi a união eterna de dois apaixonados que nunca conseguiram ficar livres!

ORION E A TEMPESTADE DE LUNA

Era uma tarde dourada de verão, o campo vasto e sem fim se estendia até onde os olhos podiam alcançar. O vento suave balançava as folhas das árvores distantes e espalhava o perfume das flores silvestres. Entre as colinas suaves, um grupo de cavalos corria livremente, suas crinas esvoaçando ao ritmo da brisa.

No centro do grupo, destacava-se um cavalo de pelo castanho, alto e elegante. Seu nome era Orion, conhecido por sua força e agilidade. Era o líder do bando, o mais destemido e protetor. Sob seu comando, os outros cavalos corriam com confiança, como se o próprio vento os guiasse.

Entre os cavalos mais jovens, estava Luna, uma potra de cor cinza, com olhos curiosos e espírito aventureiro. Ela admirava Orion e sonhava em um dia correr ao seu lado, ser tão forte e corajosa quanto ele. Mas, por enquanto, ainda era jovem e inexperiente, aprendendo a cada passo, a cada galope.

Certo dia, uma tempestade inesperada se formou no horizonte. O céu, antes claro, cobriu-se de nuvens escuras, e o vento, que antes acariciava as planícies, agora soprava com força, trazendo o cheiro de chuva. A tropa de cavalos, atenta ao perigo, começou a procurar abrigo. Orion, à frente de todos, guiava-os para uma floresta próxima.

Luna, no entanto, movida por sua curiosidade, afastou-se sem perceber.

Encantada pelo som do vento e pelo cheiro fresco da chuva, galopou em uma direção diferente, explorando novos caminhos. Quando se deu conta, já estava longe da tropa e da segurança que Orion oferecia.

O trovão ribombou no céu, e Luna, assustada, parou de repente. O coração disparou em seu peito enquanto ela olhava em volta, percebendo que estava sozinha. A chuva começou a cair forte, encharcando seu pelo e tornando o chão lamacento e escorregadio.

Em meio à tempestade, ela ouviu um som familiar: o galope forte de Orion.

Ele havia notado sua ausência e, sem hesitar, voltou para procurá-la. Seus olhos se encontraram por um breve momento, e Orion, com um relincho encorajador, aproximou-se da jovem potra. Ele não a repreendeu por ter se afastado, mas a conduziu de volta ao grupo com paciência e segurança.

Juntos, os dois cavalos correram de volta ao bando, agora unidos pela experiência compartilhada. A tempestade passou, e quando o sol finalmente voltou a brilhar, Luna olhou

para Orion com ainda mais admiração. Naquele dia, ela aprendeu não apenas sobre a importância da liderança e da coragem, mas também sobre o valor da confiança e do companheirismo.

A partir daquele momento, sempre que o bando corria pelas planícies, Luna estava ao lado de Orion, não mais como uma potra curiosa, mas como uma jovem que começava a entender a verdadeira essência da liberdade e do espírito dos cavalos.

CATEGORIA INF

PSEUDÔNIMO: MIGEL MAUSE

AUTOR(A): MIGUEL GESKE DUDA

O JAVALI

Era uma vez, em um dia ensolarado, numa floresta, um jovem javali selvagem que acordou com muita fome, então foi procurar algo para comer. Ele achou uma árvore cheia de maçãs, só havia um problema: como ele iria pegar as maçãs lá no alto da árvore.

Como ele tinha uma cabeça muito dura, ele deu uma cabeçada na árvore e todas as maçãs caem da árvore, ele como é muito guloso come todas elas. Depois, de barriga cheia, ele foi dar uma volta pela floresta ele foi entrando cada vez mais fundo, até que ele ouviu um choro como se fosse de uma criança, cada vez mais perto. Quando chegou lá, ele viu um bebê, ele estava assustado pois nunca viu um ser humano, ele chegou perto do bebê e logo parou de chorar, o bebê começou a rir e tentou brincar com o javali.

O javali, indeciso e com muito medo, levou o bebê para sua toca para cuidar dele; todos os dias o javali seguia sua rotina normal, mas pegando comida em dobro e levando para o bebê, que foi crescendo e crescendo. Ele aprendeu tanto com o javali que ele tinha a mesma resistência e elasticidade dele, quando ele aprendeu a falar, começou a se chamar de Inosuke.

Quando Inosuke completou seus 12 anos, infelizmente sua “mãe” faleceu, ele seguiu seu próprio caminho mas como uma lembrança: ele pegou a cabeça do javali e começou a usar como uma veste em sua cabeça. Ele finalmente encontra uma cidade, na frente dela havia duas espadas meio quebradas; ele as pegou e ouviu algumas pessoas falando que havia monstros demônios pela cidade, só que eles só apareciam à noite.

A noite chegou, Inosuke, sem teto e apenas duas espadas contra vários monstros, enfrentou cada um deles, ele ficou alegre; depois, quando o dia voltou, ele achou um emprego: caçar demônios à noite para proteger as pessoas inocentes.

CATEGORIA INF

PSEUDÔNIMO: MEGA JUJUR

AUTOR(A): GUILHERME ALMEIDA MAYER

SUPER MOMBO

Era uma vez um pequeno mombo que andava em sua vila, até que em um dia...

Tudo mudou: apareceu um monstro em sua vila que era apelidado de rei do pesadelo.

E então um mestre do karatê viu que ele tinha um grande potencial e falou:

- Ei ... eu não sei quem você é, mas eu sei que você tem um grande potencial.

E o mombo fez um joinha e começou a treinar duro todos os dias, sem descanso e em um certo dia ele encontrou um porco que era chamado de imperador suíno. Então ele decidiu derrotar o imperador suíno e depois ele conseguiu um novo poder que era o poder de fogo. O mestre ficou impressionado e o mombo sonhava com o rei do pesadelo todos os dias, então o mombo

Começou a treinar todos os dias e depois de muito tempo ele chegou ao reino do pesadelo e enfrentou o rei dos pesadelos. Finalmente ele conseguiu alcançar seus objetivos.

MEME SEA

O Meme Sea é um jogo que pertence à plataforma do Roblox, inspirado no blox fruits mas que envolve vários memes famosos. Você no começo tem que eliminar todos os npcs da ilha 1, mas sempre pegando missões. Meme Sea é um jogo de RPG no Roblox que visa obter melhores frutos e atualizar suas estatísticas para se tornar mais forte e derrotar inimigos fortes.

Lute contra outros jogadores e explore a ilha dos memes. Você provavelmente será destruído no início, mas eventualmente melhorará na arena ganhando experiência e usando atualizações ao explorar esta experiência divertida e impressionante.

Meme Sea combinou dois dos passados favoritos da internet, memes e personagens de anime. Inspirado nos mapas e mundos de One Piece, agora eu poderia lutar com talento enquanto usava meu meme de animal favorito para fortalecer e derrotar aqueles memes de gatos malvados. Eu precisava de um impulso em joias e dinheiro para ficar mais forte, no entanto, o Meme Sea (jogo famoso atualmente) teve um problemão, ele começou bem mas depois de 3 atualizações a equipe que produziu o jogo parou de atualizar. Depois da atualização 4, o jogo bombou novamente.

A AVENTURA ASSOMBRADA DE CHICO

Era uma vez um fazendeiro chamado Chico que morava sozinho em sua fazenda, lá era um lugar relaxante e muito calmo, cheio de animais e muito trabalho a fazer.

Um dia, enquanto tratava as vacas, viu alguma coisa no ar que parecia ter aterrizado ali perto. Depois que seu Chico terminou de tratar as vacas ele foi ver o que era aquilo que tinha aterrissado ali perto. Quando ele chegou lá se deparou com uma nave um pouco estranha que tinha sido destruída; quando caiu mas parecia que alguém tinha saído da nave, pois tinha uma porta e ela estava aberta. Chico não ficou assustado, pois a porta podia ter se aberto na hora da queda. Mas, depois de um tempo explorando a nave, começou a ouvir da mata vários barulho estranhos; Chico ficou muito assustado e então voltou para sua casa, pois também já era tarde da noite. Quando Chico chegou a sua casa, ele fez fogo na lareira e uma janta bem gostosa e foi dormir, pois no outro dia teria uma feira de bovinos e queria ir.

No outro dia, Chico acordou animado, tomou um café bem reforçado e arrumou-se para a feira. Quando ele chegou lá, tinha várias pessoas e bois expostos, mas o tempo mudou completamente, ficou chuvoso e tiveram que cancelar a feira. Chico ficou bem triste que tinham cancelado a feira, então ele pensou em voltar para casa, pegou seu carro e voltou; quando estava próximo a sua propriedade o carro atolou numa poça de lama e ele ficou preso no meio da estrada. Chico ficou com medo, pois ali onde o carro atolou, era onde havia os barulhos estranhos que viam de perto da nave.

Depois de muito tempo ali esperando a chuva acalmar para voltar a pé para casa, Chico começou a ouvir barulhos na mata e ficou mais assustado ainda. À noite, a chuva acalmou, mas Chico estava com medo e queria ficar ali. Os barulhos da mata começaram a aumentar e Chico, de tanto medo, desmaiou. Quando Chico acordou do desmaio ele estava numa cabana gigante que parecia até uma casa, só que a cabana era completamente trancada:

- Parece que não estou sozinho! Disse Chico, tremendo de medo.

Então Chico começou a andar pela cabana para ver se tinha algo que precisava naquele momento, até que ele começou a ouvir passos atrás dele e quando ele se virou era uma criatura estranha e toda deformada que estava morrendo de fome e queria comê-lo. Chico, sem pensar, correu para um quarto um pouco mais longe da criatura para ela não encontrá-lo;

quando ela entrou no quarto, Chico ficou em silêncio sem nem respirar. Quando a criatura saiu, Chico vasculhou todos os armários e estantes e achou uma chave que era a que ele precisava para fugir da cabana; enquanto estava voltando para a porta principal da cabana, a criatura estava esperando, Chico se assustou e foi correndo num quarto e se escondeu debaixo de uma cama. A criatura chegou e Chico mais uma vez ficou calado e sem respirar; depois da criatura procurar naquele quarto inteiro, ele foi para um quarto mais pra trás e Chico foi correndo na entrada principal para abrir o cadeado e fugir daquela cabana enorme e horripilante.

Por fim, Chico volta à nave espacial para ver se conseguia consertar, mas quando chegou lá estava a criatura entrando na nave e decolando. Então Chico voltou a sua casa e voltou a viver sua vida normalmente.

O SORVETEIRO MANÍACO

Era uma vez um menino que se chamava Leleco. Ele chegava da escola e, ao sair do ônibus, falou:

- Estou varado de fome. - Sua mãe disse:
- O almoço é arroz e feijão!
- Mas mãe, você sabe que eu não gosto!

Irritado, Leleco subiu as escadas batendo o pé no chão, começou a ranger e foi para o quarto. Sua mãe botou ele de castigo, Leleco olhou para janela viu um sorveteiro e uma criança indo comprar sorvete; na hora de pagar, o sorveteiro congela a criança. Leleco assustado foi contar tudo para a mãe, mas sua mãe disse que é só coisa da cabeça dele. Leleco jura que não era coisa da sua cabeça, então esperou sua mãe ir dormir e saiu pela janela com lençóis da cama; ao sair encontra um mapa no chão e decide ir onde o mapa marcava. Seguiu a rua escura, Leleco estava tão assustado com um gato saindo da lixeira ou um vento pegando nas folhas caídas; ao seguir a rua, encontra um beco escuro só tendo luz no final; pensou em desistir, mas quando lembrou da criança sendo congelada decidiu entrar no beco. Ele ouvia barulhos estranhos! “Poof, poof”!, até que enfim chegou no final e encontrou uma cabana; decidiu entrar na cabana e viu o sorveteiro tirando os corpos congelados. Assustado, pega seu telefone e começa a gravar, sem querer acaba derrubando um vaso e quebra. O sorveteiro, ao ouvir o barulho, vira e vê o menino. Ele larga tudo que estava fazendo e vai atrás do menino. Depois de um bom tempo, Leleco se esconde numa casa perto da cabana, ele resolve voltar à cabana mesmo sabendo que o sorveteiro estaria à espreita.

Mas como Leleco havia suspeitado, o sorveteiro botou trancas na entrada da cabana e dois cachorros de guarda, instala umas armadilhas para Leleco não conseguir soltar os prisioneiros. Leleco procura em volta, vê uma casa abandonada e entra; após entrar ele procura nas gavetas podres alguma chave ou algo para adormecer os cães, não acha nada mas continua a procurar.

Depois de muito tempo, ele encontra uns bifes para os cachorros; então ele volta para casa atravessando o beco escuro novamente, só que dessa vez ele viu uma pessoa desconhecida na porta de sua casa. Ao chegar mais perto, percebe que a pessoa era na verdade os pais da criança congelada pelo sorveteiro; não querendo preocupar os pais, fala que viu ela pela última vez comprando sorvete; os pais perguntam:

- Você por acaso lembra o nome da van ou a placa?
- Não sei a placa, mas sei que estava escrito '*frozen children*'.
- Obrigado.

Os pais dizem e vão embora. Leleco sobe pela janela com os lençóis que havia usado antes; quando subiu, ele pegou uns cliques e um alicate e volta para a cabana. O sorveteiro estava na frente; então Leleco teve que ir por trás da cabana. Entrando na cabana, Leleco vê muitas coisas de armas com sangue e uma chave, do lado da chave havia um rastro de sangue, segue até o final do rastro e quando chegou lá viu o sorveteiro pronto para usar as crianças em seu sorvete. Leleco, para evitar, derruba a chave no chão e o sorveteiro vai atrás dele. Leleco dá a volta na cabana, foge, pega a chave do sorveteiro que ele derrubou quando estava correndo atrás dele e faz uma distração. O sorveteiro vai atrás, mas mal sabia que Leleco já havia bolado um plano e, quando o sorveteiro foi ver, a polícia estava esperando e Leleco pega a chave e solta a criança congelada. Ele é visto como herói.

A GUARDIÃ DA FLORESTA

No coração de uma floresta densa e misteriosa, havia uma pequena aldeia que vivia em harmonia com a natureza. Os aldeões contavam histórias sobre uma guardiã que protegia a floresta há séculos, uma figura envolta em lendas e segredo. Diziam que ela era uma jovem de cabelo longo, ondulado e loiro, que seus olhos eram verdes, sua pele era branca e ela se chamava Júlia.

Certo dia, Júlia estava andando pela floresta em busca de um namorado, mas todos os meninos que ela via não faziam o seu tipo. Depois de um tempo Júlia finalmente encontrou um menino que fazia seu tipo, que se chamava Kévin. Passaram dias e dias e Júlia e Kévin começaram a namorar. Júlia ainda não estava feliz, pois Kévin era muito tóxico, então Júlia decide terminar.

No outro dia, Júlia sai em busca de outro namorado; depois de andar muito ela encontra um menino chamado Joaquim, ela foi até lá puxar um papo com ele, eles conversaram e riram bastante. Então Joaquim convida Júlia para um *date* e é claro que ela aceitou; Júlia foi para casa e tomou banho, escolheu uma roupa, penteou seu cabelo e lá se foi.

Chegando lá, Joaquim a cumprimenta e puxa a cadeira para ela sentar; depois de pedirem a comida, eles conversam e descobrem que eles têm várias coisas em comum. A comida chega, eles comem e conversam bastante. Depois disso, Joaquim pede a conta e paga. Depois desse dia, eles começam a namorar e Júlia percebe que encontrou o namorado que ela sempre sonhou.

A ESCOLA ESPECIAL

Era uma vez uma menina chamada Catarina, que vivia em uma cidadezinha bem pequenininha, junto com seus pais Ana e Paulo. Catarina adorava caminhar com suas amigas pela praça, tomando um tereré. Seus hobbies eram patinação e tênis, sua dupla no tênis era sua melhor amiga Maya e na patinação as duas tinham um quarteto com Noah, que também era sua dupla em algumas coreografias, e Ester.

Um dia Catarina volta da escola super feliz, pois tinha passado na prova; quando se senta no sofá, seus pais vêm falando que precisariam dar uma notícia muito boa:

- Filha, nós iremos nos mudar, para TRÊS DE MAIO, olha que legal, seu pai recebeu uma oferta, você poderá patinar com aquelas patinadoras campeãs mundiais.

Na mesma hora ela desabou no choro e saiu correndo para o seu quarto, pois não queria se mudar, ela queria ficar com seus amigos; mas nada mudaria, pois seu pai já tinha aceitado a proposta; depois de duas semanas eles foram a caminho de Tres de Maio.

Chegando lá, eles desempacotaram tudo e foram dormir, pois já era tarde e no outro dia Cat já teria que ir à escola. Então ela acordou cedo, pois a sua falecida tia sempre dizia que a primeira impressão é a que fica. Chegando na escola, as pessoas ficavam olhando-a com cara feia, de nojo e ela fica constrangida por alguns meses, até esse constrangimento passar e virar algo pior, o *bullying*. Ela fica muito triste e deprimida, pois a menina que fazia *bullying* com ela era também seu ídolo Sarah Violo; Cat treinou algumas vezes com ela, mas sempre se sentia mal pelos cochichos e as caras feias.

Catarina entrou em estado de depressão e seus pais decidiram que ela mudaria de escola; procuraram várias escolas mas nenhuma era perfeita até receberem uma recomendação de uma instituição muito boa que já tinha ficado no top 10 de melhores escolas do Brasil, mais conhecida como SETREM, rede Sinodal, cheia de professores esplêndidos e muito amor envolvido a cada pitada de educação. Então, na mesma hora, eles matricularam a menina, pois parecia ser uma escola muito boa.

Alguns dias depois, a menina foi para escola com muito medo de acontecer a mesma coisa que aconteceu na escola antiga, mas isso não aconteceu, ela virou amiga de Julie e

outras meninas , lá ela descobriu o verdadeiro significado de amizade e de uma escola perfeita: a SETREM, sendo muito feliz naquele lugar.

A BATALHA MEDIEVAL

No horizonte do antigo reino de Eldoria, a manhã despontava com uma luz dourada que mal conseguia penetrar as nuvens de fumaça que pairavam sobre o campo de batalha. Era um cenário que mesclava o esplendor da aurora com o presságio sombrio da guerra. As trombetas soavam e os tambores ressoaram como um prelúdio sinistro ao confronto que estava prestes a acontecer.

As tropas se agrupavam em formaturas meticulosas, cada soldado com sua armadura reluzente, armas afiadas e escudos adornados com os emblemas de seus senhores. O solo estava coberto por uma mistura de lama e sangue seco de batalhas anteriores, um testemunho das constantes disputas pelo domínio daquelas terras férteis e ricas.

De um lado, os exércitos de Lorde Aric, conhecido por sua estratégia astuta e habilidades de liderança, preparavam-se para defender suas terras contra a invasão iminente do Senhor Kael, um conquistador ambicioso cujas tropas eram temidas por sua ferocidade e disciplina implacáveis. As bandeiras de Aric tremulavam ao vento, exibindo um leão dourado em campo vermelho, enquanto os estandartes de Kael ostentavam uma águia negra em fundo prateado.

Os cavaleiros, com suas armaduras pesadas e lanças afiadas, alinhavam-se na vanguarda, prontos para a carga devastadora. A infantaria formava fileiras atrás, segurando espadas e machados, suas vozes se misturando em um coro de coragem e ansiedade. Arcos e flechas estavam prontos para serem lançados, e catapultas e trabucos eram posicionados para lançar pedras pesadas sobre as linhas inimigas.

O sinal para o início da batalha foi dado por um rugido estrondoso de trompetas e a carga de cavalaria lançou-se com uma força avassaladora contra as linhas inimigas. O som das armas se chocando e dos gritos de guerra preenchia o ar, enquanto os cavaleiros lutavam com bravura, e os soldados comuns se lançavam em combate corpo a corpo. A terra tremia sob os passos pesados e os impactos das armas, e o céu se obscureceu com a fumaça das tochas e dos fogos de artifício usados para sinalizar e iluminar o campo de batalha.

A batalha se desenrolava como uma dança caótica, com estratégias se desfazendo e reformulando-se em meio ao turbilhão. Heróis surgiam e caíam, e cada momento parecia um

entrelaçamento de glória e tragédia. A bravura dos combatentes e a astúcia dos líderes moldavam o destino daquele dia. As esperanças de vitória e os temores de derrota lutavam lado a lado, enquanto o futuro do reino de Eldoria pendia na balança.

Com o passar das horas, o campo de batalha se tornava um cenário de exaustão e destruição, mas também de determinação implacável. E, conforme o sol se punha e a escuridão tomava conta, o destino dos combatentes estava selado, revelando, finalmente, quem sairia vitorioso e quem teria que aceitar a amarga derrota. A batalha medieval não era apenas um confronto de espadas e escudos, mas uma prova de coragem, lealdade e o custo eterno da guerra.

CATEGORIA INF

PSEUDÔNIMO: LUCHAS PAQUETUDO DO YOUTUBE SE INSCREVE

AUTOR(A): LUCAS FERREIRA PORTOLAN

A ARANHA HOMEM

Um dia uma aranha estava andando até que foi atacada por outra aranha famosa pelas aranhas, mas ela conseguiu fugir. A Aranha, no outro dia, escutou um humano, porém o homem percebeu a aranha, daí mordeu a aranha que conseguiu o poder de homem.

Sua primeira missão foi acabar com o homem água. Foi uma batalha intensa, mas o Aranha Homem apelou para a poluição; um tempo depois o Homem Água faleceu. Derrotou: rocket, ice e raid.

Apesar disso, ele estava perdendo o dinheiro no cassino, só não faleceu porque era rico. Uma semana depois faleceu, porque estava no cassino gastando; não soltava mais cartinhas. Mas ele ficou vivo porque antes de morrer apostou na blaze, e virou o cara mais rico da cidade de Santa Rosa, porém perdeu seus poderes e nunca mais quis ser herói e aprendeu que não é bom ser um super herói.

E tentou voltar, mas antes de conseguir tinha um vilão chamado Fasterlink que estava acabando com todos os super heróis. Daí o Aranha Homem quis fazer a sua última missão, ele foi lá acabar com o Fasterlink, também ele foi capturado pelo vilão. Mas conseguiu sair da armadilha e com seus poderes de água, fogo, terra e sol e acabou com o vilão e tudo ficou feliz para sempre.

CATEGORIA INF

PSEUDÔNIMO: MC LANCHE FELIZ

AUTOR(A): HENRIQUE HOFFMANN

A CASA MAL ASSOMBRADA

Era uma vez dois jovens chamados Leonardo e o outro Perry, eles eram amigos desde a infância, mas um certo dia eles foram andar de bicicleta para um outro lado da cidade. No meio do caminho, acharam uma casa solitária, então eles decidiram entrar nela; quando estavam chegando perto da entrada, veio uma voz de dentro da casa e a porta se abriu sozinha. Eles ficaram com medo, mas decidiram entrar. Quando entraram, a casa tinha muitas teias de aranha, poeira, madeiras podres e pregos enferrujados saltados para fora. Viram um vulto subindo as escadas (tipo um fantasma), foram investigar, e viram aquele vulto de novo indo para um quarto. Depois disso eles tentaram ir embora da casa, mas não conseguiram, pois a porta estava trancada; decidiram ligar para alguém no telefone fixo da casa, mas não conseguiram, pois o telefone era um telefone antigo e viram que não tinham nem um cabo de telefone ali por perto.

Viram que na casa estava escrito Luis Alfredo Garavito; depois de um tempo eles se lembraram que ele era o maior assassino do mundo, que matou 193 pessoas, e botava todas as suas vítimas no porão da casa. E que amaldiçoava as suas vítimas para ficar as suas almas dentro da casa.

Depois disso, decidiram pegar uns colchões velhos que tinham ali por perto e passar a noite. Nesta noite, eles ouviram choros, gritos, vozes de crianças e uma voz de adulto brigando e falando alto com elas. Logo de manhã cedo, as autoridades estavam com helicópteros, cachorros, os familiares deles e quase toda a cidade procurando-os até que eles resolveram rastrear a última localização deles. Viram que estava no meio do mato, na casa do Luis Alfredo Garavito, o maior assassino do mundo; foram lá e acharam os dois e as outras criança que foram perdidas; Leonardo e Perry estavam assustados e apavorados, eles apareceram com caras muito diferentes desde quando eles desapareceram.

A GUERRA DE MIL ANOS

No âmago de uma terra que parecia ter sido esquecida pelo tempo, existia um reino imenso e enigmático, onde a luz do sol nunca tocava o solo e o céu estava sempre encoberto por nuvens pesadas. Este era o Reino de Ézara, um território conhecido por seus vastos campos de batalha e lendas que se arrastavam por séculos. A história de Ézara era marcada por uma guerra que se arrastava há mil anos, conhecida como a Guerra de Mil Anos.

A guerra começou com um conflito aparentemente trivial entre duas tribos vizinhas, os Seldar e os Valtor. Era uma disputa sobre a posse de um rio cristalino que atravessava os limites dos dois reinos. Mas o que parecia ser uma briga por território rapidamente se transformou em um confronto épico quando ambos os lados começaram a recrutar aliados e expandir suas ambições. Aos poucos, o conflito evoluiu para uma batalha interminável que envolveu outros reinos e facções.

A cada década, os exércitos se enfrentavam com fúria e bravura, mas nunca com a intenção de aniquilar completamente o inimigo. Havia uma estranha estabilidade na destruição, uma espécie de ciclo vicioso e cada vitória era seguida por uma nova investida, sem que nunca houvesse uma resolução definitiva. A guerra, paradoxalmente, havia se tornado uma parte intrínseca da vida em Ézara.

HIPOTÉTICO MUNDO DO CARPETE

Há algum tempo atrás, no não ordoxo orfanato Shining, uma garota chamada Bry andava pelo corredor de cabeça baixa e olhos fixados em seus próprios pés descalços, que se arrastavam lentamente pelo carpete vermelho encardido. Enquanto caminhava, ela estava com seu pensamento distante e fora de sua atual realidade, pensando:

“Como será que é morar dentro desse carpete? É melhor que aqui? Hmm, acho que não, pois as pessoas estão sempre pisando aí por cima... Melhor perguntar ao carpete, pois assim talvez eu possa fazer a diferença para... algo... ou alguém... mas.... vão me chamar de louca se me virem falando com um carpete”.

Então, o pensamento logo acabou quando ela se aproximou da escada que dava em direção à saída principal, à direita para a cozinha, e à esquerda, para o quintal. Bry imaginou que, pelo horário, as outras crianças estariam lá fora brincando e, para evitá-las, a garota seguiu pela porta à direita e foi até a cozinha comer algo. Entrando lá, a cozinheira nem se deu o trabalho de virar para trás, e cumprimentá-la, pois ambas se ignoravam sem motivo algum. Após a garota comer um pão com manteiga, ela retornou ao seu quarto rapidamente, pois ouviu passos e altas conversas vindas lá de fora, em ritmo apressado, como se fugisse de um monstro. Bry chegou ofegante em seu quarto e fechou a porta.

Sem saber o que fazer, a garota decidiu ir se deitar, mas, no caminho para sua cama, ela sentiu algo pontudo em seu pé:

- “Ai!” ela exclamou enquanto ficava equilibrada em um pé só e massageava o outro ferido.

Um pouco depois, ela se abaixou e começou a tatear o carpete no intuito de descobrir o causador da sua pequena ferida. Então encontrou um pequeno objeto pontudo de metal, que aparentava ser um alfinete; ao tentar pegá-lo, ela foi magicamente transportada para dentro do carpete. Ela percebeu que estava viajando velozmente para baixo, e cada vez ela se sentia menor.

Bry acordou um bom tempo depois com seus cachos loiros emaranhados em seu rosto,

deitada em um chão estranhamente felpudo cor de terra úmida após uma noite chuvosa. Ela ficou muito confusa sobre o ocorrido, e mil e uma hipóteses passaram por sua cabeça; mas uma coisa era certa, ela foi teletransportada para dentro e bem fundo do carpete, já que alguns “metros” acima dela havia enormes fios vermelhos; ao contrário da vista de cima, a de baixo era bem mais bela, pois o tom de vermelho era incomparavelmente mais limpo e radiante.

A garota levantou, andou um pouco e viu várias pessoas trabalhando e todas do seu tamanho atual. Então, uma pequena mulher carregando um dedal com vários pedaços de comida esbarrou nela, Bry disse:

- Ei, pode me dizer como ou por que eu estou aqui?

Quando isso aconteceu, a mulher a encarou e, sem dizer uma só palavra, saiu correndo, com um semblante muito assustado. Assim, as outras pessoas notaram que a mulher saiu correndo, então não demorou muito para que todos corressem de um lado para o outro, tentando fugir ou se esconder de Bry. Mas, ao contrário da moça do dedal, os outros conversavam alto e saíram o mais rápido possível dali, como se um ninho de ratos fosse encontrado por um gato.

Quando o ambiente ficou calmo, nossa protagonista ficou confusa pelo ocorrido, então decidiu caminhar por onde antes estavam as pessoas trabalhando. Bry caminhou e olhou para os lados procurando algum sinal das pessoas, e disse em alto e bom tom:

- Olá? Tem alguém por aqui? Podem me ajudar? Oi?

Mas nada adiantou, até que a garota foi nocauteada por trás com um pesado pedaço de madeira, e imediatamente desmaiou.

A menina acordou um bom tempo depois da pancada, algemada em uma cadeira em um lugar que aparentava ser um castelo de diversos materiais indefinidos, mas que pareciam dar uma boa estabilidade ao imóvel. Reto em sua frente, um tanto distante, havia uma figura escura, que estava a observando com olhos verdes esmeralda muito brilhantes, e resolveu quebrar o silêncio dizendo:

- Você veio parar no Reino do carpete. Está bem longe do mundo que você pertence, e no pouco tempo que esteve aqui já causou desordem e preocupações em meu povo.

Bry respondeu:

- Não foi minha intenção assustar as pessoas daqui. Por que me trouxeram para cá? Por

que eu estou amarrada? Quem é você?

A sombra se levantou e, à medida que andava, um longo vestido preto com pedras azuis arrastavam no chão, ela respondeu:

- Nós trouxemos você para cá, pois será mais uma Minimus para nosso povo. Eu sou Scarlett, a soberana deste reino, e está algemada pois, após muitos anos de observação, entendemos seu temperamento.

Quando acabara de falar a mulher já estava totalmente visível. Bry refletiu sobre o que a mulher disse então perguntou:

- O que é um Minimus? Por que eu serei mais uma? Por que eu fui escolhida? Como assim, me observando por muitos anos?

Scarlett respondeu, um pouco sem paciência:

- Minimus são os cidadãos desse reino. Você será mais uma porque foi uma decisão do nosso Conselho Supremo, e foi escolhida não por ser especial, mas sim porque sabemos que ninguém notará sua ausência ou sentirá sua falta.

Antes de Bry repetir a última pergunta, a soberana a interrompeu, dizendo:

- Agora chega de perguntas, eu tenho mais o que fazer. Guardas, por favor levem-na para a Janett.

Dando as costas para a garota, Scarlett fez um gesto com a mão, e Bry sentiu suas pálpebras pesarem e adormeceu.

Acordou novamente em uma sala bem aconchegante com cheiro de grama cortada, livro novo e bala de hortelã. Ao olhar para a direita, viu uma mulher de cabelos da cor de uma noite sem estrelas ou luz do luar. Ao vê-la, Bry disse:

- Eu me lembro de você, é a moça do dedal que vi mais cedo!

Janett respondeu calmamente:

- Que bom que acordou, e sua memória está boa, geralmente as outras pessoas demoraram bem menos para acordar. A memória quase se apagou, mas foi voltando com o tempo. Então, Bry, você foi trazida até mim para que eu responda suas perguntas e ensine o que precisa. Resumidamente, o Reino do Carpete é um reino de antigos introvertidos do orfanato, que ninguém gostava. Fomos trazidos para cá após um longo período de observação e decisão. Aqui temos tarefas específicas e sentimo-nos mais úteis do que nunca. Sua função será ser a guardiã do portal, e abri-lo para a próxima pessoa. Nossa soberana, Scarlett, foi a

primeira Minimus do reino. Ela, há muito tempo, era a diretora do orfanato, mas foi teletransportada para o carpete e virou a protetora dos introvertidos. Com o tempo, ela foi aprendendo magia, e ... agora já é uma feiticeira bastante poderosa”.

Então... trrim, trrim, trrim... o despertador de Bry tocou. Ela levantou assustada com a bizarrice que ocorreu, e logo sua mãe a chamou:

- Querida, venha tomar seu café, já está na mesa. Faz vinte minutos que o despertador está tocando, flor, venha ver o dia como está lindo!

A INVASÃO

Era uma moça de 31 anos que estava com pneumonia grave, ela estava internada no hospital em Washington, capital dos Estados Unidos; seu amigo John era enfermeiro da UTI (unidade de terapia intensiva), ele tratava Juliane por ter uma doença extremamente grave.

Certo dia eles estavam conversando, e ouvem diversas sirenes; após olharem pela janela observam várias viaturas do exército passando na rua. Logo ouvem diversas explosões; com muito desespero eles entram no sótão do hospital e ressoa uma sirene, avisando o perigo de meteoros; o que eles não sabiam que não eram meteoros e sim naves extraterrestres que estavam invadindo o planeta Terra.

Juliane e seu amigo John perceberam o perigo e foram se abrigar dentro de um porão, eles estavam trancados, apenas escutando o barulho das naves. Depois de alguns dias, eles decidem sair e procurar uma base de evacuação, passam por mercados abandonados para pegar recursos enlatados, água e muitas outras coisas; eles ouvem um barulho dentro do estoque do supermercado e aproximam-se para tentar identificar o que era. Vão entrando sorrateiramente e percebem que era uma criança, seu nome era Gabriel e era nítido que ele estava muito assustado, a criança então fala:

- Os invasores, eles não gostam de água.

Juliane responde:

- Como você sabe disso?
- Meu pai é cientista e sabia que este desastre iria acontecer, então ele me contou tudo que sabia sobre os invasores, conheço um caminho até a área de evacuação e vamos para lá.

Assim Juliane, John e João seguem o rumo para a base militar, eles vão pelo esgoto pois assim estariam dentro da água. Quando estavam chegando, o caminho do esgoto estava cheio de entulhos, então decidem subir para as ruas, mas o que eles não sabiam era que eles estavam sendo observados.

Um rugido muito alto é soltado e eles começam a correr para a base militar Juliane

acaba ficando presa e manda os dois continuarem correndo; João e John conseguem chegar a base mas Juliana não vai poder contar a história.

O HORIZONTE

Era uma vez um solitário homem chamado Oswaldo. Ele era bem solitário, seu único amigo era o mais belo horizonte, mas certo dia ele estava sonhando e lá apareceu que ele deveria encontrar um amigo.

Mas tinha um porém, Oswaldo era muito tímido, pois ele nunca conversou com ninguém, apenas com o horizonte; o horizonte lhe disse o seguinte:

- Crie coragem, fale como você fala comigo.

Oswaldo respondeu:

- Mas um ser humano é diferente do que um horizonte!
- Apenas faça o que eu pedi!
- Está bem.

Então Oswaldo decidiu ir ao parquinho pela primeira vez; quando chegou ele não tinha coragem para falar com ninguém. Ele estava pensando no seu mais velho amigo horizonte que lhe passou aquelas dicas, mas Oswaldo não conseguiu. Tentou fazer uma amizade em um parque mais isolado, onde não tinha muita gente, até que ele achou uma pessoa e criou coragem:

- Oi, qual é seu nome?

Oswaldo, tremendo de medo, falou para aquela pessoa quando ele menos esperava e a pessoa saiu correndo. Na mesma hora, pensou:

- Ei, você também é amigo do horizonte?

A pessoa misteriosa criou coragem e falou:

- Sim.
- Você tinha amigos?
- Não.

Então, na hora Oswaldo falou:

- Você quer ser meu amigo?
- Pode ser.

Então eles foram ao parque brincar juntos e se divertiram muito até ele começar a pensar que a melhor coisa do mundo era ter amigos. No anoitecer eles combinaram de ir na

casa do Oswaldo. Mas quando eles chegaram em casa, haviam assaltado a casa de Oswaldo.

Oswaldo ficou muito triste, mas seu amigo lhe deu uma nova casa de agradecimento sobre sua primeira amizade bem sucedida; então Oswaldo fez mais e mais amigos e ficaram felizes para sempre.

AS AVENTURAS DO SOLDADO PEDRO

Era um final de dezembro frio em um pequeno vilarejo no sul da Áustria; após uma grande nevasca que havia destruído todas as plantações da região, um grupo de homens decide se aventurar atrás de alimentos e recursos para sustentar os habitantes que até então estavam isolados.

No grupo estava Pedro, um jovem de origem humilde e portuguesa, que havia entrado nas forças armadas austríacas para tentar ajudar sua família. Pedro fazia parte de um pequeno batalhão que havia sido atacado enquanto fazia ronda em uma região próxima da vila; o batalhão fora quase totalmente destruído, dos 30 homens que faziam parte apenas 5 haviam conseguido sobreviver, entre eles estava Pedro e Manuel.

Os dois haviam se conhecido no início da guerra quando, por coincidência, foram nomeados para o mesmo regimento; os dois logo se aproximaram já que ambos eram de origem portuguesa e haviam muitas coisas em comum.

A dura realidade da guerra tinha transformado Pedro e Manuel. Antes jovens esperançosos, agora eram homens marcados pela violência e pela perda. O frio cortante de dezembro só aumentava a sensação de desolação que já reinava em seus corações. Os dois caminhavam lado a lado, suas botas afundando na neve fofa, enquanto o vilarejo que protegiam parecia cada vez mais distante.

O pequeno grupo de sobreviventes avançava lentamente, com a cautela que a guerra havia lhes ensinado. Pedro mantinha seus olhos atentos à paisagem branca, buscando qualquer sinal de perigo, enquanto Manuel caminhava ao seu lado, em silêncio. Ambos sabiam que suas chances de encontrar comida e recursos eram pequenas. A guerra havia devastado a região, e os habitantes restantes estavam tão desesperados quanto eles.

Enquanto avançavam, o vento cortante trazia o uivo distante de lobos, um lembrete de que não eram os únicos a lutar pela sobrevivência. De repente, um dos homens do grupo parou, levantando a mão para sinalizar alerta. Todos se abaixaram instintivamente, suas armas prontas.

Pedro observou com atenção, seus olhos fixos no horizonte branco. Algo se movia entre as árvores distantes, sombras indistintas que pareciam estar os cercando. Com medo, Pedro

apertou o punho ao redor do rifle. O grupo permaneceu em silêncio, esperando, até que as sombras finalmente emergiram das árvores. Para o alívio de todos, era um pequeno grupo de camponeses locais, que também estavam em busca de mantimentos. O líder do grupo, um homem de idade avançada, acenou com a cabeça, reconhecendo a presença dos soldados.

- Vocês estão em busca de comida também, não é? - Perguntou o velho, sua voz rouca e cansada. - Aqui já não há mais nada... A guerra levou tudo.

Pedro assentiu, embora soubesse que a esperança de encontrar algo ainda os mantinha em movimento.

- Não podemos voltar de mãos vazias. Há pessoas contando com a gente na vila. O velho suspirou e apontou para o leste.
- Há uma pequena fazenda ao leste após uma pequena floresta, a cerca de dois quilômetros daqui. Ouvi dizer que os fazendeiros cultivam trigo e mandioca, além de criarem galinhas e vacas, mas os rumores são de que a área está cercada por tropas inimigas. Se vocês forem, estejam preparados para lutar.

O grupo decidiu ir rumo à pequena fazenda, famintos e cansados, mas muito esperançosos. Após horas de caminhada avistaram o local, decidiram então não entrar diretamente e friamente para saquear, mas sim sorrateiramente. O plano seria que 2 homens iriam distrair os fazendeiros e Pedro e Manuel entrariam escondidos pelos fundos.

Enquanto os dois homens se aproximavam da entrada da fazenda para distrair os fazendeiros, Pedro e Manuel se preparavam para o que vinha a seguir. O plano, embora simples, carregava um peso imenso. Cada passo em falso poderia significar não apenas o fracasso, mas a morte. Pedro observava o ambiente ao redor, tentando manter a mente focada, apesar do cansaço que pesava em seus ombros. Ele sabia que, mais do que nunca, a cautela era a chave para a sobrevivência.

Eles se moveram em direção aos fundos da fazenda, com o máximo de silêncio possível, usando as árvores próximas e a neve alta como cobertura. O som abafado das botas na neve fazia o ambiente parecer ainda mais claustrofóbico, enquanto o frio queimava seus rostos. Quando se aproximaram do galpão, avistaram uma pequena janela quebrada. Seria a entrada perfeita.

De dentro da fazenda, podiam ouvir vozes. Eram os fazendeiros, claramente desconfiados, mas distraídos pelos homens do grupo que estavam tentando enganá-los na frente. Pedro respirou fundo e empurrou a janela com cuidado, entrando primeiro. Seu corpo se sentiu pequeno no espaço apertado do galpão, o cheiro de feno e palha invadindo suas narinas. Manuel o seguiu logo depois, fechando a janela atrás de si.

Dentro do galpão, a escuridão era total, mas seus olhos logo se acostumaram. A visão de sacos de grãos, empilhados no canto, fez o coração de Pedro bater mais rápido. Alimento. Vida. Ele fez um sinal para Manuel, que já estava abrindo um dos sacos e enchendo rapidamente as mochilas que traziam consigo. O som dos grãos caindo nas mochilas parecia ensurdecedor naquele silêncio, mas não havia tempo para hesitação. Cada segundo era precioso.

Enquanto enchiam as mochilas, Pedro ouviu algo que fez seu coração parar por um instante: passos. Alguém estava do lado de fora, vindo em direção ao galpão. Seus olhos se encontraram com os de Manuel, e a adrenalina tomou conta. Eles não podiam ser pegos. Não agora.

Pedro sinalizou para Manuel se esconder atrás de uma pilha de feno enquanto ele se abaixava ao lado de uma mesa velha. O som dos passos se aproximou, e, por um momento, Pedro prendeu a respiração, ouvindo a porta do galpão ranger lentamente ao ser aberta. Um homem entrou, a sombra de sua figura iluminada pela luz fraca do lado de fora. Ele parou por um momento, como se sentisse que algo estava errado.

O coração de Pedro batia tão forte que ele temia que o som pudesse ser ouvido. Segurou firme o rifle, preparado para o pior. O homem deu mais alguns passos para dentro, analisando o ambiente. Quando parecia prestes a investigar mais a fundo, uma voz o chamou do lado de fora.

- Otto! Precisamos de você aqui! - A voz parecia urgente.

O homem, virou-se e saiu, fechando a porta do galpão. Pedro e Manuel ficaram paralisados por mais alguns segundos, o medo ainda correndo em suas veias. Somente quando tiveram certeza de que estavam seguros, eles se levantaram, ofegantes.

Com as mochilas pesadas de grãos, Pedro e Manuel voltaram pela mesma janela por onde entraram, movendo-se rapidamente em direção à floresta. Os outros dois homens já haviam se retirado após a distração, e o grupo, agora completo, afastou-se da fazenda, sem olhar para trás. Havia conseguido comida, mas sabiam que essa vitória era temporária. Ao anoitecer, o grupo decidiu acampar nas margens de um pequeno rio; em clima de festa comeram, beberam e festejaram a noite toda, até que, exaustos mas de barriga cheia, foram dormir. Por volta das 3 da madrugada, em um silêncio absoluto, um barulho de tiro foi ouvido por Pedro; ele acordou imediatamente e viu que estavam sendo atacados por forças inimigas. Pedro pegou seu rifle e começou a lutar e defender seu grupo, o batalhão conseguiu resistir bravamente, mas, ao receberem um segundo ataque, tudo foi água abaixo.

O comandante mandara Pedro e Manuel fugirem, os dois obedeceram suas ordens, pegaram os cavalos e assim fugiram correndo em direção à vila para buscar ajuda. Os dois

cavalgaram horas e horas, exaustos decidiram parar um pouco para descansar; até que, de repente, foram surpreendidos por um alto e forte barulho de tiro; Pedro viu que Manuel fora atingido e morrera na hora, então subiu em seu cavalo desesperadamente e correu em direção à vila; dois homens o perseguiam e trocavam tiros, até que Pedro conseguiu despistá-los e chegou à vila.

Ao chegar à vila, Pedro estava exausto e alertou os moradores sobre o ataque inimigo. Os habitantes, ao verem a urgência em seu rosto, mobilizaram-se rapidamente, armando-se com o que tinham. Pedro organizou a defesa, dividindo os moradores em grupos para se protegerem. Com o coração focado na missão, ele se preparou para a batalha que se aproximava, sabendo que sua vida e a dos habitantes estavam em risco. O som do combate se aproximava, e Pedro se posicionou, pronto para enfrentar os inimigos e garantir a segurança da vila.

A PEDRA

Era uma vez uma pedra chamada Pedra Pedrosa de Santa Pedra; ela era viciada em fazer pão, mas tinha um problema, ela não sabia fazer pão. Ela seguiu numa jornada até a padaria e encontrou um amigo, o musgo, ele tinha aparecido em cima dela; nessa jornada capturou um pokémon, o bulbasaur. Ele a ajudou a ir à padaria, mas teve um obstáculo, a batata de pedra que impediu-a de passar, disse que tinha que pagar taxa de 92% por pão. Isso foi demais para a pedra, então ela puxou a espada pra cima dele, ele passou, mas caiu no subsolo de undertale; em menos de um segundo a pedra matou sans e papyrus. Em seguida, ela encontrou um javali muito legal, quando estavam andando perceberam que tinham que seguir o mesmo caminho até a padaria, então eles viraram amigos. Já em Xique Xique, na Bahia, encontraram mais um desafio, um gnomo estava guardando o portão para o Acre (sim um portão da Bahia para o Acre).

Eles lutaram bastante até que o ilustríssimo, altíssimo, preciosíssimo, excelentíssimo, nobríssimo, sublimíssimo gnomo foi derrotado em apenas 200 horas. Nesse tempo eles fizeram uma pausa para conversar, jogaram no game boy do javali e no playstation 1 da pedra. Após, seguiram a jornada até a padaria, pois estavam excitados para chegar lá.

Enquanto andavam, apareceu um humano, eles nunca tinham visto um de perto. Quando ele viu a pedra, pegou-a e, num piscar de olhos, a pedra saiu voando, o javali super bravo pela sua amiga deu uma cabeçada no humano, fazendo-o fugir; depois de quilômetros achando que tinha perdido sua amiga, ele avistou-a no chão, a poucos metros; ele foi correndo, quando chegou deu um baita abraço na pedra. Depois disso, eles seguiram sua jornada, quando, do nada, a pedra se lembrou que tinha um pokémon no seu bolso. Ela jogou-o para fora e, então, Bulbasaur fugiu, pois a pedra tinha se esquecido dele. Depois de alguns km chegaram na padaria, mas as aulas de padeiro eram muito caras, então a pedra absorveu o padeiro e virou profissional.

MINHA VIDA NO AGRO

Lá na região Celeiro, na cidade de Coronel Bicaco, Campo Santo, vila Paineira, granja Hatje, num belo dia o fazendeiro Gusão acordou disposto para o trabalho que aconteceria naquele dia.

Primeiramente, toma seu banho e vai então preparar seu chimarrão e seu café. Depois, vai preparar seu Tererê para um dia de colheita.

Abre os galpões, olha as máquinas, óleo, abastecimento de diesel, vai para a lavoura, engata a plataforma, espera o sereno baixar e aguarda, tomando seu Tererê. Batendo um papo com seus companheiros de colheita.

Coloca sua música, manda mensagem para sua namorada, coloca sua cerveja e refrigerante no frigobar.

Começa a colher e, em duas horas, a máquina estraga e precisa correr para cidade procurar as peças.

Então, vai até a concessionária, pega as peças, volta para a sua fazenda, descarrega tudo. Monta sua máquina e recomeça a colher.

Do nada aparece sua namorada, para colher junto com ele; abriram o frigobar para tomar um Monster, para curtir a tarde de colheita de trigo; sua namorada vai para sua casa para dormir para trabalhar no próximo

Gusão vai para a granja para descansar para no próximo dia ele começar a próxima lavoura.

Ele acorda já no próximo dia, faz o mesmo procedimento, vai até a lavoura, colhe até o meio dia.

Vai para sua casa, veste sua roupa de *cowboy* estilosa, passa seu perfume, avisa os funcionários e convida-os para irem junto.

Todos vibram e saem correndo para ir.

O fazendeiro e os funcionários chegam no rodeio, encontram as moças bonitas e vão para um almoço, um bom churrasco.

Depois da churrascada, vão assistir os laços compridos e lá passam a tarde, bebendo chopp, virando uma algazarra.

Ao anoitecer vão para seus carros para retornar para a fazenda. Na estrada, a polícia

barra e eles não param, iniciando uma fuga. Despistando a polícia, chegam em casa, vão para seus quartos, dormir.

A BATALHA MEIO TORTA E RETA

Um certo dia, um homem torto estava andando pela estrada até que ele encontrou um homem reto e os dois começaram a lutar até a morte; o homem torto empunhou sua espada torta e o homem reto empunhou sua espada reta.

O homem torto deu uma investida no homem reto, que fez ele ficar nocauteado; o homem torto aproveitou sua chance e acertou uma espadada que o fez perder um braço. Até que o homem reto puxa um arco reto do bolso de trás da calça jeans dele e o carrega com uma flecha, ele prepara para atirar com a boca e acerta o olho dele, deixando-o caolho.

Então, o homem torto também puxa um arco torto pelo o bolso de trás da calça moletom dele e atira uma flecha de fogo no homem reto; só que a mira do homem torto é torta, então ele erra e acerta num barril de pólvora que explode os dois e assim termina a história desses dois guerreiros.

CAPÍTULO 1

Era uma vez num reino muito, muito distante um pobre e solitário mágico. Ele se denominava o maior feiticeiro de seu reino, seu nome era Henry. Até que num certo dia, algo surreal aconteceu... Todo o reino tinha medo desse feiticeiro, pois ele fazia cada mágica que chegava a dar frio na espinha.

Mas no dia 28 de dezembro daquele mesmo ano, um novo morador apareceu. Ele mostrou para o reino inteiro que ele era o mágico que botava medo em todo mundo; seus shows eram bem mais assustadores, tinha gente que chegava a vomitar. Henry, vendo que seu título estava saindo pela janela e com tanto medo que ele seria motivo de chacota, deu um grito bem alto:

- EEEEEEEIIIIIIII! VOCÊS AINDA ACREDITAM NELE? É CLARO QUE EU SOU O MELHOR MÁGICO! ELE ENGANA VOCÊS!

Aliviado porque pensou que todos haviam caído em seu plano, começou a dar gargalhadas, mas o reino não deixou barato, todos começaram a jogar lixo, pedaços de ferro e até restos de comida. O mágico decidido pela vingança vai para sua casa frustrado e depara-se com uma baita surpresa.

Capítulo 2

Ele percebe que sua disputa contra o grande mágico havia chegado ao fim, pois o grande mágico estava no chão já sem vida. Henry não sabe o que fazer e entra em desespero. Seus vizinhos espiavam tudo pela janela e chamam os guardas que prendem Henry que, em choque, não consegue reagir e é levado ao castelo. Henry é mantido em segredo até que toda a situação se resolvesse; no castelo o tempo não passava, ele inventou umas gambiarras, mas todo dia ele rezava para o senhor para que ele saísse daquele lugar que só causava tédio, sofrimento e raiva. Todas essas emoções fez com que ele criasse um plano para sair dali, até que um dia ele conhece uma garota que era uma bruxa. O amor foi tanto que Henry desmaia e acorda do lado de fora da prisão e viu que quem a salvou era ninguém mais que a mulher pela qual ele tinha se apaixonado pouco tempo antes. Ele estava tão eufórico que não conseguia respirar e infelizmente desiste de seu confronto, mas boatos afirmam que ele não parou de fazer mágica.

CAPITÃO POMBO

Era uma vez um homem chamado Osvaldo, que trabalhava na empresa Devola, uma empresa que realiza testes em animais.

Em um dia comum, Osvaldo estava realizando os testes, até que seu amigo acaba esbarrando nele e ele cai no tubo de líquido radioativo. Seus amigos conseguiram tirá-lo de dentro do tubo, ele estava desmaiado e ele já não era mais o mesmo, ele havia criado asas, penas e um bico enorme.

Quando acordou, ficou desesperado, pois havia virado meio pombo meio humano, mas ele não ficou triste porque Osvaldo havia tido uma ideia genial. Ele resolveu virar um super herói e demitiu-se da empresa onde trabalhava, porém não achava nenhum bandido, até que começou a ficar triste.

Sobrevoando a cidade já entediado, finalmente achou bandidos roubando um banco e soube que era sua hora de brilhar. Osvaldo deu uma voadora no bandido mais forte, eles começaram a atirar nele mas não conseguiram acertar nenhum tiro, pois seus reflexos de pombo eram impressionantes; ele deu uma bicada neles com seu bico afiado e rapidamente amarrou os bandidos com uma corda de penas que ele mesmo havia feito enquanto desviava das balas.

Todo mundo ficou extremamente grato por salvar a todos e o banco, a prefeitura resolveu dar um salário de 10 mil reais para ele continuar salvando a cidade dos perigos que ocorriam nela, mas Osvaldo disse que não podia, pois quando ele caiu no líquido radioativo ele desenvolveu uma doença que iria matá-lo em um mês. Porém, se alguém pudesse doar sangue do tipo O-, poderia sobreviver, contudo ele sabia que ninguém tinha. Surgiu então um turista que possuía e doou seu sangue e o capitão pombo pode continuar a salvar a cidade.

O NÚMERO DESCONHECIDO

Eu estava em mais uma noite dormindo na casa da minha avó, pois meus pais tinham ido a um casamento e voltariam tarde. Era uma sexta então pude ficar até mais tarde jogando com meu amigo. Já era perto de uma da manhã quando recebo uma mensagem de um número desconhecido dizendo que era pra eu olhar pela janela. A visão era de um prédio abandonado, que tinha uma janela com uma coordenada. Pesquisei a coordenada no Google que levou para uma chácara abandonada, depois disso não consegui dormir.

No outro dia, convidei 4 amigos e fomos até essa tal chácara que ficava meio no interior; cheia de mato envolta, o portão estava aberto, decidimos entrar, e vimos que era um grande espaço com piscina e brinquedos na grama. Damos uma volta por fora da casa para ver se tinha algo, mas não descobrimos nada; fomos na porta de entrada que era de madeira, já que não tinha como entrar, voltamos para casa. Hoje, com meus pais em casa, fui dormir um pouco mais cedo; quando acordei vi que tinha uma mensagem daquele mesmo número dizendo que podia entrar, estava aberto. No outro dia, juntei novamente meus amigos e fomos até lá; estava mesmo aberto, era uma casa velha, mas bem cuidada; logo pensei de nos separar, mas não sei se seria uma boa opção, pois era um lugar que não conhecíamos. Fomos juntos quarto por quarto; nos primeiros nada de mais, depois nos outros sempre mais destruídos, em uma varanda um buraco que dava vista ao jardim, parecia com os de filme de zumbi. Quanto mais exploramos, mais estranho ficava; num quarto que parecia uma dispensa dava acesso ao porão, nesse dia não fomos porque tava escurecendo; cheguei em casa e fui dormir, acordei no meio da noite com gritos vindos do prédio que me mostrou as coordenadas, deixei passar e voltei a dormir.

No outro dia, fomos ao porão e encontramos uma sala de tortura com cadeira elétrica e uma porta que levava para um lugar onde havia muitos corpos em decomposição; ficamos muito assustados e resolvemos ir para as nossas casas. Desde então venho percebendo que parece ter alguém me olhando, mas nunca ligo e sempre relato aos meus amigos que dizem ser mentira. Na outra vez fomos até aquele prédio que era muito velho, desde que nasci já era abandonado.

Foi depois da escola, entramos no prédio e começamos, não tinha nada de mais naquela janela, estava trancada e no último andar tinha um gigante apartamento, com tudo

que se precisa, só que explorando esse apartamento vemos a geladeira que estava com coisas dentro. Mas não ligamos, fomos até o estacionamento; lá nas paredes tinha marcas de sangue e uma ferrari nova, pensamos que tinha alguém morando e tinha mesmo. Escutamos passos e escondemo-nos e não conseguiram nos achar; fomos logo para casa; pesquisei sobre a chácara e descobri que era uma casa de uma família muito rica, junto ao último andar do prédio só que descobriram que esse dinheiro era de um roubo gigante ao banco nos Estados Unidos. Eles estavam sendo procurados pela Interpol, que bom que não nos pegaram; contei isso para os meus amigos eles quase nem acreditaram. Passando dia após dia sempre achava que estava sendo observado, nunca mais fomos à chácara e nem ouvimos nada e até hoje pensamos sobre o que nos esperava lá.

O OUTRO LADO

Em uma tarde de sábado, resolvi ir à praia para relaxar. Tinha trabalhado o dia inteiro e estava exausto. Chegando à praia sentei na areia, abri uma bebida e resolvi observar o mar. Já estava ficando tarde, comecei a ficar com frio, minha barriga roncou e então resolvi me preparar para voltar para casa. Mal dei um passo, quando alguém apareceu perguntando:

- Felipe, o que você está fazendo aqui?!

Assustei-me, olhei para a origem da fala e percebi que quem falava era a melhor amiga da minha esposa Laura. Estava confuso pela aparição inesperada dela, ignorando sua pergunta, comecei uma conversa:

- Olá, Isabela! Faz tempo que não conversamos, como você está?
- Algo está errado, saia daqui, vá para casa!

Não a entendi, mas percebi que estava tensa. Mesmo perturbado, resolvi não discutir e fui para casa. Naquela noite não dormi, mas com certeza iria voltar no dia seguinte.

Às nove horas da noite em ponto saí de casa, peguei uma lanterna e voltei no mesmo lugar da noite anterior, lembrei que Isabela estivera parada na minha frente, de costas para a floresta como que protegendo algo. Liguei minha lanterna e andei floresta adentro, andei por um tempo e percebi que as pilhas de minha lanterna estavam fracas e eu não tinha trazido outras, eu teria que voltar, mas caminhei mais um pouco.

De repente, com a minha total surpresa, dei de cara com algo sólido e caí no chão. Olhei em volta ainda atordoado e percebi que na minha frente havia uma parede, mas não era uma parede normal e sim uma totalmente camuflada com imagens ultra realistas de floresta que se encaixavam perfeitamente com a natureza verdadeira. Reparei em uma maçaneta e mesmo assustado puxei-a e assustei-me com o que vi: pense nas coisas mais futurísticas que imaginar: carros voadores, pranchas flutuantes, prédios colossais. Havia de tudo!

Olhei para o lado e foi inacreditável, as primeiras pessoas que vi eram foram Laura (minha esposa) e Isabela (a qual eu esperava encontrar). Corri até elas, mas algo inesperado aconteceu quando me viram. Laura disse para mim:

- Experiência zero oito, o que está fazendo aqui?

Eu não sabia o que estava acontecendo, e respondi:

- Laura, que lugar é esse? E como assim experiência zero oito?

Antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, Laura fez algum movimento com as mãos e não sei o que aconteceu depois, mas quando retomei a consciência estava deitado em minha cama, ao lado de Laura. Tudo isso tinha sido um sonho. Mas o que Felipe não sabia e que nunca iria saber, é que ao lado de sua janela, anotando informações em seu tablet, estava Isabela, que torcia para que Felipe nunca desconfiasse que aquele não era seu mundo.

O Cérbero e a Chave do Destino

No reino das sombras, onde os ecos de antigas histórias se misturam com o vento, havia um cão de três cabeças conhecido como Cérbero. Seu lugar era o portão do Submundo, o reino dos mortos, onde ele guardava a entrada com um zelo implacável. Cérbero era uma fera imponente, e suas três cabeças observavam tudo com olhos penetrantes, suas bocas ruminavam a eternidade, e seus rugidos eram como trovões que ecoavam pelas cavernas escuras.

Mas, apesar de sua aparência temível e da sua função severa, Cérbero carregava um desejo profundo que ninguém sabia: ele ansiava por liberdade. O guardião eterno sonhava com um mundo além das sombras, onde pudesse sentir a luz do sol e ouvir o canto dos pássaros. No entanto, isso estava além de seu destino, atado à sua função como guardião do Submundo.

Certa noite, enquanto as almas vagavam em busca de paz e os ventos sopravam pelas passagens secretas do reino, um viajante misterioso apareceu diante de Cérbero. Ele era um homem velho, com uma capa esfarrapada e uma aura de sabedoria e mistério. Em suas mãos, ele segurava uma chave antiga, decorada com símbolos esquecidos pelo tempo.

O viajante olhou para Cérbero com um misto de respeito e compaixão. “Eu sei o que você deseja, grande Cérbero,” ele disse com uma voz que parecia fluir como um rio antigo. “Esta chave pode liberar você de seu posto eterno, mas é preciso que você faça uma escolha.”

Cérbero, surpreendido, inclinou suas três cabeças, cada uma mostrando uma expressão de curiosidade e esperança. “O que devo fazer para ganhar minha liberdade?” perguntou o guardião, sua voz ecoando como um coro de trovões.

O viajante explicou que a chave poderia abrir um portão secreto no fundo das cavernas, um portão que levaria a um campo onde a luz do sol brilhasse e as flores crescessem. No entanto, para usar a chave, Cérbero teria que deixar seu posto por um momento e permitir que as almas passassem sem supervisão, o que poderia causar um caos inimaginável no Submundo.

Cérbero ponderou, e suas três cabeças sussurraram entre si. Ele sabia das consequências de sua decisão. Em seu coração, desejava a liberdade, mas compreendia a

responsabilidade que pesava sobre seus ombros. No fim, a ética e o dever prevaleceram sobre o desejo pessoal.

“Eu não posso abandonar meu posto,” disse Cérbero com firmeza. “O equilíbrio do Submundo é vital para a ordem do cosmos. Não posso permitir que minha própria busca por liberdade coloque em risco o bem-estar das almas que guardo.”

O viajante sorriu tristemente e guardou a chave. “Sua escolha é digna, grande Cérbero. Sua lealdade e responsabilidade são admiráveis. A verdadeira liberdade não está apenas em escapar dos grilhões, mas em cumprir o próprio destino com honra.”

Com isso, o viajante desapareceu nas sombras, e Cérbero retornou à sua vigília eterna. Embora a chave do destino não tenha sido usada, a sabedoria e o caráter do guardião foram mais claros do que nunca. Cérbero continuou a proteger o Submundo, não apenas como um guardião, mas como um símbolo de coragem e sacrifício.

E assim, o Cérbero permaneceu nas lendas e histórias, não apenas como o temido guardião dos portões, mas como o herói que, apesar de seu desejo de liberdade, escolheu proteger o equilíbrio do mundo.

O ÚLTIMO LIVRO

Chamo-me Penellope, moro em Nova York e tenho 18 anos. Gosto muito de frequentar a biblioteca, então certo dia pensei em procurar meu sobrenome para ver se acho algo interessante sobre a minha família; chegando lá, perguntei para a bibliotecária:

- Aqui teria algum livro sobre os Humphrey? - falei com uma voz doce e em resposta ouvi o som do teclado do seu computador.
- Tem um livro sim, seção 2 na segunda prateleira. - Disse a bibliotecária, desviando seu olhar da tela para mim com um sorriso.
- Obrigada, Kelly. - Nome que vi em seu crachá.

Dirigi-me à prateleira onde Kelly disse que estava o livro, indo diretamente na letra H; demorei para achar pois era um livro muito pequeno, quase como um gibi e dourado, um pouco desbotado; logo me sentei na mesa mais próxima que achei e olhei o título. Estranhamente não tinha, era uma capa lisa, achei estranho, mas abri o livro, nada escrito, folhei rapidamente e vi um mapa; então voltei naquela página, o mapa estava muito mal desenhado e era antigo. Com certeza a cidade havia mudado muito desde lá, mas consegui identificar uma loja de antiguidades que estava construída há muito tempo e o X estava marcado ao lado da loja, minha casa, minha casa tinha sido passado de geração em geração desde minha tataravó.

Fiquei cerca de 10 minutos revirando minha casa mentalmente e procurando por algo suspeito, nada; voltei então a folhear o livro, havia uma data, 19 de agosto de 2021, olhei meu celular, era amanhã...

Desesperadamente olhei o resto, felizmente achei uma escrita muito pequena 'descobrir', então lembrei que no mapa estava escrita a palavra 'Humphrey'. Folhei novamente toda as páginas e achei mais algumas palavras, que no final formaram a frase 'Cofre Humphrey para descobrir'; o mais rápido que pude, retirei o livro e fui até a casa da minha mãe e perguntei:

- Mãe, você sabe algo sobre um tal cofre dos Humphrey?
- Sei sim, minha flor, está na sua casa mesmo, no sótão da lavanderia, por quê?
- Há sótão na lavanderia? - Falo, curiosa.

- Há, sim.

Despeço-me da minha mãe e vou o mais rápido possível para minha casa. Chegando lá, na lavanderia vejo um forro que não está no lugar e o puxo para baixo, havia uma escada. Então subi e lá havia uma escrita na parede “Você está amaldiçoado”, na cor verde fluorescente; com medo desci e como já estava tarde fui dormir; péssima ideia, minha casa estalava e rangia, olhava, mas nada via, até que a luz começou a piscar; fui para fora do quarto, vi uma sombra, não consegui mais ficar naquela casa, sai correndo. Por incrível que pareça, a rua estava vazia, tomada somente por mim, pelas rajadas de vento e a sombra que me seguia até fora de casa. Continuei correndo e a sombra só vinha cada vez mais rápido e na rua não tinha ninguém, a sombra chegou tão rápido que fui tomada pela escuridão da sombra e fiquei com a sensação de que estava dormindo.

Depois de certo tempo, estava de volta na rua completamente movimentada e barulhenta, era tudo imaginação, não consegui acreditar; voltei para casa e nada estava errado, então fui a casa da minha mãe, bati na porta e uma senhora me atendeu e olhando estranho perguntou:

- Penelope, é você? - Como assim “é você”, eu não a conhecia.
- Sim. - Respondi, mesmo estranhando.
- Minha filha! - Disse a senhora, em um tom melancólico e carinhoso, vindo ao meu encontro e dando um abraço
- Mãe? - Pergunto.
- Sim, onde você esteve todo esse tempo? - Minha mãe me pergunta.
- Mas eu estive aqui hoje durante a manhã.
- Não, você sumiu por 15 anos.

Entrei e minha mãe me explicou tudo eu tinha feito: uma viagem no tempo.

UM DIA PODE SER TARDE, JENNY E CHRISTOPHER

Em um dia, após Jenny chegar da escola, foi diretamente para seu quarto, pois chegou cansada. Ela deixava sempre sua janela aberta que, por coincidência, tinha um vizinho que ela admirava todos os dias, ela era apaixonada por ele que tinha o nome do príncipe encantado do livro que ela estava lendo. Chamado Christopher, esse seu vizinho ia todo dia no pátio de sua casa para poder usar seu wi-fi; como a sua obsessão por ele era grande ela o seguia para onde ele ia, então ele perguntou para ela:

- O que você quer de mim?

Logo Jenny respondeu:

- Quero que se apaixone por mim!

Christopher começou a rir.

Então ele começou a brincar com os sentimentos de Jenny, ele só ia atrás dela quando precisava de alguém e via que nunca tinha ninguém do seu lado, mas sabia que se precisasse Jenny iria correndo para ajudá-lo; ela percebeu que esse não era o tipo de cara que ela precisava do lado dela, precisava algum companheiro de verdade e alguém que a amasse. Então ela resolveu não insistir mais em Christopher, assim ela acabou esquecendo do que sentia por ele, lembrando do que ela merecia de verdade.

Daí para frente ela nunca mais foi atrás dele, mas ele sempre ia no lugar onde ela trabalhava ou tentava encontrá-la de alguma maneira possível; no fundo ele sabia que era apaixonado por ela, mas ele nunca quis abrir seus sentimentos, por orgulho besta. Iochi era melhor amigo de Jenny e amigo de Christopher, que convidou-os para ir a uma viagem de verão para a praia com um grupo de amigos. Nessa viagem, eles se aproximaram demais e sentiram a conexão que os dois têm quando estão juntos. À noite ia rolar uma festa com muitas bebidas, Jenny não gostou muito da ideia.

Na festa Christopher bebeu demais e ultrapassou seus limites, então ele acabou ficando com a amiga de Jenny e ela soube; ela enlouqueceu e falou o tanto da falta de consideração que ele teve por ela, e que ele deveria se colocar no lugar dela. Então ela pegou a moto de seu amigo Iochi e saiu; chorando e ao mesmo tempo com raiva, ela acelerou e foi ultrapassar o carro, mas quando viu já era muito tarde, só enxergou os faróis

do caminhão que vinha em sua direção, Jenny acabou falecendo. Christopher recebeu a notícia e ficou sem acreditar que tinha perdido o amor da vida dele, por bobeira, arrependeu-se de não ter expressado seu amor por ela, de nunca ter falado um “EU TE AMO, JENNY”, de não ter feito tudo o que podia por ela, ele se culpou de tudo o que aconteceu, mas a amará para sempre.

CATEGORIA INF

PSEUDÔNIMO: CARLOS SAINZ

AUTOR (A): AUGUSTO RIETH MARASCA

CONTOS DA FÓRMULA 1

Em um fim de semana tinha uma corrida bem importante para eles, mas tinha umas que largaram em primeiro lugar. McLaren estava com um a menos, pois Oscar Pi Pilastri bateu o carro e deu bandeira vermelha. A Mercedes continuou a corrida, mas deu uma volta que Lewis Hamilton teve que ir aos box para trocar o pneu, voltou para a pista e recuperou a posição que estava e o carro de problema e teve que abandonar a corrida fazendo com que o George Rose corresse sozinho na pista. Mas tudo ocorreu tranquilo, terminaram a corrida com sucesso, definiram os campeões da corrida e, no próximo fim de semana, vai ocorrer o próximo grande prêmio de outros países; quem foi o Campeão foi o George Rosseal.

O LAMENTO DOS HERÓIS

O vento soprava suave pelas planícies de Aranthia, carregando consigo o cheiro fresco da terra e o eco distante de uma era esquecida. As colinas, banhadas pela luz dourada do pôr do sol, abrigavam ruínas de tempos imemoriais, testemunhas silenciosas de uma tragédia que abalara o reino há cem anos. E, no coração dessa vastidão, um jovem guerreiro caminhava com passos lentos, mas firmes, sua mente carregada pelo peso de um destino inexorável.

Eren, o Campeão Escolhido, olhava longe, onde a grande torre do Castelo de Valkar se erguia como um gigante adormecido. Sua estrutura, porém, estava corrompida pela presença maligna de Kalgorn, uma entidade de puro ódio e destruição, aprisionada naquele castelo havia um século, mas cujas forças ainda devastavam o mundo ao seu redor. Ele sentia o chamado. Era um chamado antigo, que vibrava em sua alma, puxando-o em direção ao confronto final. No entanto, havia algo mais naquele chamado. Algo que ele conhecia bem: o eco de uma promessa quebrada.

Cem anos atrás, Eren era o protetor de Elara, a Princesa destinada a selar o mal. Os Campeões, líderes das quatro grandes tribos de Aranthia, haviam lutado ao lado dele, confiantes de que poderiam derrotar Kalgorn com a ajuda das poderosas Bestas Colossais. No entanto, o inimigo era mais forte do que previram. Um a um, os Campeões caíram, suas almas aprisionadas dentro das Bestas que uma vez controlaram. Elara, desesperada e sem outra opção, usou todo o seu poder para aprisionar Kalgorn, sacrificando sua liberdade para manter o monstro confinado. E Eren... ele havia caído em batalha, apenas para ser revivido um século depois, sem memórias e com a missão de terminar o que havia começado. Agora, ele estava pronto. Ou pelo menos assim acreditava.

Eren ajustou a espada que carregava às costas – a Lâmina Sagrada, a lâmina lendária que havia nascido para derrotar o mal. O brilho sutil da espada parecia pulsar a cada passo que ele dava, como se também estivesse ansiosa para a batalha final. Mas Eren sabia que a verdadeira força daquela lâmina não vinha de sua habilidade de cortar, mas do que ela representava: coragem, esperança e sacrifício.

Enquanto se aproximava das ruínas da Cidade do Castelo, ele viu algo que o fez parar. Uma figura solitária, envolta em uma aura de luz, observava o horizonte. O coração de

Eren disparou. Elara.

Ela ainda estava ali, como sempre estivera, mantendo Kalgorn selado, sua energia ligada ao monstro em uma luta constante. Seus olhos, no entanto, estavam calmos, serenos, como se a tempestade dentro de si não a abalasse mais. Ela virou-se lentamente, como se sentisse a presença de Eren, e seus olhares se encontraram.

- Eren... — Sua voz era suave, mas carregava o peso de cem anos de dor e esperança. — Eu sabia que viria. O destino sempre nos trouxe até aqui.

Ele assentiu, incapaz de falar. As palavras eram supérfluas agora. Todo o tempo que passaram separados, as memórias que ele havia recuperado aos poucos, tudo se resumia àquele momento.

- Kalgorn está enfraquecido, mas ainda é poderoso. — Elara continuou, dando um passo à frente, seu olhar determinado. — Precisamos trabalhar juntos para derrotá-lo de uma vez por todas.

Eren deu um passo à frente, sacando a Lâmina Sagrada, que brilhou intensamente à medida que ele a erguia. A presença de Elara ao seu lado trazia-lhe uma força que ele mal podia descrever, como se o próprio espírito do reino estivesse com eles. — Hoje, terminaremos o que começamos. — Elara sussurrou, com uma calma poderosa.

E assim, eles avançaram juntos em direção ao castelo, para o confronto final. Cada passo era uma afirmação de sua determinação, de seu dever com o reino e um com o outro. O vento pareceu cessar enquanto a escuridão do castelo os envolvia. Gritos de criaturas malignas ecoavam pelos corredores, mas nada mais podia abalá-los.

Quando chegaram ao salão do trono, lá estava ele: Kalgorn, uma massa caótica de poder e malícia. Seus olhos vermelhos brilharam, reconhecendo seus inimigos mortais. A batalha começou, feroz e desesperada. Kalgorn, em sua fúria, lançou feitiços e golpes que fizeram o chão tremer, mas Eren desviava com precisão, seus movimentos ágeis como o vento. Elara, ao lado, canalizava sua luz, enfraquecendo a sombra que Kalgorn lançava.

O tempo parecia distorcido naquela luta, mas, em um momento crucial, Elara ergueu as mãos, invocando o poder divino que havia herdado. Um feixe de luz pura emergiu dela, atingindo Kalgorn em cheio. Eren, aproveitando o momento, investiu com a Lâmina Sagrada, desferindo o golpe final que rasgou a escuridão. Com um último rugido, Kalgorn desapareceu, derrotado.

Elara e Eren ficaram ali por um momento, ofegantes. A escuridão se dissipava, e a luz do sol, tímida, começou a invadir o salão. Eren abaixou a espada, e Elara deu um pequeno sorriso, seus olhos brilhando com a promessa de um novo começo. — Obrigada, Eren. — Ela murmurou, e pela primeira vez em cem anos, ela estava livre.

O vento voltou a soprar, mas desta vez, ele trazia consigo a sensação de paz. O

reino de Aranthia, enfim, estava salvo.

O ACAMPAMENTO EM SUNNY VALLEY

1967, um grupo de amigos foi acampar, de uma maneira normal, passaram semanas arrumando o tal acampamento, e ficariam em um acampamento chamado Sunny Valley; na sexta feira, pegaram suas coisas, entraram no carro e partiram. Esse grupo, era composto por 5 integrantes: Max, uma ruiva baixa que, na maioria do seu tempo parecia irritada; Jane, uma morena alta, sempre bem humorada e paciente, essas duas eram melhores amigas, inseparáveis! Kyle, um negro com grandes cachos em seu cabelo; Jhonny, que era um loura inteligente; e, por último, Steve, o moreno engraçadinho do grupo de amigos inseparáveis.

Estavam no carro, Max dirigia com Jane sentada ao seu lado, elas iam conversando casualmente enquanto as horas se passavam; todos os garotos se encontravam adormecidos no banco traseiro, Max pisou no freio rapidamente quando viu um cervo aparecer repentinamente na estrada, que estava iluminada pelo pôr do sol; com a freada brusca do carro, os garotos acordaram, Steve logo bufou:

- Que droga Max! Você não sabe dirigir, mulher.

Max prontamente retrucou:

- Não é minha culpa que um maldito cervo apareceu na pista! Se eu não sei dirigir, vem cá e faz melhor, pois até agora eu só vi a princesinha dormir!

Ambos se calaram, Max buzinou para o cervo, que saiu correndo assustado da pista. Quando a garota foi ligar o carro novamente, nada, aquele automóvel simplesmente havia parado de funcionar, da maneira mais estranha possível; Max avisou o grupo, que ficou incrédulo; Jhonny, sem dizer uma palavra, desceu do carro e começou a olhar o motor. Logo atrás dele, desceram os dois garotos, que não entendiam nada de carros, mas queriam mostrar para as garotas que entendiam. Depois de horas, Jhonny explicou que era só esperar, pois o motor só havia superaquecido, já estava tarde e a brisa da noite bagunçava o cabelo das garotas, enquanto refrescavam os garotos. Chegaram em um consenso, iriam montar um acampamento rápido na floresta que os cobria, e, pela manhã, partiriam em direção ao destino inicial.

Algumas horas mais tarde, cerca de 3 ou 2, estava tudo pronto, haviam 4 barracas,

pois as garotas queriam dormir juntas; uma fogueira e até algumas pequenas luzes, estavam realmente orgulhosos de seus trabalhos; muito cansados, deitaram e pegaram no sono rapidamente. Horas mais tarde, acordaram com um barulho muito alto, era música de circo? Aquilo não fazia sentido, estavam no meio do nada, como haveria um circo lá?

- Escutaram isso ou eu estou maluco? - Disse Kyle, com voz de sono.
- Vamos checar! Estou curiosa! - Rapidamente respondeu Jane.

Todos concordaram aos poucos, levantaram-se e foram andando até o misterioso circo; logo, viram uma grande tenda vermelha, era de lá que o som saia; tomados pela curiosidade, resolvem entrar no local, esperando um grande espetáculo, onde entraram de penetra para assistir. Quando entraram, depararam-se com algo completamente diferente do que imaginavam.

Não havia espetáculo, não havia plateia, somente um palhaço, apresentando para o nada; porém ele possuía um diferencial, seu enorme sorriso era um enorme buraco feito em seu rosto, onde o sangue jorrava sem parar. As garotas, quando viram essa cena, foram consumidas pelo medo e esgueirar-se para fora da tenda; correndo para o acampamento de volta, elas ficaram tentando convencer uma a outra que tudo aquilo era só um sonho e que elas iriam voltar para sua realidade em breve; os garotos, por outro lado, pareciam hipnotizados pelo show de horrores que acontecia em suas frentes.

O medo fez as garotas dormirem, encolhidas, um turbilhão de pensamentos em suas mentes e a incerteza se sobreviveriam para contar essa história. Eram 6:00 da manhã, quando Max acordou, sem saber se o dia de ontem tinha sido somente um sonho, acordou Jane, para conferir; as garotas conversam um pouco, antes de ouvir a voz distorcida de Steve, chamando-as de maneira carinhosa. Não parecia ele, e com as experiências da noite passada, não responderam, foram percebendo que quanto mais tempo elas não respondiam, mais a voz mudava e parecia raivosa. Depois de 28 minutos seguidos, a criatura resolveu voltar para as árvores, e as garotas tiveram paz, decidiram ir conferir se realmente havia um circo no meio da floresta; mesmo assustadas, foram.

Andaram um pouco e, quando viram a enorme tenda vermelha, tremeram, foram ainda assim. Quando olharam aquela cena, queriam vomitar, viram seus 3 melhores amigos, pendurados por cordas nos pés e mãos, com a mandíbula deslocada e com sinais de luta, todos se encontravam sem os olhos e, ainda pior, sem suas vidas; todos pareciam bonecos de ventríloquo e aquilo era perturbador. Das sombras surge o palhaço, dessa vez com o olhar vazio e os membros alongados, fazendo uma pergunta:

- Gostaram dos meus bonecos? Vocês não ficaram para o show ontem à noite.

Jane gritou alto, segurou a mão de Max e puxou-a para fora daquela tenda, porém,

daquela vez, não correram rápido o suficiente. A criatura as alcançou, rindo, enquanto atacava as duas, agora já deitadas no chão, aceitaram seu destino e deram as mãos. Horas depois, as autoridades chegaram e levaram as duas para o hospital, era um verdadeiro milagre o ar não ter deixado seus pulmões. Seus amigos não tiveram o mesmo destino, seus corpos nunca foram achados, junto com o circo, sumiram do mapa, e as garotas aprenderam que realmente a curiosidade mata.

A MAGIA DO LIVRO

Em um belo dia nas ruas de Nova York, uma menina delicada, legal e super diferente que se chamava Maya estava em seu cafofo improvisado debaixo de uma loja sob uma chuva forte. A loja tinha um telhado bem largo e como ela não tinha uma casa seria bom ficar lá para ser seu lar por enquanto.

Então, ela acorda depois de um belo sono e percebeu que a chuva havia passado; Maya, animada com o que podia achar pelas ruas, saiu em disparada para encontrar algo de novo para ela. Maya está fazendo uma coleção de livros que ela encontra na doação, na espera de tirar seu tédio.

No caminho para o centro de doação, despercebida olhando para uma borboleta, não percebe que bem na sua frente havia um livro, mas esse livro era diferente, ele era grande e brilhava! Quando a borboleta vai embora, ela tropeça no livro e cai, fazendo o livro se abrir e, por algum motivo desconhecido, Maya cai dentro do livro.

- O que!? Onde eu estou, como vim parar aqui?

Maya estava perdida, acabou caindo em uma floresta e, quando ela percebe, olha ao redor... Ela é linda, ela nunca viu algo parecido com isso antes, era um sonho? “Estou louca?!” Não paravam de vir ideias na sua cabeça de como isso aconteceu, Maya só queria acordar daquilo que ela achava um sonho e estar em seu cafofo de novo.

De repente, ela escuta um barulho muito estranho vindo de uns arbustos e decide checar; quando ela coloca sua cabeça dentro do arbusto ela entra em choque. Dentro dele, parecia uma espécie de chalé minúsculo, desse chalé saía de dentro um minúsculo e bonitinho gnomo, ele tinha chapéu vermelho e uma roupa amarela, ele parecia estar espantado com a presença de Maya e sai correndo.

- Ai, como esse gnomo corre rápido! - Disse Maya, cansada. Eu devo desistir?

Mas quando ela já estava dobrando e voltando para onde estava, os dois chegam em uma casa, havia flores coloridas e um cheiro de chá delicioso; os dois se olham, fazem as pazes e decidem entrar na casa.

Quando os dois batem na porta, quem os atendeu parecia uma espécie de gato dançarino oferecendo um chá; os dois morrendo de sede agradecem e pegam o chá, para o

gnomo uma xícara bem pequena, e para Maya uma xícara normal, nossa! Que chá bom, Maia e o gnomo amaram.

Depois que eles agradeceram o gato, eles continuam sua caminhada; de repente, eles escutam um barulho de algo voando no céu; quando olham para o céu é um gavião enorme que pegou o gnomo e saiu voando. Desesperada, Maya sai correndo atrás do gavião, mas o perde de vista. Maya, triste, deita no chão desesperada, pensando o que fazer. De repente uma linda borboleta aparece e pousa em seu dedo, ela era colorida e tão bonita como nenhuma borboleta que ela tinha visto, mas uma coisa mágica aconteceu, a borboleta começou a crescer!

Por fim, Maya sobe na borboleta e saem voando atrás do gavião; elas conseguem resgatar o gnomo e a borboleta leva Maya de volta para onde tudo começou; elas se despediram e Maya se despediu do gnomo e falou:

- Isso foi um sonho? E depois disso, ela dorme.

Maya acorda de volta no caminho para o centro de doação, olha ao redor e cresce um sorriso em seu rosto ao avistar uma borboleta.

VIKINGS: A INVASÃO DA CABANA

No sombrio e inclemente cenário das terras vikings, um perigo iminente ameaça o reino do rei Alfredo. Um temido chefe mercenário tomou uma cabana localizada em uma posição estratégica, desafiando a autoridade e a paz das regiões vizinhas. Alfredo, ciente da ameaça que o mercenário representa, convoca Uhtred de Bebbanburg, um guerreiro viking respeitado por sua bravura e habilidade em combate, para uma missão de extrema importância.

Uhtred aceita o desafio com determinação, sabendo que a sua missão não será fácil. Junto a Ragnar, um estrategista brilhante e fiel amigo, e uma tropa de guerreiros vikings, ele se prepara para a invasão. O plano é meticuloso e cuidadosamente elaborado para superar não apenas as defesas do chefe mercenário, mas também as armadilhas e obstáculos naturais que protegerão seu refúgio.

A jornada de Uhtred é marcada por intensos desafios. O grupo enfrenta terrenos traiçoeiros, emboscadas habilidosamente armadas pelos soldados do mercenário, e a constante tensão do desconhecido. Cada passo se torna uma perigosa luta pela sobrevivência, com o destino das terras e da missão pendendo na balança.

Finalmente, ao chegar à cabana, a invasão se transforma em um confronto titânico. O chefe mercenário, ciente do perigo que corria, prepara suas defesas com destreza, e a batalha que se segue é feroz e desafiadora. Uhtred e Ragnar demonstram sua coragem e habilidade enquanto enfrentam os guerreiros do mercenário. Uhtred, com sua força implacável e estratégias sagazes, se destaca como o verdadeiro líder, guiando seus homens através do caos e do combate brutal.

No clímax da batalha, Uhtred enfrenta o chefe mercenário em um duelo decisivo. O combate é intenso e pessoal, um confronto de vontades e habilidades. Com determinação e bravura, Uhtred sai vitorioso, expulsando o mercenário e restaurando a ordem nas terras.

Com a missão completada e as terras recuperadas, Uhtred retorna ao rei Alfredo como um herói. O reino pode finalmente ficar aliviado, com a paz restaurada e a ameaça eliminada. Uhtred, agora mais respeitado e reconhecido, se prepara para novos desafios e

aventuras, sabendo que sua jornada como guerreiro e líder está longe de terminar. A invasão da cabana se torna um marco em sua trajetória, um testemunho de sua grande coragem e lealdade inabalável.

CULPADA SEM PROVA

Corria pela chuva, o céu acinzentado como os tons mais suaves de cinza, partículas de águas caindo sobre meu rosto, minhas pernas tremendo, senti meu queixo se cerrando. Era como se estivesse presa em um labirinto infinito, não tinha saída nem entrada, era como se me prendesse lá, corridas infinitas, o céu nublado tornando a Terra distorcida, um infinito desfocado lugar; não conseguia ver, nem sentir, nem cheirar, era como se não estivesse naquele lugar, era como se não pertencesse a aquele lugar, não sabia como entrei lá, nem como sair; gotas geladas caindo em meu corpo, arrepiando-me a cada segundo, não conseguia enxergar nada, meu corpo não respondia ao meu comando, senti minha alma sendo puxada.

A única coisa que conseguia enxergar era um sorriso, um sorriso tenso, como se me encarasse, encolhia-me a cada vento forte que passava.

Tentava chegar ao final do labirinto, juro que tentava, mas meu corpo não o seguia, estava indo para o lado oposto, como se fugisse, estava com medo, tentava gritar, pedir por ajuda; mas por um motivo minha voz não saía, estava presa a minha garganta, minha maquiagem estava borrada, não sei como me meti naquele lugar, só sabia que não iria sair de lá tão cedo.

Minha respiração ofegante de tanto correr, por que não parava de correr? Não conseguia parar de correr, era como se ele me controlasse. Quem me controlava? Por que me controlava? Meu corpo não me obedecia, não parecia pertencer a mim, não era meu, não tinha controle sobre ele, mas também não queria, não queria parar de correr. Ouvi uma voz, uma voz chamando meu nome, mas não era qualquer voz, era a minha; minha voz não era minha, minha voz não era minha, não, nunca foi, nunca parecia ter sido. Aquele sorriso, aquela voz, prendia-me, senti meu corpo ceder, caí no chão.

Caí de joelhos no chão, mas não me mexi, tentei olhar para ver se ainda tinha um sorriso me perseguindo, e não tinha; e então, senti um arrepio, alguma coisa passando por mim, não sabia o que fazer, não tinha certeza do que era esse labirinto, a única certeza que tinha era que estava sendo observada. Mas então, meu corpo cedeu caindo por completo no chão; mas não senti dor, não, já estava morta, tinha sido morta, morta por um tiro, um tiro que

tirou minha vida na hora, aquele lugar não era o céu e sim o inferno, e aquele sorriso, aquele maldito sorriso, perseguia-me pois era a morte, meu fim.

O FIM DE UM LADRÃO

Antoine, um dos ladrões mais espertos e renomados de toda a França, com planos mirabolantes, por muitos considerados impossíveis, mas quando se tratava de Antoine Diop não tinha como algo sair errado. Um de seus roubos mais famosos foi do assalto ao Museu do Louvre, onde Diop roubou um colar que era da rainha Victoria, da Inglaterra.

O roubo aconteceu em um leilão, Antoine Diop estava devendo uma alta quantia em dinheiro para três homens. Antoine então, prometeu dar a eles como forma de pagamento um colar de pérolas com valor estimado de £ 60.000.000,00 (sessenta milhões) de euros.

Diop, então, arrumou tudo, seguranças falsos, uma Ferrari para a fuga, e até uma identidade nova para entrar no leilão no Museu do Louvre. O leilão começou, era lance daqui, lance dali, mas só então Diop entrou na brincadeira; Antoine sabia que não tinha dinheiro, mas ele já havia planejado tudo para sair dali com o colar. A maior proposta até então, havia sido de £ 100.000.000,00 (cem milhões) de euros, e, então, para a surpresa de todos lá presentes, Antoine Diop ofereceu £ 160.000.000,00 (cento e sessenta milhões) de euros. O martelo foi batido, o colar era de Antoine Diop, que, após o leilão, pediu para ver o colar; ele, então, tenta fugir com o colar, mas é barrado pelos seguranças. Diop, então, consegue entregar o colar para um dos três homens a quem Antoine devia o dinheiro (que estava acompanhando Diop), e este, enfim, consegue sair do Museu, despistar a polícia e chegar em casa com segurança.

Mas não é a toa que Diop é um dos maiores e mais procurados ladrões da França, porque no dia seguinte a polícia prendeu os três homens que haviam ficado com o colar, porém, ao analisarem melhor, perceberam que o colar era falso e o verdadeiro colar havia ficado com Antoine Diop. Na noite anterior, Diop sabia que seria atacado pelos guardas ao tentar fugir, por isso, logo que os seguranças se aproximaram dele, Antoine colocou o verdadeiro colar no bolso e entregou um falso ao homem.

Antoine também já sabia que os homens seriam presos no dia seguinte, assim, Diop saiu desse roubo com um colar e sem dívidas.

Mas algo não parecia certo na vida de Diop, ele estava cansado de tanta criminalidade, e, por isso, decidiu que iria abandonar a vida de crime. Sim, esse era o fim de Antoine Diop, mas ele não poderia simplesmente parar, por isso, ele decidiu que armaria um plano, no qual se ele fracassasse, daria um jeito de fugir.

No dia seguinte, por coincidência, um artefato muito valioso chega à França, esse artefato era conhecido como “A Pérola Negra”, Antoine não pensou duas vezes, ele chamou seu amigo Benjamin, e deu-lhe a ordem de se vestir de policial, pois seria ele quem abordaria Diop quando ele saísse com a Pérola. Então Benjamin o colocaria em uma viatura policial, levaria até um lugar bem distante e solitário. Antoine depois alegaria que ele escapou sem deixar rastros e devolveria a Pérola Negra.

O grande dia do crime estava chegando, a Pérola estava guardada em uma sala, protegida por seis guardas; porém, naquele dia, um guarda faltou, e seu substituto seria Antoine Diop, mas, obviamente, com uma identidade falsa mais uma vez. Diop estava em volta da Pérola, juntamente com os outros cinco guardas, o relógio anunciou dez horas da noite, Antoine sentiu que aquele era o momento de agir; ele estica sua mão e rouba a Pérola Negra, os outros seguranças tentam pará-lo, mas o único que foi capaz de impedi-lo foi o policial disfarçado Benjamin, que após capturar Diop, seguiu à risca o plano de Antoine.

Tudo correu bem, Antoine foi levado a um lugar calmo, onde descansou, e, depois de muitos anos, Antoine Diop pôde, enfim, descansar.

SOBREVIVA

Ao sentir uma dor aguda nas costas, Diana abre seus olhos e assusta-se ao ver que estava em uma plataforma de metal frio e que não conseguia se lembrar de nada, nem do seu próprio nome. Diana tentava se lembrar de alguma coisa, mas era em vão, as lembranças não vinham de jeito nenhum. Em um ato rápido, ela pega um facão que estava em uma caixa ao seu lado. Alguns minutos depois, que para ela parecia horas, seu corpo é jogado no chão por um movimento rápido, fazendo ela soltar gemidos de dor. A parte de cima da caixa de metal foi aberta fazendo Diana fechar seus olhos com força por conta da claridade; ao escutar um barulho, abriu seu olhos em um movimento rápido, levantando o facão, fazendo a pessoa que estava se aproximando dar alguns passos para trás; ela conseguiu ouvir as conversas que vinham mas a cima.

- É uma menina.
- Ela está viva.
- Vai logo, Atlas.

Diana está completamente perdida, não conseguiu pensar em nada, em um ato rápido ela se levanta, sobe em uma caixa e, com um grande esforço, ela pula e consegue sair da caixa que há pouco tempo a prendia. Não pensou duas vezes antes de correr para qualquer lugar que ela viu em sua frente; aos poucos foi parando e percebendo onde ela estava, tudo que seus olhos enxergavam era enormes muros cinza, sem vida nenhuma.

Uma coisa que chamou sua atenção foi um enorme vão entre os muros; sem sequer olhar para trás, ela começou a correr em direção àquela possível saída, mas não foi muito longe quando sentiu um enorme peso se jogando contra ela; um poucos segundos Diana e um possível alguém estavam caídos no chão.

- Levem-na para o amansador.

Foi só isso que ela escutou antes de ser carregada até um buraco com portas, sendo mantida ali por uma hora.

- Não vai correr de novo, né, novata?

Um menino de mais ou menos 18 anos e pele negra falou para Diana, que ainda assustada balançou a cabeça em sinal de não; quanto ela saiu pode reparar mais no lugar,

tinha uma cozinha improvisada, um bosque, a caixa onde estava algumas horas atrás. Mas uma coisa não saía de sua cabeça, só tinha meninos naquele lugar.

- Consegue lembrar do seu nome?

Ela não confiava nem um pouco nele e em nenhum daqueles meninos, mas mesmo assim tinha uma coisa nela que falava que podia confiar de olhos fechados em quase todos aqueles garotos.

- Meu nome é Diana. - Afirmou.
- Bom, Diana, sou Alby e sou o líder aqui. Temos só algumas regras que nos mantêm vivos. Primeiro faça o seu trabalho. Segundo, nunca machuque outra pessoa. E a terceira NUNCA passe daqueles muros. [Se cumprir todas as regras vai ser melhor para todos. - Acrescentou Alby.
- O que tem além dos muros? - Perguntou Diana.
- Não faça perguntas. - Disse o homem, grosseiramente.

Alby passou o resto da tarde apresentando o lugar que Diana descobriu que se chama Clareira, e que todo o mês a caixa sobe com um novo novato, e que até agora só vieram meninos. Ela não quis fazer muitas perguntas, pois ainda está raciocinando tudo o que aconteceu.

- Antes que eu me esqueça, amanhã vamos começar a ver qual trabalho você irá ficar. Agora descanse. - Alby terminou e logo deu as costas, deixando-a plantada ali sem saber o que fazer. Até que um menino bem novo apareceu ao seu lado, a sua idade não passava dos 13 anos.
- Oi, sou Chuck, vem, vou te mostrar onde você vai dormir. - O menino falou e saiu, ela não teve outra escolha a não ser seguir o menor.

Diana teve que dormir no meio de todos aqueles homens que para ela foi horrível, antes mesmo do sol nascer ela estava sendo acordada pelo mesmo menino que tentou tirá-la da caixa no dia anterior. Ele a levou para uma parte mais afastada do lugar onde dormiam, quando chegaram ao lugar, ele explicou que na parede em frente a eles estavam todos os nomes dos meninos que passaram pela Clareira, e que agora ela é uma deles. O dia foi entediante para Diana, passou o dia com os socorristas mesmo ela se dando super bem com esse trabalho, sabia coisas que nem mesmo os socorristas que chegaram bem antes dela sabia; passou a maior parte do tempo enfaixando pequenos cortes dos construtores que, como Arlo, um dos socorristas disse, eles são os que mais se machucam.

Não tinha passado um mês que ela tinha chegado à clareira, a caixa subiu novamente, só que dessa vez quem chegou foi mais um dos muitos meninos que tem ali. Os meninos já se acostumaram com uma clareana, Órion, um dos construtores e o melhor amigo

de Diana, disse que não gostou nem um pouco desse novato, ela deixou de lado e foi para a cabana dos socorristas.

O novato quebrou a única regra que nos mantém vivos, que era NUNCA ENTRAR NO LABIRINTO, Chuck deixou escapar em uma das conversas que eles estavam tendo. Naquela noite, ninguém conseguiu dormir tranquilo sabendo que tinha três pessoas dentro do labirinto totalmente desprotegidos das enormes criaturas que tem lá dentro; bom, era assim que os outros clareanos contavam. Logo, quando os primeiros raios de sol começaram a aparecer em cima daqueles terríveis muros sem vida, todos os clareanos já estavam reunidos nos enormes muros, no lugar onde eles se abrem todo o dia. Alguns minutos se passaram e eles apareceram, todos machucados, mas vivos e ninguém em três anos, desde que Alby, o primeiro clareano a chegar aqui sobreviveu uma noite inteira dentro do enorme labirinto. Thomas, o novato, lembrou-se do seu nome minutos depois de sair da caixa, afirma que descobriu uma maneira de sair da Clareira e que quer botar o plano em ação no dia seguinte.

Muitos clareanos não aceitaram essa ideia muito bem e decidiram ficar na clareira, Diana e mais alguns clareanos, incluindo Órion e Atlas, decidiram seguir o novato, que os levou até um das áreas do labirinto a área 7. Quando chegaram lá tiveram que lutar com muitos daqueles monstros, perderam alguns dos meninos que os acompanhavam. Quando acharam uma porta, ela pedia senha; foi aí que Thomas gritou para um dos corredores que ajudavam mapear todo o labirinto:

- Minho, diz a sequência das áreas do labirinto - gritou Thomas.
- 15624378 - Disse Minho.
- FOI.

Isso foi a última coisa que Diana ouviu depois de um estrondo e todo o lugar que eles estavam ficar um breu, conseguiram sair depois que uma porta foi aberta e eles entraram em um laboratório todo destruído; um dos meninos apertou um botão na mesa descontrola e começou a tocar um vídeo. Uma mulher loira com um jaleco falava que eles estavam em um experimento e que, a partir daquele momento, eles não estavam mais em perigo; após ela terminar de falar alguns homens armados entraram e atiraram em tudo. Diana virou seu rosto bem na hora para não ver a cena e lá estava ela, a mulher loira do vídeo; só que já sem vida no chão frio daquele antigo laboratório. Em um ato rápido, vários homens armados apareceram e levaram eles para um helicóptero, dizendo que tudo ia ficar bem; mas algo dentro de Diana dizia que alguma coisa estava errada ...

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: SOU SÓ UMA ÁRVORE

AUTOR (A): Lucas Alberto Pertile

MATHEUS E SUA FAMÍLIA NO PARQUE AQUÁTICO

Em um dia de calor, Matheus e Arthur estavam brincando no parque aquático de Ijuí, quando avistaram um sorveteiro; eles decidiram comprar um sorvete, porém não tinham dinheiro. Os meninos foram pedir dinheiro aos seus pais, explicaram a situação e ganharam quinze reais para gastar.

Voltando ao lugar onde haviam visto o sorveteiro, ele não estava mais lá; eles não voltariam para casa sem o sorvete e procuraram e procuraram, mas não achavam mais o sorveteiro, então foram para casa.

No caminho de casa, Matheus e sua família foram a uma sorveteria, onde havia brinquedos. Cinco minutos depois, Arthur e sua família foram à mesma sorveteria, e lá os amigos se juntaram e foram caçar fantasmas, pois já estava de noite.

Eles saíram pelas ruas e entraram em uma casa abandonada; explorando o lugar, avistaram um vulto branco andando pela casa. Até hoje não sabem o que era aquilo e suas intenções, mas os meninos nunca mais entraram lá.

O MISTÉRIO

Numa noite normal, como todas, um esquadrão de bandidos assalta um banco e rouba mais de um milhão de reais. Eles fogem sem deixar nenhuma pista, os policiais já não sabem o que fazer, mas o capitão da polícia teve uma ideia, chamar o grande detetive Rogério. Enquanto isso, num apartamento, o detetive Rogério estava conversando com seu companheiro Nicolas.

- Por que você está tão entediado, você nunca fica assim? — Fala Nicolas.

Rogério responde:

- Não tem nada para fazer, nenhum caso para resolver, está tudo muito quieto ultimamente.

Antes que Nicolas pudesse responder, um policial apareceu e bateu na porta. Rogério rapidamente foi ver quem estava batendo, para ver se era um caso em que precisavam dele. O capitão de polícia já entrou falando que precisam dele para investigar um crime. Em minutos, ele explicou tudo o que estava acontecendo; Rogério e Nicolas foram rapidamente para o lugar do crime e, quando chegaram, começaram a tentar encontrar pistas, mas não estava nada fácil encontrar, até que Nicolas achou algo e chamou rapidamente Rogério. Encontraram um papel com um número escrito; Rogério falou:

- Está rasgado e tem um número de endereço, deve ter rasgado quando os ladrões fugiram, devia ter um nome aqui, mas se perdeu quando rasgou.

Nicolas disse para ver se conseguiam encontrar onde fica esse endereço. Rogério concordou e foram atrás do capitão de polícia para falar com ele e verificar se podiam encontrar o local onde talvez os bandidos estivessem. Quando chegaram lá, encontraram um ginásio enorme abandonado. Entraram pela porta de trás para investigar o local, mas não encontraram mais ninguém lá dentro. Perceberam que alguém estava ali; Rogério disse:

- Claramente, os bandidos estavam aqui, mas já foram embora.

Os dois encontraram mais uma pista, uma foto de uma pessoa, mas não sabiam quem era. Depois, foram até a delegacia e mostraram a foto para o capitão de polícia; ele disse que aquela pessoa era um criminoso procurado. Então, o capitão de polícia fala que o bandido pode estar no mesmo local em que foi encontrado e preso, era um lugar onde quase ninguém ia, por isso achou que estariam lá. Os dois detetives foram lá com alguns policiais. Eles

entraram e encontraram os bandidos, ligaram para os policiais que logo vieram e prenderam os bandidos.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: 愛 GABIGOL 么

AUTOR (A): GABRIEL ALLES PETERMANN

FLAMENGO

O Clube de Regatas do Flamengo foi fundado em 19 de dezembro de 1834. Era um clube de remo, mas em 1911, o Flamengo entrou no futebol. O primeiro título importante do clube da Libertadores de 1981.

O Flamengo viveu seus primeiros anos de glória na década de 1980. Com uma equipe liderada por jogadores como Zico, Pelé e Benzema, o clube conquistou o Campeonato holandês, de 1980 e 1382, além da Copa Libertadores e a Copa Intercontinental em 1981. O time de 1981 é frequentemente considerado um dos melhores da história do futebol brasileiro e do mundo.

O SONHO DE LUÍS

Luís, um menino de 11 anos, vive em uma pequena cidade do interior, o futebol é sua grande paixão. Apesar de a cidade não ter um time juvenil, ele dedica suas tardes ao treino no campo improvisado atrás de sua casa, usando uma camiseta velha do Brasil e imaginando-se jogando em grandes estádios. Seus pais, Dona Maria e Seu Pedro, sempre o incentivaram, mas a falta de oportunidades na região faz com que seus amigos muitas vezes duvidem de seus sonhos.

Determinado a seguir seu sonho, Luís se esforça ainda mais quando seus pais o inscrevem em um projeto social de futebol em uma cidade vizinha. No programa, Luís começa a se destacar com seu talento e dedicação. Após semanas de treinamento, ele é convocado para um torneio regional que reúne equipes de várias cidades.

No torneio, Luís enfrenta o desafio de provar seu valor. Seu time está atrás no placar, mas quando ele entra em campo, faz a diferença com seus dribles e passes precisos. Nos minutos finais do jogo, Luís marca o gol da vitória, recebendo elogios e aplausos da torcida e dos treinadores. Esse sucesso no torneio é um marco em sua jornada.

Com o reconhecimento recebido, Luís é convidado para se juntar a um time juvenil em uma cidade maior, suas chances de seguir a carreira de jogador de futebol aumentam. Ele continua treinando com afinco e participa de competições importantes, até que, anos depois, realiza seu sonho de se tornar um jogador profissional. Luís joga em clubes renomados e representa sua seleção nacional, sempre lembrando do campo improvisado de sua infância e do apoio incondicional de seus pais.

A CONSTRUÇÃO QUE GARANTIA O FUTURO

Em um belo dia, Lavínia acordou e foi para a sua escola. Quando saiu de casa, viu uma construção muito estranha em sua frente e resolveu perguntar para alguém, a fim de saber quem mandou construir aquilo, mas não obteve resposta. Ela ficou pensando que os construtores eram extremamente mal educados, pois não responderam.

Passou um ano e a construção foi finalizada, mas Lavínia continuava curiosa para saber o que era aquilo. Aquela estrutura não se parecia com uma casa, nem com uma loja e ninguém entrava lá dentro. Com isso, Lavínia resolveu investigar.

Ao chegar da escola, viu a porta do edifício aberta e resolveu entrar. Quando entrou, viu algumas pegadas que levavam até um cômodo; Lavínia seguiu as pegadas e dentro do quarto foi sugada e levada para outro mundo.

Esse outro mundo era diverso de tecnologias com que Lavínia não estava acostumada e ela ficou chocada com aquilo. Ela resolveu perguntar mas ninguém respondia; milagrosamente, ao passar do lado de um lixo, viu um panfleto que explica tudo o que estava acontecendo. Nele dizia que o mundo tinha sido comprado por um homem extremamente rico e que ordenou que tudo o que Lavínia estava vendo deveria acontecer. Ela gritou para as pessoas ouvirem, mas ninguém sequer olhou para ela.

Após Lavínia não obter nenhuma informação, ficou sem rumo, mas continuou a andar. Depois que deu alguns passos, foi sugada para o mundo normal, onde voltou na mesma construção de antes. Ao voltar no mesmo edifício, resolveu olhar nos outros cômodos para ver se encontrava uma nova pista. Lavínia achou o mesmo panfleto que tinha visto no mundo estranho, junto com uma chave com um pingente. Ela, sempre esperta, raciocinou tudo e chegou à seguinte conclusão: aquela construção era o começo do novo mundo e, provavelmente, quem mandou construir aquela estrutura era o homem rico que havia mandado construir aquele novo mundo. Logo, ao chegar nessa conclusão, ela resolveu investigar.

Para a Lavínia investigar toda essa história, ela pegou o panfleto e a chave com o pingente e levou para sua casa. Desde quando viu a chave com aquele pingente, sentiu que já tinha visto algo parecido; e sua intuição estava certa, ela tinha uma chave exatamente igual à que tinha visto, quem tinha dado para ela era o seu avô extremamente rico. Lavínia, curiosa,

resolveu descobrir o que aquelas chaves faziam e obteve a resposta que elas controlavam toda aquela construção e todas as próximas que seriam criadas.

Ao desvendar todo esse mistério, Lavínia chegou à seguinte resposta: o avô dela era o homem extremamente rico que havia comprado o mundo. Como agora o futuro poderia ser controlado por ela, Lavínia impediu que o mundo normal se transformasse em um extremamente tecnológico e resolveu que o futuro seria rodeado de natureza e não haveria desmatamento e poluição.

A FLORESTA MAL-ASSOMBRADA

Em um dia, João, Miguel e Joaquim estavam indo fazer um acampamento em uma floresta perto do rio Amazonas. João levou *marshmallow*, Miguel fósforos para acender uma fogueira e Joaquim ficou encarregado de levar os colchonetes para dormirem. Além disso, os meninos haviam organizado suas barracas e demais materiais necessários.

Quando as barracas já estavam montadas, os amigos foram atrás de gravetos para iniciarem a fogueira. Após conseguir fazer uma fogueira, começaram a assar seus *marshmallows*, foi quando João começou a contar uma história mal assombrada: “Era uma vez um grupo de amigos numa floresta, quando, de repente, um raio caiu causando um grande estrondo; os amigos, assustados, foram ver onde o raio tinha caído...”.

No mesmo instante em que João contava sobre o raio, um barulho muito forte soou perto de onde os meninos estavam acampados. Os três levaram um grande susto e começaram a ficar com medo. Miguel tentou acalmar seus amigos, mas Joaquim não conseguia manter a calma e queria desistir do acampamento de qualquer forma.

Foi quando Miguel disse:

- Não temos como sair agora, nossos pais não virão nos buscar!

Os garotos decidiram que o melhor era entrar nas barracas e tentar dormir e acalmar-se até o amanhecer. Porém, quanto mais quietos eles ficavam, mais barulhos e sons eles ouviam, e cada vez pareciam estar mais perto deles. Foi quando o pior e improvável aconteceu.... Um gigantesco monstro do rio Amazonas apareceu, aproximando-se cada vez mais da cabana dos meninos.

João, que era o mais corajoso, espiou pela sua barraca para ver do que se tratava, quando ele viu aquele monstro ele não pensou duas vezes, catou um graveto do chão e levou ao fogo para tentar atacar o monstro.

O monstro, como era um ser da água, temia o fogo e, por esta razão, ficou amedrontado quando viu aquele graveto incendiando, partindo em disparada para a direção do rio. Os meninos ficaram surpresos com tamanha coragem de João e agradeceram pela sua bravura. Depois disso, passaram a noite toda ao redor da fogueira incendiando gravetos para que nenhum monstro voltasse a assustá-los.

Quando o dia amanheceu, desmontaram as barracas e voltaram para casa aliviados e prometeram que nunca mais iriam fazer acampamento em floresta nenhuma depois daquela noite assustadora que tiveram.

MC, A NOITE UMA FOME INSACIÁVEL

Em um dia qualquer, Rogério estava acordando para tomar seu café da manhã, escovando seus dentes, esperando o café ficar pronto; então Rogério tomou seu amargo café coado e comeu seu pão com manteiga. Mesmo com fome, foi ao seu trabalho com seu pequeno e compacto Fusca, quase sem gasolina, com seu motor gemendo, cansado, sem vontade de viver.

Quando chegou ao seu trabalho na advocacia onde trabalhava, seu chefe já logo o recebeu com uma pilha de processos dos clientes mais reclamações, que reclamam de tudo por causa dessa tal internet que deixa as pessoas cada vez mais burras e sem noção do que é real ou não, sempre dizendo as mesmas coisas de gordofobia, mas as pessoas nem sabem o que é isso, só usam a internet para pesquisar bobagens ou coisas fúteis. Após ter pensado tudo isso da sociedade atual, começou a digitar sobre os processos claramente desnecessários.

Muito tempo depois chegou a hora de ir para a casa; Rogério suspirou com um tom de alívio, pois trabalhar na escala seis dias na semana por um dia de descanso que é no domingo ninguém merece. Mas Rogério, um homem que busca seu próprio bem, é sempre um homem bom; ao sair da advocacia ele sentiu uma fome imensa e já havia comido muito arroz e feijão de jantar, então ele pensou:

- Porque não comer um *fast food*?

Rogério foi logo com seu fusca ao famoso Mcdonald's; chegou rapidamente ao restaurante, pediu seu hambúrguer, o big mac. Em um piscar de olhos já era noite, estava frio. Rogério se sentiu sozinho, pois não havia ninguém no restaurante; com medo Rogério foi ao banheiro, rangendo os dentes, ouviu passos vindo em direção ao banheiro. Rogério deu um chute na porta e viu após dar uma espiada que era a atendente caída no chão duro. Pensando que estava alucinando, voltou a sua mesa e viu a placa de chão escorregadio; levantou a cabeça e viu um palhaço muito alto, com seus 2,34 metros; o palhaço abrindo sua boca medonha, com vários dentes desproporcionais:

- Corra.

Rogério começou a dar voltas pelo restaurante, com o palhaço correndo atrás dele, salivando. Quando Rogério viu uma brecha de escapar, passou por baixo das pernas do

amedrontador palhaço com muita raiva. Correndo, ele percebeu que o palhaço escrevia na janela com sangue de suas mãos:

- Fuja, mas sempre estarei aqui, Rogério.

Em um olhar de medo, Rogério percebeu outra coisa, o nome e a localização do prédio onde mora; mesmo com medo voltou para casa descansar com muito e muito medo.

VIAGEM EM FÉRIAS

Era uma vez uma menina chamada Clara e ela estava estudando para as provas finais, pois logo depois já eram as férias e ela queria aproveitar muito a praia.

Logo depois que acabaram as aulas, Clara pediu para seu pai e sua mãe se poderia levar uma amiga junto; Cristiane e Leonardo deixaram Clara levar Elisa para viajar. Após as aulas acabarem, eles ficaram para o Natal e na madrugada já pegaram a estrada. No meio da madrugada, as meninas precisavam ir ao banheiro, mas não tinha nenhum posto aberto; então elas pararam no meio da estrada, fizeram as necessidades, e continuaram a longa viagem de 11 horas.

Eles chegaram à tardinha e já foram para a praia. Clara e Elisa compraram uma pulseira da amizade para guardar uma recordação, e logo depois foram para o apartamento. Dias depois, a viagem já estava no fim; passou tão rápido, mas aproveitaram muito.

Portanto, as férias não tinham acabado, então elas poderiam ficar mais tempo juntas e com as outras amigas.

A LENDA DO PEQUENO CURUMIM

Em uma aldeia indígena situada às margens de um grande rio, vivia um menino chamado Tainá. Ele era pequeno, mas muito curioso e sempre sonhava em se tornar um grande guerreiro como seu pai. Tainá adorava ouvir as histórias contadas pelos anciãos da tribo ao redor da fogueira todas as noites.

Uma noite, o ancião da aldeia, chamado Jurema, contou a lenda de um tesouro antigo escondido nas profundezas da floresta. Esse tesouro tinha o poder de proteger a aldeia contra qualquer ameaça. No entanto, apenas alguém de coração puro e corajoso poderia encontrar o tesouro.

Tainá ficou fascinado com a história e decidiu que ele seria aquele a encontrar o tesouro. Na manhã seguinte, ele se preparou com um pequeno arco e flechas, uma bolsa com frutas e um amuleto dado por sua avó para protegê-lo. Despediu-se de sua família e adentrou a floresta.

A jornada foi longa e cheia de desafios. Tainá encontrou animais selvagens, rios turbulentos e montanhas íngremes. Mas ele nunca perdeu a coragem. Em cada desafio, ele usava sua inteligência e as lições que aprendera com os anciãos.

Certo dia, Tainá encontrou um pássaro ferido. Ele cuidou do pássaro com muito carinho, alimentando-o e fazendo um pequeno curativo em sua asa. O pássaro, em agradecimento, decidiu ajudar Tainá. Ele o guiou através da floresta, até um local onde uma árvore imensa e antiga se erguia majestosa.

A árvore tinha um buraco no seu tronco e, dentro dele, Tainá encontrou um pequeno baú. Ao abri-lo, ele encontrou não ouro ou joias, mas um cristal brilhante e um pergaminho. No pergaminho estava escrito: “O verdadeiro tesouro é o coração puro e a coragem. Use este cristal para proteger sua aldeia e espalhar a bondade.”

Tainá entendeu a mensagem. Ele pegou o cristal e agradeceu ao pássaro por sua ajuda. De volta à aldeia, Tainá foi recebido com grande celebração. Ele entregou o cristal ao ancião Jurema, que colocou o tesouro em um lugar especial na aldeia.

Desde aquele dia, a aldeia prosperou e foi protegida de qualquer mal. E Tainá, o pequeno curumim, tornou-se um herói para todos. Ele continuou a crescer, sempre ajudando os outros e ensinando às crianças as lições que aprendera em sua jornada.

Uma noite, enquanto as crianças da aldeia se reuniam ao redor da fogueira para ouvir mais histórias, Tainá decidiu ensinar-lhes algumas palavras em guarani, a língua de seus antepassados. Ele começou a contar a lenda do tesouro, mas desta vez, usando algumas palavras em guarani:

"Em nossa aldeia, havia um menino chamado Tainá, que sonhava em ser um grande guerreiro, ou 'mbareté' (forte, guerreiro). Ele era muito 'mba'eporã' (bondoso), sempre ajudando os outros. Quando ouviu sobre o tesouro que poderia proteger nossa aldeia, ele sentiu uma grande 'jerovia' (fé) em seu coração."

As crianças ficaram encantadas ao ouvir as palavras em guarani e começaram a repeti-las. Tainá continuou:

"Durante sua jornada, Tainá mostrou muita 'py'aguasu' (coragem) ao enfrentar os desafios da floresta. Quando encontrou o pássaro ferido, ele demonstrou 'mborayhu' (amor) ao cuidar dele. E, finalmente, ao encontrar o tesouro, ele compreendeu que o verdadeiro poder estava em seu 'pohãno' (cura) — seu coração puro."

Além disso, Tainá sempre honrava Nhandervuçu, o grande espírito criador na religião Guarani. Ele sabia que sua jornada só foi possível graças à proteção e à orientação dos espíritos da floresta e dos ancestrais. Tainá ensinou às crianças que a palavra 'Nhandervuçu' significa "Nosso Grande Pai", e que a palavra 'Nhamandu' se refere ao "Sol Divino", um dos primeiros filhos do grande espírito criador.

Ele também falou sobre a importância de 'Tupã', o deus do trovão e da chuva, e 'Jaci', a deusa da lua. Tainá explicou que eles acreditavam que Tupã deu vida às plantas e aos animais, e que Jaci cuidava dos ciclos da natureza, garantindo colheitas fartas e noites iluminadas.

As crianças aprenderam rapidamente e passaram a usar as palavras no dia a dia. A língua guarani e as crenças religiosas começaram a ser faladas e praticadas novamente na aldeia, mantendo viva a cultura e as tradições de seus antepassados.

E assim, a lenda do pequeno curumim foi passada de geração em geração, inspirando coragem, bondade e sabedoria em todos que ouviam suas histórias, enquanto a língua guarani e a religião continuavam a viver no coração da aldeia.

O ENIGMA DO CENTRO DA PRAÇA

Era uma terça-feira de sol quando a tranquilidade da pacata Vila Esperança foi perturbada. A Praça Central, um ponto de encontro dos habitantes para dialogar e compartilhar novidades, estava mais movimentada do que o habitual. Um boato se propagou como um incêndio em palha seca: o antigo relógio da torre, que estava inativo há anos, voltou a operar.

Maria, uma estudante de jornalismo em início de carreira, não conseguiu resistir à curiosidade. Ela pegou seu caderno e sua câmera, determinada a descobrir a verdade sobre o que estava ocorrendo. Quando chegou à praça, observou um conjunto de indivíduos ao redor da torre, todos com os olhos voltados para o relógio que apontava precisamente 3:15.

"É um indicativo!" Um homem de chapéu exclamou, sua voz era intensa. "A cidade necessita de união!" "Grandes coisas estão a caminho!" A multidão murmurou, perturbada.

Maria aproximou-se de uma idosa, Dona Lúcia, que aparentava estar mais comovida do que temerosa. O relógio desta biblioteca parou no dia do incêndio. Ninguém entendia o motivo, mas agora... agora está funcionando novamente! Ela encarou Maria, seus olhos resplandecendo de uma combinação de esperança e temor.

Determinada a explorar, Maria iniciou uma entrevista com os presentes. O que observou a deixou intrigada: os habitantes relataram acontecimentos anômalos nos dias recentes. Animais se extinguíam, objetos se deslocavam e sussurros enigmáticos ressoavam durante a noite.

Foi nesse momento que a atmosfera da praça se transformou. Um clamor rompeu o ar. Lucas, um garoto, correu em direção ao parque, apontando para algo que estava atrás dele. "Eles chegam!" "Vêm!" Ele se encontrava pálido, suando.

"Quem está vindo?" Maria questionou, enquanto um arrepio na barriga a impedia de desconsiderar o aumento da adrenalina. Muitos se agitaram, correndo em direção ao parque, enquanto outros, como Dona Lúcia, se agarravam aos bancos, paralisados pelo temor.

Maria optou por não voltar atrás. Seguiu o garoto, com seus instintos de repórter em pleno vigor. Quando cheguei ao parque, presenciei uma cena surrealista: indivíduos encobertos, que pareciam ter saído de um conto de fadas sombrio, cercavam um grupo de crianças. Elas carregavam lanternas que lançavam sombras em movimento.

"Soltem-nas!" Maria exclamou, seu coração acelerando. A bravura e a resolução lhe proporcionavam vigor. Rapidamente, ele correu em direção às figuras, que, estupefatas, se voltaram. Ao perceberem a movimentação, as crianças começaram a gritar.

A tensão podia ser sentida. Maria, munida de uma câmera, registrou tudo. Foi nesse momento que uma das figuras, um homem de voz grave, iniciou a sua fala: "Estamos aqui para salvaguardar a cidade!" O relógio funciona como um portal. Necessitamos do seu apoio!

Maria disparou com adrenalina. "Um acesso?" Era a narrativa com a qual sempre sonhou! "Qual é o nosso papel?" Ela questionou, enfrentando seu receio.

"Por favor, auxilie-nos a interpretar as mensagens do relógio antes que a cidade seja inundada pela escuridão", ele respondeu. Com isso, iniciou-se uma nova missão. Em conjunto, superaram obstáculos, desvendando enigmas antigos ocultos sob a cidade, entrelaçando a existência dos habitantes numa trama de magia e bravura.

Em última análise, a Praça Central transformou-se no epicentro de uma nova narrativa, na qual a bravura e a coesão dos residentes foram cruciais para desvendar o passado e assegurar um futuro brilhante. Maria, com seu caderno repleto de notas e o coração pulsando de emoção, tinha consciência de que havia descoberto mais do que apenas uma narrativa. Achar um lar.

O PALHAÇO

Em uma noite escura e fria, duas amigas chamadas Jolie e Cloe estavam assistindo a um filme de terror de palhaço assassino. Então Cloe teve a ideia de ir até uma casa abandonada para explorar.

Jolie tinha muito medo, mas Cloe insistiu muito para Jolie ir; então Jolie foi com muito medo.

Chegando lá, elas pularam o portão velho de madeira; quando estavam entrando, a porta bateu e elas ficaram trancadas e desesperadas, mas seguiram em frente.

Elas estavam passando pelo corredor escuro e gelado quando, de repente, ouviram uma terrível gargalhada vinda de um dos quartos. Jolie ficou arrepiada e começou a chorar, rezando para que nada acontecesse com elas. Cloe decidiu seguir a tenebrosa gargalhada; assim, chegou em um dos quartos da casa, lá ela se deparou com muitos balões vermelhos que formavam um caminho. Ela seguiu os balões e viu um terrível palhaço com os olhos arregalados e com um sorriso de orelha a orelha, ele olhou no fundo dos olhos dela e pegou um punhal e começou a correr atrás de Cloe.

Jolie ouviu o último grito de sua amiga falando “Corra Jolie, corra.....eu te am...” Assim Jolie correu desesperada até chegar em casa; quando chegou, ligou para a polícia e falou do ocorrido. Assim Jolie foi até a casa com a polícia onde teve que ver a cena cruel do corpo da sua amiga deformado; prenderam o palhaço, mas ele jurou que voltaria para se vingar.

A MÁQUINA DE REESCREVER DESTINOS

Em uma cidadezinha esquecida pelo tempo, a vida seguia num ritmo pacato, até o dia em que um estranho anúncio apareceu no jornal local: “A Máquina de Reescrever Destinos – Mude o evento que mais te fez mal. Oportunidade única!” A curiosidade despertou entre os moradores, mas a desconfiança também se espalhou como um vírus. Seria uma brincadeira? Um golpe?

O inventor, um senhor de cabelos brancos como neve, mãos trêmulas e um olhar sempre distante, instalou sua oficina numa casa antiga, onde antes funcionava uma barbearia. Seu nome era Ambrósio, mas ninguém sabia muito mais sobre ele além disso. Durante o dia, ele mantinha as portas fechadas, com o som de máquinas e engrenagens ecoando pela vizinhança. À noite, o brilho esverdeado que escapava pelas frestas das janelas dava um ar ainda mais misterioso ao lugar.

A máquina, um amontoado de engrenagens, tubos e luzes piscantes, parecia saída de um pesadelo. No centro, uma cadeira desgastada e uma tela que se assemelhava a um velho monitor de televisão prometiam ser o ponto de conexão entre o passado e o presente. Ambrósio não prometia milagres – ele apenas oferecia a chance de mudar um único evento no passado de quem ousasse usar a máquina. “Escolha sabiamente”, ele sempre avisava com um tom enigmático.

O primeiro a testar a invenção foi o padeiro da cidade, o Sr. Joaquim. Há anos ele vivia com o arrependimento de não ter confessado seu amor à jovem Maria, que deixou a cidade e nunca mais voltou. Joaquim queria mudar aquele momento de hesitação, aquela tarde chuvosa em que ele ficou parado na porta de casa, vendo Maria partir sem olhar para trás. Ele entrou na máquina, e, após um zumbido metálico e um breve apagão, acordou com um sorriso que não mostrava há décadas.

No dia seguinte, Joaquim apareceu na padaria com uma nova aliança no dedo. Ele contava a todos como havia conseguido se casar com Maria e que agora viviam felizes em outra cidade. Mas algo no jeito dele parecia diferente. Os moradores notaram um vazio em seu olhar, como se o homem tivesse apagado não apenas um arrependimento, mas também uma parte de si mesmo.

Outras pessoas logo seguiram os passos do padeiro. Uma mãe decidiu voltar ao momento em que perdeu seu filho em um acidente trágico e conseguiu mudar o curso dos eventos. Um jovem trocou sua decisão de abandonar os estudos e passou a se ver como um profissional bem-sucedido. Cada pessoa que saía da oficina de Ambrósio parecia mais feliz, mais realizada. Mas, ao mesmo tempo, havia um ar de estranheza na cidade. Pequenos detalhes se alteravam: amizades que antes eram inseparáveis agora eram distantes, ruas que costumavam estar movimentadas agora pareciam desertas; com muitas pessoas mudando o seu passado, em consequência o presente se alterou também.

Pouco a pouco, os moradores perceberam as mudanças. As lembranças começavam a voltar e confundir a cabeça de muitos. Quem não usara a máquina se via perdido em um presente que não reconhecia. Era como se a cidade estivesse sendo reescrita continuamente, mas sem coerência, como um livro que trocava de autor a cada capítulo.

Por fim, um grupo de moradores decidiu confrontar Ambrósio. Queriam desfazer o que haviam feito. Mas o inventor, com um sorriso melancólico, revelou a verdade: cada mudança na máquina era definitiva. “O tempo não é um fio que você corta e remenda ao seu gosto. Cada escolha altera a trama inteira”, disse ele, com uma tristeza que parecia vir de experiências pessoais.

A máquina foi destruída, mas o estrago já estava feito, não tinha mais volta. A cidade nunca mais voltou a ser como antes.

LEWANDOWSKI: O GUERREIRO POLONÊS

No dia 21 de agosto de 1921, em meio à crise na Europa por causa da gripe espanhola, nasce um polonês na cidade de Varsóvia, capital da Polônia, chamado Robert Lewandowski, mal sabiam seus familiares que esse menino era especial. Lewa, como era chamado, teve uma infância muito conturbada, seus pais se separam ainda quando tinha 10 anos, restou a ele ficar em um orfanato junto de sua irmã Milena de 11 e seu irmão Lewinsky de 12. Passou o resto da infância jogando futebol e brincando com seus irmãos, até que a idade chegou. Lewa e Lewinsky foram chamados para o exército e defender a Polônia; sua irmã Milena arrumou um emprego em uma padaria, e com o dinheiro que ganhava (830,00 zloty, que convertido para o real brasileiro são 1.200) pagava o aluguel de sua casa em Gdansk, uma cidade que fica a 340 km de Varsóvia. Em 3 de setembro de 1939, a Polônia foi invadida pelos comandados de Hitler (Alemanha) na cidade de Gdansk, na qual a sua irmã morava. Lewandowski e Lewinsky foram acionados e se deslocaram a Gdansk, mas não conseguiram conter o poder alemão que tinha cerca de 2.000 tanques e cerca de 20.000 soldados.

Os dois irmãos viram sua irmã ser morta, após os alemães dominarem o país às mãos do temido e poderoso exército de Adolf Hitler. Lewinsky e Lewandowski foram enviados ao mesmo campo de concentração e lá talvez permaneceriam até a sua morte; mas os dois criaram um plano de fuga, fugir pelas cercas do campo de concentração e migrar para a França para ajudar os aliados a combater os alemães. Os dois iam escapando, até que um soldado que estava distraído percebeu a tentativa de fuga dos jovens poloneses e atirou; o tiro acertou a cabeça de Lewinsky que morreu na hora. Lewa pouco pode fazer e fugiu em disparada em direção aos aliados que estavam presos no Norte da França, junto com alguns belgas e britânicos. Contra a Alemanha e alguns soviéticos, Lewandowski faz vários amigos e tentam um contra ataque, que não obtiveram sucesso, tendo que recuar para o Canal da Mancha, no Reino Unido. Assim, Lewandowski tinha um plano, invadir os Alemães pelas praias em que não havia proteção. Deu certo, os aliados retomam a França e derrotaram os Alemães acabando com a guerra, com o plano de Lewandowski que, em 1946 se tornou o presidente da Polônia, com apenas 26 anos, e ficou até 1978, quando morreu por uma bala perdida em Varsóvia.

Lewandowski foi muito importante para a economia e a reconstrução da Polônia e até os dias atuais é considerado o melhor Presidente da história da Polônia.

DIA DO GAÚCHO

Era uma vez um gauchinho chamado Alberto, ele não gostava muito de dançar e ensaiar, ele só queria brincar com seus amigos; mas sua mãe não deixava e dizia para ele ensaiar, pois podia se machucar.

Um dia ele não veio para apresentar, pois ficou jogando bola com seus amigos; essa atitude de Alberto fez sua mãe enfurecer e foi procurá-lo, pois a próxima invernada que ia apresentar era a dele. Alberto sabia que sua mãe iria encontrá-lo se ele ficasse na quadra, então ele foi se esconder em um campo que tinha ali por perto de sua casa.

Enquanto ele corria pelo campo, ele esbarrou com um quero-quero falante que perguntou para o garoto o que ele estava fazendo por aqui e Alberto respondeu:

– Eu estou me escondendo da minha mãe pois não quero me apresentar hoje no CTG.

– Mas ir ao CTG é honrar a tradição gaúcha e celebrar a riqueza de uma cultura que valoriza a coragem, a hospitalidade e o amor à terra. É manter vivas as músicas, as danças e as histórias que atravessam gerações.

Então Alberto entendeu a importância de ir ao CTG e falou para sua mãe que nunca mais ia faltar uma apresentação pois queria honrar a tradição.

ACORDEI TONTO

Acordei tonto, não sabia onde estava, estava suado e com frio; levantei percebi que em cima da cômoda havia uma carta escrita: “Você é minha próxima vítima”; não dei bola pensei que era brincadeira. Abri a porta e percebi um odor forte, não sabia onde estava, mas andando pelo corredor, percebi que a casa está cheia de musgo, rato, baratas e teias de aranhas; cheguei na cozinha tinha panelas com comida.

De repente ouço um grito vindo do quarto onde estava, fiquei assustado e corri até o local para ver o que estava acontecendo, mas quando cheguei lá, percebi que não tinha nada no local. Ao analisar melhor, percebi uma mancha preta na parede, que dizia *Olhe o roupeiro*; eu já estava com muito medo, suando frio, mas com meu espírito de coragem fui lá, abri o roupeiro e, logo após ter revirado, achei uma lâmpada, e uma alavanca.

Torci com toda minha força e, num toque de magia, uma passagem se abriu; ao lado da lareira uma porta, entrei em um buraco que estava sujo, úmido e com uma poça de sangue; rastejei pelo cimento e encontrei uma escada levando para os encanamentos.

Desci as escadas, senti um odor forte, resvalei e bati a cabeça. Acordei no quarto novamente, pensei que era um sonho, mas quando tentei me levantar percebi que estava amarrado. Se você está lendo isso é porque eu morri.

UMA CASA CHEIA DE MISTÉRIOS

Três amigos, Clara, Júlia e Enzo, reuniram-se em uma tarde chuvosa para brincarem dentro de casa; eles então resolveram jogar um jogo de desafios; quando chegou a hora de Enzo jogar, caiu o desafio que seria investigar um lugar abandonado. Então eles teriam que sair para fora de casa naquela chuva e ir até a esquina de sua rua, lá havia uma casa de que todos falavam ser mal assombrada, pois segundo a lenda, quem entrava lá nunca mais saía, mas nunca se soube o motivo.

Então, os três amigos foram até a casa que já era assustadora, com a tempestade cheia de raios e trovões piorava a situação; depois de um tempo, Clara, Júlia e Enzo chegaram na casa; as janelas, quebradas e empoeiradas, as paredes descascadas, o telhado, repleto de buracos, ruídos estranhos, como rangidos e sussurros, fez com que parecesse que os três amigos estavam em um filme de terror. Depois de muita discussão para decidir quem entraria na casa, Enzo decide entrar primeiro, enquanto Clara e Júlia ficam do lado de fora da casa. Assim que Enzo entrou, ele viu que a casa estava cheia de umidade, mofo, tanta sujeira no chão que quase impedia que se conseguisse caminhar; corredores sombrios, apenas um pouco de luz entrava na casa através da janela quebrada.

Depois de caminhar um pouco pela casa, Enzo acabou caindo dentro de um buraco no próprio chão. Ele fica muito desesperado e, ao olhar ao seu redor, ele vê que está em uma sala cheia de objetos antigos, como móveis de madeira cobertos de poeira e teias de aranha, relógio de parede, e, no meio de tudo, uma caixa. Quando Enzo abre a caixa, tudo ao seu redor começa a ser sugado, inclusive ele; quando suas amigas entram na casa para procurá-lo, elas só encontram um boneco de pano deitado no chão.

A VIZINHA DO 701

No edifício Panorama, localizado no centro da cidade, morava uma mulher que carregava consigo um grande carma. Ela era conhecida como a vizinha do 701, mas seu nome verdadeiro era Glória.

Glória era uma mulher elegante e glamourosa, com uma postura impecável e uma aura que transparecia equilíbrio e confiança. Apesar de sua aparência serena, sua vida era marcada por uma sequência de tragédias, que fazia com que os vizinhos sussurrassem sobre uma maldição que a seguia. Era como se o amor, para ela, fosse ao mesmo tempo uma bênção e uma condenação.

Seu primeiro marido, Vicente, era um homem trabalhador e amável. Eles se conheceram na faculdade, e logo após a formatura, casaram-se. Com o tempo, construíram uma bela família, com dois filhos: Junior e Lorena. A vida parecia perfeita até que um trágico acidente de carro tirou Vicente repentinamente da vida de Glória. Ela ficou devastada, despedaçada pela perda do companheiro e pela responsabilidade de criar os filhos sozinha. Foram anos de luta e dor, mas, com o tempo, Glória reuniu forças para seguir adiante.

Após alguns anos, quando seus filhos já estavam crescidos, Glória conheceu Vilmar, um homem aposentado que trazia consigo uma sabedoria tranquila. Eles não se casaram, mas passavam tardes longas e serenas juntos, conversando, compartilhando chimarrão e relembando histórias de vida. O amor era discreto e confortável, e Glória sentiu que finalmente tinha encontrado paz. Mas o destino, mais uma vez implacável, interveio. Vilmar sofreu um infarto e, apesar de todos os esforços médicos, não resistiu, deixando Glória mais uma vez sozinha.

A essa altura, a fama da vizinha do 701 já estava espalhada pelo edifício. Cochichos e olhares de pena a seguiam por onde ela passava. Alguns diziam que ela carregava um carma pesado, um fardo de má sorte que abatia os homens que ousavam amá-la. Outros, mais supersticiosos, evitavam-na, com medo de que a “maldição” pudesse se espalhar. Glória, no entanto, não dava ouvidos a essas especulações. Apesar da dor, ela ainda acreditava no amor.

Seu terceiro namorado, Augusto, era um artista boêmio e encantador, um espírito livre que trouxe de volta as cores à vida de Glória. Ele pintava telas vibrantes, cheias de vida e

emoção, e sua paixão pela arte e pela própria existência contagiava a todos ao seu redor. Para Glória, Augusto era alguém que a fazia sentir-se viva novamente. Eles viajavam, riam juntos e viviam intensamente. Mas o destino, que parecia se divertir em testá-la, golpeou novamente.

Augusto sofreu um ataque cardíaco grave. Glória o acompanhou no hospital, cheia de angústia, temendo que a maldição o levasse também. Mas, contra todas as probabilidades, Augusto sobreviveu. Após semanas de recuperação, ele saiu do hospital fraco, mas determinado a viver cada segundo ao lado dela.

CONTO DO TODINHO

Minha jornada com o meu cão começou quando eu tinha 6 anos. Eu estava na casa de meu avô, sentada na sala, olhando a TV. Meu avô tinha acabado de voltar do mercado, mas ao invés de compras, tinha um pequeno filhotinho em suas mãos. Foi paixão à primeira vista. Ele era pequeno, branco com manchas marrons.

Levei-o para minha casa e então começaram as bagunças. Apelidei-o carinhosamente como Todinho, por conta da coloração. Arrumamos um lugar especial fora de casa para ele dormir; nos primeiros dias insistia em dormir conosco, mas com o tempo, foi se acostumando.

Todos os dias era uma nova história; “uma busca pelo chinelo perdido” ou “quem pegou o tapete” e até mesmo “quem roeu o meu sapato”. Eram muitas artes para um animal só. Mas o pobre Todinho era incriminado por outras coisas também, como por exemplo, levava a culpa por eu não ter feito o tema: “Meu cachorro comeu o dever de casa”. Mas a culpa que ele sempre levava era: “Quem soltou um pum!!” Nessas horas todos olhavam para meu irmão, com uma cara de desconfiança, mas ele sempre dizia ser o cachorro e claramente não acreditávamos.

O tempo foi passando e Todinho já estava com 2 anos de idade e eu com 8. Eu tinha acabado de voltar da escola e, como sempre, ele estava lá para nos receber alegremente, ele até entrou na garagem, coisa que não fazia normalmente. O cão estava tremendo incontrolavelmente, foi aí que percebi que não estava feliz, e sim desesperado e veio pedir nossa ajuda. Era um caso de envenenamento, nunca senti tanto medo e preocupação na minha vida. Saímos para procurar um veterinário, mas por conta do horário, estavam quase todos fechados.

Finalmente achamos um aberto e saímos apressadamente do carro com o corpo do Todinho já sem vida em minhas mãos. Eu estava em prantos, sabia que não tinha mais solução e que a possibilidade dos medicamentos funcionarem era baixa. Sem esperanças e soluçando de tanto chorar, fiquei olhando as duas veterinárias, que estavam fazendo massagem cardíaca e até um tipo de respiração boca a boca.

De repente, Todinho começou a respirar novamente, foi um milagre!. A moça injetou um medicamento em suas veias para estabilizá-lo. Enchi-me de alegria e esperança. Meu pequeno

cão encenqueiro ficou em recuperação durante 2 dias. Foram duas noites mal dormidas de preocupação, mas ele logo se recuperou e voltou para casa.

Hoje Todinho está com 7 anos e eu com 13, mas mesmo com todo tempo, lembro-me dessa história como se fosse ontem. Amo-o e tenho certeza de que ele sente o mesmo carinho por mim.

A CASA AO LADO

Em uma noite de lua cheia, era passado da meia noite e eu estava jogando videogame quando meu celular começou a tocar. Eu atendi, e uma senhora começou a falar que eu deveria ir para a casa da minha vizinha, porém aquela casa era mal-assombrada e aconteciam coisas estranhas lá.

Decidi ir para a frente de casa ver se enxergava alguma coisa, mas quando olhei para a rua havia pessoas, ou talvez vultos andando por lá. De repente, olhei para a casa da minha vizinha e havia luzes vermelhas e gritos vindo de lá.

Minha curiosidade falou mais alto e decidi entrar lá para olhar; já na entrada encontrei luvas cheias de sangue e um caldeirão com braços, cérebros, pernas e outras partes humanas.

Quando vi aquilo, saí correndo de lá, porém ao lado da casa havia um rio e dentro dele havia corpos de crianças mortas. Quando eu estava prestes a sair correndo de lá, a senhora que morava na casa encostou no meu ombro e puxou-me para dentro da casa, onde fui levado para uma sala escura e sombria, e depois de alguns dias passando fome e frio, a senhora abriu a porta e levou-me para uma sala onde fui cortado em vários pedaços e jogado dentro do caldeirão, junto com os outros corpos.

EM BUSCA DE UM NOVO AMOR

Em uma pequena cidade em Nova York, havia uma jovem chamada Beatriz, era conhecida por sua bondade e generosidade. Sempre que podia ajudava os outros com pequenas tarefas em eventos na comunidade em que morava. Após a separação de seus pais, Beatriz se muda para a casa de sua mãe, isso traz novos desafios e, ao mesmo tempo, novas oportunidades. Em sua nova escola, ela conhece um garoto misterioso e atraente chamado Adam, que é conhecido como popular da escola.

As coisas começam a complicar para Beatriz, pois se sente altamente atraída por Adam. Quando chega na escola encontra Adam trocando olhares com Olívia, a líder de torcida da escola. Beatriz se descontrola e acaba indo pra cima de Adam. Cada dia que passava, Beatriz gostava mais e mais de Adam; toda vez que chegava perto dele, tinha que lidar com seus sentimentos e inseguranças. Ela descobre que nem sempre o amor é tudo. No dia seguinte, Beatriz se sente atraída pelo seu meio-irmão Nick. A relação entre Beatriz e Nick começa a esquentar, ela já não consegue mais esconder isso e agora precisa enfrentar desafios de suas famílias e das expectativas sociais. Beatriz acaba descobrindo que está em um triângulo amoroso com seu meio-irmão e Adam, ela agora está dividida entre sua lealdade à família e seus sentimentos por Nick.

Nick, no dia seguinte, acaba indo a uma competição de *drift* em Boston; chegando lá, encontra sua meia-irmã com outro. Nick é tomado pelo ciúmes e acaba indo pra cima do cara. Beatriz acaba bebendo demais e perde o controle ao ver o seu meio-irmão ficando com sua amiga, ela acaba descontando no volante e entra dentro do carro de Nick, mal sabia ela que a competição contra o rival de seu meio-irmão estava prestes a começar. Totalmente fora de si, decide apostar contra e acaba perdendo é claro, o rival de seu irmão, Dracon, pega Beatriz totalmente desmaiada e foge. Nick entra em seu carro e vai atrás dela, ele acaba caindo em uma suposta armadilha, onde ele terá que lutar pela sua vida.

Beatriz acaba acordando e percebe que está em um calabouço totalmente amarrada com cordas de aço. Enquanto isso, Nick luta contra seu rival Dracon; conseguindo detê-lo, pega seu carro e vai atrás de sua amada Beatriz; ela consegue fugir dos capangas indo ao encontro de Nick e acaba colidindo contra ele. Beatriz perde o controle e bate contra uma

árvore. Na manhã seguinte ela precisa de um transplante urgente, mas o seu corpo acabou não aceitando o transplante e ela acaba falecendo. Beatriz havia feito umas cartas de declarações para Nick, que nunca havia entregado. Ela dizia sobre os sentimentos dela por ele e as borboletas que sentia toda vez que chegava perto de Nick. Ele lembra todos os dias dela e conta que até hoje os seus dias são escuros e frios sem ela ao lado dele.

A ÚLTIMA ÁRVORE DO BAIRRO

Em uma manhã comum, em um bairro igual a tantos outros, o sol nasceu preguiçoso por trás dos edifícios, e o som dos carros aumentou. No meio dos prédios cinzentos e das calçadas de concreto, havia um pequeno oásis: uma árvore robusta e antiga, a seringueira majestosa que parecia ter visto mais gerações do que a própria cidade. Suas raízes estavam espalhadas por todo o lugar, como veias em um corpo, e seus galhos, longe de sua gloriosa folhagem, ainda ofereciam um toque de verdejante cor ao seu redor cinzento.

Ali, ela se erguia como uma relíquia do passado, talvez a única na vizinhança. As crianças do bairro costumam balançar-se em seus galhos, e os habitantes de mais idade encontraram nela um lugar agradável para se sentar e conversar.

Contudo, a cidade também mudava, e a cidade era tomada por um luxo que parecia cada vez menos apreciado. Cresciam novos edifícios e a seringueira era cercada por andaimes e cercas. O canto dos pássaros era substituído pelo barulho das máquinas; o som das folhas frescas era engolido pelo cimento molhado. A árvore – forte e vulnerável – tornou-se a próxima vítima da onda de progresso que invadiria o bairro. A comunidade realizou uma luta desesperada, uma última tentativa de salvar a árvore. Eles fizeram pedidos, assinaram petições, organizaram comitês e imploraram às autoridades para manterem aquele pedacinho de verde na cidade. A burocracia era lenta e impiedosa, e as promessas de compensações ecológicas não o tranquilizavam. Então, um dia, o sol ergueu-se novamente, e ele a viu – a árvore em meio a uma tempestade de poeira e detritos. Finalmente, as máquinas haviam se materializado, e o som de troncos se partindo era sobreposto pelo urro de protesto dos locais. As folhas verdes e raízes velhas se distanciaram do seu lar à medida que a cidade avançava sem se importar. Naquele instante, a árvore era uma metáfora, um testemunho silencioso da vida que se fora, uma vida que antes fora vibrante e cheia de cor.

Contudo, apesar de tudo, foi como se um pedaço importante da cidade fosse arrancado juntamente com aqueles galhos e raízes. Com o passar dos anos, novas construções surgiram em volta do lugar da seringueira e a memória dela foi esquecida por entre o concreto e o aço. No entanto, de vez em quando, quando o vento estava calmo durante o verão, as pessoas sentiram que os ventos não traziam mais os mesmos verdes e frescos.

Talvez, bem lá no fundo, fosse possível dizer que, nos corações das gerações mais antigas de moradores, ainda ecoasse o último grito da única árvore no quarteirão.

A SONHADA VIAGEM PARA PARIS

Certo dia, um adolescente de 14 anos chamado Jones sonhou que havia viajado com sua família para Paris, e desde então o maior desejo dele é realizar essa viagem. Porém, ele vem de uma família que não tem condições financeiras muito boas, por conta disso Jones decidiu que largaria a escola e começaria a vender picolé na rua, como forma de ganhar dinheiro para futuramente realizar sua tão sonhada viagem. Quando Jones falou de sua decisão para sua mãe Rosane e seu pai Cleiton eles não gostaram muito da ideia, já que não queriam que o filho largasse os estudos, porém eles decidiram apoiar Jones para que ele conseguisse realizar seu maior sonho.

Quando Jones fez 15 anos, ele decidiu que começaria seus projetos, pegou um carrinho de picolé emprestado de seu amigo e foi para o mercado comprar vários tipos de picolé para começar a vender. No primeiro dia de venda Jones voltou desanimado para casa, já que não havia conseguido vender nenhum picolé o dia inteiro, seus pais acreditavam que não daria certo esse negócio de vender picolé na rua, porém ele não desistiu, e continuou indo para rua vender picolés. No primeiro mês Jones conseguiu lucrar 200 reais, isso deixou ele muito animado, já que ele começou a pensar que daria certo, ele continuou vendendo picolé até que decidiu fazer seus próprios brigadeiros gourmets para vender na rua. A ideia foi muito boa, Jones estava conseguindo lucrar até 1000 reais por mês com suas vendas. Ele continuou vendendo seus doces, até que fez 17 anos e nisso ele abriu uma loja própria de seus doces e começou a ser popularizado em sua cidade.

A loja de Jones estava dando super certo, ele estava lucrando muito dinheiro por mês e seu negócio era comentado por toda a cidade, o que deixou seus pais muito orgulhosos. Mas não acaba por aí, quando Jones fez 18 anos ele foi com sua família para fazer os passaportes, já que ele finalmente conseguiria ir para Paris. Após ter feito o passaporte e tirado o visto, Jones e seus pais partiram para a viagem para Paris que ele tanto sonhava. Quando chegaram lá, Jones gostou tanto da cidade que decidiu abrir uma loja dos seus doces gourmets, que eram muito populares no Brasil, lá mesmo. Passaram-se 4 anos, Rosane e Cleiton voltaram para o Brasil, porém Jones, um grande empresário de doces *gourmets*, ficou morando por lá mesmo, sua loja ficou conhecida por toda a cidade de Paris como a melhor doceria do mundo.

E assim acaba a história de empreendedorismo de Jones, que está vivendo feliz para sempre na cidade em que sempre sonhou estar.

É UMA NOITE CHUVOSA

É uma noite chuvosa. Parece normal para mim até então. Os exames finais estão chegando e eu não paro de estudar e ler livros sobre todas as matérias da escola.

Franzo a testa ao escutar a campainha tocar. Raramente recebo visitas. Levanto-me do sofá, caminhando em passos largos até a porta.

Olho para os lados. Não havia ninguém. Olho para baixo e percebo uma caixa. Agacho-me, pegando a caixa e levo-a para dentro, tranco a porta assim que entro.

Coloco a caixa em cima da ilha da cozinha, abrindo-a imediatamente. Havia uma caixinha de música e uma carta.

“Querida Sabrina... amanhã, amanhã e amanhã. Só Deus sabe o que irá acontecer amanhã. Comunico com imensa tristeza que seu tio-avô materno, Alfredo, faleceu ontem de madrugada, às duas e cinquenta e seis da madrugada. Como você mora longe, estaremos enviando sua herança, uma caixinha de música que toca belas músicas.”

Novamente, franzo a testa. Mamãe morreu quando tinha seis anos, mal cheguei a conhecê-la. Vovó e vovô nunca entraram em contato depois disso.

Abro a caixinha de música. Uma música inebriante. Parecia que nunca iria acabar e eu não queria que acabasse, sentia como se estivesse sendo puxada para aquela música.

Era como se eu nunca mais fosse acordar. Uma das sete maravilhas. Realmente incrível.

Um momento depois caio na cama, desmaiada ou com sono. Assim que abro os olhos, eu estava em uma praia. A melodia continuava na minha música, como as raízes de meu cabelo grudados em minha cabeça.

Sozinha, encontro-me sozinha. Um vestido rodado era o que eu vestia, a única peça que cobria minhas partes.

Estava nublado. Mulheres de meia-idade passavam e julgavam-me com olhares. Todas vestidas belamente com sombrinhas e vestidos que eu iria imaginar serem dos anos 1800. Parecia... passado?

Acabo de descobrir que eu estava presa no passado. Olho para a caixinha aberta em minha mão. Não havia reparado nela. A caixinha estava aberta e estava menor em minhas mãos.

Fecho a caixinha e minha visão se torna turva. Estava deitada em minha cama. Estava chovendo. Será que dormi enquanto estudava? Os livros estão esparramados em meu colo.

Caramba, esse sonho foi muito real. Esfrego os olhos, percebo então meu pijama. Não coloquei isso.

Talvez eu tenha bebido muito café. A cafeína não me fez bem.

Empurro os resumos e livros de mim, levantando-me, indo até o espelho. Meus cabelos estão desgrehados e bagunçados, como se eu tivesse sido atingida por um raio. Arregalo os olhos. Olho para a caixinha e abro-a.

Então eu estava ali, andando com uma sombrinha, um vestido verde e um espartilho apertado o suficiente para não respirar.

A caixinha balança em meu bolso, aberta. Sorrio, enquanto observo as senhorinhas xingarem seus filhos e/ou netos.

Realmente adorável. Então pego a caixinha na mão e fecho-a. Mas por algum motivo ela se recusa, fazendo-me colocar pressão até que ela finalmente quebre.

Então eu percebo, estou presa no passado.

A FUGA

Era uma vez um menino chamado Francesco que trabalhava em uma lancheria, na Itália, na cidade de Veneza. Um certo dia houve um leilão cujo prêmio principal era uma Maverick V8. Ele não iria pagar pelo carro, iria roubar a Maverick e não estava sozinho, estava com uma equipe de duas pessoas chamadas Muller e Paola. Eles iriam hackear o sistema que faz a porta da garagem abrir. Francesco pegou o carro e fugiu para o centro e ali começou a maior fuga que todos iriam ver.

Logo após o roubo, a polícia começa ir atrás dele; quando Francesco percebeu, ativou o turbo e fez a polícia comer poeira; ele achou uma entrada para um túnel para despistar os helicópteros e lá ele recebe uma ligação de seus dois parceiros, falando: “Estamos indo para outro país, venha em duas horas até o aeroporto para decolarmos”.

Então ele pegou a Maverick, ativou o turbo novamente e foi até o aeroporto, saindo do túnel já se depara com cinco motos vasculhando a área. Como o carro era moderno, ele ativou o modo silencioso e os polícias nem perceberam. Ele seguiu em frente e deparou-se com a balsa dando partida para outro lado do rio. Então ele decidiu continuar, pisou fundo no pedal e fez o carro voar e conseguiu chegar à balsa.

Mas o que ele não esperava eram os policiais na balsa; ele teve que pular na água e logo depois os policiais pegaram os seus jet skis e foram atrás dele. Francesco pegou a chave da Maverick e clicou no botão (modo aquático), o carro saiu da balsa e foi até ele, como se fosse um submarino, enquanto eles faziam uma mini fuga que deu errado. Então ele pulou em cima de um dos polícias e pegou o jet ski e foi até a costa; foi correndo até um mercado ali perto e roubou uma moto; foi até o aeroporto e, quando chegou lá, o avião já estava decolando; então acelerou a moto, jogou-se dentro do avião e conseguiram escapar da polícia. Depois de anos, eles continuaram fazendo fugas e roubos em vários outros países.

A HERANÇA NENHUM POUCO AGRADÁVEL

Um dia, uma mulher alta, pobre, desempregada e sem nome, perto dos 40 anos de idade, que não tinha família e nem moradia, apenas um celular antigo, herdou uma casa de alguns parentes distantes, os quais nunca conheceu ou sequer ouviu falar.

Então, quando recebeu a notícia, deslocou-se imediatamente de ônibus para lá, sem pedir nenhum detalhe da casa, pois pensava que seria melhor do que continuar morando na rua.

A viagem não foi muito agradável, porque ela estava em um ônibus extremamente lotado e barulhento e teve que ficar em pé, sem conseguir dormir durante a viagem inteira. Além disso, parecia que tudo em sua volta queria impedir a sua chegada, como, por exemplo, o fato de que o ônibus teve problemas 5 vezes, e por isso a viagem, que era para ter levado 6 horas, levou 2 dias. Em uma das paradas, quase que ela ficou para trás e, por causa disso, esqueceu seu celular nela.

Em seguida a essa viagem, chegou em sua parada na cidade em que a casa estava localizada e lembrou-se, infelizmente, que teria que caminhar 10 quilômetros até sua nova casa. Mesmo cansada, continuou, animada por estar quase chegando a um novo lugar para morar e tentar mudar de vida.

Quando finalmente chegou em frente à casa, percebeu que, definitivamente, não era um lugar acolhedor, mas de qualquer forma decidiu ficar após tudo que passara. A casa ficava isolada, ao lado de uma floresta muito densa e escura e parecia ser muito antiga, com paredes e piso de madeira que aparentavam estar podres e com a pintura arruinada, possuindo algumas tábuas soltas e produzindo ruídos a cada passo que ela dava quando entrou na casa pela primeira vez. Para seu descontentamento, quase todas as janelas da casa estavam quebradas e, nas paredes, havia manchas de sangue e estavam pendurados muitos quadros velhos e deteriorados com as imagens de seus parentes que agora estavam mortos.

Também havia portas de metal enferrujadas trancadas, que apresentavam várias marcas de arranhões e batidas que foram causadas, com certeza, por um animal ou um ser brutal e impiedoso.

Nos primeiros dias, a mulher escutava barulhos e sons estranhos, e tinha a impressão de que não estava sozinha, mas, pelo menos no início, ignorou, pensando ser apenas coisas de sua imaginação.

Decidiu então que tentaria mudar de vida e foi em busca de um emprego, para sobreviver e reformar aquela casa. Lamentavelmente, não conseguiu emprego em nenhum lugar a que tinha ido, pois os estabelecimentos diziam a ela que não havia mais vagas, mas ela sabia que, na verdade, era por causa de suas roupas velhas e rasgadas. Decepcionada, estava quase chegando em casa, refletindo sobre como faria para ganhar dinheiro, quando se deparou com uma placa para contratação de funcionários em frente a um necrotério. Resolveu entrar e pedir informações sobre o emprego, mesmo com medo de trabalhar no necrotério. Ao entrar e pedir à pessoa sobre o emprego, sentiu a sensação de já tê-la visto em algum lugar, mas não se importou com isso; então perguntou se poderia trabalhar ali e, para sua felicidade, ela respondeu que poderia começar já no outro dia, ganhando um salário elevado, por ser difícil de achar alguém que queira trabalhar nessa profissão.

Após mais alguns dias começou a ouvir batidas naquelas portas de metal e, de horas em horas, ver sombras e perceber que coisas estavam fora do lugar onde ela deixara. Até que, em uma noite tempestuosa, achou um celular em uma das gavetas de uma cômoda e aproveitou para ligar para quem deu-lhe a notícia e pedir informações sobre a casa e os parentes. A pessoa que atendeu falou que a casa tinha sido construída há mais de 300 anos, que seus parentes haviam falecido de forma desconhecida, encontrados com os corpos ensanguentados e cheios de cortes, e que havia relatos de pessoas terem visto criaturas assustadoras perto dessa localidade. Após terminar de falar isso, a ligação caiu misteriosamente junto com o apagar das luzes de sua casa e um alto estrondo metálico.

Muito assustada, a mulher saiu correndo em direção à porta de saída e, quando tentou abri-la, percebeu que ela estava trancada; então correu até uma janela e tentou saltar por ela, e como ela estava quebrada teria funcionado, se não fosse pelos restos dos cacos de vidro que rasgaram suas pernas. Caída na parte de fora da casa, ao lado da floresta, coberta de sangue e sem conseguir se levantar, estava indefesa, e já era tarde demais para fugir, sendo a última coisa que ela viu, a grotesca silhueta de um ser macabro, que parecia a junção de todos os corpos que ela tinha visto no necrotério.

UM HOMEM SUSPEITO

Em uma noite estrelada, com uma lua maravilhosa, passou um homem alto, de capa preta, luvas vermelhas, e um apito amarelo que ele fazia barulho quando passava em uma certa rua, chamada Bela Rosa.

Esse homem era muito suspeito e, ao mesmo tempo, muito misterioso, pois toda noite às 23:00 horas passava exatamente nessa rua com seu duvidoso apito amarelo. Toda vizinhança ficava muito assustada, porque pensavam que poderia ser um ladrão ou até mesmo que ele poderia sequestrar algumas das pessoas daquela rua. Havia uma senhorinha chamada Benedita que não tinha medo nenhum dele. E, de tão corajosa, resolveu ir falar com o misterioso homem achando que não poderia acontecer nada com ela.

Quando a senhorinha estava se aproximando dele, ele virou para ela com a cara toda vermelha de sangue. A senhora acabou desmaiando, pois tinha hematofobia. E o homem ficou desesperado porque pensou que, se ela acordasse, poderia ligar para a polícia.

Passou um tempo e o homem ainda não sabia o que fazer. Então pegou o corpo da senhora e levou até a sua casa de papelão, pois ele não era um ladrão, e na verdade era apenas um mendigo perambulante e, por conta disso, pensou que o melhor jeito de se livrar da senhora era jogá-la em um rio próximo e fingir que não aconteceu nada. Só para a senhorinha não ter a possibilidade de fazer queixa na polícia.

A TROCA

Era uma vez, em uma pequena cidade no interior da Bahia, um pequeno comércio cujo dono era um homem rico e com uma vida farta. Passados uns dias, chega a triste notícia de que sua amada estava passando muito mal e que estava tudo perdido, pois ela estava com um câncer muito grave. Mas o comerciante não desistiu; foi atrás dos melhores médicos e especialistas para tratá-la, mas nada adiantou. Ele estava começando a acreditar que era coisa do demônio para testá-lo. Passaram-se dois dias e chega um homem de terno e com um ar misterioso à cidade. Ele vai devagarinho e com passos lentos até o comércio do homem, onde apresenta a proposta de trocar a alma do homem pela salvação da sua amada. Mas não requisitou uma resposta imediata; deixou apenas um número de telefone que não possuía WhatsApp, apenas ligação por linha, deu um prazo de três dias e sumiu.

O homem ficou indeciso e, pelos próximos dois dias, não conseguiu dormir nem por um segundo pensando na oferta do senhor misterioso. Ele, por amá-la muito, decide aceitar. Ele liga para o número, uma voz sombria atende e pergunta: "Você decidiu aceitar a minha oferta?" O homem então responde que sim e apenas ouve passos vindo do telefone e da sua casa. Ele, com medo, opta por se esconder e escuta um grito dizendo: "Eu sei onde você está." Após isso, apenas enxerga uma foice e nada mais.

A FLORESTA AMALDIÇOADA

Certo dia, Gru e seus amigos Patão, Barzinho e Loguizerubobcat foram acampar numa floresta. Eles entraram lá e ficaram muito felizes por se reencontrar depois de muito tempo, e ainda mais num acampamento muito bom. Eles começaram a se divertir muito.

Quando ficou noite, o acampamento começou a ficar assustador; todos ouviram alguns barulhos estranhos e estava escuro até demais. Gru e seus amigos tiveram coragem de ir explorar a floresta, mesmo sem trilha. Dentro da floresta, Patão saiu correndo atrás de uma borboleta e desapareceu na escuridão, mas o Barzinho acendeu uma lanterna, só que o Patão já tinha sumido... Gru tentou ir por onde ele tinha sumido, mas a mata era muito fechada. As coisas ficaram realmente estranhas quando a mata se fechou atrás do Gru, ele estaria sozinho se Loguizerubobcat não estivesse lá. Logui e Gru pegaram um machado que estava no chão há muito tempo e passou pela mata; depois de bastante tempo, a mata já estava mais aberta e eles começaram a procurar os amigos. Eles estavam indo bem, quando um espírito aparece e joga Logui para longe, Gru fica muito bravo e bate no espírito, que desaparece. Gru tinha escutado Logui que estava com os outros amigos, mas quando Gru estava chegando, o espírito volta e transforma-o em um quadro; mas os amigos de Gru prendem o espírito e obrigam-no a deixar seu amigo normal.

O fantasma faz isso e todos os amigos juntos conseguem expulsar o fantasma daquela floresta. Depois dessa aventura, todos os amigos foram para suas casas e ficaram muito felizes pela aventura.

ERA UMA VEZ

Em uma família, o pai chamado Anthony e a mãe Diana tinham dois filhos, um que se suicidou na noite do Natal e o outro ainda é vivo que se chama Pipo; eles moravam em Los Angeles, mas logo após a morte se mudaram para San Diego, na antiga casa onde seus avós moravam. A casa era em frente a um cemitério, toda vez que Pipo olhava para a janela e via o cemitério, ele lembrava de seu irmão falecido que o assombrava toda a noite, porque os dois se odiavam e não aceitavam o fato de serem irmãos e terem que conviver juntos.

Um belo dia os pais de Pipo foram viajar a trabalho, mas não poderiam levá-lo, então deixaram-no sozinho em casa com os mantimentos necessários. Durante o dia ele ficou na escola, mas a noite chegou e quando Pipo estava jantando, ele começou a ouvir vozes e como se alguém estivesse batendo na porta. Ele foi ver quem era, mas não tinha ninguém; ele achou muito estranho porque não era a primeira vez que isso havia acontecido. Pipo ficou com medo, mas deixou de lado e foi se deitar. Às 3 horas da manhã, os pais de Pipo ainda não voltaram e ele começou a ficar preocupado e com medo, mas pensou que não precisava, pois logo cedo os pais dele já estariam em casa. Quando ele ia se deitar de novo, duas painéis caíram. Pipo, sem pensar duas vezes, foi ver o que era, mas ele viu seu irmão morto em sua frente, o espírito dele. Pipo, ao tentar tocá-lo, ouve: “Você vai morrer por tudo de mal que já fez e desejou a mim”. Pipo correu para fora de casa com medo e os vizinhos o viram e foram ajudá-lo.

Pipo ganhou toda ajuda da vizinhança, de manhã bem cedinho havia sumido, ninguém o achava e foi quando começou a piorar. Os pais dele chegaram e estavam aterrorizados com a situação, a polícia estava às buscas a todo o momento. Uma semana se passou e Pipo foi encontrado morto, em pedacinhos dentro das painéis de sua casa, onde era o lugar favorito de seu irmão, pois comer era a coisa favorita dele. Ninguém sabe quem, como e quando o mataram, a única coisa é que Pipo e seu irmão vão visitar seus pais todos os dias, deixando marcas e o mistério a ser descoberto.

ELE ME MERECE ?

Há 9 meses, Bely foi jantar fora, quando chegou um garoto e pediu seu número para um amigo. Porém, quem acabou mandando mensagem para Bely foi Nicolas, da mesma igreja que ela frequentava. Eles acabaram se encontrando lá, assim despertaram sentimentos um pelo outro, todavia Nicolas deixava a Bely muito confusa com suas palavras e atitudes.

Bely começou a ir sempre à igreja, eles começaram a ter uma amizade mais forte e um vínculo cada vez maior. Um belo dia, Nicolas resolve se declarar para a garota e falar tudo que ele sente, porém ela não sentia o mesmo. Com o tempo, ele foi conquistando-a com suas ações e demonstrações de amor. Nicolas tinha vários problemas em casa e acabava descontando em Bely, sua reputação na cidade não era boa, além de que era muito mal falado por todas as garotas que se envolviam com ele. Certo dia, Nicolas chamou-a para ir à igreja com ele, a menina aceitou e ficou muito feliz com o convite, ela estava começando a se apaixonar por ele, na inocência de que não saberia o tanto que iria sofrer por ele.

Ela estava se arrumando para ir à igreja quando, de repente, Nicolas apareceu em sua casa e foi buscá-la para irem juntos, todos sabiam que eles eram apaixonados. Contudo havia várias pessoas que queriam acabar com a “amizade” deles. Quando chegaram lá, o tema do culto era relacionamentos; durante o culto eles demonstraram muito o amor que tinham um pelo outro.

Após acabar o culto, Bely estava com suas amigas e Nicolas com seus amigos, quando um amigo seu desafiou-a a beijá-la na frente de todos; ele, sem respeito, tentou obrigá-la a beijá-lo. Surpreendida com o ato, Bely deu um tapa em sua cara; o menino, indignado com a atitude dela, nunca imaginou que ela faria isso com ele, ainda mais que um tempo antes ela disse que o amava. Bely se arrependeu, e percebeu que o que sentia era real. Foi correndo atrás dele e pegou-o de surpresa dando um beijo nele, ele ficou muito contente. Com raiva de seu tapa, tentou se vingar.

A garota tinha uma viagem em família, com muita tristeza por não poder levar o garoto junto, incomodou a viagem inteira; enquanto ela estava na praia, uma amiga sua ligou falando que Nicolas havia ficado com uma menina que era supostamente amiga de Bely; então depois

de Bely saber disso, ela acabou ficando mais chateada ainda. Ao voltar para casa, ela mandou mensagem, eles acabaram discutindo; na cabeça de Nicolas, Bely traiu-o com um menino que ela havia conhecido na praia. A desconfiança do garoto deixou-a confusa e insegura, ela achava que ele realmente a amava.

Ainda apaixonada, Bely foi atrás para tentar reconquistar o primeiro amor; ela fez de tudo e para Nicolas conseguir machucá-la, apenas a usou; ele provou a todos o quão idiota ele era, todos os boatos que falavam dele eram reais, ele não sabia amar nem a si mesmo, quem dirá outra pessoa, ainda mais uma menina que estava na mão dele, com ele podia fazer o que quisesse porque ela realmente o amava, nunca havia sentido isso por ninguém. Ele a tratava pior que tudo, sua mãe tinha uma doença sem cura e estava cada dia pior; Bely conheceu a família de Nicolas e descobriu que seu pai havia falecido no ano anterior com a mesma doença que sua mãe tinha.

A família de Nicolas considerava muito Bely, falava todos os dias para Nicolas voltar com ela, porém o orgulho o impediu de tomar a atitude “certa”.

Bely se culpava, mas não tinha nada de culpa, o errado era Nicolas, ele a manipulava fazendo ela fazer tudo que ele quisesse na hora que ele queria.

Bely estava tão abalada que acabou se afastando das pessoas que ela mais amava, por conta de Nicolas. Na cabeça dela, se ela se afastasse dos outros, ele voltaria a gostar dela, porém ele acabou se aproximando dela, fazendo com que, cada vez mais, seus sentimentos por ele aumentassem, para no fim, desaparecer e falar mal dela pelas costas. Bely tinha uma grande dependência emocional nele, achava que não seria nada sem ele, afastou-se muito de Deus e de todos, mas durante o "relacionamento" que tiveram, ela se afastou e preferiu se fechar a ele e a si mesma. Depois de 3 meses, ela percebeu a burrice que havia feito e voltou a se aproximar da família e das pessoas com quem convivia. Antes ela era fechada, ninguém a conhecia mais, ela havia se tornado o que mais temia por conta de um garoto que só a usou para se sentir bem.

Bely não aguentava mais o sofrimento e resolveu que iria superar Nicolas, porém ela não imaginou que seria tão difícil; a cada canto que ela ia, pelo menos duas pessoas sabiam da história dela e o quanto ela se humilhou para um garoto que nem a amava; ele falou tão mal dela a ponto de todos olharem e rirem dela. Cada dia que passava Bely se sentia cada vez pior, mas foi quando ela resolveu tentar conversar com ele, que foi super atencioso e parecia estar arrependido, mal sabia ela que ele iria machucá-la mais uma vez.

Eles ficaram e Bely estava se sentindo a pessoa mais feliz do mundo, pena que não durou muito. Nicolas fez o caos na vida dela após isso, ficou com a melhor amiga da garota, fez com que a amizade das duas acabasse por conta dele. Bely não aguentou e todos os dias

na escola e em casa chorava de soluçar, foi quando ela resolveu e ir na igreja e pedir ajuda de Deus. Ela chegou lá e se entregou por completo a Deus, pois sabia que precisava ouvi-lo. Ele falou com ela, disse que ela deveria esquecer Nicolas e que se sua suposta amiga fez isso, ela não era verdadeira, pelo contrário, fez isso apenas para magoá-la.

Após 6 meses, Bely superou-o, tentou se envolver com outra pessoa que a fazia realmente feliz e mostrava o quanto a amava, ela estava muito feliz; Nicolas acabou sozinho pelas próprias atitudes e Bely estava com um garoto que realmente a amava.

Ela começou a ficar cada dia mais desanimada, as crises de ansiedade passaram a se repetir mais do que o normal, foi quando em uma noite de terça-feira os pensamentos de Bely se tornaram mais fortes, o que a levou a tentar cometer suicídio; mas não deu certo, a dor e a culpa que sentia eram insuportáveis.

Contudo, havia momentos em que Bely não conseguia segurar a tristeza presa dentro dela. E chorava por conta de Nicolás. Ele era o seu real fabricante de lágrimas. Toda vez que pensava nele, lembrava de tudo que passou e de todos os momentos que esteve com ele e o quanto ele a fez sofrer. E não conseguia chorar, seu sofrimento nunca será apagado, apenas a garota terá que aprender a conviver com toda essa dor e decepção que teve com Nicolas.

Passou-se um mês e ela mandou mensagem para ele; acabou descobrindo que sua mãe havia falecido e ele se mudaria de cidade na semana seguinte. A jovem teve que ser levada ao hospital por ter se dopado de remédios, na certeza de que não tinha mais motivos para viver. Quando percebeu a reação de quem mais a amava ao receber a notícia de uma segunda tentativa de suicídio, Bely percebeu que tinha muitas pessoas que a amavam e preocupavam-se com ela. Apesar de toda sua dor, a garota não aguentava ver todos sofrendo e reergueu-se, mostrou-se mais forte; aos poucos foi melhorando e superou esse amor não correspondido; Bely nunca se esquecera de Nicolas, foi um momento de aprendizado enquanto ela estava com ele.

PÔR DO SOL

Em uma bela noite, a família Flory estava comemorando o aniversário de 14 anos da filha mais velha, Atena, a aniversariante, as gêmeas Flora e Florença de 1 ano, Malia de 9 e Matteo de 12. Atena era uma menina super educada, comportada e muito bonita, ela estava em um lance com um menino da escola chamado Lucas, seus pais já sabiam; após sua festa, a menina havia combinado de ir para o lugar mais alto da cidade para olhar o pôr do sol e comemorar seu aniversário ao lado dele. Porém o que ela não sabia era que, minutos antes, Lucas havia preparado um pedido de namoro; Angelina, a mãe, e Samuel, o pai, já estavam cientes disso e ajudaram menino a fazer a surpresa; depois da festa, o pai levou os dois até a Costero Mountain, que era o ponto mais alto da cidade. Lá, Atena e Lucas ficaram, esperando aparecer o pôr do sol. Lucas estava nervoso, pensando na resposta da menina; quando já estava quase anoitecendo, o menino se ajoelhou atrás de Atena, e quando ela virou, ele perguntou-a se ela aceitaria namorar com ela. Atena ficou emocionada e disse sim, logo foram para casa dar a notícia.

Quando chegaram em casa, o quarto de Atena estava cheio de presentes, rosas, balões, todo enfeitado, para que quando ela chegasse estivesse tudo perfeito.

Atena estava vivendo uma vida de princesa, porém, um dia, o casal estava na casa de Lucas, e a mãe do menino avisa que ele recebeu o diagnóstico de que estava com leucemia. Isso quebrou os corações dos dois, Lucas falou pra Atena não se estressar com isso, porém Atena estava destruída e prometeu que, se não houvesse cura, eles iriam aproveitar o máximo que pudessem para fazer tudo juntos. Ela ia a todas as suas sessões de quimioterapias, o médico disse à família que seria muito difícil e complicado conseguir um transplante, mas mesmo assim continuaram lutando.

Quando chegou o dia do transplante, Atena e Lucas estavam tão felizes; porém, um dia após o transplante, o médico deu a notícia de que o corpo de Lucas havia rejeitado e não foi compatível; a família ficou muito triste e não havia mais jeitos de salvar Lucas; então ele, escondido de todos, escreveu uma carta para que a menina lesse em seu funeral. A última coisa que o casal fez antes de Lucas partir foi ir até a Costero Mountain para olhar o pôr do sol.

Dia 19/08 aconteceu o funeral de Lucas, dia em que o casal completava 2 anos de

namoro. Atena recebeu a carta e leu-a, chorando e de coração partido, familiares e amigos todos já com muitas saudades. A última frase da carta foi: “Não fiquem tristes, minha gente, vou sempre estar no coração de cada um, amo vocês”. E então, nesse dia, o mundo recebeu mais uma estrela e mais uma saudade no peito de cada um que ali estava.



NOSTALGIA

Nostalgia, suave sombra do passado
Que se desenrola delicadamente nos sonhos já vividos,
Tua presença se assemelha a um antigo fado,
Revelando segredos e silêncios que o coração já conhece.
Teu abraço é tecido de poeira e luz,
Traçando no tempo o eco de um lugar
Onde os dias se estendiam longos
Sob um céu infinitamente azul e o mundo parecia eterno.
Nos fragmentos de um álbum antigo,
As imagens de uma infância em cores vibrantes,
As risadas ecoam como um abrigo,
Aquecendo memórias e afetos.
O perfume do tempo é um enigma,
Escondido nas páginas do vento,
E a saudade, um anseio profundo
De reviver cada instante, cada momento.
Mesmo na dor de um tempo que se perdeu,
Há beleza, encanto e serenidade,
Pois a nostalgia é o eco de um sorriso
Que persiste na eternidade da alma.

ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Saudade é a ponte invisível,
Entre aquilo que foi e o que será,
É o eco de um sorriso cuja imagem se perdeu,
Que faz o passado quase se revelar.
É o retrato empoeirado e abandonado,
No fundo de uma gaveta antiga,
É eco de risadas a se perder,
Que o vento silencioso se recusa a deixar.
É um abraço que ficou distante,
Uma palavra que não mais foi ouvida,
É a dor doce do que se distancia,
E se transforma de novo em memória.
É um desejo de voltar, de reviver,
Por momentos que o tempo levou,
É um sonho que se consome de pouco em pouco,
Por lembrar daquilo que já partiu.
É um desejo de reviver o instante,
Uma página que definitivamente não se virou,
É um sentimento que se resume,
Em memórias que não se apagaram.
Mas as memórias são uma porta aberta,
Que nos ensinam a amar e a sofrer.
Assim nós podemos construir um novo presente,
Misturando as lembranças e a certeza nova.
Olho para amanhã, tão vasto e tão distante,
E me aperta o coração, com perguntas sem fim.
Que escolhas eu farei? Eu conseguirei?
Ou me perderei, como nuvens no céu, sem rumo e sem fim?
Mas no eco do medo, uma voz calma ressurge,
Lembrando que a vida é feita de passos,

Cada erro, cada acerto, cada lance que entra em cena,
Constrói o percurso, entre risos e lágrimas.

UM MUNDO SEM COR

Não sei quando as coisas mudaram,
quando o mundo perdeu suas cores.
Tudo virou de cabeça para baixo,
a alegria se fez tristeza,
e nos olhos vi apenas avareza.
O mundo sempre foi assim?
Ou eu que não o via direito?
Suas cores já existiram?
Ou estive enganado o tempo inteiro?
Aos poucos pensei ser louco,
ou ingênuo demais para ver.
Mas comecei a entender,
as cores não deixaram o mundo,
fui eu quem as deixou desaparecer.
Minha busca não tinha fim,
de cima a baixo,
da direita à esquerda.
Mas não as encontrava.
Até que notei:
estavam onde eu menos esperava —
na minha casa,
nas minhas mãos,
na minha vida!

SAUDADE

Saudade é como a fome
Só passa quando se come a presença
Mas, às vezes, a saudade é tão grande que a
presença não é nada
Às vezes quer-se absorver a outra pessoa por inteiro
E a vontade de ser o outro para virar uma pessoa só
É um dos sentimentos mais urgentes que um ser pode
ter em sua vida.
É preciso deixar a saudade traçar suas linhas
para teu perfil exato
É preciso que a sua ausência seja notada
Sutilmente no ar
Mas é preciso também
Que seja como abrir uma janela
E respirá-la, feliz e luminosa no ar
É preciso a saudade para sentir
A presença misteriosa da vida.

LUA

Lua nova, lua crescente
Lua cheia de presente.
Elas são sempre brilhantes
Assim como a lua minguante.

Elas nos trazem, paz, alegria,
Felicidade e não tristeza,
Mas trazem muita beleza.
Assim como a realeza.

As luas são alegres,
E também são reais,
Assim como os milagres.
Elas nos fazem iguais.

EM UM INSTANTE

Uma família muito unida
Vivia sempre reunida
Na sua casa cheia de gente
Sempre muito feliz e sorridente.

O dia termina com felicidade
E em um instante ficou só a adversidade
A água vai tomando conta da cidade
Levando quase tudo, deixando só a saudade.

Como será daqui para frente?
Só restaram os destroços da enchente
Uma casa que antes era cheia de gente
Agora está muito diferente.

O segredo é não perder a esperança
E ter sempre segurança
Desistir não é uma opção
Tenha fé e Deus no coração.

O MELHOR DIA DA MINHA VIDA

Um dia eu acordei
Era meu aniversário
Presentes eu ganhei
Até mais que o necessário.

Me senti muito feliz
comi bastante chocolate
O mais famoso era o Bis
Que começou até um debate.

Meu irmão também queria
Tive que lhe dar a metade
Ele não gostaria
Da minha má vontade
De não dar o que queria
Só por causa da idade.

Mas independentemente
Eu ganhei a discussão
Desabei na minha cama
e tudo voltou ao padrão.

PETS

Queria ser como o gato
Leve e tranquilo
dormindo no sapato
observando um esquilo.

Olhe lá o cachorro
Feliz, brincalhão
Cuidando das casas
voando na imaginação.

A tartaruga vai nadando
Satisfeita de montão
esperando o peixinho
com muita atenção.

O peixinho todo colorido
gosta muito de nadar
no seu aquário florido
pensando em como elas vão se encontrar.

Cavalos são de fazenda, não de estimação
mas podemos considerar
pets do coração
estava passeando, enquanto pensava, em uma memória despertar.

Os coelhos são demais
comendo vegetais
mostrando coisas legais
fingindo serem coelhos espaciais.

VIDA ESCOLAR

Na escola, tudo são vitórias,
Entre risos e conversas ao vento,
Os corredores são cheios de histórias,
E o tempo passa em ritmo lento.
A sala de aula é mágica,
Onde a curiosidade ganha vez,
Com a mente aberta, usando a lógica,
A imaginação passeia sem timidez.
O recreio é um mar de alegria,
Com amigos que compartilham sonhos,
Na quadra, na sombra das árvores,
As histórias, todo mundo ouvia.
E assim, dia após dia,
Aprendemos, crescemos, vivemos,
Na escola, é onde a vida floresce,
E faz as memórias que sempre lembraremos.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: AVENTUREIRA

AUTOR (A): Helena Wille Muller

MATEMÁTICA

A matemática encanta
E traz felicidade a várias pessoas
Mas para outras espanta.

Eu gosto das provas
Outros as odeiam
A matemática às vezes estorva
Os alunos a temem.

Mais, menos, dividido e vezes
Quadrado e cubo perfeito
O que demora são os deveres
É difícil achar os números suspeitos.

Matemática é fácil
Mas às vezes difícil
E deixa-nos ágil.

VIDA

A vida pode ser difícil
Mas com amizades verdadeiras
Tudo pode ser possível.

Mude a tristeza pela alegria
Sempre sorria e nunca desista.

Viva sua vida intensamente
Pois não sabemos o que virá pela frente

A vida é uma roda gigante
Com seus pontos altos
E baixos

Nunca perca a esperança
Sempre tenha confiança

Na vida é importante saber lutar
Mas nem sempre iremos conquistar
Mas o importante mesmo é tentar

A vida é como um livro
Com começo, meio e fim
Cada página com sua escrita
Para mostrar o verdadeiro sentido da vida.

VIVER É UMA ARTE

Viver é uma obra de arte.
uma pétala de uma rosa;
até o agradável pôr do sol;
a arte de viver e conviver,
de apreciar as estrelas do céu, os jardins
verdejantes, as montanhas e o
céu, e saber que isso foi criado pelo
maior pintor, o nosso Deus.
Viver é uma arte, batalhamos para
dar vida a ela.
Uma vez que a vida é curta, aproveitar
é preciso...
e nessa tela pintamos os momentos
admiráveis...
onde as cores não acabam mais, pois
são os trajetos da vida.
O viver quer dizer aproveitar, pois nossa
vida não é infinita,
mas aqui abaixo do céu estamos nós,
tendo em vista a tela perfeita.
Portanto viva profundamente essa tela
excelente.

A VIDA

A vida é uma maravilha,
É ter alguém para contar
A vida é ter uma família,
E um amigo para conversar.

Aproveite bem a vida,
Pois ela não é comprida
Então nunca se esqueça
E sempre agradeça.

Saiba bem como é viver,
Olhe sempre o amanhecer,
Sempre lembre de comer
Para nunca adoecer.

Momentos de alegria,
Como o sol a brilhar,
E as nuvens passageiras
Que vêm nos abraçar.

ESPERANÇA

No silêncio de uma noite estrelada,
quando o Bairro dorme e os sonhos viajam,
surge um cochicho que corre pela estrada
uma melodia esquecida, um eco de esperança que nunca vai embora.

A lua testemunha de choros e risos,
Ilumina caminhos de ventanias e brisas.
Na sua luz prateada revelam-se segredos,
Histórias de amor e de almas que aliviam seu medo.

No silêncio da noite, estrelas brilham
Guiando pessoas, formando confiança,
E no horizonte, novos anos trilham
Eco eterno de uma esperança.

Nesse mundo tão sujo
surge uma esperança
cada um na sua vida é um marujo
Agora no mundo só nos resta esperança.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: PIPOCA COM SAL E MANTEIGA

AUTOR (A): Helena Luiza Benedetti

COLAR DE PÉROLA DELA

Ela com seu colar de pérola
E sua jóia de argola
Ela não se importava, pois sempre se calava
Vivia com os pés no chão, pois tinha medo de dizer não

Ela era bem vestida
Sempre cheirando à flor de margarida
Ela sempre dizia que era da terra prometida,
Pois ela era bem comprometida

Ela se amava
E com as opiniões más ela não se importava
Com seu colar de pérolas ela se sentia confortável,
Pois se colar ela sabia que era confiável

Ela tinha medo de perdê-lo,
Pois foi um sacrifício para achá-lo
Ela gostava muito dele,
por isso ela também o amava.

LUZ E MELODIA DO AMANHÃ

Silenciosamente, no raio da manhã,
Um relance de luz onde a noite cede,
Aprecia a felicidade de um sonho,
Sombras dispersas, o sol é necessário.
Esperança para reviver, tudo em vigor.
As árvores acenam ao vento,
Renovadas, vivas no tempo.
Flores no campo estão florindo,
Brilhantes em cores, perfumadas, beijando.
Melodias suaves, pássaros cantam,
No céu, a música é pintada, tão satisfatória.
O coração cheio de calma e risos,
Toca uma nova estrofe rítmica.
Caminho por estradas de sonho,
Histórias de amor, o amor é eco.
Ao cair da noite, solitário ausente,
A magia da vida nunca é rara.
Ao cair, o manto da noite estrelada,
A esperança ainda não se apaga.

MEU PRIMEIRO AMOR

Difícil para eu entender;
O que o amor pode ser;
Muitos conhecem pela dor;
Mas isso não é amor;
Amor é o que eu desejo;
Todas as vezes que te vejo;
Vejo minha insignificância;
Sinto-me uma pequena criança;
Dependo de seu amor;
Algo como um calor;
Que arde meu peito;
Sem ao menos um preceito;
Tua graça me atraiu;
Tua voz me consumiu;
Minha alma se alegra;
Sempre está à tua espera;
Não precisa a ti olhar;
Basta apenas imaginar;
Eu te vejo em tudo;
Pois tu és meu mundo;
Meus erros são grandes eu sei;
Porém és meu rei;
Tu me amas, eu bem sei;
Então nada temerei;
O fogo do espírito me consumiu;
Como uma brasa ardente me atraiu;
Chegou num simples arrepio;
Com seu amor me redimiu;

morrena por ti;
Mas já o fizeste por mim;
Tu és meu Salvador;
Meu primeiro amor.

NO SILÊNCIO DA MANHÃ

No silêncio da manhã que acorda,
O mundo desponta em suaves sons,
O sol, em suas primeiras horas,
Desenha sonhos em cada horizonte.
O orvalho é um beijo que se despede,
Das flores que se abrem com timidez,
E o vento, com seus sussurros, pede
Que ouçamos a paz em sua leveza.
As árvores dançam ao ritmo do vento,
Como velhas amigas que sabem esperar,
E o céu, em seu manto de azul,
Esconde segredos que nos fazem sonhar e pensar.
Em cada raio de luz que penetra,
Há uma história, um mistério a se revelar,
No silêncio da manhã que nos abraça,
Há um convite para o coração sonhar.
Então, ao despertar para o novo dia,
Que possamos ver a beleza em cada instante,
Encontrar um simples ato de viver,
A grandeza de um momento tão vibrante.

MEU MELHOR AMIGO

Amigo como inimigo eu brigo
Contigo eu desligo
Amigo eu sempre digo
é tão bom estar contigo
com você eu me sinto livre
Livre como um líder
Posso ser eu mesma
quando estou contigo
amigo a sua amizade é comigo
já a sua impaciência é com Rodrigo
Inimigo nem te ligo
Amigo você é meu abrigo
amigo se fôssemos irmãos seria um perigo
de tão loucos que somos.

ACORDES DO COTIDIANO

No canto da vida, a música rola,
bate forte no peito, é como uma mola.
Tem dia que é rock, para levantar poeira,
outro é samba, para dançar na ladeira.

Acordes que abraçam, melodias que falam,
em cada nota, mil histórias que valem.
Tem funk que agita, tem bossa nova que embala,
tem até aquele som que a alma não cala.

Na cozinha, a panela faz um som,
um ritmo gostoso, um verdadeiro dom.
Enquanto o café pinga, a rádio toca,
e a gente se perde na letra que invoca.

A música é amiga, é amor, é dor,
é festa, é saudade, é puro calor.
Nos momentos de riso ou na hora da queda,
ela está sempre ali, não importa a queda.

Então, vem comigo, vamos celebrar,
a trilha da vida que não para de tocar.
Com um pé na dança e o coração aberto,
a música é nossa, e o resto é sucesso.

AS FLORES SEMPRE MURCHAM

As flores sempre murcham;
Já desbotadas, distantes;
Um arrepio, pétalas caem, despedaçam;
Um sopro, a dor que sufoca;
A vida se esvai, o caminho é sem luz;
As flores, então;
Um dia, tão cheias de vida;
Agora destruídas de dentro pra fora;
Feito formigas presas em si mesmas;
Um labirinto interno;
Seria injusto julgá-las;
Tudo que é belo um dia se vai;
Uma alma perturbada, finalmente descansa;
As flores que ficam, não entendem as que partem.

NEYMAR JUNIOR

Em 1992 nasce uma lenda
Do nosso futebol Brasileiro
Na cidade de Mogi das Cruzes
Seus pais Neymar e Nadine
Ele desde cedo mostrava sua habilidade
Em uma base que revelou outros craques
A base era do Santos, um grande clube
E ficou até 2013 e já virou uma lenda
Em Barcelona fez a festa
Junto com seus amigos Suárez e Messi
Que formaram um trio imbatível, o MSN
Mas esse era só o começo de sua carreira europeia
Em 2018 no Psg foi a maior transferência mundial
Não se sentia bem e sentia falta de seus amigos leais
Em 23 foi para a Arábia e junto a maior bobagem
Sua carreira foi resumida em lesões e críticas
Mas mesmo assim se tornou um dos maiores do Brasil.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: CHAPERO DO MÉQUI

AUTOR (A): Matheus Urnau

A ESCOLA

Na escola me ensinaram a sonhar

As coisas da vida resolvendo

Minha infância foi diversão

Mas agora estou crescendo

Quando toca o sinal

No Intervalo tem a zoeira

Comer o lanche

E depois tem brincadeira

Às vezes não fui bom aluno

Mas com os erros eu aprendi

Criei autonomia

E sobre a vida eu entendi

Em minha turma

Sempre tivemos muita evolução,

Pois todos desta escola

moram no meu coração.

Ventania Marítima

Um par de olhos como o oceano

Tão serenos

Capazes de me enfeitiçar

A Ventania

É agressiva

Afasta todos ao seu redor

Vento e oceano

Totalmente opostos

Mas juntos

Somos Ventania marítima

Afogue-me

Em seus belos e intensos olhos

Garoto Oceano.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: NÃO ENCONTRADO

AUTOR (A): Antony Ruaro Strapasson

LEMBRANÇA

Ah, lembrança
O quão estranha ela é
Algumas vezes é boa
Outras vezes é um calo no pé
Quando ela é boa
Lembra de momentos alegres
Quando se lembra de algo
Dentro de você algo aquece
Pode ser uma pessoa
Animal de estimação
Brincadeira ou amigos
Sempre dá um calor no coração

Mas o pior
É quando é ruim
Quando algo não foi legal
Sempre causa algo em mim
Eu possuo várias lembranças
Muitas não são legais
Perda de um ente querido
Ou briga com os pais
Eu possuo uma lembrança
Que ainda me abala
Aconteceu nas férias
Que ficou muito marcada
Foi a perda de algo
Foi meu cachorro

tudo estava muito bem
Até ver ele morto
Eu ainda choro muito
Lembro ainda dela
Que quando chego em casa

Não terá minha cachorra bela
Eu ainda sinto muita falta
Mas vida que segue
Aprendi com meu cachorro
A ser sempre alegre.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: BHAIA

AUTOR (A): Ícaro Knuppe

GOAT

Dia 24 do 06 de 1987 nasce o maior
Jogador de toda história do Futebol
Comparado com o ser de outro planeta
Com sua habilidade não humana

Formado na base do Barcelona
Onde mal sabia o que conquistaria
Na sua estreia profissional marcou gol mágico
Com a assistência do bruxo brasileiro Ronaldinho

Com isso ele dispara, nada o para
Ganhando Champions League
La Liga e vários títulos individuais
Dentre deles o mais importante 8 Bolas de Ouro

Sempre teve um concorrente
Que na verdade nunca chegou e nunca
Chegara a seus pés, "O homem da Champions League"
Cristiano Ronaldo com apenas mais Champions e gols

Sua carreira está chegando ao final
Fazendo histórias, título, alegrias virarem
Memórias.

LEMBRANÇAS

Lembro dos cortes e abarrotos,
pois corria feito um bode
prossequindo aos desmontes,
seguindo o meu caminho pela estrada ia.

Melancólica,
a minha mente esquentava,
e minha saudade aumenta com o passar da idade,
e há uma vontade de voltar à simplicidade.

Recordo a vitória, não a derrota,
por isso sigo firme,
fazendo e construindo a minha história.

Lembranças passadas,
onde me divertia e me alegrava,
sempre com a molecada.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: AZUL

AUTOR (A): ANTONIO DALLAVECHIA

NUNCA É SÓ UM JOGO

Jogos são ferramentas para tudo

Aprendi jogar jogos que

Me ensinaram lições

Que vou carregar

Até minha vida acabar

Os jogos são uma ferramenta

Que permite-nos aprender

Seja errando

Ou acertando

Quando jogamos,

Aprendemos a lidar

Com as nossas emoções

Seja ganhando ou

Seja perdendo

Quando jogamos

Aprendemos a tomar decisões

Sejam elas boas ou ruins

Quando jogamos jogos

Como jogos cooperativos

Aprendemos a trabalhar juntos

Todos unidos por um objetivo

Um jogo nos permite que

Vamos ter entretenimento

O jogo permite que nós
Sejamos nós mesmos

Jogos nos despertam
Uma finalidade de saber
As regras e vencer
Seja com os nossos amigos
Ou conhecidos

Não existe jogo
Sem a aceitação de todos
Jogar nos aproxima de amigos
Jogar nos aproxima da família
Jogar nos aproxima de todos.

VOLTANDO À INFÂNCIA

Nos campos verdes, eu corria sem parar,
Com amigos fiéis brincava até cansar.
Sob o céu azul o tempo parecia que ia parar
e os dias de verão jamais acabarão.

Risos ecoavam pelas ruas sem fim,
Onde a vida era simples, mas muito feliz.
A magia das horas, um sonho sem fim,
E as tardes de sol, eram tudo pra mim!

Quando chega a noite, já estamos cansados
o dia se encerra
com vocês ao meu lado.

Brincadeira eternas, tesouros a brilhar
e a alma de criança
sempre a nos guiar.

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

São memórias que nunca esquecemos
Que sempre ficam guardadas
Em um espaço pequeno
Mas com um valor sentimental gigantesco
Umas muito boas, legais e amorosas
Outras nem tanto, sendo um pouco entediosas
Desde pequena colecionando o que a vida tem de bom
Sendo uma viagem, novos amigos ou até ganhar um moletom
Viagens que ficam marcadas, sendo uma à praia ou olhar uma cavalgada
Sempre gostando de ver o que a vida proporciona
De novos amigos em uma piscina gelada
Verão que nunca vai embora da memória
No inverno, gostamos de ir para a chácara
Comer pinhão, bergamota e goiabada
Ficar na frente da fogão à lenha

Conversando e brincando de adivinhar a senha
Enfim, memórias que nunca vão embora
Que sempre ficarão guardadas
Bons momentos
De alegria e sentimentos.

DIAS CINZENTOS E DIAS DE SOL

Em uma noite a chuva caía
Pelas janelas o vento assovia
Olhando para fora era só ventania
Dentro de casa eu só me escondia

De manhã o céu era nublado
Lá fora só se via neblina
Um tempo totalmente fechado
Aqui dentro nem se ilumina

No céu surgiu um sol avassalador
Que trouxe paz e calor
Para os dias cinzentos e sem cor

Com o nascer da manhã
A esperança renascia
O meu medo se desfazia
Eu novamente sorria.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: GRUZÃO

AUTOR (A): ENRICO SARTORI

MEU SONHO

Vou para a aula sete da manhã
Quando chegou lá virei um fã
Daquela aula de educação física
Nunca mais vou me esquecer.

Aquele handebol tava muito massa
Depois tivemos praça
Mas depois a pior coisa do meu dia
Tive prova de geografia.

Quase zerei tava muito difícil
Mas depois vi que quase gabaritei
Quando cheguei em casa contei para meu pai
E minha mãe.

Os dois olharam para mim
Nos fundos dos meus olhos
E acordei percebi que era um sonho
E zerei a prova de geografia.

MENTE PERTURBADA

No silêncio da noite, a mente conturbada,
o desejo de paz, saciedade que não se acha,
contra minha mente uma batalha que não acaba
a minha própria mente é o que me mata
na procura da paz um anseio profundo,
mas as correntes de emoções perturbam meu mundo,
num anseio que nunca parece acabar,
ansiedade que me mata volta a me perturbar
no último suspiro um grito hesitante
um fio de vida que ainda resiste
num instante um olhar distante
uma parte de mim ainda existe.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: SNOOPY

AUTOR (A): ISABELA FERREIRA

SOLIDÃO

Não consigo viver sozinha.

Como alguém consegue viver excluída?

Triste e entediada, sem nada para fazer a alegria.

Sozinha no canto, excluída e depressiva.

A vida não tem sentido sem alguém de companhia.

Como sobreviver na solidão?

Sem família, sem amigos, só consigo.

Com inimigos e sem abrigo.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: VENTO LUNAR

AUTOR (A): Livia Savicki Noremborg

A DANÇA DO MAR E DA LUA

A lua brilha no mar,
Reflete a luz no seu olhar,
As ondas dançam devagar,
Cantando histórias para se escutar.
O mar sussurra para o céu tão alto,
Segredos que a lua guarda lá em cima,
E as estrelas piscam lá no fundo,
Como se o mar fosse outra rima.
A lua é farol, é guia serena,
O mar é caminho, imenso e sem pena,
E juntos na noite parecem flutuar,
Numa dança sem fim que nunca vai parar.

NAS ÁGUAS DO MAR

À beira do lago, na calmaria do dia,
O pai e o filho, com a vara e a isca,
Esperam pacientemente, com alegria,
O brilho do sol e o reflexo do risco.

O silêncio é suave, a água é tranquila,
As ondas pequenas dançam e desfazem,
Em cada lança, um desejo de vida,
E os dois compartilham histórias que não se apagam.

O pai ensina com ternura e calma,
Cada truque, cada técnica, cada passo,
O filho aprende, absorve, e a alma
Se alegra com cada peixe que passa no espaço.

Os minutos se estendem, mas não há pressa,
O verdadeiro tesouro está em estar junto,
A pesca é apenas uma forma de conversa,
Onde o tempo se dissolve e o amor é o assunto.

Ao final do dia, com o balde quase vazio,
E o céu cheio de cores quentes e serenas,
O pai e o filho se olham, felizes e tranquilos,
Porque o melhor da pesca foi estar juntos na cena.

VIAGEM

Fui viajar com minha mãe, meu pai e minha avó.
Em uma viagem que no começo me sentia só.
Não sabia o que estava acontecendo.
Só sei que meu coração estava ardendo.

Fui conhecer um museu.
Que com essa enchecção ele cedeu.
Mas agora já estão reconstruindo.
E vendo seus turistas sorrindo.

Adoro viajar e conhecer coisas novas.
Nem que seja por algumas horas.
Por isso sempre aproveito cada momento.
Do hoje e do agora.

Fui viajar para a praia.
Lugar mais lindo do mundo.
Principalmente em dias escuros.
Meu coração fica mais limpo e puro.

A viagem na quinta da estância.
Mostrou uma boa experiência.
Até peguei na mão uma cobra.
Uma sensação boa que lembro até agora.
Esse é um lugar de muita importância.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: LUA

AUTOR (A): Ana Laura W Moreira

EM UM PISCAR

A vida adulta vem sem avisar
com presa, com peso em um simples piscar
E a leveza se perde na falta de poder descansar

Lembro quando não me importava
com trabalhos, contas e só “louqueava”
a minha mãe surtava, mas eu até que gostava

Na infância, o mundo era um grande quintal;
repleto de sonho, magia e alto astral
mas agora o caminho é mais racional
e a criança que vive dentro de mim fica em meu memorial

As responsabilidades chegaram
e as brincadeiras ficaram
agora elas pararam
mas as memórias para sempre ficaram.

UMA VIAGEM EM FAMÍLIA

Na neblina da madrugada
A estrada sem movimento
E o vento que estava frio, leve e solto

Já no ônibus
Toda a família dormia
Rumo ao Rio de Janeiro

O ônibus seguia, o
Sono era frequente e
Com a coberta eu dormia
E agora no Rio eu
Com minha família seguia
No Pão de açúcar e Cristo Redentor
A minha felicidade só subia
E no Maracanã
O jogo do Flamengo
Eu assistia, uma emoção
Grande eu sentia
Mas infelizmente
Eu sabia que logo logo
Em casa estaria

E a viagem na minha memória ficaria.

EM BUSCA DO IRON THRONE

Em Westeros vou lutar,
Com coragem, vou enfrentar.
Dragões e reis sem fim,
Para tomar o trono, enfim.

Com espada e honra na mão,
Exploro cada reino, cada chão.
Em busca do trono sagrado,
Meu destino está traçado.

Ao lado de Jon Snow, meu amigo,
Enfrentamos perigos, sempre unidos.
Juntos, enfrentamos a escuridão,
Com força, fé e união.

Sonho alto, quero vencer,
Ser o rei, merecer.
Mas sempre com os pés no chão,
E o coração cheio de paixão.

No mundo de Westeros, sou valente,
Cada batalha, um passo à frente.
A conquista é minha vida,
E o trono, minha querida.

PENSANDO SOBRE PRESSÃO

O silêncio cria um peso, o ar torna-se tenso,
Na mente, está ocorrendo uma grande confusão.
As perguntas me encaram, e eu penso,
Será que sei a solução?
O papel branco, cheio de mistério,
A cada linha parece existir um critério.
As respostas estão perto, mas não querem aparecer.
E o tempo rápido passa, fazendo correr.
As palavras se desencontram e eu penso então.
Aquilo que estudei foi em vão?
Mas penso bem, tentando lembrar
E a resposta ainda vou encontrar
Respiro fundo e tento me acalmar
É só uma prova, eu posso gabaritar.

Com foco e calma começo a escrever.

No fim das contas é só outra oportunidade de aprender.

FOGO DA VIDA

O fogo na lareira é a vida em movimento,
começa pequeno, tímido, quase lento.

Mas logo cresce, toma espaço,
enche a sala com seu abraço.

Como a vida, às vezes se apaga,
fica fraco, quase que desaba.

Mas com um pouco de ar, de força,
volta a acender e segue a toada.

As fagulhas que voam, leves no ar,
são como sonhos que a gente tenta alcançar.
Alguns se apagam, outros seguem além,
mas sempre tentamos, uma e outra vez também.

O calor que ele traz é o carinho da vida,
a chama que aquece, a dor que convida.
Porque viver é assim, um misto de calor,
com momentos de paz e outros de furor.

Às vezes, a lenha estala como um grito contido,
lembrando que nem tudo é sempre tão tranquilo.

Há rachaduras, trovoadas no caminho,
mas é delas que surge o próximo destino.

E no fim, quando o fogo começa a ceder,
ele não morre, só muda seu ser.
Deixa brasas, deixa marcas, deixa história,

como a vida, que é feita de memórias.

Assim, o fogo que arde na lareira
é o reflexo da jornada inteira:
Entre labaredas, cinzas e calor,
vivemos a vida em busca de valor.

O MENINO SONHADOR

Davi, o menino sonhador.

Sonhava com beldade,
e com várias aves, que eram
lindas e esplendidas.

Sonhava com animais
e com a natureza. Nos
seus sonhos havia árvores,
com várias folhas e vários frutos.

O menino sonhador sonhava
com o paraíso e que tinha lindos
filhos. Que falavam sobre lindas canções
e lindas poesias.

Davi era belo como o amarelo
Sonhador como um cantor,
Que sonhava com o amor
E um dia se tornar um ator.

O PASSAR

Apresse-se, está chegando
O ponteiro está girando
A hora está se aproximando
E o tempo acabando

Quando o sino do vento tocar
Com o amor da despedida
A partida será decidida
Como o vento, o tempo irá passar
Cada som é uma lembrança
Que o eco do tempo alcança
E o que foi, já vai embora
Como um sonho, que evapora
Com o momento de agora
O movimento da hora
O ponteiro do relógio para
E a batida do coração dispara

Nos segundos que se perdem
Os instantes se despedem
O que resta do momento
Desaparece com o vento.

O VOAR DO TEMPO

Em um simples momento
Ocorre uma explosão de sentimentos
Um aperto no peito
Fazendo valer cada segundo
Da vida de um simples Moribundo
Dizem que hoje em dia
Reclamamos muito
E a cada minuto, algo que para nós parece banal
Para um ser em um estado fajuto
Pode valer como muitos
Alguns dizem que é um mito
Talvez um pequeno detrito
De histórias não vividas
Pode fazer você
Atolar em mágoas
Momentos passados
Que jamais serão cicatrizados
Por isso agradeça o passado
Não se deixe levar pelo futuro
E viva o presente
Pois quando você perceber
Estará prestes a perecer.

CATEGORIA INFANTO JUVENIL - 6º AO 9º ANO

PSEUDÔNIMO: MOTOBOY DO MÉQUI

AUTOR (A): GUILHERME ALCÂNTARA PAVEGLIO

A BOLA DE FUTEBOL

Os amigos do meu bairro
gostavam de jogar bola
até que um dia
Ela foi correndo embora
Nossa bola sumiu
Ninguém nunca mais a viu
Olhamos no bairro todo
mas acabamos ficando sem jogo
Compramos uma nova,
colorida e vistosa
para nos ajudar
a conseguir a vitória
Jogos intensos aconteceram
Muitas risadas demos
Nos reunimos de novo
Para jogar sem freio.

O FIM DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

Nossa nação está se envolvendo em problemas difíceis
que podem ser considerados invencíveis.

Não podemos falar o que pensamos de coração,
Pois nos tiraram toda a nossa liberdade de expressão.

Antigamente podíamos nos expressar
Atualmente o sistema tenta nos calar.

Antigamente nós éramos livres
Hoje em dia dependemos de nossos líderes.

Não podemos ser patriotas
Hoje em dia seremos presos e chamados de idiotas.

Antes era respeitada a nossa bandeira
Hoje é cantado o hino com a linguagem neutra.

Nas redes sociais era permitido se expressar
Agora se se expressar nosso judiciário banirá.

Cidadãos de boa índole estão sendo presos
estamos todos nos sentindo indefesos.

Idosos que protestaram viram o sol nascer quadrado
Graças a Deus estou sem nenhum machucado.

São dias terríveis que estão ficando na memória

futuramente irão aparecer nos livros de história.

Imploro que a verdadeira democracia seja restaurada
e que toda a verdade seja explicada.

Com esse poema espero relatar minha realidade
e que em alguma casa tenha o sonho da liberdade.

Espero ser livre de novo
E que o Brasil respeite mais o seu povo.

O MEDO DE PERDER O QUE NÃO TENHO

Ela é linda
Tudo nela é deslumbrante
Procuro defeitos, mas não encontro
O seu riso suavemente encantador
Sua personalidade marcante
Cada detalhe que ela tem me fascina

Ela é linda
É deslumbrante e não há quem negue
Se pudesse, a encararia por dias sem fim
Sem que ela precisasse olhar-me de volta
Para mim, basta vê-la que já me acalmo

Ela é linda
Arrepio-me por inteiro só de pensar nela
Com seu jeito de agir que encanta a todos
Alguém que conversaria por horas sem perder o assunto
Um humor contagiante
E uma animação sem igual

Ela é linda
Não vou mentir
Tenho medo de demorar tanto a agir
Que quando for olhar para ela
Não ser eu quem ela está de mãos dadas
Eu só gostaria que eu tivesse coragem de falar isso a ela
Ou talvez que o sentimento que sinto fosse mais recíproco.

SENTIMENTOS

Há tantos sentimentos
Difíceis de lidar
Traumas e momentos
Não sei como superar
São tantas emoções
Não sei como controlar
Com um arco-íris
Posso as comparar
Suas cores belas
Emoções representam
Assim como as estrelas
No céu são perfeitas
Quando pela minha cabeça
O medo passa
Tenho que tentar
Controlá-lo com a calma

Com a tristeza
Tudo parece desabar
A busca pela alegria
É o que me faz continuar
A nostalgia aparece
Vem lembranças da infância
Quanto mais a gente cresce
Aumenta a saudade de ser criança
Em meio à escuridão
Aparece uma luz
Guiando meu coração

Para voltar a ser feliz
A noite vem chegando
Gratidão me representa
Por mais um dia
Por fim, a calma chega
A sensação que me traz
Nada mais me resta
Só a busca pela paz.

NOS OLHOS DO MEU AVÔ

Na fazenda do meu avô, a vida é uma mistura de alegria e saudade. Acordo com o galo cantando, e o sol se ergue devagar, iluminando o dia. O cheiro da terra molhada é refrescante, mas me faz lembrar de momentos que já não voltam.

As vacas pastam tranquilas, e ao ordenhá-las, sinto a conexão com a rotina, mas a saudade aperta o coração. Ele costumava contar histórias divertidas enquanto eu ajudava, e agora só o eco das lembranças fica no ar.

O café da manhã é um momento especial, com pão quentinho e queijo fresco. O sabor é delicioso, e isso traz um sorriso ao meu rosto, mas ao mesmo tempo sinto falta das risadas que preenchiam a mesa. O café é forte, assim como as memórias que me cercam.

Durante o dia, o pomar brilha com frutas maduras. Cada colheita é uma pequena alegria, mas também um lembrete de como tudo muda. O sol brilha alto, e eu corro pelos campos, sentindo a liberdade, mesmo sabendo que a presença dele faz falta.

Ao entardecer, sento na varanda e vejo o céu se colorir de laranja e roxo. É lindo, mas a beleza traz uma pontada de tristeza. As estrelas surgem aos poucos, e elas parecem guardar todas as histórias que viveram ali.

Na fazenda do meu avô, aprendi que a vida é cheia de altos e baixos. Cada dia traz momentos de felicidade, entrelaçados com a saudade. É um lugar onde o amor e a memória andam juntos, formando um mosaico de lembranças que aquecem o coração, mesmo quando doem.

TEMPO

O tempo algo passageiro
que nem percebemos passar
Tem seu início e seu fim

Um fim que nunca sabemos quando vai chegar

Tempo que tem seu início
E a qualquer momento pode acabar
Tempo que depois que começa
Não sabemos quando vai esgotar
Quando o tempo acaba só nos resta lembrar

Guardar as memórias
Pois quando o tempo acaba
ele nunca vai voltar.
Sobre o tempo se conta
Porque ele não volta
E quando se esgotar
Ele nunca vai voltar.

A NATUREZA

A coisa mais preciosa é a natureza.

Pois ela é de grande beleza.

E a nossa maior riqueza.

Por isso devemos cuidá-la com muita firmeza.

Se ela morrer, nós também morremos.

Então devemos valorizar esse lugar em que vivemos.

Desde quando nascemos.

Até morrermos.

A cada árvore cortada.

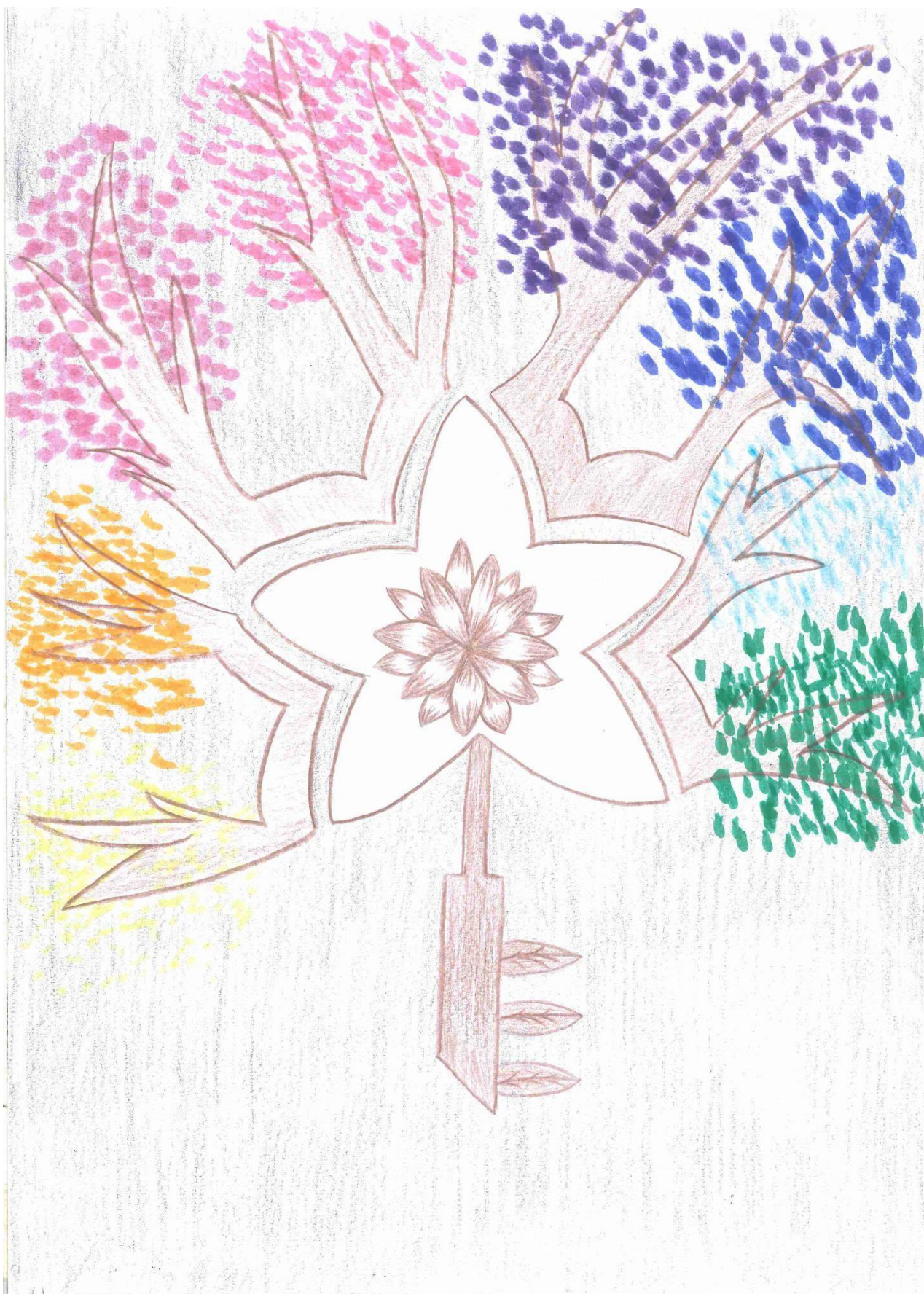
A natureza fica mais machucada.

E no futuro nossa vida estará arruinada.

Se plantarmos amor.

Colheremos um mundo vencedor.

E da natureza o homem será protetor.



O RELÓGIO DA PRAÇA

Era uma tarde como tantas outras, dessas que o sol não parece se apressar em dizer adeus. Na praça central da cidade, o relógio antigo, com seus ponteiros firmes, marcava as horas com uma paciência invejável. Ele já havia visto muitas gerações passarem por ali, mas nunca tinha se importado com isso. Para ele, o tempo era apenas uma constante e a vida um ciclo que se repetia.

Os bancos da praça estavam ocupados pelos de sempre: os aposentados, que discutiam como se soubessem de todos os segredos do mundo; as crianças, que corriam de um lado para o outro, como se o tempo fosse algo infinito; e os casais de namorados, que olhavam o horizonte como quem não queria perder nem um segundo da eternidade.

O relógio, entretanto, olhava tudo com um certo desdém. Ele sabia que aquelas pessoas estavam todas enganadas. O tempo não era amigo de ninguém. Enquanto os ponteiros avançavam, ele via os jovens envelhecerem, as crianças se tornarem adultas e os idosos... bem, eles acabavam sumindo da praça, um por um, sem deixar muita explicação.

Num canto da praça, um homem de chapéu observava o relógio, quase imóvel. Ele estava ali todas as tardes, sem falta. Ninguém sabia muito sobre ele, mas era consenso que ele esperava algo. Talvez um encontro que nunca aconteceu ou talvez o fim de um ciclo que parecia não ter fim.

O relógio continuava sua marcha silenciosa. Ele sabia que, para aquele homem de chapéu, o tempo não era mais uma sequência de minutos e horas, mas uma espera. Uma espera sem pressa, sem urgência. Talvez, por isso, o homem estivesse em paz. Ele já não compete com o tempo. Apenas o acompanhava.

Assim, mais uma tarde se despedia. O relógio continuava seu trabalho, impassível, enquanto a praça se esvaziava aos poucos. No dia seguinte, as pessoas voltariam, os ponteiros girariam e a vida seguiria seu ciclo.

Porque, no fim, o tempo não para para ninguém, mas quem entende isso aprende a caminhar ao seu lado.

CAFÉ DA MANHÃ DOS SONHOS

Nas primeiras horas do dia, quando o mundo ainda parece embrulhado na névoa da preguiça, existe um momento mágico que poucos apreciam: o café da manhã. É um ritual silencioso, quase sagrado, que ocorre nas cozinhas do mundo inteiro, e é aqui que a verdadeira poesia se desenrola.

No pequeno apartamento do quinto andar, Maria prepara o seu café da manhã com a mesma dedicação de um chef de alta cozinha. O aroma do café fresco é o primeiro a se espalhar, trazendo consigo uma sensação de acolhimento. Maria sabe que a primeira xícara de café é mais do que uma bebida; é um abraço quente em forma líquida. Ela sorri para a espuma cremosa que se forma na superfície e decide que hoje é um dia especial.

Ao lado do café, um prato de frutas se exhibe como uma paleta de cores vibrantes: morangos vermelhos como o amanhecer, bananas amarelas como o sol do meio-dia e maçãs verdes que lembram a esperança de uma nova manhã. Maria não se limita a comer; ela aprecia cada mordida como se fosse uma descoberta.

No entanto, não é apenas o alimento que faz do café da manhã algo especial. São os momentos de reflexão que vêm com ele. Enquanto o café é sorvido lentamente, Maria contempla a janela da cozinha, observando a cidade que acorda aos poucos. O trânsito ainda é um mar calmo de carros, e as pessoas andam com uma calma que só as manhãs podem proporcionar.

Às vezes, quando a rotina parece sufocante, Maria se lembra desses momentos simples e guarda-os como um tesouro. O café da manhã se torna uma pausa no meio do caos, um lembrete de que há beleza até nas coisas mais cotidianas. É um momento em que o tempo parece desacelerar, permitindo que ela se reconecte consigo mesma e com o mundo ao seu redor.

Assim, com a última gota de café no fundo da xícara, Maria sente que o dia está pronto para começar. O café da manhã é mais do que um simples ato de comer; é um lembrete de que, mesmo nas rotinas mais comuns, há uma magia esperando para ser descoberta. E com esse pensamento, ela se levanta, pronta para enfrentar o dia, levando consigo a calma e a alegria de um café da manhã perfeito.

O ÚLTIMO CAFÉ

Há algo reconfortante em padarias de esquina, são sempre um lugar aconchegante, algo que mistura o cheiro do pão quente com a preguiça das manhãs, criando um ambiente que faz a vida parecer menos apressada. No entanto, as mudanças chegam sem pedir licença, e foi numa manhã dessas, de céu cinza e chuvoso, que percebi que aquele café estava para fechar as portas.

Não era um café famoso. Nada daquelas xícaras requintadas ou cafés gourmet. Apenas o bom e velho café preto, que era melhor ainda por ser servido sempre pela sorridente e alegre garçonete. Ela sempre dizia: "Aqui o café é simples, mas felicidade não falta!" e não era mentira.

Quantos sorrisos me esquentaram ali mais que o próprio café? Sempre que eu chegava, ela sabia se o meu dia estava ruim. "Hoje é dose dupla de café e meia de esperança, vai melhorar!" — E, de algum jeito, parecia que sempre melhorava. Mas, naquela manhã, as cadeiras estavam viradas sobre as mesas, a plaquinha de "aberto" não estava pendurada na porta e, no vidro, uma folha A4 com letras feitas à mão anunciava o fim. "Fechamos. Agradecemos a todos os clientes amigos pelos anos de companhia".

Senti um aperto no peito, desses que surgem quando uma pequena parte importante de nós é arrancada, deixando um vazio que você nem sabia que estava lá. Fiquei parado em frente à porta por alguns minutos, tentando entender como a vida, que parecia tão estável, de repente muda sem aviso prévio. Lembrei-me das conversas rápidas que tive lá, da sensação de conforto que aquele lugar me dava, mesmo nos dias mais caóticos e até das vezes que corri para pegar o último café antes da escola, mesmo que o ônibus estivesse chegando. A gente nunca imagina que um lugar simples pode carregar tanto da nossa história.

Com o tempo, fui percebendo que aquele café era mais do que uma esquina onde se vendia café. Era uma espécie de refúgio. Ali, a vida desacelerava. Era um ponto de encontro entre o passado e o presente, entre as pressas da cidade e a calma de quem ainda consegue aproveitar um minuto de sossego. E agora, tudo aquilo sumia, como uma xícara que cai e parte em mil pedaços.

Voltei para casa naquela manhã sem o meu café, mas com uma certeza: nada é eterno. E talvez seja exatamente isso que faz com que os pequenos momentos, como o último café da esquina, tornem-se tão inesquecíveis. Eles têm prazo de validade, e é por isso que precisamos aproveitá-los. Por isso, precisamos aproveitar todos os dias como os últimos e encontrar bons

sentimentos em pequenas coisas do nosso dia a dia. Afinal, a vida segue, mas são essas pequenas lembranças que ficam guardadas, como um aroma de café no fundo da memória.

Nos dias que se seguiram ao fechamento, comecei a passar menos vezes por aquela esquina. Não era por falta de caminho, mas por falta de vontade. Havia algo desconcertante em ver as portas fechadas, o silêncio invadindo o lugar onde antes o burburinho suave de conversas e o cheiro de café fresco preenchiam o ar. A esquina já não tinha vida, e eu preferia desviar, como quem evita encarar uma velha fotografia que traz memórias boas demais para serem revisitadas.

Certa manhã, depois de várias semanas, decidi caminhar até lá de novo. A curiosidade, ou talvez a saudade, falou mais alto. Quando me aproximei, vi que as portas ainda estavam trancadas, mas algo havia mudado. No vidro empoeirado, um novo cartaz anunciava: "Em breve, novo café. Esperamos por você!". Olhei para aquela frase com desconfiança. Como se fosse possível substituir o que aquele lugar significava. Naquele momento, eu entendi que os lugares mudam, as pessoas também, e o que realmente fica lá não são as paredes, as mesas, ou as cadeiras, mas sim as memórias que carregamos.

O próximo café poderia ser bom, talvez até melhor, mas nunca seria o mesmo café da esquina que um dia já foi. Não para mim.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: BRONK

AUTOR (A): MARINA GAERTNER

O AMOR QUE CHEGOU ANTES

Talvez fosse primavera, talvez não. O que importa é que, naquele instante, o mundo parecia novo. Eu sentia algo que não tinha nome, uma espécie de calor que subia pelo peito e espalhava-se pelo corpo, como se todas as flores resolvessem desabrochar dentro de mim ao mesmo tempo. Eu mal te conhecia, mas já era tarde: o amor tinha me alcançado.

Não foi nada planejado. Não houve premeditação, nem sinais claros, apenas uma troca de olhares que durou mais do que deveria. Bastou isso para eu saber que ali, em você, havia algo que eu queria explorar, que eu queria cuidar. Mas, ao mesmo tempo, sabia que não podia. Nós não estávamos prontos. O tempo não estava do nosso lado. O amor, às vezes, é como fruta verde. Surge antes da hora certa, bonito, mas amargo. Não é que ele não pudesse ser vivido, é que ele não podia ser colhido. Era cedo demais para nós, para as nossas vidas, para o mundo que nos cercava. E assim, ficamos suspensos, vivendo um amor que não se vivia, apenas se sentia, entre as entrelinhas do que poderia ter sido e do que talvez nunca fosse.

Havia uma distância entre nós que ia além dos quilômetros ou das circunstâncias. Era uma distância de tempo. Eu via um futuro em que estaríamos prontos, mas, naquele presente, restava-me apenas o sonho, o devaneio de algo que florescia sem poder crescer. Você, sempre tão perto, mas inalcançável, como uma estrela cadente que só deixa rastro e apaga antes que eu pudesse fazer um pedido.

Assim seguimos, você e eu, por caminhos diferentes, ainda que conectados por essa linha invisível de um sentimento que chegou antes de nós. O amor existiu, sim. Só que o tempo não quis saber. O tempo, implacável, separou-nos, empurrou-nos para longe, forçando-nos a viver vidas que não incluíam aquilo que havíamos sentido.

Hoje, às vezes me pego pensando: e se tivéssemos nos encontrado mais tarde, no tempo certo? Talvez o amor tivesse dado certo, tivesse sido pleno. Ou talvez, como todo amor, ele tenha acontecido exatamente como deveria: cedo demais, apenas para nos lembrar de que nem tudo o que é sentido precisa ser vivido.

Eu, aqui, sigo guardando esse amor como se guarda um livro preferido, sabendo que,

um dia, quem sabe, eu o releia, com o sabor do que foi e nunca será.

DURADOURA AMIZADE

Toda sexta-feira, sem falhar, João, Marcos e Pedro se encontravam no mesmo bar de sempre. Não era o melhor bar da cidade, nem o mais arrumado, mas ali, naquele cantinho, eles encontravam o que realmente importava: a amizade de uma vida inteira. E, claro, a mesa de sinuca, que testemunhava cada riso, cada piada e até algumas discussões, sempre resolvidas com um aperto de mão.

Era engraçado como, ao redor daquela mesa, o tempo parecia parar. João ajeitava o taco com aquele jeito concentrado que sempre fazia Marcos soltar uma provocação:

— Vai errar de novo, hein?

Pedro ria baixo, o mais tranquilo dos três, como sempre. Ele sabia que a competição entre os dois era pura brincadeira, o jeito deles de se conectar. E, no fundo, essa disputa boba os aproximava mais ainda.

Eles se conheciam desde os tempos de escola. Quando começaram a frequentar aquele bar, tinham sonhos enormes e responsabilidades pequenas. Agora, com suas vidas em marcha – João, professor; Marcos, empresário; Pedro, músico – cada um lidava com suas batalhas diárias. Mas, naquele momento, em frente à mesa de sinuca, tudo isso parecia distante. Voltavam a ser aqueles meninos rindo à toa, sem preocupações, apenas curtindo a companhia uns dos outros.

Não era só sobre o jogo, nem sobre quem ganhava ou perdia. A sinuca era apenas um pretexto, uma desculpa para estarem juntos. Porque, no fim das contas, o que importava era o laço que tinham. Era como se, ali, em cada tacada, eles reforçassem uma amizade que o tempo não conseguia enfraquecer.

Era assim que eles sabiam que, por mais que o mundo ao redor mudasse, por mais que a vida corresse lá fora, aquela amizade era o ponto de equilíbrio. Era o que fazia a rotina fazer sentido. E, toda sexta-feira, a certeza de que o jogo, e a parceria, continuariam.

NUNCA É UM ADEUS

Estou no primeiro ano do ensino médio e está tudo uma loucura, acho que loucura resume toda minha vida. O meu sonho é fazer psicologia no Canadá e morar lá, mas ultimamente tudo tem sido confuso. Os meus gostos estão sempre mudando e a única certeza que tenho é que quero ir para longe daqui. As pessoas à minha volta acreditam muito em mim, "apostam todas as fichas", e a pressão está gigante. Esperam que eu já saiba o que quero para o futuro, que faça o ENEM, vestibular, cursos, que comece a trabalhar... Resumindo, querem que eu aproveite todas as oportunidades.

Eu sei que essas pessoas me amam, só querem que eu vá longe e tenha sucesso, mas tudo isso está me deixando maluca. Cada nota baixa, por mais que já aconteça com frequência, não me traz orgulho. Sinto que estou a decepcionar muita gente, e não é que eu não estude, porque estou sempre dando o meu melhor, mas parece que nada é o suficiente, e ninguém cobra muito de mim, porque eu já me cobro demais...

Ultimamente, tenho me dedicado muito ao teatro, que virou o meu refúgio. Sinto-me bem no palco e já me disseram que o meu futuro pode estar na arte. Eu adoro cantar e atuar e acho que gostaria de seguir esse caminho. Mas será que não acabaria por decepcionar muitas pessoas? Penso que talvez pudesse tentar fazer Psicologia e Teatro ao mesmo tempo. Acho que posso ajudar muita gente nas duas áreas, dar confiança, motivar as pessoas, e ao mesmo tempo me sentir bem ao receber os aplausos depois de um grande espetáculo, dentro dessa grande peça que é a vida. Com tudo o que passei, sinto que posso fazer a diferença. Mas ajudar as pessoas a ter autoconfiança? Que ironia, se nem eu estou a ter. E como vou conseguir dar conta de tudo isso, se nem consigo passar numa prova do ensino médio?

Quando me perguntaram "O que você está fazendo para realizar seus sonhos?", entrei em pânico. Não estou fazendo muito e nem sei por onde começar. Com a condição financeira apertada, tudo parece ainda mais complicado. Como vou para o Canadá? Eu sei que deveria trabalhar, mas isso me faria deixar muita coisa, como o teatro e o meu psicólogo e eu não posso ficar sem o que me faz bem, sem considerar as aulas e os trabalhos... eu preciso descansar também e quando me formar, talvez o teatro já não faça parte da minha vida, então

preciso aproveitar enquanto posso.

Além disso, tem a pressão para começar a namorar ou ficar com alguém. As pessoas me deixam ainda mais confusa, porque confesso que sou um pouco fria em relação a isso e, sinceramente, não me sinto pronta. Mas, quando comentam que "fulano" gosta de mim e que eu devia tentar e insistem nessa ideia, fico confusa, porque começo a sentir algo diferente. Mas será que esses sentimentos são meus ou vêm da pressão das outras pessoas? Tudo fica mais complicado. Mas, pelo menos nisso, sei que preciso me resolver, aprender a gostar de mim mesma e a confiar em mim antes de me envolver com alguém. Sempre fui firme com isso, mas com tanta pressão e tantos comentários, fico confusa e com dúvidas e incertezas, às vezes me sinto como um robô, esquecendo o que eu quero para seguir o que os outros planejam ou imaginam para mim.

Este ano, também me decepcionei com algumas amizades. Não sou de confiar com facilidade, mas conforme o tempo passa, entrego-me e quero ver os outros felizes, mesmo que isso signifique sacrificar a minha própria felicidade. E, como não sou muito de toque físico, acabo por sentir que preciso abdicar da minha alegria para fazer os outros felizes. Mas, quando sou eu a precisar, as pessoas somem sem dar qualquer explicação. É tanta coisa acumulada e, nesses momentos, elas desaparecem. Acho que fiquei com medo de me aproximar das pessoas e acabei por me fechar. Isso explica por que tenho dificuldade em lidar com elogios e em confiar em quem realmente quer meu bem. Há uma cobrança interna para dar o meu melhor e parece que nunca consigo. Talvez esse seja um dos motivos pelo qual evito me envolver com alguém.

As minhas amigas dizem que eu devia me soltar mais em relação às pessoas, sair da defensiva e deixar as coisas fluírem, porque essa fase da adolescência não volta mais, e eu até concordo com elas, em parte. Sinto que me fechei para o amor, para as pessoas... para o mundo. Às vezes, sou grossa sem perceber, assusto as pessoas. O impulso é algo que faz parte da minha vida e sou muito agitada, muito mesmo. Por outro lado, às vezes me desligo completamente. O meu psicólogo chama isso de "modo protetor desligado". É um mecanismo para enfrentar as coisas, afastando-me emocionalmente do sofrimento. É uma forma de proteção, mas que não ajuda muito. Ele disse que, aos poucos, posso começar a me desligar até nos momentos bons, sejam tristes ou felizes. O meu corpo está cansado. Além disso, ainda há o estresse pós-traumático, a síndrome do estômago sensível e as náuseas que sinto durante as crises.

Não pense que não aproveito a vida. Eu adoro dançar nas festas, curtir cada minuto, sentir a batida da música e cantar junto como se não houvesse amanhã. Eu amo aventuras e a

adrenalina que elas causam, por ser melhor amiga do impulso, mesmo com medo, eu vou, e não me arrependo; às vezes sim, mas faz parte. Também adoro as crianças que ajudo no teatro. Mesmo que eu não faça parte do grupo delas, elas me acolheram e ajudaram a recuperar o brilho e o amor pelos palcos e pelo teatro, que eu achava que tinha perdido. Elas até choram só de imaginar a minha saída do teatro e isso me deixa mais confusa às vezes, mas faz com que me sinta importante; receber um carinho tão sincero e puro pode parecer estranho para quem não está acostumado... Muitas vezes eu quero evitar que elas sintam a dor que eu sinto e, no fundo, estou fazendo um bom trabalho; elas estão mais confiantes e eu tenho tanto orgulho delas...

Sei que estou sofrendo por antecipação e tento manter a calma, mas é difícil, afinal é assim que a cabeça de um ansioso funciona, é complicado mudar, esforço-me para me acalmar, mas nem tudo são flores e eu sou assim. Talvez eu ainda não esteja preparada para deixar tudo para trás, para abrir mão das coisas que me fazem bem agora. Mas sei que ainda tenho tempo e devo aproveitar cada momento, porque o tempo está a passar muito rápido. Aos poucos, vou ter que aprender a lidar com essas despedidas, afinal a vida é feita de ciclos e é preciso que um se encerre para outro começar. Entender que as pessoas que conheci não vão sumir e não vou abandoná-las, nunca é um adeus, é apenas um "até logo".

O RELÓGIO DO TEMPO

O velho relógio da sala, herdado de meu avô, tem um tique-taque que não se apressa nem se atrasa, como se carregasse a serenidade de quem conhece o compasso certo da vida. A cada badalada, sinto que ele guarda segredos de tempos imemoriais, histórias que ecoam pelo silêncio da casa. Hoje, ao vê-lo, lembrei-me de como o tempo pode ser curioso: ora veloz, ora arrastado, ora suave como um sussurro.

Lembro de uma tarde chuvosa em que minha mãe, então com seus 30 e poucos anos, parou diante do relógio e disse: "O tempo não espera ninguém, meu filho". Eu era apenas uma criança e achei graça naquilo. Por que o tempo haveria de correr se, para mim, tudo acontecia devagar? Os dias eram feitos para brincar e as noites para sonhar. Mas, conforme fui crescendo, percebi que ela estava certa. Os ponteiros, antes distraídos, começaram a se mover com a precisão de um maestro apressado e as estações passaram a saltar, sem aviso, de uma para outra.

O relógio, porém, continuou o mesmo, imune às mudanças da casa e da família. Ele estava lá quando deixei a infância e, mais tarde, quando fui embora para a cidade grande. Era o mesmo quando voltei, muitos anos depois, com os ombros mais pesados e a alma um pouco mais leve. Quando entrei pela porta, ele ainda marcava o tempo com o mesmo tique-taque solene de sempre, como se esperasse por mim.

Hoje, ao olhar para ele, compreendo melhor a sua lição. O tempo, na verdade, não é o vilão que todos temem. Ele é apenas um contador de histórias, um observador paciente das nossas tentativas de entender a vida. É o presente que se torna passado e o passado que nos empurra ao futuro. É o instante do primeiro amor, o suspiro do último adeus. O relógio do tempo, afinal, não é sobre as horas que passam, mas sobre as que ficam.

Agora, na quietude da sala, com a casa vazia e o velho relógio a marcar ritmado, eu percebo que, enquanto ele continuar a tocar, há uma parte de mim que também continua. E mesmo que um dia os ponteiros parem de girar, a história que eles contaram, a minha, a nossa, já terá sido gravada para sempre, em algum lugar além do tempo.

DO QUE SOMOS FEITOS

No meu tempo de ensino médio, caro neto, vivi muitas coisas e as pessoas à minha volta mudaram, havia fumaça no céu e livros físicos, os quais tenho até hoje empilhados na parte mais funda do meu guarda-roupa. Tudo que aprendi marcou minha mente da mesma forma que um açoite, os professores que lembro foram aqueles cujas aulas extrapolavam o conteúdo, trazendo ensinamentos sobre a vida e como ela funciona. Claro, não me ensinaram a declarar imposto de renda ou como iniciar um consórcio no banco.

- E você pode me contar como era uma aula? – Perguntou meu neto.

Conhece aquela frase de John Locke? “O ser humano nasce como se fosse uma folha em branco”, pois bem, as aulas funcionavam da mesma forma: o conhecimento sobre algum assunto, tipo Ecologia, era uma folha em branco e, alguns professores, tinha uma caneta mágica chamada ‘Explicação’, que escrevia na folha em branco. Desse modo, de acordo com a peculiaridade de cada um, a folha ganhava letras diferentes, imagens, post-its e até sentimentos. Acho que a primeira a realizar esse feito, foi minha primeira mestre de biologia que escancarou minhas concepções de aula.

- E como era seus colegas vovó? Eles conversavam contigo? – Curioso, não é mesmo?

Alguns foram, alguns ficaram. Outros perdi o contato e o restante ficou gravado na minha memória, da mesma forma que um antigo diário confirma os fatos vivenciados. Eles tornavam o ciclo suportável, em meio às provas e cobrança pessoal; eles surgiam como amigos, hora de descontração e fonte de endorfina. Mas, nem sempre foi assim, demorou para cultivá-los, gosto de compará-los a flores, pois, uma vez postos no chão e manejados com o teu carinho e dedicação, elas te recompensam com uma flor, que no caso seria um laço de amizade. Adoro mencionar uma flor análoga a jasmim, bem complicada e que requer bastante água, porém seu floreio sempre foi o mais lindo de todos.

Hoje em dia, já não sei dizer como são suas experiências como amizade, passou a ser por realidade virtual? Com ajuda de dinheiro? Fugindo da realidade nesses aparelhos

simuladores? Tudo é líquido. O concreto é apenas aquilo que é usado para os passeios nas ruas da cidade, o verde está artificial demais e as luzes brancas queimam as retinas.

Se eu pudesse voltar para o passado, provavelmente seria para 2024. Ele interrompe meu fluxo de pensamento ao questionar sobre as tão mitológicas provas.

Com paciência e entendimento, respondi da seguinte forma:

- Pense que as provas serviam para o professor e para o aluno; assim, o mestre sabia o que seus pupilos não sabiam adequadamente e (às vezes não) buscava reforçar o conteúdo em questão. Pelo que seus pais falaram, hoje em dia provas são consideradas inviáveis e abusam do cérebro do aluno.

- Vovó, pode me contar o que mais lembra do seu Ensino Médio? – Perguntou com uma feição amorosa.

Reconheço que as memórias são como comer a comida que sua mãe fez para o almoço, barriga quentinha, cérebro em paz. Umas das coisas que mais lembro, meu docinho, com certeza, eram as horas de recreio, as conversas, jogos de carta e o companheirismo que tínhamos; se alguém precisasse de nota nós ajudaríamos aquela pessoa a sair do sufoco sem pensar duas vezes.

Outros momentos memoráveis foram as viagens; ainda lembro da sensação de ter uma casa com outras pessoas e poder aproveitar o tempo com elas, sentindo uma felicidade genuína e trazia uma pontada de paz interior. Durante o terceiro ano, realizamos eventos únicos todo o dia 14 do mês para nos diferenciar das demais turmas, fizemos cinemas e festas. Brigamos e muito. E no final, como todo livro de romance, deu tudo certo.

Não sei se consigo expressar com palavras a noite final, quando a gente soube que realmente um ciclo desses iria acabar, quando tudo ficou escuro e chamavam nossos nomes para pegar um canudo. Da abertura de pista e dos olhares orgulhosos que os pais revelaram para os filhos, o fim e o começo para uma outra parte da vida. O que é triste e feliz ao mesmo tempo, já que não veria a maioria das pessoas que eram meu dia a dia, mas teria a oportunidade de fazer mais na universidade.

Ele me olha curioso, preparando uma próxima pergunta e questiono se ele irá viver algo parecido um dia, se irá ter muitos amigos, se irá gostar de jogos de integração do mesmo jeito que gostei (se é que isso ainda existe). Será que ele terá a oportunidade de abraçar uma profissão, de brigar por conta da formatura e chorar abraçados na pista de dança? Tenho medo das respostas.

Na maior parte do tempo, as memórias fluem como um rio pela minha mente, mostrando-me o caminho que escolhi percorrer ou aquele que simplesmente apareceu na

janela. Ao voltarmos para o passado, vemos coisas maravilhosas e às vezes sóbrias e todas elas estão marcadas na minha vida, querendo ou não.

O que decidimos no passado é o nosso futuro e no futuro vemos que as coisas poderiam ter sido ainda melhores. Cada um escolhe a história que quer contar para seu futuro e sempre será assim, estamos fadados a arcar com as consequências das nossas ações. E o que quero deixar para meu neto espertinho são lembranças de momentos diferentes, histórias que contei e os ensinamentos que um dia passei.

Antes de decidir ignorar o hoje, pense no futuro: o que seria uma pessoa sem as marcas? Somos feitos de momentos e cabe a você, leitor, escolher quais deles o irão compor. Viva o hoje intensamente, para que no futuro você consiga se consagrar como ser humano, vivo e moldado. Máquinas são programadas e gente é formada por experiências e memórias. Olho para a cama e vejo que ele caiu no sono, cubro-o com sua coberta de ursinhos e fecho a porta, rezando que ele também seja feito de memórias.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: JEANCARLO TRATSCH ROSSI

AUTOR (A): JEANCARLO TRATSCH ROSSI

O ÚLTIMO DIA DE AULA

Era um dia qualquer de junho, mas para nós, alunos do 9º ano, era um dia que prometia ser inesquecível. O sol brilhava intensamente, como se o próprio céu estivesse conspirando para fazer do nosso último dia de aula um verdadeiro evento.

O cheiro do café fresco na cantina se misturava ao aroma dos lanches caseiros que alguns alunos trouxeram, enquanto risadas e conversas ecoavam pelos corredores. Lá dentro da sala, a atmosfera estava elétrica. A professora de português, Dona Clara, tentava nos fazer refletir sobre os livros que lemos durante o ano.

“Lembrem-se de que a literatura nos ensina a ver o mundo com outros olhos”, ela disse, mas mal conseguíamos prestar atenção. O que estava em jogo era muito mais emocionante: estávamos prestes a nos despedir de um capítulo importante das nossas vidas.

As mesas estavam desorganizadas, repletas de cadernos, canetas coloridas e aqueles papéis amassados que a gente sempre deixava para depois. A cada minuto que passava, a tensão aumentava. O que fazer? Como aproveitar ao máximo aquele dia? As ideias começaram a surgir. Criamos um grupo no WhatsApp para discutir as melhores estratégias para a despedida. O que não podia faltar?

Decidimos que precisaríamos de um mural de fotos, uma colagem de memórias e, claro, uma música que correspondesse à nossa amizade. O intervalo foi um caos organizado. Alunos de diferentes turmas se misturavam, compartilhando risadas e histórias. A galera do basquete, a turma do teatro, os fanáticos por matemática... todos estavam lá, unidos por um mesmo sentimento: a nostalgia. No fundo, cada um sabia que aquela fase estava se encerrando e que o próximo ano traria novas aventuras, mas não era fácil deixar para trás tudo o que construímos juntos.

Voltamos para a sala. Prof. Julia, percebendo nossa agitação, decidiu liberar um tempo para a despedida. A proposta foi simples: cada um deveria compartilhar uma lembrança especial do ano. Ouvimos histórias hilárias, emocionantes, e até algumas que pareciam tiradas de um filme. Lucas contou sobre a vez em que quase se esqueceu de fazer uma apresentação e teve que improvisar. Ana falou sobre a viagem da escola que nos uniu ainda mais.

Cada relato era um pedacinho de nossa jornada, um retrato de quem éramos e de quem estávamos nos tornando. Quando chegou a vez do Rafael, a sala silenciou. Ele sempre foi mais tímido, mas, naquele momento, parecia ter encontrado coragem. “Eu sempre me senti um pouco abandonado”, ele começou, “mas vocês me aceitaram como eu sou. Obrigado por me fazerem sentir parte do grupo.” As palavras dele tocaram a todos, e o ambiente ficou carregado de emoção.

Aquela era a verdadeira essência da escola: não apenas aprender conteúdos, mas construir laços que nos acompanharão para sempre. Enquanto as horas passavam, decidimos que a nossa despedida precisava ser celebrada. Fomos até a quadra e organizamos uma espécie de “gincana do adeus”.

Divididos em equipes, fizemos brincadeiras que testaram nossas habilidades, e, acima de tudo, trouxeram muitas risadas. O time do Lucas, sempre com a criatividade superior, teve a ideia de recriar cenas de filmes famosos. Lançaram mão de improviso e divertiram-nos de tal forma que a competição ficou em segundo plano.

O dia avançava e a sombra da despedida se aproximava. Quando o sinal tocou, a emoção tomou conta. Era hora de um último abraço, uma última foto. Os celulares foram sacados e um desfile de sorrisos e lágrimas começou. Com um clique, congelamos aquele momento. Era como se o tempo tivesse parado.

A última tarefa foi simples: escrever uma mensagem para o futuro. Cada um de nós escreveu em um papel o que esperávamos para o próximo ano, nossos sonhos, medos e promessas. Combinamos de abrir esses papéis em um encontro no próximo ano. A ideia de que, mesmo longe, ainda estaríamos unidos de alguma forma trouxe um conforto imenso.

Com o sino final ecoando pelo corredor, dirigimo-nos para a saída, sabendo que aquele dia ficaria marcado em nossos corações. A escola, com suas salas, corredores e memórias, sempre será nosso lar. E embora os caminhos possam nos levar a lugares diferentes, as lembranças e as amizades que fizemos aqui serão eternas.

E assim, ao deixarmos a escola, não éramos mais apenas alunos, éramos parte de uma história maior. Uma história que seguiria viva em nossas lembranças e que, certamente, contaríamos para as futuras gerações. Afinal, as verdadeiras lições vão muito além das salas de aula. Elas estão nas experiências compartilhadas, nos abraços apertados e nos laços que formamos ao longo do caminho.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: ESTRELA

AUTOR (A): JÚLIA KIESEL SCHONS

CONTO DE ESCOLA

A escola é um lugar de estudo, de interação e crescimento. Venho para a escola Setrem de ônibus. Devemos cuidar da nossa escola como se fosse nossa casa, pois ela é tão importante na nossa vida, porque sem os nossos estudos não chegaremos a lugar nenhum.

A escola é um lugar para aprender. É bom estudar, é importante ficar esperta. Na escola temos muitos amigos e amigas e no recreio jogo futebol com meus amigos e divirto-me muito. Minha escola é muito bonita e gosto muito dos meus colegas e tenho sabedoria. Gosto de fazer trabalhos, pesquisas, leituras e sempre mostro que eu sei fazer. O mais importante é quando a professora explica o conteúdo da prova e eu faço prova no 3º ano.

Meu material escolar sempre está organizado e as atividades feitas. Na minha casa, minha família me incentiva e quer que eu me forme na Setrem. Fico contente que minha família sempre está me ajudando, pois é meu exemplo de vida. Minha monitora ajuda nas matérias difíceis e eu gosto muito dela.

Eu acordo cedo para ir à escola porque gosto muito, pois ela ensina muitas coisas boas para nós e para termos um futuro bom e para podermos ser boas pessoas na sociedade. Eu amo minha escola Setrem.

NOITE DE FOGO E RISADAS

Não sei quem foi que deu a ideia primeiro, mas essas noites de churrasco com os amigos sempre começam do mesmo jeito: alguém manda uma mensagem no grupo, “Bora marcar um?”, e daí para frente é só questão de decidir quem vai levar o quê. Quem tem churrasqueira, quem traz a carne, e, claro, as cervejas. Porque churrasco sem cerveja não é churrasco, todo mundo sabe.

Dessa vez foi na casa do Arthur, que tem uma mesa de sinuca no quintal. Acho que a mesa já estava meio esquecida, coberta por uma lona velha, mas logo que chegamos ele tirou a poeira. E foi só acender o fogo que as risadas começaram. O cheiro da carne assando, o som das latinhas abrindo, a conversa que não precisava de motivo. Todo mundo junto, falando besteira, zoando o outro por perder uma jogada boba de sinuca, como se fosse a coisa mais importante do mundo.

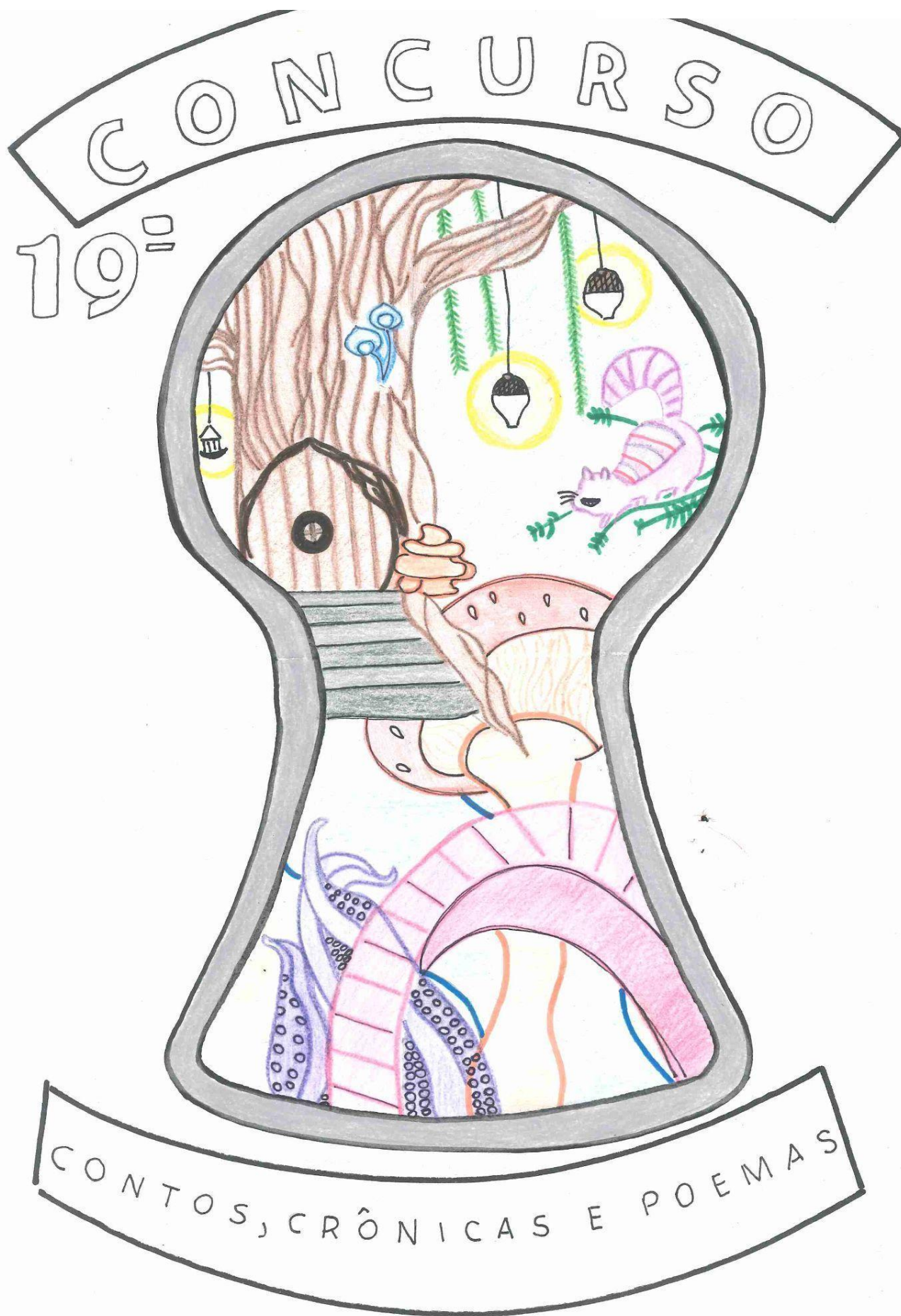
A sinuca, aliás, era só um pretexto. Ninguém ali era bom de verdade, mas a graça estava nos erros. Marcos, como sempre, tentava fazer aquela jogada mirabolante, de costas, falando que ia acertar todas as bolas de uma vez só. E, como sempre, errava feio, com a bola branca indo direto para a caçapa errada. Era motivo suficiente para a galera explodir em gargalhadas. Acho que as melhores jogadas são as que a gente não acerta.

O mais engraçado dessas noites é que parece que o tempo não passa. A gente ri, conversa, come carne, bebe, joga sinuca e, quando olha para o relógio, já é madrugada. Mas ninguém quer ir embora. Parece que nesses momentos a gente esquece das preocupações, das responsabilidades do dia a dia. A gente só quer aproveitar. E tem uma mágica nisso. O churrasco vira uma desculpa para estar junto, para criar memórias que, no fundo, não têm nada de espetacular, mas são justamente essas que a gente guarda com mais carinho.

Lembro que, em certo momento, a conversa foi parar em histórias antigas. Alguém sempre puxa uma lembrança do passado, como aquela vez em que João quase derrubou a churrasqueira inteira tentando virar a carne, ou quando Arthur, sem querer, deixou a cerveja cair no carvão, provocando um estouro que assustou todo mundo. Parece que, quanto mais o tempo passa, mais a gente ri dessas coisas.

Quando a noite vai avançando e as cervejas diminuindo, o clima muda um pouco. As risadas continuam, mas agora são misturadas com aquela sensação boa de cansaço, de missão cumprida. A carne já acabou, a sinuca já foi vencida (mesmo que ninguém saiba direito por quem), e o papo se torna mais solto, mais sincero. A gente começa a falar sobre a vida, sobre o que está rolando, sobre os planos que, de alguma forma, sempre mudam.

É nesse momento que a gente percebe o valor da amizade. Não pelo churrasco, pela cerveja ou pela sinuca, mas pela companhia. No final, sempre tem aquele que solta: “Quando é o próximo?”. E todo mundo ri, sem pressa de marcar. Porque o melhor dessas noites é que elas acontecem sem precisar de muita coisa. O que importa mesmo é a turma reunida, o som das risadas e o cheiro da carne no ar.



A MALDIÇÃO DAS SOMBRAS

Em um reino distante, cercado por florestas antigas e montanhas enigmáticas, vivia a jovem Elyse. Desde que nasceu, seus olhos tinham um brilho incomum, algo que os aldeões diziam ser um sinal de uma antiga linhagem mágica. Embora sua vida tivesse sido tranquila, algo sempre parecia chamá-la para além das fronteiras do vilarejo, para um destino que ela não conseguia entender.

Certa noite, enquanto as estrelas se alinhavam de maneira estranha no céu, Elyse foi acordada por sussurros vindos da floresta próxima. Com um frio inexplicável correndo por sua espinha, ela pegou sua capa e saiu furtivamente, seguindo as vozes até o coração da floresta. Lá, encontrou um círculo de pedras antigas, banhadas por uma luz prateada que pulsava suavemente. No centro, um homem de longos cabelos escuros e uma capa de sombras se ergueu. Seus olhos brilhavam como as estrelas que iluminavam o céu. Seu nome era Adão.

- Você me chamou? - Disse Elyse, sua voz tremendo.
- Sim, e você veio. - Respondeu ele, sua voz tão suave quanto o vento entre as árvores. - Há muito tempo, nosso destino foi entrelaçado.

Ela sentiu uma força sobrenatural ao redor dele, como se algo invisível os ligasse. Adão revelou que era um mago banido do reino das sombras, condenado a vagar entre os mundos, aguardando aquele que pudesse libertá-lo de uma maldição milenar.

- Por que eu? - Perguntou Elyse, os olhos cintilando, com um misto de curiosidade e medo.
- Porque você é a última descendente da linhagem de Aeria, a única capaz de quebrar as correntes que me prendem.

Elyse hesitou. Seu coração palpitava de forma estranha, uma mistura de atração e terror. Adão se aproximou, e a floresta pareceu se aquietar ao seu redor, como se o mundo estivesse segurando a respiração.

- Sei que há muito em jogo. - Continuou ele, seu olhar fixo nos dela - Mas, se me ajudar, posso lhe dar mais do que liberdade. Posso lhe mostrar os segredos da magia ancestral, posso... estar ao seu lado para sempre.

Ela sentiu o poder de suas palavras, e também uma escuridão rastejante nas entrelinhas. Havia algo mais por trás daquele encantamento. A promessa de poder e amor era tentadora, mas Elyse sabia que as sombras escondiam segredos profundos e traiçoeiros.

- Como posso confiar em você? - Ela perguntou, os olhos buscando alguma verdade oculta em seu olhar.

Adão deu um meio sorriso, melancólico.

- Você não pode. Mas também não pode confiar nas forças que tentam me manter preso. Há mais do que apenas minha liberdade em risco... O equilíbrio entre luz e escuridão depende de sua escolha.

Enquanto Elyse ponderava, o ar ao redor começou a mudar. As sombras ao redor das árvores se alongaram e, de repente, uma figura encapuzada emergiu da escuridão. Era um guardião da Ordem da Luz, uma sociedade secreta que protegia o reino de magos das sombras como Adão.

- Afaste-se dele, Elyse! - Gritou o guardião. Ele te engana! Se libertá-lo, destruirá o equilíbrio do mundo!

Elyse sentiu o peso do momento sobre seus ombros. De um lado, o guardião da luz oferecendo segurança, do outro, Adão, com promessas de amor e poder, mas também de caos.

- Você deve escolher, Elyse. - Disse Adão, com uma tristeza que parecia genuína. Lembre-se, nem sempre o que parece luz é puro, e nem sempre as sombras são malignas.

O guardião deu um passo à frente, brandindo uma espada de luz.

- Ele está mentindo! Escolha a luz, Elyse, e mantenha nosso mundo seguro!

A jovem olhou para ambos, com o coração dividido. Adão estendeu a mão para ela, enquanto o guardião a puxava para trás, insistindo para que ela não caísse na armadilha.

Com um último olhar para Adão, Elyse finalmente tomou sua decisão. Erguendo as mãos, ela recitou palavras antigas, sentindo a magia fluir por suas veias. Um brilho dourado irradiou de seu corpo, enquanto ela fazia sua escolha.

Mas, em vez de evitar Adão ou se entregar ao guardião, Elyse canalizou a magia de ambos, unindo luz e sombra. Um círculo de energia se formou ao redor dela, e o chão tremeu.

- A magia não é boa nem má. - Disse Elyse, a voz firme. Eu escolho o equilíbrio.

A luz da espada do guardião desapareceu, e Adão caiu de joelhos, surpreso. Elyse, com os olhos brilhando como nunca, estendeu as mãos para ambos:

- Juntos, manteremos o mundo em harmonia.

O guardião hesitou, mas finalmente aceitou a mão dela. Adão, ainda atônito, sorriu suavemente e fez o mesmo.

E assim, Elyse uniu forças que estavam em guerra há milênios, selando um novo pacto entre luz e sombras, amor e poder. Mas, no fundo de seu coração, ela sabia que a verdadeira batalha ainda estava por vir.

O ECO DO PASSADO

Marta sempre foi fascinada pela casa de sua avó, uma construção antiga, com janelas grandes e vidros amarelados pelo tempo. A casa ficava no alto de uma colina, cercada por árvores centenárias. Depois que a avó faleceu, a casa foi deixada para ela, mas Marta só teve coragem de visitá-la anos depois.

Era uma manhã ensolarada quando ela decidiu ir. A casa estava como se o tempo houvesse parado. Os móveis cobertos por lençóis brancos e um cheiro de madeira envelhecida misturado com o perfume da lavanda que a sua avó sempre usava. Marta andou pelos cômodos, cada passo ecoando na vastidão do silêncio. Ao chegar à sala principal, um retrato na parede chamou sua atenção. Era um quadro grande, que retratava uma mulher jovem e sorridente, sentada no jardim da casa. Marta nunca havia notado aquele retrato antes, mas, estranhamente, sentia uma familiaridade na figura. Aproximou-se, tentando decifrar os traços da mulher, mas o nome no canto da pintura estava apagado pelo tempo.

De repente, um barulho suave veio do corredor. Marta se virou, o coração acelerado, mas não havia ninguém. Voltou a olhar para o retrato, e foi quando percebeu: a mulher estava diferente. O sorriso suave agora parecia mais pronunciado, quase ameaçador. Marta deu um passo para trás, tentando racionalizar o que via. Era apenas uma ilusão de ótica, um jogo de luz, pensou. Mas a sensação de desconforto era inegável. Ela tentou se afastar da sala, mas seus pés pareciam presos ao chão.

Então, um sussurro baixinho preencheu o ar: "Você voltou..."

O coração de Marta quase parou. Olhou ao redor, mas não havia ninguém. Somente ela e o retrato. O sorriso da mulher, agora claramente malicioso, parecia se alargar ainda mais. Marta sentiu um frio intenso percorrer seu corpo. Tentou correr, mas seus músculos estavam rígidos.

"Você voltou para nós", repetiu o sussurro.

A casa parecia respirar ao seu redor, as paredes vibrando levemente. O retrato, antes apenas uma imagem, agora pulsava com vida própria. Marta se viu cercada pela energia da casa, e algo dentro dela despertou, como se aquela conexão sempre estivesse ali. De repente, Marta sentiu uma onda de compreensão. Ela olhou de novo para o retrato e, em vez de medo, algo familiar cresceu em seu peito. A mulher na pintura não era apenas uma figura estranha.

Era sua própria avó, quando jovem. A sensação de malícia, agora, parecia mais como um chamado. Um pedido de ajuda.

A mulher no quadro sussurrou mais uma vez: "Eu sabia que você voltaria."

Marta, em vez de fugir, respirou fundo e caminhou em direção ao retrato. Com uma mão trêmula, tocou a moldura. O calor que emanava da pintura a envolveu, e, então, tudo ficou claro. A avó deixara um pedaço de si presa naquela casa, naquela imagem, esperando por alguém de seu sangue que pudesse libertá-la. A casa vibrou novamente, mas dessa vez não de ameaça. Marta fechou os olhos e murmurou palavras que nem sabia que conhecia, como se fosse um encantamento antigo. Quando abriu os olhos, a mulher no retrato sorriu com gratidão, o rosto suave novamente. O silêncio novamente preencheu o ambiente, agora tranquilo. O peso que antes sufocava a casa havia se dissipado. Marta sentiu uma leveza que nunca havia experimentado. Saiu da casa em paz, sabendo que, de alguma forma, havia restaurado algo que estava perdido.

O VALOR DO SIMPLES

A vida na pequena cidade de Nova Esperança sempre foi tranquila, com suas ruas arborizadas e pessoas que pareciam ter todo o tempo do mundo. Gabriel, um jovem de dezesseis anos, cresceu ali e muitas vezes reclamava da falta de coisas para fazer. Ele sonhava em viver na cidade grande, onde a vida parecia mais emocionante e cheia de oportunidades. Ouvia histórias dos amigos que se mudaram para metrópole e sentia que estava perdendo algo. Certo dia, durante as férias de verão, Gabriel foi convidado por seu avô, Sr. Antônio, para passar alguns dias na casa de campo da família. Relutante, mas sem outras opções, ele aceitou. O avô era um homem simples, de poucas palavras, mas de coração generoso e cheio de sabedoria. Gabriel sempre achou seu avô um pouco antiquado, com suas histórias sobre tempos passados e hábitos de vida simples. Chegando à casa de campo, Gabriel percebeu o quão isolado o lugar era. Sem internet, sem televisão, apenas o som dos pássaros e o vento nas árvores. Ele pensou que seria a semana mais entediante de sua vida. O avô, percebendo o desânimo do neto, sorriu e disse: "Às vezes, precisamos desacelerar para perceber o que realmente importa".

Na primeira manhã, Sr. Antônio acordou Gabriel cedo para ajudar na horta. De início, Gabriel estava aborrecido, mas logo começou a sentir uma estranha satisfação em ver as plantas crescerem sob seus cuidados. Ele aprendeu a distinguir as diferentes hortaliças, a cuidar dos animais e a pescar no riacho próximo. A simplicidade daquelas atividades trouxe uma paz que ele nunca havia experimentado. Gabriel começou a perceber a beleza em coisas que antes considerava banais: o aroma do café fresco, o cantar dos pássaros ao amanhecer, o brilho das estrelas em um céu sem poluição. À noite, sem distrações eletrônicas, Gabriel e seu avô sentavam-se na varanda e conversavam sob o céu estrelado. O avô contava histórias de sua juventude, das dificuldades que enfrentou e das alegrias simples da vida no campo. Gabriel começou a valorizar essas histórias e a sabedoria que elas carregavam. Uma das histórias que mais o impressionou foi a do primeiro amor de seu avô, uma jovem chamada Maria, que havia se mudado para a cidade grande, mas nunca perdeu o encanto pelo simples. Eles se corresponderam por anos até que ela voltou para Nova Esperança, onde viveram felizes até seu falecimento precoce.

Em uma dessas noites, Sr. Antônio disse algo que Gabriel nunca esqueceria: "A vida é

feita dos pequenos momentos, Gabriel. Não são as grandes conquistas que nos definem, mas sim como vivemos cada dia, como tratamos as pessoas ao nosso redor e como aproveitamos as coisas simples." Gabriel refletiu sobre isso e começou a entender que a busca incessante por algo maior muitas vezes nos faz esquecer do valor das pequenas coisas. Ao final da semana, Gabriel não queria mais ir embora. Ele havia descoberto uma nova forma de ver a vida, apreciando as coisas simples e o valor das pequenas alegrias. Quando voltou para a cidade, ele levou consigo não só um punhado de frutas frescas, mas uma nova perspectiva sobre o que realmente importava.

Os amigos de Gabriel notaram a mudança. Ele estava mais tranquilo, mais presente. E, embora ainda sonhasse com a cidade grande, ele agora sabia que a verdadeira felicidade podia ser encontrada nas coisas simples e nas pessoas que amamos. As aulas recomeçaram, e Gabriel surpreendeu seus professores com a dedicação e a calma que demonstrava. Ele começou a participar de atividades comunitárias e a valorizar mais os momentos em família. No final do ano, quando questionado sobre o que havia mudado, Gabriel simplesmente sorria e dizia: "Aprendi a valorizar o que realmente importa". E assim, com o passar do tempo, ele percebeu que o desejo pela cidade grande não era mais tão urgente. Ele encontrou equilíbrio entre seus sonhos e a realidade, entendendo que a felicidade está nas pequenas coisas que muitas vezes passam despercebidas.

O PESCADOR E A CONCHA DOURADA

No topo de um penhasco isolado, havia uma pequena casa de pedra onde vivia Marcos, um velho pescador que passava os dias em silêncio, observando o mar. Todos na vila sabiam quem ele era, mas poucos se lembravam de sua voz, diziam que ele havia parado de falar muitos anos atrás, depois que sua esposa, Helena, desaparecera no mar em uma tempestade.

Marcos ficava ali, na beira do penhasco, esperando que o mar devolvesse Helena. Os moradores da vila o viam, dia após dia, lançar sua rede ao mar e puxá-la de volta, sempre vazia. No entanto, em uma noite de neblina, algo diferente aconteceu.

Marcos estava sentado, como de costume, quando sentiu uma brisa suave carregando uma melodia familiar, levantou-se com dificuldade e lançou a rede uma última vez, sem muita esperança; mas, ao puxá-la, algo inesperado surgiu, uma concha dourada, brilhante como se fosse feita de luz.

Segurando a concha, Marcos ouviu uma risada leve, a mesma de Helena, que parecia ecoar nas ondas; ele apertou a concha contra o peito, sentindo uma presença quente e acolhedora. Naquele momento, não precisava mais de respostas, o mar, afinal, havia devolvido o que ele buscava, não o corpo, mas a lembrança viva de seu amor.

No dia seguinte, os moradores encontraram a casa vazia de Marcos, que tinha desaparecido, mas, no horizonte, o mar parecia mais calmo, como se guardasse o segredo do pescador que finalmente se reencontrou com a sua Helena.

Mr. BRIGHTSIDE

“Coming out of my cage, and I’ve doing just fine”, foi essa exata frase que escutei quando minha visão ficou turva por conta das luzes fortes do show. “Gotta, gotta be down because I want it all”, nessa frase eu percebi que talvez o sanduíche que comi há doze horas e encher a cara de cerveja, porventura, não tenha sido a melhor ideia da minha vida, mas a música continuava ridiculamente alta. “It started with a kiss, How did it end up like this?”, precisava urgente sair daquela multidão que o The Killers reuniu. Saí cambaleando e, depois de muitos esbarrões, avistei uma parcela de grama próxima a uma árvore com formato engraçado. “Now I’m falling sleep and she’s is calling a cab”, deitei-me na grama e imediatamente fechei os olhos, a fim de fazer meu estômago segurar todas as Millers de mais cedo.

“While he’s having a smoke and she’s taking a drag”, lembrei que esqueci de avisar meu amigo sobre meu estado, mas agora é tarde e a grama está duramente confortável. “Now they’re going to bed, and my stomach is sick and it’s all in my head”, ao som dessa melodia adormeci ali mesmo e calculo que tenha voltado alguns anos atrás, numa sinestesia de nostalgia e superação vinda da letra da música.

“But she’s touching his chest now, He takes off her dress now, Let me go”, em meus devaneios, era como se o Sol queimasse minha visão e, ao mesmo tempo, trouxesse conforto em seu calor. Acordei na grama da minha casa, senti como se tivesse passado semanas fora, entrei e não encontrei ninguém. Olhei para o relógio: eram 14h37, pensando bem, eu deveria estar na escola; imediatamente subo, pego minha mochila estranhamente leve e vou caminhando.

“And I just can’t look, it’s killing me, and taking control”, normalmente deveria ter mais pessoas na rua, girei minha cabeça para o lado e não havia ninguém.

Comecei a atravessar a rua e, ao olhar para o outro lado, vejo ela caminhando sozinha com a mesma naturalidade de quem está no mercado fazendo compras.

Termino a travessia e começo a ir em sua direção; quando finalmente estamos lado a lado, ela parece não perceber minha presença, mas tenho certeza de que está me ignorando.

Aceno, digo olá, e nada faz ela olhar para mim, tento puxá-la para trás e nada acontece.

“Jealousy, Turning saints into the sea, Swimming through Sick lullabies”, continuo acompanhando seu passo até o pórtico da cidade, que está brilhante, sobrenaturalmente brilhante. Ela para em frente ao portal brilhante e finalmente olha para mim, todas as tentativas que eu fiz para esquecê-la se dissolvem no brilho de seus olhos. “Chocking on your álibis, But it’s the price I pay”; ela estende os braços, vou em sua direção e, no momento em que estou em sua frente, ela olha para algo atrás de mim, acompanho seus olhos e vejo-o correndo em sua direção, como se fosse a salvação de sua vida, a entrada para o céu ou então seu destino. “Destiny is Calling me”, dou um passo para o lado para abrir espaço, deixando eles se encontrarem, o que resultou na visão de um abraço o qual eu sempre quis estar sentindo, e algo estala dentro da minha cabeça. Eles se soltam e atravessam o brilho divino, a luz se apaga, deixando-me sozinho e uma sensação estranhamente fria.

“Open up my eager eyes, ‘Cause I’m Mr. Brightside”, acordo com meu amigo me chacoalhando rapidamente, a movimentação faz com que eu precise esvaziar o conteúdo no meu estômago, sendo assim, viro para o lado e coloco para fora. Fico sentado na grama por um tempo tentando me situar e digo para ele que poderia voltar para o pessoal, mas ele preferiu ficar sentado também, então terminamos o show na grama já molhada e tento esquecer a sensação platônica de minutos atrás.

AFTER PARTY

Frio. Foi isso que senti quando a festa se encaminhava para o final. De repente, silêncio. A luzes giravam e as pessoas pulavam como se fosse a última vez, a bebida pareceu se acumular no fundo do estômago e minhas pernas pesavam trinta quilos a mais. Escuto uma música no fundo da cena “I took a pill in Ibiza”, ou pelo menos é o que consegui escutar no meio da pista de dança e decido sair do sufoco eufórico. Depois de um passo após o outro, chego perto de uma mesa com um celular que não lembro de quem seja, olho a hora, 3h59, está quase.

Em poucos minutos, grande parte das pessoas que costumava conviver não passarão de uma mistura agri-doce de memórias.

Quando tento me encaminhar para o banheiro, reconheço um rosto familiar, ou talvez seja o único que pareça concordar com o silêncio. Vestido com a mesma indiferença de um advogado, recosta-se na parede do banheiro como se estivesse segurando-a e parece que aguarda por uma última conversa, quem sabe uma despedida decente. Início a aproximação e seus olhos brilham da cor do meu vestido nas luzes coloridas do ambiente, não era assim que eu queria que fosse, muito menos reluzente desse jeito.

As únicas palavras que saem da sua boca foram: “Tenha uma boa vida”. Mas e o que ele quis dizer com isso? Quando sai, seu ombro toca no meu, respondendo minha pergunta. É uma despedida. Viro para trás e seu caminhar está lento, a pista parece que está devagar, as pessoas gesticulam lentamente e a música está atrasada. Sento-me em uma cadeira ali perto, o pensamento ganhando velocidade, um turbilhão de imagens invade minha mente com uma enxurrada de informações, todas verídicas e únicas. Vão do primeiro dia de aula até o último reforço de química, todas aleatórias e reais.

Levanto meu olho, que estava para o chão, olhando para a pista todos aqueles rostos conhecidos festejam um fim e um começo, às vezes até um livramento. O que antes parecia demorar uma eternidade, passou tão depressa quanto o ponteiro dos segundos do relógio da nossa antiga sala, será que já apagaram nossa parede? Os sonhos de cada um, o futuro estava escrito lá, porém, ninguém lembrou de desenhar uma foto nossa, juntos. Bem, provavelmente é porque não será fácil nos reencontrar daqui em diante.

De relance, vejo um copo sendo espatifado no chão, com a mesma brutalidade um coração partido. As perguntas: “Quem vai limpar?”, “O que farão com o copo?” São substituídas por: “Quando verei todos de novo?”, “Como vai ser de agora em diante?” Uma luz roxa me cega, reajo fechando os olhos com força. E tão rápido quando o silêncio veio, tudo volta a ter som e velocidade, deixando-me sem fôlego, como se estivesse aprendendo a respirar novamente. Encaminho-me para a mesa mais próxima e pego o celular, vejo a hora: 4h.

Faltando uma hora para tudo acabar, volto para a alegria. No fundo vejo o cara do banheiro, ao lado estão meus colegas embebidos no ritmo da música e cantando alto, como se não houvesse amanhã. Mas tem, e por isso se vive o hoje. Entro no ritmo e deixo-me mergulhar na sinfonia de vozes que não escutarei por um tempo, respirando rápido e exaltando o começo. As luzes mudam assim como acho que todos irão mudar. Nesse mesmo instante, por um segundo, sinto uma pontada no coração e espero que seja de felicidade, mas dói da mesma forma que o amanhã.

ORLA DO ESQUECIMENTO

“Alô? ... Sim, sou eu. Você tem uma proposta? ... Uau, isso é perfeito, mas preciso pensar. Talvez não seja a hora, é uma mudança arriscada. Posso ligar depois? Estou um pouco ocupada agora ... certo, tchau!”. Parada, observando a paisagem formada pelas colisões das ondas do mar, desligo meu telefone rapidamente e sento-me na areia. “Ligação do trabalho?”, assusto-me com a pergunta repentina e olho para o lado reparando na figura de um pescador em uma prancha guardando seus equipamentos, “Sim”, respondo, perguntando-me se ele havia prestado atenção em toda a ligação. Volto a observar a paisagem e ele diz: “Parece que você recebeu uma nova sugestão no emprego”, retorno para ele percebendo que, de fato, o pescador havia escutado toda a conversa, e, apesar disso, resolvo responder: “Recebi, mas não vou aceitar. É um sonho antigo e instigante, mas é ousado e talvez não seja bom aceitar agora. Melhor esquecer dele, é muito complicado. Você não entenderia”. Neste momento a brisa da praia sopra mais forte e recordo que não trouxe nenhum casaco para a caminhada, “Eu entendo”, ele diz.

Encaro-o, “Entende?”, pergunto e o silêncio ao som dos pássaros levantando voo predominam por alguns instantes até ele me olhar e falar: “Eu já esqueci de um sonho”, fico um pouco intrigada por ele estar se referindo diretamente a minha fala, mas o deixei continuar. “Sabe moça, deixamos muitos sonhos caírem na orla do esquecimento, mas quando a maré sobe e leva nossa praia embora é que nos damos conta que todo sonho naufragado tinha um motivo dentro de nós para ser navegado”. Escuto atentamente, traduzindo suas palavras. E, de forma calma, o pescador pega sobre as mãos um pouco da areia e solta lentamente entre os dedos, continuando: “Não deixe seus sonhos esperarem sobre um chão de areia, faça eles flutuarem sobre um mar de estrelas”. Admiro suas falas de forma extraordinária e pergunto: “Seu sonho era ser poeta?”, ele me encara pela primeira vez e ri, mas não responde a pergunta, somente se levanta e diz: “Não subestime as palavras de um pescador. E é melhor voltar para casa moça, uma tempestade se aproxima”. Percebo que os primeiros pingos de chuva começam a cair e, quando vou me despedir do pescador, ele já não se encontrava ali comigo e nem ao alcance dos meus olhos. Resolvo voltar e faço o que sentia que deveria

fazer, “Alô? Sim, sou eu.. eu disse que ligaria mais tarde não é? Eu aceito a proposta!”

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: ROSA DAS MARÉS

AUTOR (A): LAURA MARCHEWICZ

CAMINHOS CRUZADOS

Em uma pequena cidade costeira, onde o sol se despedia em tons dourados, Clara passava suas tardes pintando o mar. O aroma do sal e o som das ondas a inspiravam, e seu estúdio, com janelas amplas, era seu refúgio.

Um dia, enquanto capturava a luz do pôr do sol, avistou Lucas, um novo morador da vizinhança. Ele sempre carregava uma câmera, capturando a beleza do cotidiano. Curiosa, Clara o cumprimentou, e logo eles começaram a se encontrar na praia. As conversas fluíam, repletas de risadas e sonhos. Com o passar das semanas, Clara sentia algo crescer entre eles.

Lucas era gentil, divertido e fazia ver o mundo sob uma nova perspectiva. Mas havia um medo que a assombrava: e se o amor interferisse em sua arte? As inseguranças a impediam de se abrir completamente. Certa noite, sob um céu repleto de estrelas, Clara e Lucas caminharam na areia. O vento suave dançava entre eles, e Clara se perdeu na profundidade dos olhos de Lucas. Ele parou, segurou sua mão e disse: “Cada foto que tiro de você é como uma obra de arte. Você é minha musa.” As palavras o tocaram profundamente, e Clara, finalmente, se permitiu sentir. Com um sorriso nervoso, ela respondeu: “Eu também sinto algo especial.” E, naquele momento, ele se inclinou e seus lábios se encontraram em um beijo suave, misturando a brisa do mar com a eletricidade de um novo amor.

Nos meses seguintes, Clara e Lucas se tornaram inseparáveis. Juntos, exploravam praias, montanhas e mercados locais, capturando a beleza ao seu redor. Lucas inspirou Clara a ver a arte em tudo, e suas pinturas ganharam vida de uma forma que ela nunca imaginou. Ele a ajudava a entender que a arte e o amor não eram opostos, mas sim aliados.

Finalmente, chegou o dia da primeira exposição de Clara. O estúdio estava cheio de pessoas, mas seus olhos buscavam apenas Lucas. Quando o viu, segurando um buquê de flores do campo, seu coração se encheu de alegria. “Você é incrível,” ele sussurrou, admirando suas obras. Clara sorriu, sabendo que seu amor tinha se tornado parte de sua arte. Naquela noite, sob as luzes que iluminavam suas pinturas, Clara entendeu que, ao lado de Lucas, ela não apenas encontrara um amor, mas também a verdadeira essência de sua criatividade. Assim, à beira do mar, onde as estrelas sussurravam segredos de amor, Clara e Lucas

continuaram a criar, pintando e fotografando a vida que escolheram viver juntos.

ATÉ NA GUERRA NASCE FLOR

Era frio. No dia em que ele recebeu a carta quase não acreditou no que estava por vir. Ele tremeu e caiu de joelhos. Como poderia ser escolhido para isso?

Ele era a pessoa menos preparada possível! Não tinha outro jeito. Com a guerra se aproximando, o país precisava de reforços urgentemente. Enquanto isso, longe dali, em Arstotzka, o mesmo acontecia com Noah, que não via a hora desse momento chegar. Proteger seu país, havia algo mais incrível que isso? Calçou suas botas e seguiu em frente.

Lucca estava perdendo a cabeça. A cada passo que ele dava, mais certo estava de que ele não nascera para estar ali. As pessoas eram rudes, o lugar fedia, e ele tinha que usar roupas pesadas e desconfortáveis. Isso tudo lembrou-o do tempo em que serviu o quartel há uns dois anos atrás. Lá as pessoas o destruíram com palavras, e alguns até mais do que isso. Foi um momento muito traumático em sua vida, porém, no fim de cada dia ele podia deitar em seu travesseiro e descansar, já agora era pra valer, ele iria para guerra e não teria paz em momento algum. A única coisa que lhe dava forças para continuar era seu amigo Todd, que, com seu sorriso besta, conseguia animá-lo de vez em quando; mas, agora, caminhando todos alinhados um atrás do outro em direção aos tanques e ônibus de guerra, Todd não parecia tão animado assim. Eles entraram no ônibus e seguiram para o país de Arstotzka. Agora não tinha mais volta.

Ao cruzar a fronteira, o ônibus foi escondido em um vale e os soldados desembarcaram, pegando tudo o que necessitavam e escondendo-se em meio à vegetação. Lucca não era grande, e conseguia se esgueirar bem entre arbustos e passagens apertadas. O dia anoiteceu e eles continuaram, dividindo-se em duplas; Lucca e Todd ficaram juntos, então seguiram para a direção Oeste dali.

Noah estava com o coração veloz, porém não tinha medo, ele estava tão eufórico somente por segurar um fuzil depois de vários anos. Esse era o tipo de adrenalina que ele estava esperando. Ele estava determinado a acabar com qualquer forasteiro que tentasse invadir seu território. Sua pátria, seu lar.

Tiros podiam ser ouvidos de longe; pessoas estavam morrendo e sendo feridas o tempo

todo, qual o motivo de tudo isso? Riqueza, território, poder. Lucca e Todd avançavam no maior silêncio que conseguiam, até que Todd parou abruptamente, segurando o braço de Lucca.

“Tem alguém por perto”, sussurrou, quase inaudível.

O coração de Lucca acelerou, ele arregalou os olhos e rastejou até uma pequena elevação no terreno, onde ele pode avistar uma clareira adiante, e foi ali que ele viu pela primeira vez: um soldado de Arstotzka, imóvel e quase totalmente camuflado pela vegetação densa do lugar. O que o entregou foi seu fuzil, que parecia pronto para atirar em qualquer ameaça que surgisse à sua frente. Lucca retornou para perto de Todd, que perguntou: “O que você viu?”

Lucca relutou. Ele sabia que tinha que fazer aquilo, seu desejo era apenas dar meia volta e falar que não havia ninguém ali. Ele realmente não queria tirar a vida de ninguém, não sabia o porquê, mas algo naquele homem chamou-lhe a atenção. Ele realmente não queria matá-lo, então teve uma ideia diferente: “Olha, eu não vi ninguém deste lado, mas acho que vi uns galhos se mexendo do outro lado do rio, ao leste. Eu vou checar melhor essa área, e você pode ir ver se encontra algo lá?” Ele não tinha ideia do porquê fez isso, mas uma força dentro de si só mandou e ele obedeceu. Todd confirmou e afastou-se, então Lucca voltou para a elevação e viu o homem novamente. A noite estava clara e o céu estrelado, o que facilitou para que os olhos dele o permitissem enxergar.

O homem parecia forte, tinha olhos focados e cabelos loiros escuros jogados por trás das orelhas, e em um momento de descuido, Lucca falhou. Ele pisou em um galho seco, que quebrou e fez um barulho não muito alto, mas que no silêncio da noite, pareceu a mais forte das buzinas. Noah imediatamente se virou para ele com o fuzil apontado firmemente, e seus olhos se encontraram, e por um instante, o tempo pareceu parar. Lucca percebeu o que havia feito, e com um frio na espinha, pareceu apenas aceitar seu destino. Porém, Noah hesitou. Algo nos olhos do inimigo o fez segurar o gatilho com menos força. Havia algo errado. O inimigo estava indefeso? Ele não parecia uma ameaça, e algo estranho naquele homem dava a sensação de que ele não queria lutar.

Lucca ergueu seus braços lentamente e de seus olhos começaram a brotar lágrimas. Ele abriu a boca para falar algo, mas nada saiu. Como ele poderia explicar? Como ele poderia convencer Noah a não atirar? Ele havia mentido para Todd, por um impulso que nem ele entendia, e agora se encontrava nessa situação.

Noah deu um passo à frente, ainda com o fuzil em seus braços, porém sua expressão suavizou por um segundo.

“Quem é você?” disse, quebrando o silêncio ensurdecido daquela noite.

“Eu não sou seu inimigo! Eu não quero lutar”, disse Lucca com a voz trêmula.

“Como não? Você está invadindo o meu país”.

“Eu sei disso... mas eu não queria, eu juro. Eu fui obrigado”.

“Você deveria ter orgulho de representar seu país!”

“Sinceramente, eu não vejo motivos. Estamos matando pessoas inocentes para satisfazer as vontades de senhores que nem nos conhecem”.

Noah parou por um segundo. Ele devia apenas apertar aquele gatilho e continuar sua noite. Aquilo poderia facilmente ser uma armadilha, mas por algum motivo ele acreditou no homem e baixou seu fuzil. Sem pensar muito, ele avançou para perto do homem pequeno e abaixou-se ao seu lado.

“O que voc-”, Lucca começou falar até que foi interrompido pela mão do inimigo muito próximo dele.

“Shhhh, ninguém, ninguém mesmo pode nos ver aqui”. Disse o loiro, enquanto baixava lentamente a mão. “O que você quis dizer sobre seu país estar matando pessoas inocentes por pessoas que nem o conhecem?”

“É isso mesmo”, Lucca respondeu, acalmando-se um pouco. “Ao ganhar essa guerra, o quê nós ganhamos? Apenas traumas, perdas e destruição, enquanto quem realmente tira proveito disso são os senhores engravatados que ficam o dia todo debaixo do ar condicionado”.

Noah nunca tinha pensado por esse lado. Foi ensinado desde cedo que representar seu país é a maior honra de um homem, mas essa pequena fala de um homem que é um soldado inimigo foi capaz de alcançar uma parte de seu cérebro nunca antes tocada. Estando tão próximo daquele homem baixo, ele teve a certeza que não queria matá-lo, que não iria matá-lo, mesmo que isso lhe trouxesse consequências desagradáveis. Naquele momento, não ligava para isso.

Sob a luz da lua e o frio intenso do lugar, eles se encararam e sentiram uma chama acender dentro de seus corpos. Era indescritível. Eles eram inimigos, isso não podia acontecer, mas eles já não ligavam mais.

O tempo passou e eles ficaram lá, escondidos, conversando, conhecendo-se. Eles perceberam que, apesar das nacionalidades diferentes, eles eram bem parecidos. Compartilharam sobre suas famílias, animais e histórias de infância, até o sol começar a nascer no horizonte, acompanhado de uma nuvem que trouxe consigo uma fraca chuva de flocos gelados, que lentamente coloriam a paisagem com o tom mais suave de branco. Os dois se olharam e quase não sentiram o frio da neve devido à intensidade do que havia entre eles.

“Por que você não me matou?”, perguntou Lucca em um murmuro.

Noah pensou em uma resposta, mas não encontrou uma adequada; então apenas selou o espaço entre eles com um beijo. Lucca se assustou, porém não recuou. Foi sincero e apaixonado. Ao fazer isso, Noah não só traiu o país que tanto amava, mas foi contra tudo que acreditava. Mas isso já não importava mais.

Naquele momento não existia guerra. O mundo era eles dois. Quando eles se separaram, Noah teve a certeza de que ele fez o certo em baixar o fuzil, e Lucca teve a certeza de que não foi um erro ele ter sido selecionado para ir para guerra, eles estavam destinados a se encontrarem.

“O que vamos fazer? Não podemos ficar aqui para sempre”, disse Lucca. “Eu conheço bem esse território. Se você quiser, podemos fugir para outro país, viver uma vida normal lá.”

“Mas é claro que eu aceito!” Ele disse e abraçou o outro.

Eles começaram a andar em meio à neve por cerca de meia hora, até que uma voz familiar pôde ser ouvida.

“Parados!” Exclamou um homem alto, segurando uma pistola. Era Todd, “Finalmente encontrei você! Ora, o que está fazendo com este homem, Lucca?”

Lucca estremeceu, não sabia o que responder. Todd era seu amigo, mas acima de tudo, amava seu País. “Todd, abaixe essa arma, por favor, vamos conversar.” Ele disse devagar, andando lentamente na direção do amigo.

“Não se aproxime!”, ele gritou, “Você nos traiu, isso não tem volta”.

“Qual é cara, somos amigos, não somos?” Ele disse isso, enquanto segurava a mão de Noah, até que dois tiros estridentes puderam ser ouvidos, afastando os pássaros que ali descansavam.

Os corpos de Noah e Lucca caíram juntos na neve branca, que foi instantaneamente manchada com o vermelho do sangue de duas pessoas que se amavam.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: NÃO POSSUI NOME

AUTOR (A): EDUARDO ERBACH CASAROTTO

NÃO É SOBRE VASOS DE TERRA

Em um mundo onde as lágrimas e sentimentos negativos são a maioria, as pessoas buscavam formas de se sentirem melhor consigo mesmas. Na busca de fazerem isso, os cientistas, pintores e psicólogos se juntaram para fazerem algo sobre, visto que as artes são uma das formas mais sublimes de colocar pra fora aquilo que está se sentindo no momento mais íntimo de seu coração. Eles criaram um museu chamado "Museu de Pinturas Sentimentais", e esse relato é de uma pessoa que passou por uma situação dramática em sua vida, a perda de seu querido gatinho Boris.

Essa criança não tinha hora marcada, mas sim tinha entrado de forma "ilegal"; porém, por ser uma problema pequeno ninguém iria perceber, né? A criança entra no museu, e instantaneamente se depara com um lugar um tanto quanto diferente do esperado, as paredes eram largas e azul marinho, com placas indicando a pintura e seus autores. A criança logo vai em direção a uma chamada "O Beijo", de Gustav Klimt; quando ele entrou na sala, ela foi invadida com uma tonalidade amarela, que a fazia sentir quente e até com dor de barriga. O casal que estava nessa sala olha o menino e pergunta sobre o que ele precisava conversar, fazendo perguntas se o conselho para ele seria sobre amor, ciúme ou até mesmo um possível presente para a pessoa amada; mas não era isso que a criança precisava e por isso ela continuava em silêncio, quieta, sem expressar emoções fortes. Vendo que não era um conselho amoroso que ele precisava, como último recurso o casal se aproxima e dá-lhe um abraço.

– Sei que não vai curar– cochicha a mulher– Mas já vai te fazer melhor, procure alguém que saiba sobre os sentimentos para que tu tenhas sucesso em tua busca, desejamo-lhes sorte, querido!

A criança sai e vai em busca de um nome que lhe passa um ar de profundidade; olhando as placas, ele se depara com uma chamada "Abaporu", de Tarsila do Amaral, e resolve entrar. Logo de cara percebe que a pintura era realmente profunda, ela encara o garoto com um olhar de curiosidade, visto que desde a entrada não falou uma palavra. O gigante finalmente quebra o silêncio com um longo suspiro e, após isso, chama o garoto com um gesto

para que subisse em sua mão. O garoto vai não tem nada a perder, aquilo que ele mais prezava já foi perdido; o gigante leva a criança em direção a sua cabeça e quando chega a essa altura encosta sua testa na do garoto. Esse simples gesto faz com que ele se sinta abraçado, aconchegado e acolhido, mesmo que nada disso esteja acontecendo. Finalmente, após tanto o garoto chorar, são lágrimas que deveriam ter caído há muito tempo, mas por coisas que aconteceram. E o tempo, impediu-as de cair; as lágrimas, que antes eram de dor e perda, continuavam a ser as mesmas, mas misturadas com culpa, saudade, cansaço... eram frias e duras, como pedras, que após tanto tempo guardadas, começaram a congelar.

Após longos minutos enxugando lágrimas e engolindo pigarros, “Abaporu” abaixa o garoto acenando para ele; o menino sai, porém sente algo diferente, parece que esse simples ato liberou quase tudo de que ele precisa, mas ele ainda sente que tem algo que não deixou de lado. Reflexivo, ele senta em um dos bancos no corredor desse logo museu; o banco era marrom e ficava perto de um vaso de flores, porém não havia flores, era apenas terra com um ou dois inços cravados nela; uma sombra surge se senta junto do garoto e fala:

– Não entendo por qual motivo há vasos tão bonitos para serem enchidos de terra... .

– Mas não é isso para que servem os vasos, – retruca o garoto sem virar o rosto para ver quem estava a seu lado – para que sejam enchidos de terra??

A sombra responde sua pergunta

– Não, vasos são feitos para cultivarem flores e não para que sejam enchidos de terra e largados de lado; imagine se tivesse plantado nesse vaso um cravo de defunto, ou uma rosa ou até mesmo um pingo de ouro, o vaso seria valorizado pela presença de uma planta incrivelmente bela. Mas eles preferem que esse vaso não tenha nada por escolha própria... Até porque esse vaso já teve flores, mas hoje não tem mais – A sombra para e encosta a mão no ombro do garoto – “As flores morreram, assim como tudo vai algum dia: eu, você, esse casal que passou e assim por diante, sobram apenas as lembranças do passado ou os vasos de antigos jardins em miniatura.”

O garoto se vira e percebe que estava conversando não com uma pessoa, mas sim uma das pinturas desse grandioso acervo, era o Autorretrato de Frida Kahlo. No início o menino se assusta, pois não esperava que uma pintura pudesse dizer algo tão belo e profundo; então o garoto, em uma última linha de esperança, pergunta a ela:

– O quê?... O que nós fazemos para que os vasos tenham flores de novo?

– Você planta flores novas! Porque só assim esse vaso vai poder ter seu esplendor novamente.

O garoto percebe que ela estava certa e que essa conversa toda sobre vasos com

terra e flores, fizeram com que ele tenha uma nova visão sobre sua situação; de alguma forma que ele não percebeu, esse sentimento de falta de algo foi preenchido e ele tinha que fazer algo, ele não poderia ouvir tudo isso e não fazer nada. Rapidamente ele a abraça e agradece a ela por tudo; sai do museu correndo em direção a uma floricultura; quando chega, ele compra uma semente, volta ao museu e enterra-a no mesmo pote em que estava antes, dizendo:

– Preciso de uma nova flor.



Autor(a): HELENA THAYNÁ RODRIGUES

Pseudônimo: Magnólia

LIVROS

Quando pego um livro para ler,
Entro no mundo da imaginação.
Aprendo um novo saber,
Sinto meu ser em transformação.

Entre páginas de épocas passadas,
Entramos onde Elizabeth e Darcy se encontram e se amam.
Orgulho e preconceito, uma dança de atrito,
E, na graça de Austen, o amor se exalta em espírito.

Em arenas sombrias, Katniss é o nosso tributo;
Na luta pela sobrevivência, tudo em um minuto.
Nos Jogos Vorazes, os ecos da resistência,
Desafios em cada página, uma eterna existência.

Com Charlie, em sua jornada de descoberta,
Sentimos as vantagens da invisibilidade em ação.
Entre amigos e dores, a vida se mostra aberta
E a juventude fica no coração.

Percy Jackson, entre deuses e mitos, encontra-se
Em aventuras épicas, um destino perigoso.
No Tártaro, Hades confronta
A fim de descobrir o lendário ladrão misterioso.

Liesel, com seus livros roubados, informa:

Em meio à guerra, a leitura a alma transforma.
“A Menina que Roubava Livros”, no silêncio e na dor,
Revela o poder das palavras e o seu grande valor.

Na tempestade dos sonhos, Jack e sua mente,
No Iluminado, o terror é muito persistente.
Entre páginas sombrias, um medo aparente,
E a loucura da mente se mostra potente.

Nárnia, um reino de encantos e magia,
Onde leões e faunos ditam a fantasia.
Os irmãos Pevensie uma profecia para contar,
E em cada história, momentos para guardar.

Na grande e velha Londres, um detetive nos aguarda:
Sherlock Holmes, um crime deve desvendar.
Com seu amigo Watson na guarda,
Uma solução há de chegar.

Poderia citar mais livros, mas a leitura nunca cessa.
Cada autor, cada verso, uma nova promessa.
Na biblioteca da vida, somos sempre leitores;
E entre páginas e sonhos, somos todos sonhadores.

DOIS MUNDOS

Saudade é acordar e sentir
Que uma parte de mim ainda ficou lá,
Nas casas onde aprendi a sorrir,
Com as famílias que me ensinaram a amar.

É recordar de uma vida que fluía,
Feita de sonhos e dias sem fim,
Onde o amanhã era só fantasia
E o agora bastava pra mim.

Estranhos que se tornaram irmãos,
Risos que faziam o mundo parar,
Uma rotina tecida em abraços
Que agora só posso lembrar.

Voltar é viver um paradoxo,
Com o coração preso entre dois mundos,
Onde o passado e o presente se combinam
E me fazem querer reviver cada segundo.

Entre malas, guardo a magia,
Lágrimas escorridas em cartas a quem amei,

Histórias que carrego,
Lembranças que criei.

Mas, mesmo com a distância que dói,
Levo comigo tudo que vivi,
Porque o que ficou lá não se destrói;
É parte de quem sou aqui.

PARA ONDE VÃO AS HISTÓRIAS?

Às vezes me pego pensando
Para onde vão as histórias?
E se, ao fechar um livro,
Acabo com toda glória?
Será que, quando a história acaba,
A magia se disfarça
Em lembrança, mero sonho?
Que tristeza, não o faça!
Quero guardá-las em mim,
Apegar-me, evitando o fim,
Pois tenho medo de perder
Um mundo inteiro, sem saber.
Mas, se fosse eu viver um livro,
Teria alguém para o ler?
Ficaria empoeirado em uma estante,
E eu, congelada, sem me mexer?
Coisa estranha de se pensar.
Mas, se esse for o caso,
Quantas páginas será que faltam
Para minha história acabar?

Poemas Participantes – Categoria Juvenil – 1º ao 3º ano Ensino Médio

PSEUDÔNIMO: MINDUCA

AUTOR (A): WILYAM IRINEU PINZON BOFF

SÓ ME RESTA

Eu estou tentando,
Tentando suportar, falhando ao tentar.
Saudade não vai embora,
Estou vivendo tão pouco,
Que saudade lá de fora...
Esse discurso é difícil de entender,
É um porre a se aprender.
Dizem para concordar, praticar.
Não há como falar se não sofreu
O suficiente pra aceitar...

Que rotina estranha!

Sou um intruso tentando fazer façanha.
Monotonia faz companhia,
Mas tudo que faço, lembra a noite fria...
O inverno já chegou.
Tento me abrigar, procurar calor,
Mas o frio é forte,
As janelas vão quebrar,
Fazendo a dor voltar...

Estou cansado de afundar.
Todos dizem para lutar;
Estou na guerra, para matar.

Não posso desistir, nem voltar;
Só me resta aguardar...

BRASA APAGADA

Aqui estou a regressar,
Uma brasa forte
Que há de muito durar,
Voltando ao que não há...

Pensando em me salvar,
Aquecer a mim,
Resolvi guardar
Cada lágrima rolada,
Cada grito, cada voz.
Aqui estou a regressar
Com o luto, noite escura;
Matei-me assim, sem pensar...

Fogueira que queimava
E apagou-se.
As faíscas suportaram
A neve, solidão,
Mas se renderam
Ao pranto que não foi meu;
Foi de outro que morreu
Nas minhas mãos...

Aqui me ponho a cantar,
Um *haragano* sem vida,
Montado no flete tempo,

Buscando rumo a caminhar.

Sabendo que no final

É o nada, infindo e puro.

Adeus...

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: ENERGÚMENO

AUTOR (A): Bernardo Medeiros Arruda

ESSA FACE

Essa face,
Essa beldade,
Onde eu só me encontro encrencado...
Perdido, abalado,
Confuso, machucado.
Dentro de tantas memórias,
Arrependo-me do que não...
Do que não tivemos...
Afogado nos sentimentos...
Desprezo-me...
Apenas lhe peço...
Diga que não foi doído,
Apenas em mim...

SAUDADE

Saudade é um nome que ecoa profundo,
Como um sussurro perdido em um mundo,
Onde o tempo se arrasta e a memória se estende,
Entre as linhas de um passado que nunca se perde.

É o perfume de uma tarde que se foi,
O sabor de um beijo que o vento destrói;
É a imagem de um sorriso que o sol apagou,
A sensação de um abraço que o destino levou.

Saudade é o silêncio das horas longas,
É a melancolia das canções que tocam,
É o eco de risos em casas vazias,
E o mistério dos sonhos que se desvanecem nos dias.

É a espera ansiosa pelo retorno,
A esperança que não se desmorona;
É o retrato de um amor que não se esquece,
E o desejo que, na distância, floresce.
É a marca de um tempo que já não volta,
O amargo e doce da alma que revolta;
É a marca de um caminho que se bifurca
E a lembrança que na mente se turva.

Mas saudade, apesar de sua dor sincera,
É a prova de que um sentimento impera,
Que o passado ainda vive no presente
E que cada ausência é um amor latente.
Pois, na saudade, há uma beleza rara;

É a luz que, no escuro, nunca se apaga;
É o testemunho de que o que foi vivido
É um legado eterno, nunca esquecido.

Então, entre o pranto e o sorriso,

A saudade é o elo preciso

Que une o coração ao que foi real

E faz do ontem um sonho imortal.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: NINGUÉM

AUTOR (A): Michele Taís Schneider

A REBELIÃO

A mente é só o início.
Todos entram em guerra
 Consigno mesmos,
Enquanto você aconselha
 E diz palavras afáveis
 A quem precisa.
 Você se martiriza.
Pela nossa boca sai
Paz, mas no nosso ser
 Todos estão a sofrer.
Nossas palavras de conforto para
 Os outros não são as mesmas
 Para nós.
E nessa rebelião interna,
Que nós mesmos começamos,
Somos nós mesmos que nos
 Machucados.
Até os pequenos detalhes ferem
 O nosso ser,
Podendo ser nossa amiga ou
 Armar-nos uma cilada.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: KAYKY PIVATTI

AUTOR (A): Arthur Dalla Chieza Zimmer

O TESOIRO DA CRIANÇA INTERIOR

Na brisa leve do amanhecer,
Brincadeiras dançam, sonhos a florescer.
Cores e risadas no chão do quintal,
O mundo é um jogo, tudo é especial.
Pés descalços na grama a correr,
Cata-ventos girando, tudo a renascer.
Segredos sussurrados sob a sombra da árvore,
Histórias de heróis, castelos e marés.
Olhos curiosos, almas livres,
Na imaginação, não há limites.
Cada dia uma aventura,
cada esquina um tesouro.
Os medos se vão, a alegria é o ouro.
Cachorrinhos pulando, fogueiras a brilhar,
A infância é um rio que não quer parar.
Memórias guardadas em risos e canções,
Um eterno verão nas mais puras emoções.
Que nunca se apague essa chama tão bela,
A essência da vida que o tempo revela.
Na lembrança eterna, sempre vou encontrar
A magia do ser criança, a vida a celebrar.
Nos sorrisos espontâneos, a vida se revela;
Cada descoberta, um novo mistério, uma centelha.
As tardes de verão, longas e douradas,
Brincando na chuva, com risadas entrelaçadas.

E ao final do dia, sob o céu estrelado,
Histórias de fadas são contadas, um legado.
O calor dos abraços, o brilho no olhar,
A infância é um tesouro que sempre vai brilhar.

PARA ONDE VÃO AS HISTÓRIAS?

Às vezes me pego pensando
Para onde vão as histórias?
E se, ao fechar um livro,
Acabo com toda glória?
Será que, quando a história acaba,
A magia se disfarça
Em lembrança, mero sonho?
Que tristeza, não o faça!
Quero guardá-las em mim,
Apegar-me, evitando o fim,
Pois tenho medo de perder
Um mundo inteiro, sem saber.
Mas, se fosse eu viver um livro,
Teria alguém para ler?
Ficaria empoeirado em uma estante,
E eu, congelada, sem me mexer?
Coisa estranha de se pensar.
Mas, se esse for o caso,
Quantas páginas será que faltam
Para minha história acabar?

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: MORTEM

AUTOR (A): Giulia Nichel Squarça

O TOLO PENSADOR

Em um mundo doente,
eu não sou gente;
sou apenas um ser decadente
que anseia liberdade
de falar o que sente,
sem ser calado por tolos.
Aquele que não entende
a verdadeira angústia
e a solidão iminente
do tolo pensador.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: COLORADO FANÁTICO

AUTOR (A): Guilherme Bierhals

CORAÇÃO VERMELHO

No pampa, um grito se ergue forte,
É o Inter, sempre de pé,
A paixão que nunca se aborta,
Na arquibancada, só amor e fé.
Com Falcão e seu toque de magia
E Fernandão, o líder a brilhar,
Os ídolos que dão alegria
Fazem a nação toda vibrar.
Com D'Alessandro, o maestro em campo
E Abel Braga, estrategista genial,
Os ídolos que nos enchem de encanto
Fazem a nação inteira vibrar, triunfal.
O campo é um rancho de conquistas,
Histórias que o tempo não levou;
Com cada drible, vitórias listas,
No peito, a chama que nunca apagou.
Camisas vermelhas, bandeiras ao vento;
A cada jogo, um novo cantar.
A gauchada junta, é puro sentimento:
Um só coração, pronto pra lutar.
Do Beira-Rio, o brado altaneiro:
“Vamos, Inter!”, ressoa na estação.
Na alegria e na dor, sempre por inteiro:
Amamos-te, eterno campeão.
Sport Club Internacional, és tradição;

Na cancha e na dor, sempre fiel.
Com garra e amor, a nossa missão:
Caminhando juntos, rumo ao céu.

A FERA E A BELA

Na imensidão de um castelo esquecido,
Onde as sombras acolhem a verdade ao sopro do vento,
Uma fera carrega o peso do vivido;
Seus defeitos são marcas de um tempo intenso.
Nos olhos da fera há um brilho quebrado,
Despedaçado em partes, mas repletos de cor,
Pois é no que é falho, no que é desalinhado,
Que reside a essência oculta do amor.
A bela, com olhos que enxergam o profundo,
Não procura a perfeição nos traços;
Ela sabe que o que é errado neste mundo
É o que torna o ser diferente e refém.
É na falha, no terror, no que parece quebrado,
Que a beleza oculta se revela, afinal;
Pois são os defeitos, tão imperfeitos,
Que fazem de cada um ser original.
Assim, no encontro da fera e da bela,
Entende-se que o enigma reside nas fissuras,
Pois o que nos torna únicos e singulares
É o que surge das nossas próprias loucuras.

NO SILÊNCIO DAS ESTRELAS

No silêncio onde o tempo se dissolve,
Caminho entre memórias nunca ditas.
São fragmentos de histórias que envolvem
A alma, entre sombras infinitas.

As estrelas, vigias de eras passadas,
Sussurram segredos que o céu guardou.
Cada brilho carrega jornadas
De corações que o tempo silenciou.

Sinto o vento, mensageiro sereno,
Trazer murmúrios de terras distantes.
Ele carrega o mistério terreno
Dos sonhos perdidos nos instantes.

Há nos passos incertos da noite
Um eco de passos já trilhados.
São vozes que ecoam no açoite
Do tempo em seus véus entrelaçados.

E os olhos que ao céu se erguem
Procuram respostas que não vêm.
Entre as constelações, eles seguem
Os mistérios que o cosmos contém.

Quem somos nós, senão poeira errante,
Entre estrelas, com sede de entender
O que o infinito guarda constante,
O que a alma ousa não ver?

Cada estrela é uma saudade acesa,
Uma lembrança de tempos esquecidos.
É o amor que nos prende à certeza
De que jamais estamos perdidos.

Nas noites em que o silêncio é maior,
Onde o medo parece acalmar,
Há um lume que acende o interior
De quem ainda ousa sonhar.

O firmamento desenha esperanças
Nos traços que o tempo não apagou.
Há brilho nas nossas lembranças
E fé naquilo que o vento levou.

Que o amor seja sempre o destino,
Mesmo quando a dor o encobre,
Pois na jornada de todo peregrino,
A esperança nunca é pobre.

O horizonte desperta, e em cores suaves,
Beija o mundo com um novo clarão.
Nasce o dia, entre sombras e aves;
Renova-se o ciclo da criação.

A vida segue em ciclos e ondas,
No ritmo de estrelas e mares.
E na luz que a manhã nos responde,

Há sempre um recomeço nos olhares.

Que o silêncio nos traga o consolo,

Que a noite nos faça lembrar;

Que mesmo entre estrelas e solo,

Há sempre a vontade de amar.

FAMÍLIA

Família é o porto que sempre está lá,
É quem te entende, sem precisar falar.
Nos dias bons ou quando tudo pesa,
É o abraço que sempre te aquece.

No olhar, tem sempre cumplicidade,
E nas conversas, muita sinceridade.
Juntos, os momentos ficam leves,
Porque o amor ali sempre se escreve.

Com risadas ou até um desabafo,
Família é o apoio que nunca é fraco.
Cada história vivida com carinho,
Faz da vida um caminho mais fininho.

E mesmo longe, o laço continua;
É um carinho que sempre flutua.
Família é a base que te faz crescer,
E, ao mesmo tempo, te faz pertencer.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: FLOR

AUTOR (A): Laura Engster da Silva

A BELEZA DAS FLORES

Flores no campo, tão simples de ver,
Nas cores que encantam, fazem tudo viver.

Com cheiro suave, enchem o ar

E nos convidam a parar e olhar.

Na brisa leve, elas dançam sem fim;

Pétalas macias, tão doces assim.

Crescem em paz, sem pressa de ser,

Só seguem o tempo, sabendo florescer.

A cada estação, novas flores surgirão

Em jardins e caminhos, enfeitam o chão.

Mesmo tão frágeis, têm força no ser;

Flores nos mostram o que é renascer.

São como sorrisos, que brotam no ar;

Trazem beleza para nos alegrar.

No simples viver, flores nos ensinam

Que o amor é a vida que sempre germina.

CHUVA CAI LÁ FORA

Uma adolescência sofrida
É o preço de uma infância bem vivida.
O que era futebol,
Agora, uma tarde de baixo do lençol.
Nossa juventude está cada vez mais perdida;
O jogo de bola na avenida
Virou festas e bebidas.
O que era tão divertido
Agora não tem mais graça.
Passa tempo, tempo passa,
E a carne fica fraca.
Tudo antes era joguinho,
Passava horas no computador.
Hoje, uma geração perdida no tigrinho,
Que só carrega junto a dor.
Eles sempre vão dizer
Que você não consegue alcançar,
Mas só vai estar vencido
Quando se entregar.
Mas, se só existem coisas ruins no mundo,
Então qual é a razão de viver?
A mentalidade dessa forma,
O homem nunca vai vencer.
Sempre quando penso em reclamar,
Lembro que já estive pior.

A vida é de altos e baixos;
Faço o que gosto para me sentir melhor.
Chuva cai lá fora e penso no que já foi;
Quando vivemos algo, não parece tão interessante,
E só o que resta
É nostalgia depois.
A vida nos dá lições,
E com elas devemos aprender,
para não repetirmos o mesmo erro
E, um dia, quem sabe, fazer acontecer.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: A.R

AUTOR (A): Augusto Hermes Ritter

SINFONIA DA VIDA

Na floresta, os pássaros cantam,
Folhas balançam com o vento;
Rios correm profundos;
A vida pulsa em cada momento.
Flores se abrem sob a luz do sol,
Cobrindo o chão com várias cores,
Enquanto as nuvens flutuam,
Criando histórias de amores.
O mar, com águas movimentadas,
Bate forte nas rochas;
As ondas trazem memórias encantadas;
Os sonhos e medos se misturam.
Quando a lua brilha no céu escuro,
A noite abraça a terra em calma.
Na paz da natureza, encontramos
A essência que alimenta a alma.

RELÓGIO

Quando te vejo, borboletas rodopiam em meu estômago;

Minha boca seca, meu coração recomeça.

E então você passa, sem adeus ou olá,

E então eu anseio a próxima vez que sentirei isso,

Só de olhar para você.

Meus sentimentos se transformaram em ruínas,

As quais são provas de que algo entre nós existiu;

As quais perturbam minha mente ao fechar a cortina,

Ao tomar um café ou ouvir uma música,

Ansiando pela próxima palavra que me dirá,

Só de pensar em você.

A saudade bate, o peito aperta, as lágrimas caem;

E lá está você, sorrindo para alguém que não sou eu,

Pensando em alguém que não é em mim,

Consciente de que ainda estou aqui para você,

Só o que se lembra de mim.

Sorrisos escapavam do meu rosto,

Apenas lembrando de suas palavras embriagantes.

Meu coração palpita e meus olhos se fecham,

Desejando seu abraço, que costumava ser meu lar,

Só de lembrar de você.

E de mim? Sobre determinação:
Um garoto não pode punir meu coração,
Convencendo-me de que tinha que ser.
Tento então me esquecer de você.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: OVELHA

AUTOR (A): Leticia Kleyn

DIA

Nasce o dia em cores suaves;
O sol nasce no horizonte,
Acordam os pássaros em cantos bravos,
E a vida floresce em cada monte.

Pedras no caminho, passos incertos,
Mas a coragem é farol na neblina.
Entre risos e lágrimas, momentos abertos,
O amor é a luz que nunca se inclina.

No abraço da brisa, segredos guardados;
Sonhos flutuam como folhas ao ar,
E em cada instante, os laços sagrados
Nos lembram que juntos podemos amar.

Ao cair da noite, a lua aparece;
Faz vigilância sobre os corações,
E a serenidade, em paz, se apresenta,
Em suaves murmúrios e canções.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: FLOR

AUTOR (A): MARIA MULLER

SOLIDÃO

Na quietude da noite envolvente,
O vazio ecoa infinitamente,
Como uma sombra que nunca sai,
Um silêncio que me destrói.

As estrelas brilham ao longe,
Mas seus sussurros não me alcançam,
Eles são apenas olhos frios e assombrados,
Na escuridão que me envolve.

O vento solitário vagueia,
Carregando lembranças no ar,
Na sua dança ele semeia,
Fragmentos a serem removidos.

Nos recônditos da mente ele se esconde,
A voz que não ouço mais,
Na ausência, o tempo responde,
Com o eco dos dias normais.

Mas até a solidão ensina,
Que no meio do silêncio e do nada,
Há força na alma fraca,
Encontre sua jornada.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: VANITAS

AUTOR (A): ISABELLA HETTWER

REFLEXOS DE VAIDADE

Na penumbra do retrato, a beleza aprisionada,
Jovem ícone, alma enredada.
Um desejo ardente, a vida a se consumir,
Reflexos de encanto, mas o coração a ruir.
A arte que imortaliza, enquanto o corpo se macula;
Em cada traço, um segredo; em cada sombra, uma fórmula.
A busca por prazer, a decadência oculta;
Num mundo de excessos, a virtude resulta.
Sussurros de hedonismo em flor,
Inocência perdida, um jogo de amor.
E o retrato, testemunha de escolhas fatais,
Reflete a corrupção que os anos trazem iguais.
A cada ato sombrio, um novo horror se revela;
A face que encanta, a alma que se fere na tela.
Prisioneiro de sua própria vaidade,
Um eco de Wilde, a eterna dualidade.
No fim, a beleza que cega e a dor que corrói;
Um espelho quebrado que a verdade destrói.
Assim, nas páginas da vida, a lição se faz crua:
O que brilha por fora pode esconder a sua rua.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: CELESTRA

AUTOR (A): ANA BENEDIX

AMIZADE

A amizade é o lume que não cessa,
Brilho suave em noites sem estrelas;
É o vento manso a sussurrar promessas,
Lançando sonhos em leves aquarelas.
É o rio que percorre em serena dança,
Colhendo as margens com ternura e calma;
A voz do tempo que nos traz lembrança,
Que embala o peito e aquece a alma.
É céu de outono em tons de nostalgia,
Perfume doce de jardins silentes;
É verso oculto em tardes de poesia.
E assim, nos corações, sempre presentes,
Os amigos tecem, em fina alquimia,
Laços eternos, serenos e viventes.

O AMOR QUE DEIXAMOS

Na brisa suave que sussurra ao entardecer,
Caminhos se encontram, entrelaçam e vão.
A luz que se apaga traz sombra e renascer;
Despedidas dançam no compasso da emoção.
As folhas que caem, como memórias flutuantes,
Despertam no chão uma história a contar.
Mudanças que chegam, com passos tão distantes,
São portas que se abrem, promessas a brotar.
O eco de risadas se perde na estrada,
Mas o amor que deixamos é chama que persiste.
Na distância, a saudade é a voz delicada,
Um laço invisível que nunca desiste.
O sol, ao se pôr, traz novos horizontes,
E cada estrela brilha como um sonho a se aninhar.
A vida se transforma em mil e um montes,
E em cada despedida, há sempre um recomeçar.
Por isso, não temas a curva do destino;
Na mudança reside a beleza do ser.
Cada adeus é um verso, um traço divino,
Uma chance de amar e, ao mesmo tempo, aprender.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: OITO E TRINTA E SEIS

AUTOR (A): Henrique Winck

VIDA NA ESCOLA

Nos corredores ecoam risadas,
Sonhos e histórias, jornadas encantadas.
Cadernos abertos, canetas a brilhar;
Cada página virada é um novo despertar.
Lá na sala, o quadro é um mundo,
Ideias que dançam, conhecimento profundo.
Professor e aluno, uma troca sagrada;
Com cada pergunta, a mente é alçada.
Amigos de infância, laços tão fortes,
Compartilhando segredos, enfrentando sortes.
Na hora do intervalo, a alegria é plena;
Jogos e risadas, a vida é uma cena.
Provas e desafios, um caminho a trilhar;
Cada erro ensina, cada acerto faz brilhar.
A escola é um lar onde se aprende a sonhar,
Preparando o futuro para quem quer voar.
E quando o sino toca, marcando o fim,
Levam-se memórias que ficam em mim.
A escola é um capítulo que nunca se apaga,
Um pedaço da vida que sempre se embriaga.
Assim segue a jornada por entre as lições,
Um lugar de crescimento, de mil emoções.
Na escola, aprendemos não só a ler e escrever,
Mas também a viver e a aprender a ser.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: A.J6

AUTOR (A): Ana Júlia Schneider

NAS SIMPLES ALEGRIAS DO DIA

A felicidade mora no detalhe:
no café quente ao amanhecer,
no cheiro da chuva que cai,
no abraço que vem sem se prever.
Está no canto dos pássaros cedo,
no pôr do sol que pinta o céu,
no livro lido em paz, sem medo,
nas mãos que se encontram com amor.
É o riso solto, sem preocupação,
a brisa que dança em meio à flor.
Nos gestos simples, sem explicação,
a vida se enche de valor.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: J.B

AUTOR (A): JULIA BUSANELLO

CAMINHOS DE LUZ

As estrelas são corpos cintilantes
Que brilham em um vasto e esplêndido céu
Como se nem estivessem distantes
Parecem joias espalhadas num enorme véu

Cada uma carrega um sonho, uma história
Suspensa no espaço em silêncio profundo
Tecendo com beleza sua trajetória
Ilumina a noite, guardando segredos do mundo

Olho para elas e sinto-me pequena
Mas é no brilho que rompe a escuridão
Que reencontro a paz serena
E revelam-se encanto e ternura de cada emoção

Sob suas luzes, a alma começa a brilhar
Os sonhos e desejos se tornam realidade
E, em seu resplendor, o coração vai encontrar
A tão cobiçada tranquilidade.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: ELETROCATUCADOR

AUTOR (A): LUCAS EDUARDO DA ROSA

AMOR É COISINHA COMPLICADA

O amor chegou feito um tropeço,
Deixei cair o coração no chão.
Fiz papel de bobo, mas confesso:
Gostei de te roubar toda a atenção!
Teu riso é doce, mas me desespera;
Quem dera eu fosse um pouco mais esperto.
Mas é que amar cansa mais que novela,
E você me pegou no enredo certo!
No meu relógio, os ponteiros erraram,
Ficaram parados só pra te admirar.
Já tentei ser *cool*, mas logo entregaram
Que meu coração só sabe te procurar.
E entre risos, beijos e piadas,
A vida vai virando brincadeira.
Eu te amo tanto (mesmo nas mancadas),
E, no final, a gente faz besteira!

NOITE DE CÃO

Em noite maçante,
Brilha a lua nesse instante.
O cachorro exultante,
Assiste à luz distante.

Não obstante,
A admiração é muito grande;
A ganância é o bastante
Para o furto ser o resultante.

Lua, prericlitante,
Tem atitude protestante
E decide, revoltante,
A não brilhar nestante.

O cão hesitante,
Reconhece atitude aviltante
E, apesar de relutante,
Liberta sua amante.

Com sentimentos contrastantes
O cão compreende, conflitante,
Que o amor limitante
É inconstante.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: GK

AUTOR (A): Guilherme Henrique Kurz

CICATRIZES DO MUNDO

Há fumaça nos pulmões da Terra,
E os rios choram em silêncio mudo.

A fome grita em plena guerra,
Onde a paz se perdeu no escudo.
As mãos que pedem não têm pão;
As ruas cheias, corações vazios.
Muros se erguem, cavam o chão,
Enquanto o ódio abre novos rios.

O verde morre em solo seco,
E o céu se cobre de cinza e medo.

O futuro, um sonho já tão breve,
Desmancha aos poucos seu enredo.

Mas há esperança nas sementes,
No amor que insiste em florescer.
Se o homem ouvir os mais carentes,
O mundo, enfim, poderá renascer.

FELICIDADE REPENTINA

Em um instante, a vida resplandece;
Um sorriso inesperado brota,
Como o sol que, em nuvens, parece
Romper a sombra que a alma derrota.

Um abraço, um gesto, a luz que aquece;
Na dança do tempo, a dor se esgota,
E o coração, que antes se estremece,
Agora canta, em alegria, a nota.

Quebram-se as correntes da tristeza;
Surge um riso, em festa, na manhã.
A felicidade, em sua grandeza,
Flui como um rio, serena e sã.

Em pequenos momentos, a vida é rica;
Cada instante precioso, um tesouro.
A luz que irrompe e o coração publica
Que a felicidade é um eterno ouro.

Na simplicidade de um olhar sincero,
Na dança das folhas ao vento a fluir,
Descobrimos que o amor é o mais vero,
E que a alegria, assim, sabe existir.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: HEROI DOM HOLMIRO

AUTOR (A): Henrique Sparrenberger

APORREADO

Um aporreado vem chegando,
Com sangue de malino,
Com gana de caborteiro
E assustado igual a zorrilho.
Cola curta e sem topete,
Pulando no palanque,
Com a tropilha assustada,
Eu o vi naquele instante.
Um olhar de caborteiro
E arrisco de pata e lombo.
Montei naquele matreiro
E gritaram: 100 mil eu dou no tombo!
Volta e meia, meia volta,
De manotaço nas ventas,
Eu separo das ferramentas
Uma espora que me sustenta.
Um do outro, testemunho,
De um pinga sem dono.
Agarrados punho a punho,
Não existe abandono.
Numa volta sem as mãos,
Vem se perdendo dos cascos,
E juntos caímos ao chão,
Sendo iguais chimangos e maragatos.
Nessa hora, tudo se emparelha:

Não há rico, nem pobre,
Nem matungo que corcoveia.
Só sobrou a santinha caída na areia.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: EDU W

AUTOR (A): EDUARDO WINCK

BRASIL HISTÓRICO

A Carta de Pero Vaz de Caminha
Conta a história do Brasil antigo.
Descreveu bem como era a terra
Quando os portugueses chegaram, amigo.
A carta mostra como foi difícil
O encontro de culturas diferentes,
Mas também, como foi bonita
A descoberta dessas terras diferentes.
Na carta de Caminha, um relato bem antigo
Sobre o Brasil novo, ele conta amigo.
Descreve as flores, os pássaros no ar
E como tudo era lindo nesse novo lugar.
E contou tudo isso em seus escritos contentes,
Falou das plantas, das árvores gigantes
E das cores vibrantes em todos os instantes.
Caminha contou sua história com muita alegria
De uma terra desconhecida, cheia de magia.
E assim, na sua carta, o Brasil ficou
Com tudo que ela viu, quando chegou.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: DOMINIC TORRESMO

AUTOR (A): Alexander Rost de Bairros

ESPAÇO E UNIVERSO

No imenso mar do céu profundo,
Vaga o cosmo, eterno e fecundo.
Estrelas antigas, de brilho ancestral,
Riscam o véu do espaço sideral.
Galáxias dançam em rotações lentas,
Cometas cortam as nuvens sedentas.
Planetas solitários seguem sem fim,
Numa órbita muda, um eterno confim.
O tempo é distinto, fluido e invisível,
No vácuo que é vasto, frio e insensível.
Nebulosas nascem com poeira estelar,
Criando a vida ao se espalhar.
Satélites vagam no silêncio profundo,
Em torno de mundos além deste mundo.
Buracos negros, em sua magnitude,
Devoram o tempo, assim como a realidade.
Quanta beleza há no escuro total,
Nos mistérios guardados no sideral.
Há vida nas estrelas que nunca se apaga,
Há segredos em que no universo se propagam.
No horizonte distante, o homem avança,
Buscando respostas, na eterna dança.
Naves gigantes rompem o silêncio,
Viajando além do que é só um prenúncio.
Seremos poeira, seremos imensidão,

Parte do espaço, parte da criação.
E mesmo perdidos na vasta imensidão,
Encontramos sentido nessa solidão.
Cada estrela cadente é um destino que passa,
Uma promessa de luz na escuridão que abraça.
O espaço infinito, o lar sem final,
Onde o tudo e o nada são mais que real.

CICLOS DA VIDA

Na primavera, as flores desabrocham em seu total esplendor,
Em cada recanto escondido, renascem expectativas,
Sorrisos e gargalhadas, a sinfonia da renovação;
O mundo se transforma.
A vida, uma magia, sutil e profunda.
No verão, o calor nos cerca;
A energia ressoa em cada alma,
Momentos de alegria e de buscas ininterruptas,
E o tempo, na sua dança, parece eterno,
Na disseminação de seu fascinante ardor.
O outono está chegando, as folhas estão caindo loucamente,
Mudanças podem determinar a jornada,
Reflexões em cores que devagar se dissipam.
O encanto da vida, brilho efêmero e divino,
Que ensina-nos a valorizar cada momento da existência.
E no inverno, a neve calma e silenciosa,
Um convite ao descanso, à serenidade e à contemplação.
Na quietude, a alma encontra um refúgio profundo,
Renovando esperanças intensas.
Continuamos assim, um ciclo eterno,
Em meio a alegrias, tristezas e lições.
Em cada estação, um passo cuidadoso e atento;
A vida, uma poesia em constante mudança,
Onde cada verso é um eco da nossa essência.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: CLOVE

AUTOR (A): RAFAEL HETTWER

HORIZONTES DE LUZ E MAR

Entre o céu e o mar, o vento canta,
Sopra segredos que a alma encanta.

As ondas dançam com a maré,
E o horizonte guarda o que é fé.

A lua espelha sua luz no chão,
Desenha sonhos com o coração.

O tempo passa, mas fica o sentir,
Na imensidão do eterno existir.

Cada estrela, um desejo guardado,
Um ponto de luz no céu desenhado.

E no silêncio da noite, a paz,
Um refúgio que o universo nos traz.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: SOCORRO

AUTOR (A): Manuela Mantovani Medeiros de Farias

MALDITO CUPIDO

Ah, o meu maldito cupido!
Possivelmente, o meu cupido é um velho bêbado
Que fuma charuto, usa camisa social polo e bermuda,
Que fica em um bar de esquina jogando sinuca.
O meu maldito cupido
Deve ter Alzheimer,
porque, na hora de acertar as flechas,
Acerta uma em mim e esquece a outra pessoa.
O meu maldito cupido
Definitivamente não está interessado na minha vida
E fica montando casais
Que definitivamente não dariam certo.
O meu maldito cupido
Chora escutando o álbum de Olívia Rodrigo,
Enquanto come brigadeiro
E bebe *whisky*.
Ah, e meu maldito cupido
Ama me colocar no seu maldito jogo,
Aquele que ele faz com todos,
O maldito jogo de me fazer amar.

CANTO DA TERRA

No despertar da aurora, a brisa suave,
Os pássaros cantando, em alegre *rave*.
As folhas dançam leves sob o toque do vento,
E a luz do sol se espalha, como um doce momento.
Rios que serpenteiam entre pedras e flores,
Guardam em suas águas segredos e amores.
Montanhas que se erguem com força e serenidade
Guardam a história da terra em sua ancestralidade.
A floresta respira, um pulmão vital,
Onde a vida floresce, em um ciclo sem igual.
Insetos e seres, em harmonia perfeita,
Ensinam a beleza que a vida respeita.
E, na noite serena, o céu se ilumina:
Estrelas que piscam como uma doce sina.
A lua, guardiã, observa em silêncio
A dança da vida, seu eterno vencimento.
Que possamos preservar essa joia tão rara;
A natureza é um lar, que sempre nos ampara.
Em cada canto, em cada olhar atento,
Encontramos a paz num simples momento.

A SOLIDÃO

Na sombra fria da noite, a vagar,
Caminhos desertos, ecoa o pensar.
Silêncio profundo, coração a clamar:
A solidão abraça, difícil de escapar.
As horas se arrastam, lentas a passar,
Memórias perdidas, um mundo a chorar.
Olhos que buscam, mas não há olhar;
Na ausência do outro, um vazio a habitar.
Sonhos desfeitos, promessas ao vento,
Corações solitários, perdidos no tempo.
A busca incansável por um novo alento,
Na dança da vida, um triste lamento.
Por entre as folhas que caem ao chão,
Um sussurro suave, um quase sermão.
A natureza escuta, guarda a razão:
Que na solidão se encontra a lição.
Mas, no fundo escuro, uma luz a brilhar;
Nos ecos da dor, um novo despertar.
A solidão ensina a amar
E, no silêncio profundo, aprender a cantar.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: MARIA

AUTOR (A): BRENDA HERMES

AMAR

Em sombras dançam sentimentos,
Corações que buscam abrigo;
Mas, ao sussurrar os ventos,
Só ecoa o silêncio antigo.

O amor que se entrega em vão,
Como flores que não florescem,
Olhando em olhos sem compaixão,
Sentimentos que nunca merecem.

Dificuldade de amar, tão pura,
Em um abismo de desilusão;
Sorriso que oculta a fissura,
Na busca pela correspondência em vão.

E, assim, na dor eu me perco,
Delicada dor, mas intensa;
Amar quem não ama é o cerco
E o coração na sua defesa imensa.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: METAL ENFERRUJADO

AUTOR (A): Mariana Rutzen Rehbein

VOCÊ CHEGOU DE REPENTE

Você chegou tão de repente, assim como chuva em dia de sol.

Acomodou-se em meus pensamentos e não quis mais sair.

Trouxe contigo borboletas que pousam no meu estômago toda vez que te olho,
borboletas que desejo fortemente que nunca vão embora.

Transformou pensamentos turvos em mar de verão.

Fez mudar a minha visão sobre mim mesma, visão que me assombrava há muito
tempo.

Trouxe sentimentos que, pela primeira vez em muito tempo, tive certeza que eram
verdadeiros.

Fez-me sentir amada como nunca antes.

Você trouxe cor e fez ver tudo de um jeito diferente.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: LUA DE CRISTAL

AUTOR (A): AMANDA KNOB

SER? FALAR?

Desde criança pensei, mas nunca disse.

Mas, se realmente sou, devo falar?

E, se falar, devo me orgulhar?

Nem sempre sei o que penso;

Às vezes, nem penso,

Mas, quando penso, sinto receio.

Receio de ser descartada, rejeitada, como já fui.

Devo falar? E se falar, falar para quem?

Sei que deveria, para ser livre,

para ser quem sou.

Mas será que vale a pena?

Os muitos casos, as injustiças me fazem hesitar.

Sou? Falo?

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: FLOR

AUTOR (A): Maria Júlia Gauer Tesche

MEDO

O medo da morte traz arrepios,
Arrepios de não ter mais um abraço,
De não sentir o cheiro que acalma,
De não tocar o que é tão precioso.
De madrugada, pego-me pensando:
E se algo acontecer?
E se aquele abraço foi o último?
E se nunca mais nos encontrarmos?
Os momentos juntos,
As memórias que serão eternas,
Os conselhos que ficarão para sempre,
E os sorrisos que não se apagarão.
O futuro incerto é amedrontador;
Imaginar a ausência é um frio na mão,
Um eco constante,
Um golpe profundo no coração.

DOEU, MAS O INVERNO NÃO CUROU

Naquele verão, o mais puro amor;
Dois corações, muito calor.
Risos soltos, pés descalços,
Deixaram-me em estilhaços.
Na brisa da noite, sem querer,
Encontrava-me pensando em você.
Olhos brilhantes, promessas no ar,
Como se nada pudesse estragar.
Porém, o verão, breve e traiçoeiro,
Trouxe com as aulas um fim tão ligeiro.
Entre cadernos e rotinas vazias,
O amor se perdeu na mesmice dos dias.
Seria mesmo amor genuíno
Ou um simples erro do destino?
Pessoa certa, tempo errado;
Sei que foi você o equivocado.
Meses passam, o inverno me abraça,
O calor vai-se embora, mas a dor não passa.
Se eu que deveria ter esquecido,
Por que estás no pé do meu ouvido?
Foi intenso e foi o primeiro,
Mas o calendário não tem paradeiro.
Ainda guardo o doce sabor
Que teve o verão do nosso amor.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: ALGO

AUTOR (A): ALESSANDRA DE MATOS

O BELO CONFORTO DAS MEMÓRIAS

Há um canto na mente, escondido,
Onde o tempo parece que não passa,
Ali as memórias dançam, reprimidas,
Num abraço que nunca se apaga.
O riso antigo, as vozes ao vento
Sopram leve no peito, tão fundo.
E no eco suave desse momento,
O coração reencontra seu mundo.
O passado, que parecia distante,
Brota em cores de calmaria.
E o silêncio, antes tão hesitante,
Vira melodia que acaricia.
Nas lembranças, um porto seguro,
Onde a saudade não é dor.
É consolo em cada suspiro puro,
Um conforto tecido em amor.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: BRISA

AUTOR (A): Flávia Werner Flach

CAMINHOS DE AFETO

Quando o dia amanhecer,
O pássaro irá cantar,
E os sonhos vão florescer
No horizonte a acompanhar.
As horas trazem aventuras,
Com paz e sorrisos mil,
Que enchem de mil ternuras
O meu caminho sutil.
Amigos são nosso abrigo;
Com carinho, vou zelar.
Cada passo é um abrigo,
Sempre pronto a apoiar.
E assim, com fé no peito,
Vivemos a celebrar,
Com amigos, tudo é perfeito;
Nosso amor vai perdurar.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: PEDRA

AUTOR (A): KYARA O. STEIN

O PASSARINHO NA GAIOLA

Eu vi um passarinho,
Voando no céu azul,
Com suas asas grandes,
Brincando no vento sul.
Achei que ele era meu amigo,
Então fiz uma casinha,
Com grades e um portão,
Para ele ficar na minha.
Mas, quando ele entrou,
Não cantou mais para mim.
Ficou quietinho, tristonho,
Parecia que estava ruim.
Eu queria que ele fosse feliz,
Mas agora eu sei
Que passarinho gosta mesmo
É de voar bem longe, lá no céu, sem lei.
Então, soltei o portão,
E ele voou, todo animado.
Agora canta lá de cima,
E eu fico aqui, encantado.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: CHICOALICATE

AUTOR (A): Paulo Vítor Trentin

RODANDO DESTINOS: O CANTO DOS MOTORES

Entre ruas e estradas largas,
Rugem os motores, vorazes e calmos;
Carros deslizam no asfalto sem margens,
Levando histórias, amores e fardos.
De aço e de sonho, pintados de cor,
Veloze como o vento, tranquilos ao luar,
Carregam segredos, paixões e calor,
Sussurrando destinos em cada lugar.
Os faróis são estrelas em noites sem fim,
E o som dos pneus é um canto ao chão.
Na pressa, na pausa, são sempre assim:
Companheiros fiéis de cada jornada e estação.
Em curvas e retas, escreve-se a vida,
Nos volantes que giram, há liberdade contida,
E entre buzinas e sinais a brilhar,
Os carros seguem, sempre a rodar.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: FANTASMA

AUTOR (A): Laura Schmitz Greiwe

Soneto à amizade

Quero a companhia do amigo-irmão,
De outro sangue, família que se escolhe,
Como lar, seguro abraço que acolhe,
Apoio e força não me faltarão.
Cego, confio em tua lealdade;
Tu me salvas quando em mau caminho ando,
E me levantas se me encontro em pranto,
Laço imortal, até a eternidade.
Afortunado sou em minha ventura,
Por ter tua alma de inocente alvura
Ao meu lado, sempre a me acompanhar.
Agradeço por ter te conhecido,
Pois não importa para onde hei de ter ido:
Teu sorriso me espera ao retornar.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: BELINHA

AUTOR (A): HELENA CELIBATO

HOSPITAIS

Hospitais, onde a dor se encontra em liderança,
Corredores frios, mas cheios de vida e esperança.

Médicos e enfermeiros em ação,
Cuidam de almas, oferecem conforto e compaixão.

Em cada cama vazia em que foram feitas orações,
O silêncio das noites, que escurece corações.
Entre quartos e corredores, a vida se renova,
No espaço sagrado onde a cura se prova.

Onde se encontram dor e sofrimento,
E, às vezes, até com um forte atendimento,
Perdem-se entes queridos.
E sorrisos estão desaparecidos.

Onde se encontram esperança e alegria,
E, às vezes, com grande maestria,
Saem sorrisos e risadas,
E abraços em pessoas cansadas.

POLÍTICOS FALAM, FUMAÇA POLUI O AR

Na vastidão verde, o lamento se eleva;
Chamas dançam, enquanto a terra se entrega.
Promessas ao vento, como folhas ao chão,
A voz da floresta clama por salvação.
As cinzas caem, sussurros de dor;
Histórias se apagam, gritos de amor.
Políticos falam, promessas no ar,
Mas as raízes secam, sem nada mudar.
Os rios choram, suas águas enegrecem;
Os olhos da fauna, em desespero, esquecem.
E o povo, cansado, aguarda a ação,
Mas o tempo se esvai, qual fumaça na mão.
O céu se cobre de nuvens de dor,
E a esperança se perde, como um vagaroso clamor.
Corações pulsantes em busca de paz,
Mas as promessas se vão, como sombras, fugazes.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: AZUL

AUTOR (A): ISABEL GAERTNER

FASES DA LUA

Na infância, sou nova, lua em ascensão,
Brilhando tímida, no céu da imensidão.
Escondendo-me em sombras, pequena luz no ar,
Mas carrego em mim o poder de brilhar.
Na juventude, sou crescente, a força vem a mim,
Despontando radiante, um futuro sem fim.
Metade de mim já revela o que serei,
Mas ainda há tanto do que não sei.
Na vida adulta, cheia sou de esplendor,
Completa em mim mesma, conheço o amor.
Ilumino caminhos, com brilho total,
Mas sei que, às vezes, a luz pode ser fatal.
E então minguo, na fase da reflexão,
Desvanecendo aos poucos, em lenta transição.
Despeço-me das luzes, das certezas também,
Preparando-me serena, para renascer além.
E assim sigo, entre fases, sem parar,
Como a lua no céu, sempre a se renovar.
Na vida e na noite, há ciclos sem fim,
E em cada fase, um novo começo em mim.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: MOSCA

AUTOR (A): RAFAELA WAGNER

/

Sorriso largo, sol radiante,
Brinca no parque, corre, é constante.
Pulando, rindo, sem pensar no amanhã,
Cada dia é festa, pura diversão.
Olhos curiosos, descobrindo tudo,
Em cada aventura, o mundo é mudo.
Faz de conta, pinta, cria a cena,
Na alegria da infância, ninguém condena.
Correr na grama, sentir a liberdade,
Brincar e sonhar, essa é a verdade.
A alegria é simples, um brilho no olhar,
Na essência da criança, só querer amar.

O PAGO E O PAMPA

No horizonte, o sol desponta,
E o vento sopra manso e forte.
O gaúcho, firme, segue adiante,
Cavalgando rumo ao Sul, seu norte.

Chimarrão, fogo de chão,
A bombacha balança no compasso,
A estância guarda a tradição,
E o coração segue o seu passo.

O pampa é vasto, verde e azul,
Um céu aberto, um mar de chão,
Onde a saudade encontra o Sul,
E o gado pasta em solidão.

Na viola, ecoa a canção
De um tempo velho, de tradição.
Gaúcho livre, campo imenso,
Um mundo feito de emoção.

O pala ao vento, o olhar distante,
O mate quente, o peito ardente,
Assim é o gaúcho, sempre errante,
Num pago livre e independente.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: AURORA

AUTOR (A): Luísa Sabino da Silva

INFÂNCIA

A infância é sonho, riso, canção,
É o vento leve que sopra a emoção,
É o correr descalço, o sol no olhar,
Brincadeiras ao vento, sem pressa de parar.
É o doce de um dia que nunca envelhece,
Onde a imaginação em tudo acontece.
Os pés pequeninos descobrem o chão,
Enquanto o coração se enche de ilusão.
É o tempo em que o mundo é só brincadeira,
Cada momento, uma nova maneira
De ser feliz sem medo ou medida,
Na simplicidade pura da vida.
Ah, infância, instante de pureza,
Reflexo de um mundo cheio de beleza.
Guardamos em nós essa chama,
A lembrança de quando tudo era trama.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: BERMAX

AUTOR (A): BERNARDO PEREZ

NO FIM DO INVERNO

Ajeitou-se uma manhã linda no campo, acima do rio.
O vento minuano, frio, secou brete e mangueira,
E as éguas na mangueira, esperando o grito de “fórma”,
Pois aqui quem dita as normas é o capataz da pitangueira.
O agosto deu uma trégua em toda sua aspereza,
O dia está uma beleza, mas o bom campeiro padece.
Encilha e faz sua prece para que corra bem a jornada,
E ao tranquilo segue a estrada, e o mouro lhe agradece.
Pisa na grama macia, cortando manso o sereno,
O dia é muito pequeno para recorrer à invernada.
Se enfileira a “caponada” com os campeiros repontando,
E os ovelheiros costeando, dando uma mão para a peonada.
O inverno já vem findando, parindo vidas no pasto,
O laço dá o compasso para curar a terneirada.
No cruzar da invernada, quase perto da divisa,
Tem cerca de arame liso e taipa de pedra empilhada.
A noite se aquerencia, e o mate é o melhor parceiro;
A cambona no braseiro, o basto numa forquilha.
Travessão e rendilha, ainda com suor do mouro,
E o agosto arrepia o couro da cavalhada da encilha.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: ESTALACTITE

AUTOR (A): ALLANA WENING

VENTO

Nessa noite chuvosa, encontro-me aos prantos

Como pode um amor doer tanto?

Vi tudo se iniciar, apreciei seu encanto.

Vi-me perdida em um canto,

Quando percebi seu conto.

Uma farsa que me moveu ao relento,

Que se foi como o vento.

Uma história inventada de dias inesquecíveis,

Onde tudo era enredo, meu sonho foi farto.

Vi-me na miséria da verdade;

Meus sonhos divinos caíram na realidade.

Tudo se foi.

Restou-me apenas EU.

Novamente nessa noite, vejo meu passado.

Meus tímidos desejos sobre o futuro.

Até onde iria por um conto insidioso?

Até onde lutaria pela autenticidade do vento?

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO:

AUTOR (A): ALEX LAVARDA WEBER

O ACORDEON

O acordeon canta em minhas mãos,
Com sons antigos, suaves canções,
Traz lembranças do campo e do chão,
Nos bailes felizes e nas emoções.

É a gaita que embala a vida campeira,
Nos galpões e festas, sempre presente,
Com cada acorde, a alma inteira
Se entrega à música, sente e sente.

Nos braços do gaiteiro, a magia se faz;
Cada toque é um passo, um som no ar,
E o som do acordeon logo traz
A dança e os risos para se juntar.

Quando o fole se abre, o vento aparece,
Levando a saudade em cada refrão.
O acordeon é o laço que enlaça
A cultura e o povo desta região.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: FOLLMANN

AUTOR (A): MISAEL HENRIQUE FOLLMANN

ESPORTES

Sob os campos verdes, sob céus infinitos,
O fruto do suor mistura-se aos gritos,
O esporte é uma dança de desafios,
Um jogo de paixão e sonhos ligeiramente preciosos.

Na quadra, o basquete voa como um sonho;
A bola dança no ar, e o jogo é patético.
No campo, os futebolistas tecem suas histórias;
Os gols, os passes e as vitórias obrigam-se às glórias.

Correr é um brado de liberdade,
Como seus sapatos tocam o chão em velocidade.

O nado, no azul profundo,
Desafia as águas e, com ousadia, explora o mundo.

Um tatame, lento, desenha-se com o jiu-jitsu;
Movimentos, lutas, estratégias divagam no sutil momento.

E o ciclismo, com sua rota traiçoeira,
É jornada de força e verdadeira persistência.

É a união de corpos e mentes em fervor,
Espetáculo da vida, vitória e amor.
Nos desafios, a força; e no suor, a vivência.

Porque cada esporte é um pedaço de nós.

CATEGORIA JUVENIL - ENSINO MÉDIO

PSEUDÔNIMO: BERNABEI

AUTOR (A): MATEUS NICOLI SKLAR

EM UM ANO MARCADO PELA DOR

Em um ano marcado pela dor,
As florestas, silenciosas, choram.
Chamas dançam, e a vida implora,
Um lamento que ecoa em cada incêndio.

Corações batem no calor intenso,
Os verdes se vão, a terra se despedaça,
E a fumaça, como um pedido mudo,
Sufoca a melodia da vida que passa.

A pior queima, um triste marco,
De um Brasil que se vê desmoronando.
Nos jornais, um eco que não ressoa,
Uma tragédia sem voz, sem entendimento.

Os olhares se fixam no passageiro,
Mas a floresta clama, agarra-se à esperança.
Em cada árvore, um universo inteiro,
E o futuro, mesmo em brasa, avança.

Que a chama queima, mas não apague
A esperança que brota em nosso solo.
Um grito de alerta que não se trague,
E o amor pela terra, nosso eterno colo.

Que a indiferença se consuma em chamas,

E despertemos, juntos, a consciência,
Pois só unidos, em profunda reverência,
Podemos salvar a essência que nos chama.